

Nota Explicativa

Esta tese foi digitalizada a partir dos exemplares disponíveis na Biblioteca Florestan Fernandes e/ou no Centro de Apoio à Pesquisa em História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Nenhum dos exemplares possui as páginas 180, 183 e 184.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Tese de Doutorado

OS PRENOMES DOS DESCENDENTES DE ALEMÃES
EM CURITIBA

Tese apresentada ao Curso de
Pós-Graduação em Letras da
da Universidade de São Paulo
para obtenção do Grau de
Doutor em Letras

Orientador: Prof. Dr. Sidney Camargo

Co-orientador: Prof. Dr. Erasmo D'Almeida Magalhães

J o ã o U d o S i e m e n s

Março de 1992

INDICE

1.	Introdução	01
1.1.	O Objetivo da Pesquisa	02
1.2.	O Método da Pesquisa	02
1.3.	Análise das Fontes Usadas	05
1.4.	A Divisão em Fases	07
2.	Os Alemães em Curitiba	08
2.1.	Os Luteranos	08
2.2.	Os Menonitas	15
2.3.	Semelhanças e Diferenças entre Luteranos e Menonitas de Curitiba	23
3.	Aspectos Teóricos no Estudo da Onomástica	29
3.1.	Os Nomes Próprios	29
3.1.1.	Os Nomes Próprios e os Substantivos Comuns	29
3.1.2.	Classificação dos Nomes Próprios	30
3.1.3.	Objetivos da Onomástica	30
3.2.	Os Prenomes	32
3.2.1.	Definição de Prenome	32
3.2.2.	O Prenome como um Fenômeno Social	33
3.2.3.	A Conotação do Prenome	33
3.4.	O Fator Motivação na Escolha de um Nome	34
3.4.1.	O Poder da Motivação	34
3.4.2.	Motivos para a Escolha de um Nome	35
3.4.3.	A Influência dos Nomes da Moda	36
3.4.4.	A Expressividade dos Nomes	38
3.4.5.	A Pressão da Sociedade sobre a Escolha dos Nomes	40
3.4.6.	A Influência do Contato de Culturas sobre a Escolha	

	do Nome	42
3.4.7.	O Efeito da Religião sobre o Processo Assimilativo e a Escolha de Nomes	44
3.5.	Nomes Masculinos e Femininos	46
3.6.	Nomes de Filhos Ilegítimos e de Gêmeos	48
4.	Apresentação e Análise dos Dados relativos aos Nomes Luteranos	51
4.1.	O Número de Indivíduos Batizados	51
4.2.	Os Nomes Empregados segundo a Filiação Cultural	52
4.3.	Os Nomes Luteranos mais Comuns	60
4.4.	Número de Prenomes e Sobrenomes	66
4.5.	O Emprego de Binômios, Trinômios e Nomes Únicos	69
4.6.	Motivações no Uso dos Nomes	70
4.6.1.	A Repetição de Nome	71
4.6.1.1.	O Emprego da Repetição	71
4.6.1.2.	A Evolução Histórica	72
4.6.2.	Fatores Estético-eufônicos	73
4.6.2.1.	Letra Inicial	74
4.6.2.2.	Letra Final	75
4.6.2.3.	Duplicação Consonantal	77
4.6.2.4.	Uso Estilístico do "y"	78
4.6.2.5.	Presença de Ditongos e Hiatos	78
4.6.2.6.	Rima entre Nomes	79
4.6.3.	A Influência Religiosa	85
4.6.4.	A Influência Sociopolítica	87
4.7.	Análise da Variante "Sexo do Nomeado"	92
5.	Apresentação e Análise dos Dados relativos aos Nomes	

	Menonitas	97
5.1.	O Número de Indivíduos	97
5.2.	Os Nomes dos Menonitas antes da Chegada	99
5.3.	Os Nomes Empregados no Brasil segundo a Filiação Cultural	102
5.4.	Os Nomes Menonitas mais Comuns	105
5.5.	Número de Prenomes e Sobrenomes	109
5.6.	Motivações no Uso dos nomes	113
5.6.1.	A Repetição de Nome	113
5.6.2.	Fatores Estético-eufônicos	115
5.6.2.1.	Letra Inicial	115
5.6.2.2.	Letra Final	117
5.6.2.3.	Duplicação Consonantal	118
5.6.2.4.	Uso Estilístico de "y" e "h"	120
5.6.2.5.	Presença de Ditongos e Hiatos	121
5.6.2.6.	Rima entre Nomes	122
5.6.3.	A Influência Religiosa	126
5.6.4.	A Influência Sociopolítica	127
5.7.	Análise da Variante "Sexo do Nomeado"	136
6.	Análise de outros Aspectos dos Nomes Luteranos e Menonitas	140
6.1.	Nomes Fantásticos e Não-classificados	140
6.2.	Nomes de Gêmeos	142
6.3.	Nomes de Filhos de Pais Incógnitos	145
6.4.	Aspectos de Morfologia	146
7.	Análise Contrastiva dos Nomes Luteranos e Menonitas	150
7.1.	Características dos Nomes dos Primeiros Descendentes de	

	Imigrantes de Cultura Alemã	150
7.2.	Os Nomes dos Imigrantes em Transição	153
7.3.	Características dos Nomes Alemães no Final do Período Pesquisado	156
7.4.	A Reação de cada Grupo às Influências Sociopolíticas . .	157
7.5.	Influência da Cultura Dominante	159
7.6.	Peculiaridades de cada Grupo de Imigrantes	162
7.7.	Diferenças entre os Nomes Masculinos e Femininos . . .	164
7.8.	A Importância da Abordagem Múltipla no Estudo dos Nomes	166
7.9.	Pesquisa Contínua de Dados versus Pesquisa Seletiva . .	167
8.	Conclusão	170
9.	Bibliografia	177
10.	Apêndice	183
10.1.	Gráficos - de número 01 a 36	184
10.1.1.	Número de Indivíduos Batizados na Comunidade Luterana .	185
10.1.2.	Classificação dos Nomes Luteranos Masculinos	186
10.1.3.	Classificação dos Nomes Luteranos Femininos	187
10.1.4.	Os 8 Nomes mais Comuns entre Luteranos Fem. e Masc. . .	188
10.1.5.	Número de Prenomes entre os Luteranos Masc.	189
10.1.6.	Número de Prenomes entre os Luteranos Fem.	190
10.1.7.	Repetição do Nome entre Luteranos Masculinos	191
10.1.8.	Letra Inicial dos Nomes Luteranos Masculinos	192
10.1.9.	Letra Inicial dos Nomes Luteranos Femininos	193
10.1.10.	Letra Final dos Nomes Luteranos Masculinos	194
10.1.11.	Letra Final dos Nomes Luteranos Femininos	195
10.1.12.	Duplicação Consonantal em Nomes Lut. Masc. e Fem. . .	196
10.1.13.	Ditongos e Hiatos nos Nomes Lut. Masc.	197
10.1.14.	Ditongos e Hiatos nos Nomes Lut. Fem.	198

10.1.15.	Rima nos Nomes Luteranos Masc. e Fem.	199
10.1.16.	Classificação dos Nomes Menonitas Masc.	200
10.1.17.	Classificação dos Nomes Menonitas Fem.	201
10.1.18.	Nomes Menonitas Masc. e Fem. mais Usados	202
10.1.19.	Número de Prenomes Menonitas Masculinos	203
10.1.20.	Número de Binômios Menonitas Masc. e Fem.	204
10.1.21.	Repetição e Rima em Nomes Menonitas Masc.	205
10.1.22.	Repetição e Rima em Nomes Menonitas Fem.	206
10.1.23.	Letra Inicial de Nomes Menonitas Masc.	207
10.1.24.	Letra Inicial de Nomes Menonitas Fem.	208
10.1.25.	Vogal Inicial em Nomes Menonitas Masc. e Fem.	209
10.1.26.	Letra Final em Nomes Menonitas Masc.	210
10.1.27.	Letra Final em Nomes Menonitas Fem.	211
10.1.28.	Presença de Ditongos e Hiatos em Nomes Men. Masc.	212
10.1.29.	Presença de Ditongos e Hiatos em Nomes Men. Fem.	213
10.1.30.	Nomes Hebraico-bíblicos masc. lut. e men.	214
10.1.31.	Evolução dos Nomes Bras. entre os Lut. Masc. e Fem.	215
10.1.32.	Vogal Inicial entre os Lut. Masc. e Fem.	216
10.1.33.	Final Vocálico nos Nomes Lut. Masc. e Fem.	217
10.1.34.	Nomes Menonitas Masc. e Fem. iniciados pelo som /k/	218
10.1.35.	"r" inicial em Men. Masc. e som /k/ inicial em Men. Fem.	219
10.1.36.	A Presença de "h" e "r" em Men. Masc.	220
10.2.	Tabelas	221
10.2.1.	Quadro Geral de Dados sobre os Nomes Luteranos Masc.	221
10.2.2.	Quadro Geral de Dados sobre os Nomes Luteranos Fem.	223
10.2.3.	Quadro Geral de Dados sobre os Nomes Menonitas Masc.	227
10.2.4.	Quadro Geral de Dados sobre os Nomes Menonitas Fem.	229

10.3.	Nomes dos Imigrantes em Fases	233
10.3.1.	Nomes Luteranos	233
10.3.2.	Nomes Menonitas	248

P R E F A C I O

Durante as pesquisas de campo que foram realizadas para o levantamento dos dados analisados na dissertação de mestrado "Variedades Lingüísticas entre os Menonitas de Curitiba", chamou a nossa atenção o fato de a proibição do uso da língua alemã, imposta pelas autoridades durante o Estado Novo, ter exercido uma influência tão inibidora que ainda hoje é vivamente lembrada pela comunidade. Percebemos nessa oportunidade, também, que a pressão do governo deixara marcas nos nomes escolhidos pelos menonitas para denominar seus filhos.

Expondo nosso projeto de estudar os nomes dos imigrantes alemães de Curitiba ao Prof. Dr. Sidney Camargo, pudemos felizmente obter seu apoio, pelo qual somos muito gratos. Para a realização deste trabalho contamos também com o convite do Prof. Dr. Hugo Steger, da Universidade de Freiburg, Alemanha, para estudarmos e pesquisarmos, sob sua orientação, os aspectos teóricos relativos à onomástica. Contamos também com a concessão de uma bolsa de estudos pelo DAAD (Serviço de Intercâmbio Acadêmico Alemão) e com passagens pagas pela CAPES. Queremos expressar nossos mais sinceros agradecimentos à DATASUL COMPUTADORES LTDA, pela cessão gratuita de um microcomputador, à BAGÉ SOFT pela assessoria no uso de computadores, aos amigos da Fábrica de Compensados MIRIM, pelo escritório de pesquisa, ao Prof. Dr. Erasmo D'Almeida Magalhães, pelo apoio e incentivo, ao Prof. Dr. Sergio Odilon Nadalin, pelas sugestões que facilitaram o trabalho com os dados da comunidade luterana, a Paulo Hauagge,

pela revisão estilística, e a muitos amigos e familiares pelo apoio e incentivo.

Agradecemos pelo acesso aos registros de batismo da Igreja Evangélica Luterana, aos arquivos do Colégio Erasto Gaertner e aos fichários de membros das Igrejas Menonitas e das Igrejas Irmãos Menonitas de Vila Guaira e do Boqueirão.

EXPLICAÇÃO DA TERMINOLOGIA EMPREGADA

Num contexto de culturas em contato é importante estabelecer a abrangência de domínio de cada cultura e a extensão de retração da cultura minoritária. Para tanto, tornou-se necessário criar parâmetros que permitissem a mensuração da influência de cada cultura. Procurou-se classificar os nomes dos descendentes de alemães segundo a influência cultural por eles indicada. A classificação empregada é a seguinte:

I. Nomes alemães. São considerados "nomes alemães" os nomes que expressam uma integração evidente dos pais à cultura alemã. Para não-falantes de alemão, esses nomes se evidenciam, em sua maioria, como nomes estranhos à cultura brasileira, por sua grafia ou pronúncia. Por sua transparência cultural, eles serão também chamados nomes alemães etnicamente marcados. Os nomes aqui incluídos não precisam ser graficamente corretos em língua alemã, como por exemplo "Anelyze" ou "Héwelyn". O importante é a opção cultural que revelam.

II. Nomes alemães flexíveis. Há um certo número de nomes na cultura alemã que não se distinguem graficamente de seus

correlatos em língua portuguesa, como é o caso de muitos nomes bíblicos como "Daniel", "Sara" e "Tobias". Eles são graficamente idênticos nas duas línguas, e são nomes etnicamente não-marcados. Dentro da comunidade, eles podem ser usados como nomes "autenticamente" alemães; fora dela, não "saltam aos olhos" - por assim dizer - dos não-falantes de alemão, e a sua grafia se adapta facilmente ao português. Pressupomos que o nome, nesses casos, provavelmente não representa uma barreira para a interação com a sociedade brasileira, como é o caso dos nomes classificados como "alemães".

III. Nomes alemães aportuguesados. Dependendo das circunstâncias e da integração no ambiente cultural brasileiro, os nomes escolhidos sinalizam uma mensagem dupla na direção das duas pressões culturais: escolhem-se nomes que deixam evidente o desejo de se permanecer filiado à comunidade local, mas que também significam uma concessão, uma aproximação à pressão cultural dominante. Nesses casos, tomam-se nomes alemães - como "Heinrich" e "Gerhard" - e esses são traduzidos para o português - "Henrique" e "Geraldo". Desse modo, procura-se estabelecer um compromisso entre as pressões antagônicas ou talvez uma ponte entre as duas culturas.

IV. Nomes brasileiros. São considerados "brasileiros" aqueles nomes que acharam entrada nas comunidades alemãs através da influência da cultura brasileira, servindo esta de canal de transporte desses nomes. Estão incluídos nesta classe T O D O S os nomes que não entraram através da cultura alemã. Apesar de representar uma subclasse com valores específicos, os nomes que

denotam uma influência anglo-americana, por exemplo, serão somados a esta classe de nomes, pois evidenciam em nosso entendimento um movimento de conformidade da comunidade alemã com a sociedade brasileira.

V. Nomes não-classificados. É significativo o número de nomes que não foi possível incluir em nenhuma das classes acima. Alguns são nomes fantasiosos, outros de gênero indefinido; alguns são graficamente confusos ou então tão universais - como "Olympia" - que tornam impossível a tarefa de detectar sua posição entre as forças culturais estudadas.

Esclarecemos ainda alguns outros termos empregados neste trabalho.

Onomástica. O termo terá dois empregos diferentes, significando 1º) a ciência que estuda nomes e 2º) o conjunto de regras que, consciente ou inconscientemente, determinam a escolha dos nomes.

Repetição de nomes. Um neologismo que procura traduzir o termo alemão "Nachbennenung". Esta expressão é usada para os casos em que o filho ou a filha recebe um nome que é igual ao nome de uma pessoa da família, dos padrinhos ou de alguma pessoa famosa.

Prenome Único. Expressão que designa os casos em que uma criança recebe só um prenome.

Binômio. Expressão que designa os casos em que a criança recebe dois prenomes.

Trinômio. Expressão que designa os casos em que a criança recebe três prenomes.

1. Introdução

Durante os trabalhos de pesquisa relativos à nossa dissertação de mestrado sobre "As Variedades Lingüísticas entre os Menonitas de Curitiba", ficou evidenciada uma evolução no uso das três línguas empregadas por esse grupo de imigrantes de fala alemã. O uso de cada uma das línguas variava dependendo da idade dos falantes, do grau de formalidade do contexto de fala, do assunto sobre o qual se falava, etc. O que chamou a nossa atenção, já naquela época, foi que também uma outra esfera do uso das línguas parecia mudar no decorrer da permanência desses imigrantes no país: os nomes atribuídos a seus descendentes. Percebemos também que as mudanças não eram aleatórias, mas tinham lugar em uma evolução específica, que parecia refletir o processo de aculturação analisado naquela dissertação.

Nesse sentido a presente tese continua aqueles estudos. Para dar uma abrangência mais significativa ao trabalho, propusemo-nos ancluir os nomes de outros grupos de imigrantes alemães, e para tal, procuramos acesso aos nomes dos luteranos. A inclusão dos nomes dos imigrantes alemães católicos se revelou trabalhosa demais, além de não termos encontrado nenhum registro exclusivo com esses nomes, existindo apenas os registros de batismo na Catedral de Curitiba, onde os nomes dos filhos dos imigrantes em questão se encontram espalhados por entre todos os outros registros de batismo ali realizados. Uma pesquisa nesse meio certamente seria um investimento de tempo muito alto. Pelo fato de os nomes luteranos abarcarem todo o período da presença da comunidade de imigrantes alemães em Curitiba, e pelo fato de os

menonitas formarem uma comunidade distinta dos luteranos, é permitida, portanto, a comparação dos dados e a verificação das semelhanças e das diferenças na evolução onomástica, pois são dois grupos diferentes de imigrantes dentro de um contexto semelhante.

1.1. O Objetivo da Pesquisa

Os objetivos que nortearam esta pesquisa são:

- descrição diacrônica de um universo definido de antropônimos e identificação das características mutáveis e dos fatores que influenciaram essas mudanças;

- descrição da evolução dos nomes dos imigrantes alemães de Curitiba, mais especificamente dos nomes da comunidade luterana e da comunidade menonita. A descrição se estende da chegada das respectivas comunidades ao Brasil até a atualidade. Pretende-se realizar a identificação das mudanças ocorridas no modo de nomear seus descendentes em cada uma das comunidades e das causas que podem ter influenciado essas mudanças;

- objetiva-se também descrever, da perspectiva onomástica, o contato entre culturas e identificar as mudanças que esse contato provoca. Procurar-se-á identificar os momentos em que a evolução dos nomes alemães melhor reflete o processo de aculturação e suas características.

1.2. O Método da Pesquisa

Para embasamento do trabalho foram coletados os nomes de duas comunidades de imigrantes alemães em Curitiba: a comunidade

luterana e a comunidade menonita.

Após o fichamento dos nomes e demais dados nos respectivos arquivos, a pesquisa foi centrada principalmente sobre o(s) prenome(s) de cada pessoa. Esses nomes foram agrupados em fases diferentes segundo a data de nascimento e separados em dois grupos segundo o sexo da criança. Os dados de cada comunidade foram mantidos separados para possibilitar a comparação das características da onomástica de cada grupo.

Na análise dos dados, foram verificadas as características de cada grupo de nomes, e em seguida compararam-se os nomes masculinos com os femininos em cada fase, os nomes de uma fase com os nomes das outras fases dentro da mesma comunidade, e por fim a evolução diacrônica dos nomes da comunidade luterana com a da comunidade menonita. Simultaneamente, procurou-se estabelecer paralelos entre a evolução onomástica da comunidade com sua respectiva história no Brasil e entre a evolução onomástica dos nomes dos imigrantes alemães em relação à cultura dominante.

Para a análise dos nomes luteranos, foram tomados todos os nomes das crianças nascidas nos anos com final 7 - portanto, 1877, 1887 e assim por diante até 1987. A única exceção é a primeira fase, quando o número de registros de batismo - no ano de 1867 - é muito pequena. Foram então tomados todos os nomes de todos os nascidos entre 1864 - quando começa o registro de batismo da igreja - até 1869.

Para a análise dos nomes menonitas foram tomados todos os nomes encontrados nos registros acima citados desde 1930. Os dados referentes à comunidade menonita são, portanto, contínuos entre 1930 e 1990. Os dados relativos à comunidade luterana são

seletivos e ilustram o panorama onomástico entre os luteranos de 10 em 10 anos. Esses dois corpus até certo ponto desiguais possibilitam, apesar disso, alcançar um resultado que de outro modo não seria alcançado, pois, primeiro, tornam possível abranger todo o período da presença de alemães em Curitiba, sem abarrotar o corpus com uma quantidade de dados grande demais; segundo, o levantamento contínuo de dados na comunidade menonita pretende verificar não somente as características de certos momentos, como se objetiva entre os luteranos, mas acompanhar continuamente a evolução onomástica numa comunidade de imigrantes alemães e precisar melhor o momento em que uma nova fase se inicia ou em que uma característica ganha contornos mais definidos.

Procurou-se classificar os dados em diferentes classes de nomes que permitissem observar a evolução onomástica e o processo de aculturação aí refletido. A filiação cultural de um nome, no entanto, não é sempre cristalinamente evidente. Nem sempre os pais optaram por escolher um nome incontestavelmente germânico como "Adelheid" ou evidentemente brasileiro como "Jussara". Em muitos casos, preferiu-se um nome que nos pareceu querer indicar um compromisso entre os extremos, um meio termo entre os opostos representados pelos nomes autenticamente alemães ou autenticamente brasileiros. Entre os extremos da opção por um nome que indica preferência absoluta pela cultura alemã ou por um outro nome que expressa uma ambientação completa na cultura brasileira, procuramos detectar as diversas opções intermediárias através da delimitação de quatro grupos de nomes que apresentam

características mutuamente distintivas.

A classificação dos nomes em nomes alemães, alemães flexíveis, alemães aportuguesados e nomes brasileiros será usada durante todo o trabalho. Os nomes não-classificados serão estudados separadamente das outras classificações, por seu número, em vários momentos da pesquisa, ser reduzido e por eles não revelarem uma opção cultural semelhante àquela expressa nas outras classes de nomes: a informação neles contida é de valor limitado para os fins deste trabalho.

1.3. Análise das Fontes Usadas

Os nomes dos descendentes de luteranos foram coletados nos livros de batismo da Comunidade Luterana de Curitiba "Cristo Redentor", e se obteve um total de 2655 atribuições de nomes: 1367 atribuições de nomes para meninos e 1288 para meninas. Os nomes menonitas foram coletados nos registros de nascimento do Colégio Erasto Gaertner, mantido pela Fundação Educacional Menonita, e nos livros de registro de membros de quatro das cinco igrejas menonitas de Curitiba. Obteve-se um total de 2568 atribuições de nome, 1372 atribuições de nomes para meninos e 1196 para meninas.

As fontes utilizadas apresentam diferentes graus de qualidade. Os livros de registro de batismo da Igreja Luterana podem ser considerados altamente confiáveis. Tivemos acesso aos livros originais de batismo, cujos registros foram feitos a caneta. Uma mesma caligrafia é utilizada durante longos períodos, indicando que uma mesma pessoa era responsável pelos registros.

Praticamente todos os registros estavam legíveis. Nos registros de batismos constam o nome completo do batizando, a data de nascimento, a data de batismo, o local de nascimento, o nome dos pais e dos padrinhos. Algumas vezes aconteceu que vários irmãos fossem batizados numa mesma ocasião e nestes casos foi possível comparar o nome do batizando também com o nome dos irmãos. Os nomes dos avós lamentavelmente não consta.

Os menonitas não dispõem de uma central, em que estejam registrados os nomes dos membros da comunidade. Procuramos os dados em duas fontes diferentes. A primeira, o Colégio Erasto Gaertner, abrange a maioria dos nomes das pessoas nascidas a partir dos anos quarenta. Os dados foram colhidos a partir de cópias de certidões de nascimento dos alunos e ex-alunos. Das certidões se obteve o nome completo da pessoa, a data e o local de nascimento, o nome dos pais e dos avós.

A segunda fonte de informações, que completa o período não abrangido pela fonte anterior são as listas de membros das igrejas. Os dados destas fontes se revelaram não totalmente confiáveis. Nos registros constam, às vezes, os nomes, pelos quais a pessoa se tornou conhecida na comunidade, mas não a grafia com a qual ela foi registrada no nascimento. Procuramos contornar este problema, telefonando para a pessoa em casos de dúvida. Foram considerados casos de dúvida atribuições de nome incomuns para o período pesquisado ou grafias estranhas ou erradas. Alguns exemplos de nomes confirmados por telefone: o nome "Hansi", na primeira fase, talvez apenas a forma diminutiva de "Hans" ou "Johann"; o nome "João Geraldo", em 1937, a forma aportuguesada de "Hans Gerhard", incomum para um grupo que

chegara a poucos anos ao Brasil. Exemplos de grafias estranhas confirmadas em certidões de nascimento ou por telefone: "Engrit", "Ingue" e "Dorris". Outros exemplos serão apresentados nos capítulos "Nomes Fantásticos e Não-classificados" e "Aspectos Morfológicos".

1.4. A Divisão em Fases.

A evolução onomástica é mais intensa em certos períodos e mantém uma certa estabilidade durante outros períodos. Isto nos levou a enquadrar os nomes menonitas em fases com duração diferenciada. O período mais breve é de seis anos, o mais longo de 13 anos.

Realizamos a divisão nos períodos que serão descritos mais detalhadamente durante o trabalho com base nos dados que levantamos para a nossa dissertação de mestrado e também nas características onomásticas dos nomes pesquisados. Disso resultaram as seis fases: 1930 a 1938, 1939 a 1951, 1952 a 1963, 1964 a 1969, 1970 a 1979, 1980 a 1990.

As treze fases em que foram divididos os nomes luteranos se referem aos treze momentos em que foram colhidos os nomes: 1864 a 1869, 1877, 1887, 1897, 1907, 1917, 1927, 1937, 1947, 1957, 1967, 1977 e 1987.

2. Os Alemães em Curitiba

2.1. Os Luteranos

No dia 25 de julho de 1824, chegou ao Brasil a primeira leva de imigrantes alemães organizados em grupo e com o objetivo de colonizar a terra. Até então, havia apenas a presença de indivíduos isolados, conforme indicam os registros. O primeiro grupo se fixou em São Leopoldo, RS, no dia 25 de julho, dia esse considerado o dia da imigração alemã no Brasil.

Segundo Werner Aulich, estabelecem-se em fins de dezembro de 1828 as primeiras vinte famílias em Vila Nova do Príncipe, a futura Lapa, no Paraná. [1] Em 1833 registra-se o casamento do "primeiro alemão que se radicou em Curitiba, exercendo o seu ofício de ferreiro" [2].

O núcleo básico dos alemães mais antigos, estabelecidos no Paraná e principalmente em Curitiba, origina-se da colônia de Dona Francisca, Santa Catarina, cujo clima tropical não agradara a imigrantes oriundos do norte da Europa. Entre eles havia carpinteiros, comerciantes e pequenos empresários, que encontraram em Curitiba boas possibilidades para progredir. Havia também agricultores, que se fixaram nas redondezas de Curitiba e encontraram na cidade um mercado para seus produtos. Outros imigrantes vieram diretamente da Europa para Curitiba. A partir de 1851 e durante as décadas seguintes, chegaram espontaneamente a Curitiba muitas centenas de famílias alemãs, quer dizer, não através de uma imigração planejada.

Em 1854, foi fundado em Curitiba o "Colégio Mueller". No ano de 1857, reuniram-se em Curitiba alguns alemães para a fundação

da "Associação do Cemitério Protestante". No ano de 1860, a comunidade de Curitiba foi visitada pela primeira vez por um pastor protestante de Joinville; este realizou depois, por vários anos, quase todos os meses, cerimônias religiosas nessa cidade. No primeiro dia de 1886, o pastor J. F. Gaertner pôde celebrar o seu sermão inaugural [3].

No ano de 1869, foi fundada a escola "Deutsche Schule", sob a direção da comunidade evangélica. O templo da Comuna Evangélica de Curitiba foi construído em 1874 [4]. Em 1937, a Comunidade Evangélica de Curitiba contava com 1.400 famílias associadas, perfazendo cerca de 6.000 pessoas [5].

Em sua extensa obra sobre os alemães na América Latina, Hartmut Fröschle [6] diz que é significativo o número de imigrantes alemães que vêm ao Paraná nos anos anteriores à 1ª e à 2ª Guerras Mundiais. Segundo os dados estatísticos apresentados na obra "Alemães no Paraná" - uma publicação alusiva ao 1º Centenário da Emancipação Política do Estado do Paraná [7] -, supõem-se que no ano de 1908 havia 12.000 alemães no estado, numa população total de 450.000 habitantes no Paraná. Vinte anos depois, admite-se uma população de 800.000 habitantes em todo o estado, contando-se entre eles 30.000 alemães; na mesma época, ter-se-iam encontrado na Capital 13.000 cidadãos de origem alemã, numa população de 85.000 ao todo. Supõe-se que o elemento germânico teria ocupado em 1934 a quota de 8% da população paranaense. Tomando esse dado por correto, Aulich estima que em 1953 houvesse 160.000 mil pessoas de origem alemã no Paraná [8].

Segundo um pesquisador [9], o número de falantes do alemão no

Brasil estimado em 1979 foi de 1,8 milhões, dos quais 160.000 viviam no Paraná. Segundo o pesquisador e professor Sergio Odilon Nadalin, uma análise precisa da evolução da imigração no país é muito difícil por causa da "ausência de dados quantitativos dignos de crédito" [10]. Por isso os dados acima precisam ser encarados com certo cuidado. É certo que Curitiba não foi um pólo de colonização planejada a partir da capital do país ou através de companhias de imigração, mas conseguiu atrair imigrantes em número cada vez maior no final do século passado e no início deste século.

Na opinião de Fröschle, os dados disponíveis indicam que a grande maioria dos imigrantes alemães que vieram para o Brasil era não-católica [11].

É fartamente atestado que os imigrantes alemães logo de início se preocuparam em erigir escolas para seus filhos, algo ainda incomum no Brasil e que não recebia a necessária atenção do governo brasileiro. Assim, eles mesmos tiveram que achar meios para construí-las. E foi só no decorrer do tempo que essas escolas se adaptaram ao currículo exigido no Brasil e ao uso do português. Em 1936, o sistema escolar instituído pela iniciativa privada dos imigrantes alemães estava tão difundido que, segundo uma estatística apresentada por H. Fröschle, a porcentagem de frequência escolar em Santa Catarina era superior à da capital do país, Rio de Janeiro. Em 1933, havia em Santa Catarina 26,73% de analfabetos, no Piauí 88,37%. Das 4.092 escolas que havia em 1929/30 no Rio Grande do Sul, 937 eram escolas particulares fundadas por alemães. Em Santa Catarina, havia 610 escolas particulares em 1936 [12].

A escola e o ensino da língua alemã eram instrumentos poderosos para a manutenção da tradição e da cultura alemã. Karl von Koseritz, que Fröschle nomeia como talvez o mais importante jornalista bilíngüe que o Brasil teve, afirmava que "o desaparecimento da língua alemã em nossas colônias seria um grande prejuízo não somente para o elemento alemão, mas também para todo o futuro do país; com a língua alemã desapareceriam também os costumes alemães, o senso de dever do alemão, a capacidade de trabalho das colônias alemãs, e a descendência alemã tornar-se-ia totalmente luso-brasileira, o que poderia ter um efeito negativo para o país" [13]. Repetidamente Koseritz enfatizava que o abandono da cultura alemã teria como consequência a perda de "características valiosas para a renovação do Brasil" [14]. Ele pleiteava uma integração dos imigrantes alemães no Brasil sem o abandono da cultura e da língua alemã.

Como dito, vinha se constituindo nas colônias alemãs um sistema escolar de bom nível. Nesse momento, irrompeu "uma violenta política de nacionalização" (segundo o pesquisador Egon Schaden [15]), desencadeada pelo Estado Novo a partir de 1937, que levou todas as escolas a uma súbita interrupção em sua evolução. Sob o pretexto de funcionarem como agências antiassimilativas ou até de propaganda nazista, as escolas particulares teuto-brasileiras tiveram de suspender as suas atividades ou reformulá-las radicalmente após a publicação do Decreto-Lei Nº 406, de 4 de maio de 1938 [16]. Não somente as escolas sentiram a interferência de uma nova posição do governo

brasileiro, mas toda a vida dos imigrantes, pois o uso da língua alemã foi proibido tanto em público como a nível particular e pessoal.

Também se proibiu às igrejas o uso do idioma alemão em suas reuniões. O pastor Jacob Dück, que foi durante vários anos pastor titular da Primeira Igreja Irmãos Menonitas do Boqueirão, relatou que o clima antigermânico atingiu seu auge quando o Brasil entrou na Guerra em 1942 contra a Alemanha, a ponto de em sua igreja as reuniões ficarem suspensas por cerca de seis meses. Quando a comunidade voltou a se reunir as reuniões eram inicialmente em língua portuguesa, apesar de poucos conseguirem compreender o que se dizia. Os próprios pastores não dominavam suficientemente o português para fazer os sermões; tiveram então de convidar pastores de fora da comunidade para fazê-los. Mais tarde os membros dessa igreja passaram a realizar os cultos em baixo-alemão, um dialeto que difere fortemente da língua alemã padrão e que por isso não era entendida por eventuais espões e delatores. Esta situação, segundo o pastor, perdurou até o final da Guerra. Este relato é exemplar para a vida comunitária de muitos outros imigrantes alemães naquela época.

Havia uma imprensa em língua alemã no Brasil muito ativa e numerosa. A continuidade de seu trabalho foi proibida, independente de sua posição em relação às doutrinas do nacional-socialismo propagado por Hitler [17].

Em 1924, havia 335 associações esportivas no Rio Grande do Sul fundadas por alemães. Além disso, havia inúmeras outras entidades culturais fundadas por alemães em todo o sul do Brasil. Todas foram proibidas em 1938 [18]. No Paraná, foram fechadas

mais de cem associações germânicas e aproximadamente o mesmo número de escolas [19].

Em 1953, após os festejos comemorativos do centenário do Paraná, tentou-se reativar a vida comunitária dos descendentes de imigrantes alemães através da fundação da Sociedade dos Amigos da Cultura Germânica. O número de interessados nessas atividades, entretanto, diminuiu rapidamente, e não foi possível recapturar a atenção das pessoas visando fazer uma ponte com a época de intensa vida cultural alemã de antes da intervenção do Estado Novo [20].

Uma característica importante dos imigrantes alemães foi a sua preocupação e seu esforço em conservar a língua e a cultura alemã. A escola e a igreja foram as colunas mestras para atingir esse alvo. Um outro fator muito importante para a conservação da língua foi o uso do alemão na família. Quanto ao apego consciente do imigrante ao uso do alemão, é ilustrativo o fato narrado por Vandresen [21] de que era considerado falta de respeito dirigir-se aos pais ou pessoas mais velhas em língua portuguesa. Ainda agora é de regra presenciar entre os menonitas o uso, por pessoas mais jovens, do português exclusivamente no lar com os pais, e o emprego do alto-alemão ou do baixo-alemão quando se dirigem a seus avós.

Segundo Schaden, a política nacionalizante do governo brasileiro na fase estado-novista foi uma política de homogeneização cultural, principalmente no tocante ao idioma dos imigrantes alemães e seus descendentes, e visava romper o domínio absoluto dos padrões germânicos [22]. Na opinião desse

pesquisador, aconteceu "uma quebra da unidade lingüística" entre os imigrantes alemães e isso foi "um passo decisivo na aculturação do imigrante teuto e de seus descendentes" [23].

Após a 2ª Guerra, a fama dos alemães estava, por assim dizer, a zero. Isso também pode ter favorecido o abandono da cultura alemã por parte dos filhos dos descendentes e o desejo de integração na cultura nacional. Ilg é da opinião de que os altos e baixos da política na Alemanha favoreceram também orientações e atitudes contraditórias na política da Alemanha em relação aos alemães no exterior. Essa descontinuidade seria então outro fator que teria talvez favorecido o abandono da cultura alemã por parte dos imigrantes.

O novo modo de pensar de muitos líderes luteranos após a 2ª Guerra em relação à sua origem e o lugar dos luteranos no Brasil é ilustrado por uma citação de Emilio Willems: "A Igreja Evangélica Alemã do Brasil só poderá cumprir a sua missão se for, conscientemente, igreja nacional alemã" [24]. Após a 2ª Guerra, a igreja protestante alemã no Brasil abandonou seu caráter de igreja alemã e passou a enfatizar mais seu dever missionário na nova pátria, procurando a integração. Um outro fator apontado por Ilg é a industrialização ocorrida no Brasil no pós-guerra [25]. Egon Schaden afirma que o fim do isolamento geográfico de muitas colônias alemãs contribuiu fortemente para acelerar a aculturação dos imigrantes. A ruptura do isolamento, que intensificou o contato com elementos luso-brasileiros, favoreceu também as uniões matrimoniais mistas, dificultando, assim, a unidade lingüística na família [26].

Na opinião de Abeck, "a grande maioria dos teuto-paranaenses

não mais fala o idioma alemão, está integrada no meio brasileiro, aculturada e assimilada" [27]. Ele avalia [28] em aproximadamente 600.000 o número de descendentes no Paraná em 1979, cuja maior parte, no entanto, principalmente entre as gerações mais jovens, "já não entendem mais nada da sua língua de origem".

2.2. Os Menonitas

Os menonitas surgiram em decorrência do movimento evangélico anabatista que se originou em 1525 na Suíça e poucos anos mais tarde na Holanda. Um dos líderes mais importantes nos Países Baixos foi Menno Simons, cujo nome foi usado posteriormente para a formação do nome "menonita" [29].

Nos séculos XVI e XVII, os menonitas holandeses imigraram para a região do rio Vístula, na Prússia, atualmente Polónia. Na Prússia, os menonitas adotaram lentamente a cultura alemã, e a língua alemã finalmente tomou o lugar do holandês.

Como resultado de perseguição religiosa, principalmente em decorrência da recusa dos menonitas em prestar serviço militar, tiveram estes de procurar uma nova pátria, onde tivessem liberdade religiosa e dispensa do serviço militar. Um convite de Catarina, a Grande, da Rússia, garantindo-lhes uma série de privilégios, estimulou a migração de muitos menonitas da Prússia para o sul da Rússia durante o período de 1789 a 1850. Na Rússia a situação dos menonitas era singular, pois, gozando de uma grande autonomia civil em suas colônias, que estavam isoladas do resto da população do país, desenvolveram ao longo de 150 anos um sistema sociocultural baseado em sua fé, que deu ao grupo

características definidas e distintas dos demais alemães. Com o desenvolvimento de um grupo socialmente unido, residindo em comunidades isoladas, usando uma língua estranha aos demais compatriotas russos e vivendo num contexto em que igreja e sociedade praticamente se fundiam, os menonitas passaram ao longo do tempo de um grupo religioso para um grupo étnico.

Seu desenvolvimento no campo econômico foi muito grande. Possuíam muitas terras cultivadas e uma série de fábricas, chegando a fabricar 6% das máquinas e equipamentos usados na agricultura russa.

Também em outras áreas houve grandes progressos. Chegaram a ter 400 escolas de nível primário, 13 de segundo grau (escolas de comércio e de formação de professores), uma escola para surdos-mudos e uma escola bíblica. Os menonitas mantinham hospitais, asilos para deficientes mentais, asilos para velhos e orfanatos.

Com o rápido progresso econômico houve um relaxamento do fervor espiritual na Igreja Menonita, o que provocou o surgimento de novas denominações religiosas, sendo o maior grupo aquele que em 1860 deu origem à Igreja dos Irmãos Menonitas.

Após a 1ª Guerra Mundial e o advento do Comunismo, a prosperidade teve fim. Com o declínio econômico, os menonitas viram que também seus privilégios não mais seriam respeitados, o que fez surgir em muitos o desejo de emigrar para a América do Norte. A comunização da agricultura, aliada ao propósito dos comunistas de proibir o ensino religioso nas escolas e introduzir o ateísmo como doutrina oficial, aumentou a tensão. Seguiram-se diversas pressões por parte das autoridades russas, sendo os

líderes religiosos perseguidos e banidos. Na década de 20, aproximadamente 20.000 menonitas emigraram para o Canadá. Quando, em 1929, Stalin baixou leis ainda mais severas, iniciou-se uma debandada em massa rumo a Moscou, com o intuito de conseguir passaporte para o exterior. Graças a pressões de outros países, dos 15.000 alemães que se encontravam naqueles dias em Moscou, 6.000 conseguiram o documento almejado. Entre estes, havia 4.000 menonitas. Após uma estada na Alemanha, vários se dirigiram para o Canadá. O grupo maior se dirigiu para o Chaco paraguaio. Um pouco mais de 1.100 desses refugiados menonitas entraram no Brasil a partir de fevereiro de 1930. Eles receberam terras montanhosas cobertas de matas virgens no interior de Santa Catarina para serem colonizadas. Em 1934 mais um grupo menonita, formado por cerca de 180 pessoas, veio da Rússia ao Brasil, passando por Harbin, na China.

Os menonitas chamaram de Witmarsum a primeira colônia fundada no Brasil, relembrando com isso o nome do local em que Menno Simons nasceu. Na Colônia Witmarsum os menonitas construíram, no segundo ano de sua chegada, 3 escolas, que em domingos e feriados eram usadas como local de realização de cultos. Em 1933 havia 6 escolas primárias em funcionamento. Para que as escolas pudessem ser reconhecidas pelo governo brasileiro, os professores das escolas menonitas tiveram de aprender o português e prestaram exames perante uma comissão designada pelo governo. Desse modo as aulas nessas escolas foram bilíngües desde o início. Além disso, as autoridades da comunidade solicitaram ao Ministério da Educação um professor brasileiro para lecionar a língua portuguesa às crianças, pedido este que

foi atendido. Em 1937, quando se iniciou a política nacionalista do governo, todas as escolas tiveram que ser fechadas e os professores foram despedidos. Quando, mais tarde, as escolas puderam ser reabertas, a comunidade não pôde escolher os seus próprios professores, e os professores enviados por órgãos governamentais brasileiros eram de um nível escolar e cultural muito baixos.

Os primeiros anos foram cheios de dificuldades e consideráveis sofrimentos. As glebas de terra destinadas a cada família, além de serem mata virgem e em terrenos não poucas vezes íngreme, eram muito pequenas, impossibilitando o desenvolvimento de uma agricultura semelhante àquela a que estavam acostumados nas estepes da Rússia. Além da dificuldade de adaptação às culturas próprias da região, havia a tremenda dificuldade de escoar a produção. Em breve algumas famílias puseram-se à procura de terras mais adequadas. Algumas foram para Blumenau, outras para São Paulo. A maior parte, no entanto, preferiu dirigir-se para Curitiba, onde passaram a produzir e comercializar leite [30]. Num período de três anos, 38 pessoas já tinham abandonado Witmarsum.

Os primeiros menonitas que chegaram a Curitiba viviam espalhados pelos arredores da cidade, e não reunidos numa colônia, próximos uns aos outros. No início de 1934, havia na cidade entre 25 e 30 jovens, que tinham sido enviados pelos pais à cidade à procura de trabalho assalariado, e seis famílias [31]. Em meados da década de trinta, mais de 65 famílias deixaram Santa Catarina em direção a Curitiba. Nessa cidade, os menonitas

se agruparam em duas comunidades geograficamente separadas. O primeiro grupo radicou-se em Vila Guaira, não longe da cidade; o segundo, nos bairros Boqueirão e Xaxim, distantes e isolados da cidade. No Boqueirão e Xaxim os menonitas se dedicaram à agricultura e à produção de leite; na Vila Guaira, as pessoas passaram logo a assumir diferentes profissões, mantendo um contato mais estreito e constante com a cidade do que o mantido pelos menonitas daqueles dois bairros, que durante muitos anos mantiveram seus habitantes bastante isolados do contato com não-falantes do alemão. O contato com brasileiros e a língua portuguesa se restringia à venda do leite na cidade, às instruções de trabalho aos empregados brasileiros e ao português estudado na escola.

No dia 26 de março de 1936, foi fundada a Igreja Irmãos Menonitas do Boqueirão. No dia 30 de março de 1936, foi inaugurada a escola da comunidade, da qual resultaria posteriormente o atual Colégio Erasto Gaertner [32].

Reynolds Herbert Minnich fez uma pesquisa sociológica entre os menonitas no Paraná em 1965, que resultou numa dissertação de 357 páginas apresentada à Universidade de Flórida, USA, com o título "A sociological study of the mennonite immigrant communities in Paraná, Brazil". Segundo essa tese de doutorado, os menonitas estavam passando em 1965 por grandes mudanças culturais e sociais, principalmente em decorrência do declínio drástico da proporção de agricultores em relação à sua população. Se no início dos anos 30 mais de 90% dos homens trabalhavam no campo, em 1965 seu total era de apenas 44%.

A drástica diminuição do número de pessoas que se dedicavam

à produção de leite nos anos 60 é ilustrado pelos dados que levantamos para a nossa tese de mestrado "Variedades Lingüísticas entre os Menonitas de Curitiba":

ANO	Número de produtores de leite em Boq. e Xaxim	Produção de leite por dia
até fev. 1969	66	6.000 litros
dez. 1969	48	3.400 litros
dez. 1970	26	800 litros
dez. 1971	05	?

No decorrer de apenas três anos, 61 produtores de leite encerraram as suas atividades e tiveram que se retirar de Curitiba com seu gado ou então mudar de profissão.

A colônia menonita de Boqueirão e Xaxim, que vivera retirada da cidade até então, viu-se naqueles anos repentinamente tomada pelo crescimento da cidade. Muitas das chácaras foram loteadas no final dos anos 60 e no início dos anos 70. Isso trouxe para dentro da comunidade muitos não-falantes do alemão, um fato estranho para os menonitas. Eles já se encontravam fora da Alemanha há quase 200 anos, mas nunca tinham enfrentado tal situação.

A presença mais intensiva de não-falantes do alemão-alto em Boqueirão e Xaxim se espelha também nos seguintes dados, fornecidos pelo Diretor do Colégio Erasto Gaertner, em 1983, Professor João Duck Filho: até 1968, mais ou menos 30 por cento dos alunos eram não-falantes de alto-alemão. Entre 1968 e 1975 a proporção desses alunos aumenta sensivelmente. Em 1976 eles já compunham aproximadamente 50% dos alunos. Atualmente há apenas

40% de alunos de origem alemã.

Constatou-se que em fins dos anos sessenta o uso do português em cerimônias de casamento aumentou em 34 por cento, espelhando um relacionamento mais intenso e mais próximo dos menonitas com não-falantes do alemão. No ano de 1984, as cinco igrejas da comunidade menonita em Boqueirão e Xaxim começaram a realizar cultos em língua portuguesa, além dos cultos regulares em língua alemã.

Segundo uma liderança expressiva entre os menonitas, durante muitos anos diretor do Instituto e Seminário Bíblico Irmãos Mennonitas, Professor e Pastor Jacob August, "os menonitas se encontram hoje [1980] num processo de aculturação que ainda vai durar muito tempo. As mudanças sociais e culturais, às quais a nossa sociedade está exposta, apenas iniciaram a sua ação sobre nós. Como se deve enfrentar isto e como preservar a herança espiritual é uma das grandes tarefas dos próximos anos [33]".

Segundo Minnich, havia em 1965 por volta de 1750 menonitas em Curitiba, cuja taxa de mortalidade era baixíssima e cuja taxa de crescimento estava entre 3,0 a 3,5 por cento. Depois dessa data não foi feito nenhum censo entre os menonitas de Curitiba. Supomos que o número esteja por volta de 3.000 pessoas.

Minnich define os menonitas do Brasil como "um grupo minoritário étnico-religioso". Um menonita é uma pessoa nascida em uma família cuja herança sociocultural se origina nas colônias menonitas da Rússia. O menonita fala um dialeto chamado baixo-alemão-menonita (mais propriamente chamado de baixo-alemão-prussiano do oeste) e considera-se integrante do grupo social

menonita. Tal pessoa não é necessariamente membro de uma igreja.

Os menonitas têm em comum fortes laços de família, igreja, língua e herança sociocultural, e, como consequência, uma forte coesão social. Poucos menonitas são membros de grupos estranhos à comunidade, como p.ex. o Rotari Club ou lojas de maçonaria. Esse sistema integrado dos menonitas, segundo a observação de Minnich em 1965, proporciona a oportunidade de manter intatas a vida religiosa, social e cultural de sua sociedade por gerações sucessivas. Um alto grau de homogeneidade, de coesão social e controle social capacitam os membros do grupo a se manterem fiéis a seu modo de vida, distinto dos demais brasileiros. A família menonita é, segundo Minnich, uma instituição social estável, não apresentando, em 1965, época da realização da citada pesquisa, nenhuma tendência de desestabilização.

Os valores e crenças da família menonita estão intimamente ligados aos da igreja, que também são ensinados pela escola. A maior parte das famílias mantém diariamente um culto familiar. A maior parte dos integrantes do grupo contrai matrimônio com pessoas da comunidade. É muito raro ocorrer divórcio ou qualquer outra forma de separação.

Na opinião daquele sociólogo, os menonitas, como um grupo étnico, possuem numerosas peculiaridades sociais e culturais que tendem a manter seus integrantes dentro de sua sociedade, mesmo quando insatisfeitos com ela.

O que distingue favoravelmente as colônias menonitas, quando comparadas a muitas outras colônias de imigrantes alemães no Paraná, é a solidez íntima da sua unidade e solidariedade [34].

O sistema religioso provavelmente é a base da sociedade e

cultura menonita. Quando se pede a um menonita que descreva suas características principais, ele invariavelmente começa enfatizando a natureza religiosa de sua sociedade. Mesmo quando as atividades não são diretamente patrocinadas pela Igreja, como no caso de acontecimentos na área educacional, o fator religioso está sempre presente. Inclusive os não-membros são geralmente favoráveis a essa influência exercida pela religião.

Os menonitas de Curitiba usam três línguas: o português, o alto-alemão e um dialeto usado na antiga Prússia Oriental, atualmente Polônia. Os menonitas usam seu dialeto tradicional, o baixo-alemão, em casa e em conversas informais, o alto-alemão na igreja e no discurso formal, e proporcionalmente mais o português em todas as situações quanto mais jovem for o falante [35].

2.3. Semelhanças e Diferenças entre Luteranos e Menonitas de Curitiba

Os luteranos e os menonitas apresentam semelhanças e diferenças. Aqui estão algumas:

- É-lhes comum a origem e o apego à língua e à cultura alemã ao longo de sua história;

- Compartilham das peculiaridades específicas, com as quais o protestantismo impregnou o uso da língua e da cultura alemã no Brasil, ou seja a religião protestante, o apego à língua e à cultura, que os leva a fundar escolas, e a imprensa em língua alemã;

- As duas comunidades se viram confrontadas no Brasil com uma cultura que lhes era totalmente estranha não só pelos

elementos fortemente católicos da cultura brasileira como também por suas características de cultura românica em oposição à cultura germânica. Além disso, os dois grupos estranharam o clima tropical;

- As duas comunidades são minorias étnicas em Curitiba.

Algumas diferenças:

- O luterano é batizado quando criança e, desde então, faz parte da igreja e da comunidade. O menonita é batizado quando adulto, se ele assim o desejar e se comprometer com os objetivos da igreja. Aquele que se decide por não se deixar batizar permanece fora da igreja e, até certo ponto, fora da comunidade;

- Os luteranos vieram em grande parte diretamente da Alemanha, e estiveram expostos à cultura vigente na Alemanha até o momento do embarque para o Brasil. Os menonitas, da mesma forma, viviam numa cultura alemã; esta, no entanto, apresentava várias diferenças face a cultura alemã nativa, pois os menonitas, quando chegaram ao Brasil, já estavam distantes do solo alemão havia 150 anos;

- Os menonitas vivem há séculos como uma minoria étnico-religiosa e aprenderam há muito tempo, por tal fato, a sobreviver como minoria dentro de uma cultura dominante que lhes é estranha. Ao chegarem ao Brasil eles já formavam conscientemente um grupo étnica e religiosamente coeso. Os luteranos procedem de diversos lugares da Alemanha e desconheciam a experiência de ser minoria, e não tinham laços de coesão tão bem formados como os dos menonitas;

- A comunidade luterana de Curitiba foi fundada em 1860 e já

tem, portanto, uma longa permanência no Brasil. A comunidade menonita foi fundada em Curitiba apenas em 1936 e não está há tanto tempo sob a influência da cultura brasileira;

- Os luteranos chegaram logo após a emancipação do Paraná e a transformação de Curitiba em capital do estado. Por isso eles puderam crescer com Curitiba e ascender economicamente com o crescimento da cidade. Quando os menonitas chegaram, Curitiba era capital há mais de 80 anos, uma cidade já estruturada;

- O número de luteranos em Curitiba sempre foi, comparativamente, muito maior do que o de pessoas do grupo menonita. Isso permite supor que os menonitas tenham sentido mais fortemente o impacto e a "ameaça" - por assim dizer - desse mundo novo e estranho do que o sentiram os luteranos, e que isto tenha tido como efeito uma coesão social maior entre os menonitas;

- Pelos registros de batismo, é possível perceber que os luteranos moraram desde o início dispersos por toda a cidade e em diversas regiões da periferia da cidade. Os menonitas, de início, também estiveram dispersos em Curitiba, mas logo conseguiram formar colônias unidas, como em seus 150 anos na Rússia, fechadas à presença de moradores não-falantes do alemão. Isso certamente provocou padrões diferenciados de relacionamento dentro das duas comunidades e dessas com a cultura dominante. Isso contribuiu para que os processos de aculturação fossem diferentes;

- No protestantismo alemão - segundo Emilio Willems -, a idéia étnico-nacional está inseparavelmente ligada à idéia religiosa [36]. Isso até certo ponto é comum a ambos os grupos.

Os menonitas, porém, desde o seu surgimento em 1525, criaram uma teologia divergente tanto de Lutero como de Zwinglio. A teologia menonita prevê uma separação radical entre igreja e Estado, e durante séculos era proibido ao menonita prestar serviço militar e pegar em armas. Isso criou nele uma visão diferente e mais distanciada do Estado e da nação alemã;

- Ligado à questão da proximidade do protestantismo alemão com a idéia étnico-nacional está o fato de que, a partir de 1863 [37], as autoridades eclesiásticas alemãs enviaram um número cada vez maior de ministros para as colônias teuto-brasileiras. Isso teve duas conseqüências: a sempre renovada influência de elementos recém-vindos da Alemanha, que podiam atuar a nível de liderança na comunidade luterana e que mantinham acesa a ligação das pessoas com a pátria distante. Em segundo lugar, o retardamento da formação de um clero recrutado de elementos nativos. Somente em 1921 se fundou um seminário luterano para a formação teológica de elementos teuto-brasileiros [38]. Os menonitas dispunham desde o início de seus próprios ministros. Em toda a sua história no Brasil, os menonitas nunca tiveram em seu meio algum ministro vindo da Alemanha. Ao lado de seus próprios ministros sempre houve a presença de um a quatro ministros e professores procedentes dos Estados Unidos ou do Canadá. O órgão máximo das igrejas menonitas a nível mundial é o Mennonite Central Comitee, cuja sede está nos EUA. A "Terra Prometida" para os menonitas, desde os tempos na Rússia, não era a Alemanha, mas a América do Norte, mesmo antes da vinda ao Brasil. Já em 1870 um grande número de menonitas emigrou da Rússia para lá;

- Se a Igreja Luterana procurou uma maior integração no

Brasil a partir da Segunda Guerra, as diversas igrejas menonitas só há pouco iniciaram sua aproximação com não-falantes do alemão, p.ex. através da realização de cultos em português.

Há, portanto, uma série de semelhanças entre os luteranos e menonitas que permitem supor que o impacto do mundo novo que eles experimentaram no Brasil teve sobre as comunidades efeitos semelhantes. As duas comunidades, no entanto, distinguem-se também em vários aspectos, o que leva a crer que tenham muitas vezes reagido diferenciadamente em relação à cultura brasileira.

Referências bibliográficas

- [1] AULICH, 1953. p. 59
- [2] AULICH, 1953. p. 95
- [3] AULICH, 1953. p. 80
- [4] AULICH, 1953. p. 80
- [5] ABECK, 1980, p. 32
- [6] FRÖSCHLE, 1979. p. 219
- [7] AULICH, 1953. p. 12
- [8] AULICH, 1953. p. 12
- [9] FRÖSCHLE, 1979. p. 280
- [10] NADALIN, 1980. p. 297-303
- [11] FRÖSCHLE, 1979. p. 242
- [12] FRÖSCHLE, 1979. p. 235
- [13] FRÖSCHLE, 1979. p. 245
- [14] FRÖSCHLE, 1979. p. 246
- [15] SCHADEN, 1966. p. 69
- [16] ABECK, 1980, p. 37
- [17] FRÖSCHLE, 1979. p. 237
- [18] FRÖSCHLE, 1979. p. 238
- [19] ABECK, 1980, p. 40
- [20] ABECK, 1980, p. 54-55
- [21] VANDRESEN, 1980, p. 379
- [22] SCHADEN, 1966.
- [23] SCHADEN, 1966. p. 71
- [24] WILLEMS. 1940. p. 232
- [25] FRÖSCHLE, 1979. p. 257-258
- [26] SCHADEN, 1966. p. 65-77
- [27] ABECK, 1980, p. 79
- [28] ABECK, 1980, p. 79
- [29] MINNICH, R. H.
- [30] JANZ, 1980, p. 51
- [31] JANZ, 1980, p. 37
- [32] JANZ, 1980, p. 36
- [33] PAULS, 1980. p. 91

- [34] AULICH, 1953. p. 48
- [35] SIEMENS, J. U.
- [36] WILLEMS, 1940, p. 231
- [37] WILLEMS, 1940, p. 237
- [38] WILLEMS, 1940, p. 237

3. Aspectos Teóricos no Estudo da Onomástica

3.1. Os Nomes Próprios

3.1.1. Os Nomes Próprios e os Substantivos Comuns

Os nomes próprios são sinais lingüísticos que, como parte do sistema de línguas naturais juntamente com os substantivos comuns, compõem o léxico [1]. Nome é a designação, segundo Grimm, para distinguir um ser individualmente do outro da mesma espécie [2]. A gramática classifica os nomes próprios como substantivos. Abstraindo de nomes criados artificialmente como "VARIG" e "BAMERINDUS", os nomes próprios têm sua origem em substantivos comuns, como ainda é perceptível nos nomes de família "Ferreira" ou "Leão". A divisa entre palavra e nome é por vezes flutuante. Quando se ouve a palavra "corcel" não mais se pensa no animal equino, mas num modelo de automóvel da fábrica Ford. Um nome se torna nome tão somente quando o seu conteúdo etimológico fica eclipsado e sai de uso.

Distinguem-se dois aspectos nos nomes próprios: primeiro, seu significado, que lhe advém como parte integrante de uma língua, e, segundo, sua função de designar e distinguir inconfundivelmente um ser humano ou uma localidade geográfica como algo único. A tarefa básica dos nomes próprios é identificar e simultaneamente diferenciar. O poder de um nome está em sua capacidade de individualizar, de precisar. O nome próprio, portanto, identifica, mas não caracteriza. "Nomes oferecem somente a chave para uma informação, mas não diretamente a informação, como substantivos comuns" [3]. O nome "Antonina", para aqueles que não conhecem essa cidade do litoral paranaense,

[6]. Sob a perspectiva etimológica, vêem-se os nomes como relíquias, "por assim dizer fósseis lingüísticos, como restos petrificados" [7] que podem contribuir, com informações significativas, para a história da língua e seu desenvolvimento, para a etnologia, para a história de povos, sua cultura, sua religião e sua colonização, para a arqueologia [8]. Os nomes são em geral o material lingüístico mais antigo, são freqüentemente centenas de anos mais velhos que os documentos escritos mais antigos existentes numa certa cultura. Há línguas mortas das quais restam somente os nomes, como por exemplo o Ilírico [9].

O estudo sincrónico dos nomes próprios abre para as ciências um grande leque de informações tanto sobre aqueles que escolhem os nomes como aqueles que se tornam portadores desses nomes. Suas conclusões interessam à psicologia - motivos para escolha de um nome, o efeito dele sobre o portador -, à sociologia - o uso diferenciado de nomes segundo as classes sociais -, à jurisprudência - aspectos legais da atribuição e do uso de nomes- [10]. Ernst Eichler enumera como tarefas da onomástica:

- sistematizar as peculiaridades lingüísticas do nome próprio que o distinguem do substantivo comum;

- obter informações e ajudar a interpretá-las nas mais diversas áreas do conhecimento humano em que os nomes se fazem presentes de um modo significativo, seja no campo da geografia, da arqueologia, da etnografia, seja no da história das civilizações e do povoamento;

- a preocupação no uso correto e adequado dos nomes próprios na respectiva língua;

- a pesquisa das peculiaridades gramaticais e estilísticas no uso dos nomes;
- a etimologia dos nomes;
- a história dos nomes, o seu emprego ao longo da história;
- a sócio e a psicoonomástica, i.e., a função e o significado sociológico e psicológico dos nomes [11].

3.2. Os Prenomes

3.2.1. Definição de Prenome

Um antropônimo é todo e qualquer nome do qual um ser humano seja portador, quer seja um prenome, um sobrenome ou um apelido [12]. O dicionário Aurélio define prenome como o "nome que antecede o de família; nome de batismo". Um indivíduo pode ser portador de um, dois ou mais prenomes.

Os prenomes são nomes próprios móveis. Cada nova geração faz a sua seleção de nomes. Eles não são hereditários e estão sujeitos a muitos fatores extralingüísticos, que se fazem perceber sobretudo na moda de nomes.

O valor semântico, no sentido etimológico, é praticamente inexistente nos prenomes. Apesar disso, eles são marcados semanticamente, pois transmitem "valores semânticos atualizados" [13]. Qual é a informação lingüística básica que um prenome deve fornecer? O nome deve conter dados que informem se o designado é pessoa/não-pessoa, masculino/feminino. Muitas vezes ele contém a informação sobre a cultura de origem do indivíduo, como por ex. francês/não-francês, de origem alemã/não-alemã, ou sua região de origem, como nordestino/não-nordestino, se tomarmos o nome "Severino" como exemplo. A informação sobre cultura ou região de

origem é proporcionalmente mais imprecisa quanto mais recente for o nome [14].

3.2.2. O Prenome como um Fenômeno Social

O ponto de partida para o estudo dos prenomes é sempre o ser humano como nomeador e não como nomeado, como portador de um certo nome. Por isso o prenome é por um lado uma categoria lingüística, e por outro uma categoria social [15]. Para a correta interpretação da função e do significado de um nome é decisivo descobrir não apenas a sua gramática, sua forma exterior e seu significado etimológico, mas também sua tarefa e sua função na sociedade [16]. Baseados em sua função no processo comunicativo, todos os sinais lingüísticos estão também voltados à sociedade e ao social [17]. A escolha de um nome só pode ser entendida corretamente, segundo Hans Walther, quando for compreendida como um fenômeno socialmente condicionado [18].

3.2.3. A Conotação do Prenome

Analisado sincronicamente, um nome não significa, mas tem conotação. Ele irradia algo que não é idêntico ao seu conteúdo etimológico. Sincronicamente os nomes são relevantes quanto ao seu valor conotativo. O seu significado etimológico é estático; a parte dinâmica é sua flexibilidade conotativa, que constantemente se reajusta à nova época e às novas circunstâncias. "Um nome de valor" - com isso nos referimos não ao conteúdo etimológico, mas à conotação positiva que um nome evoca em consequência do indivíduo que foi/é seu portador.

O significado conotativo de um nome é, na definição de Sonderegger, a soma das associações, imagens e sentimentos ligados ao nome, quer sejam positivos, neutros ou negativos. Essa conotação pode ser evocada tanto pelo corpo sonoro como pela forma escrita do nome, tanto pelo portador do nome como pela capacidade de imaginação do ouvinte; ou até pelo significado etimológico do nome, na medida em que for possível identificá-lo. É também característico do poder conotativo dos nomes fazer o ouvinte se sentir em casa e acolhido, a capacidade de despertar confiança e segurança, a capacidade de transmitir familiaridade. A nível pessoal o nome se torna expressão de identidade. O ser humano se familiariza com seu nome, torna-se um com ele. Nomes, portanto, não "significam", no sentido usual da palavra, mas "designam".

3.4. O Fator Motivação na Escolha de um Nome

3.4.1. O Poder da Motivação

A escolha de um nome não é casual, mas consciente ou inconscientemente motivada. A ciência onomástica enumera diversos motivos que levam os pais a escolher um certo nome dentre muitos, uma certa combinação de nomes dentre as muitas possíveis.

A motivação para a escolha de um nome pode estar baseada na possibilidade de, através do nome, expressar-se o apreço pessoal ou a rejeição por determinados valores vigentes na sociedade [19]. Através do nome escolhido, o nomeador pode estar sinalizando conformidade/inconformidade com os valores do grupo do qual faz parte, proximidade/distanciamento, confirmação/reprovação em relação aos valores aí defendidos, quer sejam

valores realmente defendidos pelo grupo, quer estejam apenas presentes na imaginação do indivíduo.

Na escolha de um nome se fazem presentes normalmente duas forças: por um lado, o desejo consciente ou ainda a necessidade inconsciente de dar a seu filho um nome através do qual ele, no sentido mais amplo, possa ser encaixado na esfera da ordem reconhecida por todos como válida. Por outro lado, há o desejo de encontrar um nome que não seja comum, que sublinhe a individualidade, que seja um adorno para seu portador, que soe bem e que se considere bonito, exatamente pelo fato de não soar como os nomes que "todos" usam. Cada uma dessas tendências encontra o limite de seu raio de ação no efeito contrário da outra. A ausência da inibição de atribuir nomes incomuns é a característica básica que diferencia a escolha de nomes na atualidade da escolha de antigamente. A escolha de nomes é hoje, tomando-se o todo, "totalmente sem barreiras". Ela é dominada pela "ansiedade do inusitado, do nome jamais ouvido" [20].

3.4.2. Motivos para a Escolha de um Nome

Os motivos que os pais apontam para o fato de terem escolhido um certo nome e as fontes em que eles se inspiram variam muito. Os dez motivos principais apontados numa pesquisa realizada na Alemanha são os seguintes:

- com base numa lista de nomes encontrada em revistas ou livros;

- porque o nome agradou aos pais;
- influenciado pelo nome de outras crianças pequenas;
- repetindo o nome dos pais;
- por sugestão de padrinhos, amigos, irmãos;
- repetindo o nome dos avós;
- repetindo o nome de personalidades da vida pública;
- repetindo o nome de conhecidos, de parentes;
- escolhendo um nome da tradição familiar;
- por motivos religiosos [21].

Denomina-se "repetição de nome" o fenômeno da reprodução intencional de um nome já usado por alguém para nomear uma criança. O nome de um antepassado, de um conhecido ou de uma pessoa ilustre volta, desse modo, e é "repetido" numa nova atribuição de nome.

A motivação religiosa, que no passado foi de grande influência na escolha de um nome, diminui na proporção em que se caminha em direção à modernidade. G. Koss constatou no material por ele pesquisado que não havia nenhum nome que fora escolhido para repetir o nome de um político e L. Bosshart calcula que a influência de nomes famosos do mundo esportivo sobre a escolha de um nome é muito pequena [22].

3.4.3. A Influência dos Nomes da Moda

O dicionário Aurélio define "moda" como "uso, hábito ou estilo geralmente aceito, variável no tempo, e resultante de determinado gosto, idéia, capricho, e das interinfluências do meio. Fenômeno social ou cultural, de caráter mais ou menos coercitivo, que consiste na mudança periódica de estilo, e cuja

vitalidade provém da necessidade de conquistar ou manter uma determinada posição social". Um nome da moda é um nome que durante vários anos seguidos é dado a muitas crianças. Na opinião de Bauer, há, no campo dos nomes, forças coercitivas socio-psicológicas muito intensas. A sociedade por assim dizer "ordena" que, num determinado momento, num espaço geográfico específico, sejam escolhidos somente determinados nomes [23].

Um nome da moda surge através da confluência de vários fatores lingüísticos e extralingüísticos ou através da superacentuação de um fator. Na classificação de Rainer Frank é possível distinguir:

1^o) fatores de eufonia ou eufônico-estéticos, i.e., o nome agrada como tal ou na combinação com o nome de família, ou ele é tido como elegante ou chique;

2^o) fatores de prestígio: neste caso o nome é avaliado como sendo superior aos outros nomes;

3^o) fatores de procedência do nome: nomes adquirem seu destaque a partir do fato de serem relevantes para certos países ou regiões, ou ainda por repetirem o nome de personalidades famosas do mundo artístico, da esfera religiosa ou política, ou por evocarem o nome de pessoas de destaque na genealogia familiar;

4^o) fatores sentimentais: um nome é escolhido por causa de um relacionamento especial com uma pessoa que tem esse nome ou através da influência dos meios de comunicação;

5^o) fatores relativos à classe social [24].

Nenhuma motivação deve ser tomada isoladamente como

influência única na escolha de um nome. Os diversos motivos devem ser vistos como agindo em conjunto. A escolha de um nome é resultado da ação conjunta de "um feixe de motivos" [25].

3.4.4. A Expressividade dos Nomes.

O estilo de uma comunicação verbal é possibilitado através do fato de que uma língua permite ao falante a escolha de uma entre várias expressões lingüísticas para transmitir certo conteúdo. Das diversas possibilidades que uma língua, oferece o falante não escolhe qualquer uma, porém seleciona aquela que mais se presta a alcançar o objetivo de sua comunicação - portanto, uma variação funcional. Os nomes próprios não estão excluídos da possibilidade de oferecer escolha de um entre muitos nomes, escolha esta baseada nos objetivos que se deseja alcançar. Os nomes que estão à disposição oferecem diferentes opções de expressividade.

Distinguem-se hoje três esferas, dimensões ou campos de comunicação que favorecem graus diferentes de expressividade:

1. a esfera privada, não-pública, íntima, até familiar dos grupos pequenos, como o casamento, a família, círculo de amigos, clube, classe escolar, em que brotam facilmente apelidos e alcunhas muito expressivos;

2. a esfera do trato social mais amplo, parcialmente público como agrupamento político, militar ou religioso;

3. a esfera pública dos interesses nacionais.

A expressividade dos nomes escolhidos diminui na medida em que se abandona a esfera particular em favor da pública, em que

se abandona a esfera do informal em favor do formal. O nome escolhido pode ser portador de expressividade tanto no seu significado como no seu significante. A expressividade muitas vezes não está contida tanto no termo usado como no valor que ele tem no sistema de valores do grupo. Nesse sentido se percebem:

1. a necessidade psicossocial de fazer-se saliente, de se identificar consigo mesmo, de se autopromover em seu próprio grupo social;

2. a consciência e o sentimento de solidariedade em relação ao grupo;

3. a atitude de aversão, recusa, distanciamento, rivalidade, oposição e animosidade que está baseada em sentimentos de inimizade, ódio, ressentimento, rebeldia, teimosia, etc. [26].

O componente expressivo-estilístico de um nome é difícil de captar, pois quando, no momento da criação ou atribuição de um nome, o sinal onomástico recebe um sinal distintivo com valor estilístico, surge logo a seguir o processo da utilização do nome, e aí sobressai sempre mais sua função básica de nomear e distinguir. Através desse processo, esconde-se proporcionalmente cada vez mais a intenção estilística original.

A função de certos sufixos, sobretudo os que têm função hipocorística, é imprimir um valor expressivo-estilístico, como por exemplo nestes nomes alemães : [z] em Heinz, [er] em Heiner, [i] em Heini . Na perspectiva diacrônica deve se considerar que no decorrer do tempo o efeito expressivo-estilístico de certos sufixos se perdeu ou pelo menos ofuscou o

valor estilístico da forma hipocorística [27].

é comum um nome apresentar diversas variantes, como nos exemplos de nomes alemães "Katrin/Catrin/Kathrin"; "Stefan/Stephan/Steffen". Variantes surgem sobretudo nos nomes quantitativamente mais usados, quando esses nomes permitirem essa variação. Nas variantes de grafemas se trata parcialmente de continuidade, reavivamento ou reintrodução de antigas tradições da escrita de nomes: "Gerhardt", "Gerhart", ao lado de "Gerhard" [28].

3.4.5. A Pressão da Sociedade sobre a Escolha dos Nomes

Qual é a pressão à qual os pais estão expostos ao escolher um nome para seu filho? Como os pais respondem a essa pressão? O que os pais pretendem alcançar ao responder de certa maneira às expectativas da sociedade? Essas questões têm tido um enfoque preferencial da parte de pesquisadores que abordam a sociolinguística a partir da ideologia marxista, como por exemplo na antiga DDR. Para eles, a onomástica, sendo um ramo da linguística, é "conseqüentemente uma ciência social". Sua tarefa consiste em "examinar o nome como uma forma linguística sob a perspectiva de sua função social". Como todo agir humano, também o ato de nomear acontece para alcançar um objetivo, e é determinado por conhecimentos, por avaliações e motivações, que são "condicionados pela sociedade como um todo e pelo grupo social" [29]. Na escolha de um nome para uma pessoa, para um objeto ou para uma instituição, pode, portanto, estar refletido o relacionamento entre as diferentes classes sociais; podem estar

refletidos sentimentos ou consciência de distanciamento em relação a um grupo social, reconhecimento e apreço ou recusa e ressentimento, intimidade ou estranheza.

A escolha de um nome pode também ter um valor que reforça e confirma os valores de um grupo. Cada nome desperta diferentes sensações e sentimentos no grupo ao qual o indivíduo pertence. "Todo comportamento humano, também o lingüístico, é até certo ponto orientado em função do grupo do qual o indivíduo faz parte" [30]. A escolha de um certo nome tem, portanto, um valor-sinal para o grupo, pois o desejo de "aprovação" é, segundo Thomas e Wiese, uma das molas principais de ação entre indivíduos vivendo em sociedade [31]. Esses pesquisadores vêem o indivíduo como parte de uma grande sociedade, que se subdivide em classes sociais. A escolha do nome estaria sujeita à influência da sociedade mais ampla, mas sobretudo da sociedade próxima ao indivíduo, que seria sua classe social.

Como agem os pais que estão expostos à pressão não de uma classe social como a analisada pelos lingüistas marxistas da Alemanha, mas à pressão de um grupo étnico-religioso e socialmente coeso, como o caso dos menonitas do Brasil? Não estão refletidos na escolha dos nomes igualmente sentimentos de proximidade ou de distanciamento em relação à sua comunidade, reconhecimento e apreço ou recusa e ressentimento, intimidade ou estranheza em face às lutas para a sobrevivência cultural da comunidade à qual pertencem? Não foi possível encontrar pesquisas com essa abordagem.

3.4.6. A Influência do Contato de Culturas sobre a Escolha do Nome

Os alemães de Curitiba formam um grupo étnico minoritário em vias de assimilação, com uma grande parcela de pessoas já praticamente assimiladas. Como é a influência do grupo dominante sobre o etnicamente minoritário e como este reage? Emilio Willems estudou essa questão, e tomou os alemães do sul do Brasil - até o período que vai antes da 2ª Guerra - como exemplo.

Na opinião de Willems, a assimilação social "envolve o abandono da nacionalidade primitiva pelos imigrantes e a adoção da nacionalidade de seu novo meio" [32]. Ela vem a ser "um processo social e cultural que envolve, de um lado, a fusão de heranças culturais e, de outro lado, a modificação de sentimentos e atitudes e a incorporação gradativa dos estrangeiros na cultura do grupo" [33]. "Assimilação é mais uma profunda transformação espiritual, que se opera antes nas zonas emocionais e sentimentais do que nas intelectuais e racionais da organização individual, como reação às influências de um novo meio social" [34]. Nessas condições, o ato de nomear não é tanto uma ação planejada da razão, que mede a distância exata da separação do indivíduo do seu grupo étnico e a profundidade da sua assimilação pelo grupo dominante, mas antes um ato inconsciente, dirigido pelas "zonas emocionais e sentimentais"; esse ato, no entanto, é revelador da qualidade da inserção do indivíduo no seu grupo de origem ou no grupo dominante e aculturador.

Na verdade não existe uma assimilação "em si" de um indivíduo ou de todo um grupo, mas um "microcôsmo de processos e

sub-processos" [35]. Ela não acontece, como se diz, "da noite para o dia". Ela caminha imperceptivelmente em direção a uma gradual "filiação espiritual e afetiva" [36] da parte de alguns do grupo em direção aos valores do grupo dominante. Portanto, a assimilação propriamente dita costuma ser precedida pela aproximação e acomodação de indivíduos e de todo o grupo minoritário.

Esse "microcosmo de processos e sub-processos" deixa marcas de sua ação também nas escolhas dos nomes que os pais fazem. E, enquanto alguns pais se abrem para a integração à cultura dominante, outros fazem questão de reafirmar, através dos nomes escolhidos, a opção pela herança cultural de seus ascendentes. Na análise do rol de nomes de um grupo minoritário, o pesquisador pode detectar, assim, o trajeto do grupo em seu processo de assimilação e integração à cultura dominante.

A interpretação do significado de empréstimos onomásticos no processo da aculturação em contatos interétnicos permaneceu até agora uma área desprestigiada pela pesquisa. Na opinião de Haarmann, por exemplo, o significado de empréstimos de nomes só pode ser determinado adequadamente com base em "modelos de análise de contato de línguas" [37]. Esse autor classifica os contatos lingüísticos em duas categorias: o contato pode ser "interlingual" ou "interlingual-interétnico". No primeiro caso acontecem apenas empréstimos isolados de nomes; na categoria interlingual-interétnica, a interação não se restringe ao aspecto lingüístico, mas inclui outras interações mais profundas, a nível social, com o grupo dominante.

Da perspectiva sociolingüística, todas as estruturas

lingüísticas são mutuamente influenciáveis. A estrutura parcial, que será tocada por um empréstimo no caso concreto de um contato lingüístico, depende basicamente das condições socioculturais do contato de línguas. A intensidade do contato lingüístico será determinada fundamentalmente através do "declive de contato" entre as línguas. O declive de contato acontece quando o grupo minoritário se sente inferiorizado diante da cultura dominante. Quanto maior o declive de contato, tanto mais rápida será a assimilação. Enquanto o grupo minoritário conhece a sua língua e a sua cultura e as tem em alta consideração, o declive de contato será menor ou até inverso, isto é, o integrante do grupo minoritário olhará com desprezo para os valores culturais da sociedade mais ampla, manter-se-á distante de processos assimilativos e usará sem constrangimento ou temor nomes "eticamente marcados" [38]. Isso explica o fato de poder haver maior ou menor dependência de uma língua recessiva frente a uma dominante e de o processo assimilativo poder ter velocidade diferente em diferentes grupos minoritários sob a influência de uma mesma cultura dominante.

3.4.7. O Efeito da Religião sobre o Processo Assimilativo e a Escolha de Nomes

Há consenso entre diversos pesquisadores a respeito da influência exercida pela religião sobre o processo de assimilação e sobre a escolha de nomes. A Bíblia é rica em ilustrar a presença de elementos de fé na composição de nomes: "Israel" -

"Deus luta" ou "Deus resplandece" -, "Ismael" - "Deus ouve" -, "Natanael" - "Deus deu". Esta preocupação não se encerrou com os tempos bíblicos. A história registra que reavivamentos religiosos também deixaram sua marca nos nomes que os pais escolheram para os filhos. Na época do pietismo (séc.17/18), por exemplo, surgiram nomes novos na Alemanha, com componentes semânticos vivos, como "Ehrenfried" - "paz honrosa" -, "Fuerchtegott" - "Teme a Deus" -, "Gotthelf" - "ajuda-me, Deus" -, "Leberecht" - "vive corretamente" -, "Traugott" - "confia em Deus" -, etc. [39].

Em pesquisas comparativas entre grupos religiosos diferentes foi constatado que a influência do fator religião sobre a onomástica se exteriorizou de modo diverso em cada grupo [40]. Uma enumeração de nomes que refletem a fé de um grupo protestante dificilmente vai registrar, por exemplo, nomes como "Salomão" ou "Moisés", por sua conotação judaica, ou o nome "José", por sua conotação católica.

Um outro fator que influenciou os antropônimos de protestantes alemães no Brasil foi seu apego maior aos valores da cultura alemã. Vandresen, que pesquisou comunidades alemãs de Santa Catarina, aponta "o fator religião" como responsável por uma maior conservação lingüística nas comunidades protestantes em relação às católicas [41], pois para o imigrante protestante "religião e língua são valores correlacionados" [42].

Numa pesquisa dos registros de batismo de uma paróquia de imigrantes alemães católicos e dos de uma protestante, constatou-se que dentre os nomes das crianças batizadas na paróquia protestante havia "uma predominância marcante dos nomes

germânicos", ao contrário do que ocorreu na paróquia católica. Apenas dois anos depois de sua chegada, o imigrante católico já registrava seus filhos com nomes "ora bem portugueses, ora aportuguesados," como "Manoel", "Friderico", "Jozé", "Nicolao" e "Miguel". Os protestantes, em contraposição, usavam nessa época nomes como "Heinrich", "Peter", "Johann", "Jacob", "Adam", "Michael" e "Mathias" [43].

A diferença mais sutil, quanto ao fator religião, que distingue, por exemplo, duas comunidades de imigrantes alemães protestantes, parece ainda não ter sido objeto de estudo.

3.5. Nomes Masculinos e Femininos

As pesquisas onomásticas até agora realizadas permitem a conclusão de que os nomes masculinos escolhidos pelos pais diferem significativamente dos nomes femininos não apenas no sufixo que indica o gênero do nome, mas também na forma do nome, no seu emprego e na sua reação às influências da sociedade. Constataram-se diferenças quanto à sonoridade, ao número de sílabas, ao número de nomes dados a uma pessoa, ao número de indivíduos com o mesmo nome num universo determinado, à disposição de empregar nomes de outras culturas, etc.

As pesquisas indicam que os pais, na escolha de um nome feminino, são menos conservadores do que na escolha de um nome masculino. Isso se verifica por exemplo na frequência maior da escolha de nomes da moda para os nomes femininos. Essa flexibilidade maior dos pais na escolha de um nome feminino é percebida também no fato de que o número de nomes masculinos

diferentes num determinado universo é inferior ao de femininos. Entre os nomes masculinos, é maior o número de portadores para o mesmo nome.

Essa perspectiva mais liberal dos pais em relação aos nomes femininos se revela por vezes uma verdadeira "ânsia por originalidade", na expressão de Fleischer, que faz surgir nomes estranhos e inauditos [44]. Debus afirma que, na escolha de um nome feminino, é superior o fator eufonia, a influência da musicalidade do nome, da sua capacidade de chamar a atenção pela harmonia agradável do seu corpo sonoro [45]. Na escolha de nomes masculinos, parece haver a concepção de que esses devem transmitir seriedade e mostrar-se adequados para estabelecer contatos com o mundo dos negócios e com o Estado. Quando, por exemplo, os nazistas pediram que os pais usassem nomes alemães, essa ordem foi mais obedecida na escolha de nomes masculinos [46]. Fuellep afirma ter observado ser mais comum a escolha de nomes para meninas formados a partir de apelidos carinhosos, enquanto os meninos são registrados com um nome na forma oficial.

Zander-Lüllwitz fez uma pesquisa no norte da Alemanha entre 1972 a 1984 através da qual ela analisou, entre outras coisas, o número de sílabas e a sonoridade dos nomes. Quanto à sonoridade, ela constatou - pela análise da letra final dos nomes - que os nomes femininos são mais sonoros e melodiosos: 76,1% dos nomes femininos terminam em vogal, contra apenas 25% dos nomes masculinos. Outra observação é que os nomes femininos tendem a ser mais longos, e os masculinos mais breves [47].

Houve uma época na Alemanha em que era comum uma criança

receber até três ou quatro nomes. Isso se deu tanto entre os nomes femininos como entre os masculinos. A diferença entre os gêneros reside no momento em que cada gênero atingiu o uso mais intenso. O auge dessa moda para os nomes femininos aconteceu no final do século passado, para os masculinos antes da 1ª Guerra. Isso permite concluir que, nos casos em que um modismo ou uma transformação atinge um dos gêneros, nem sempre o outro gênero será atingido simultaneamente.

No caso de contato entre culturas diferentes, registram-se reações diversas entre os gêneros. Os empréstimos de antropônimos de uma outra etnia para dentro da própria indicam uma certa preferência dos falantes por características e modo de vida daquela etnia. Dependendo do tipo de contato entre as línguas, os nomes de um dos gêneros se ajustam mais rapidamente à nova cultura e os nomes do outro gênero resistem mais tempo à assimilação [48].

Normalmente os nomes permitem a identificação clara do seu gênero. No entanto, é característico dos tempos modernos o aumento da quantidade de nomes de gênero indefinido. Neste caso, trata-se geralmente de formas abreviadas de nomes estrangeiros [49].

3.6. Nomes de Filhos Ilegítimos e de Gêmeos

As circunstâncias de nascimento de uma criança freqüentemente foram registradas no nome que ela recebeu. A etimologia nos revela a influência da hora do nascimento ("Lúcio", "Lúcia": "aquele ou aquela que nasceu à luz do dia ou

ao romper d'alva"), a influência do lugar do nascimento ("Madalena": "da cidade de Mágdala"), das circunstâncias do parto ("Benôni": "filho da minha dor").

Apesar de as etimologias dos nomes não serem mais transparentes e assim não poderem ser reveladoras quanto a particularidades relativas ao nascimento, nem por isso inexistem nomes "marcados" para casos excepcionais, como no caso de filhos ilegítimos ou gêmeos. O pesquisador Achim Masser, por exemplo, constatou que, em algumas aldeias muito retiradas no Tirol, norte da Itália, as crianças de mãe ou pai solteiro recebem um nome marcado - seja por imposição do padre ou pastor, seja por exigência dos aldeões - como "Maria Madalena", ou então um nome totalmente incomum e "feio". A pessoa será, portanto, obrigada a portar por toda a vida em seu nome o sinal evidente de seu nascimento "obscuro". Por outro lado, o pesquisador verificou que filhos ilegítimos podem ser portadores de nomes bem modernos. Isso talvez seja o resultado do raciocínio: "- Já que meu filho vai estar, pelo nascimento, em desvantagem em relação às outras crianças, então vou lhe dar como parceiro de vida um nome bonito, não usual, que lhe abra as portas para uma vida melhor" [50].

Com os nomes de gêmeos freqüentemente acontece algo semelhante. Verificou-se que os pais procuram deixar claro para aquele que ouvir os nomes de que se trata de gêmeos. Para tanto os pais cuidam em escolher nomes que têm as mesmas iniciais, ou que cada um receba um número igual de prenomes.

Referências bibliográficas

- [1] ALTHAUS, 1980, p.187
- [2] idem, p. 187
- [3] FLEISCHER, 1964, p. 64
- [4] ALTHAUS, 1980, p. 188
- [5] VASCONCELOS, 1931,
- [6] ALTHAUS, 1980, p. 188
- [7] idem, p. 188
- [8] idem, p. 188
- [9] EICHLER, 1971, p. 52
- [10] ALTHAUS, 1980, p. 189
- [11] EICHLER, 1971, p. 52
- [12] WALTHER, 1974, p. 187-205
- [13] GROSSE, 1980, p. 187-205
- [14] NAUMANN, 1973, p. 190
- [15] NAUMANN, 1973, p. 190
- [16] WALTHER, 1971, p. 10
- [17] NAUMANN, 1973, p. 186
- [18] WALTHER, 1971, p. 8
- [19] BAUER, 1985
- [20] MASSER, 1978, p. 341-357
- [21] KOSZ, 1972, p. 159-175
- [22] DEBUS, 1976, p. 388-410
- [23] BAUER, 1985, p. 212
- [24] FRANK, 1977, p. 9
- [25] DEBUS, 1985, p. 318
- [26] WALTHER, 1975, p. 421-429
- [27] HELLFRITZSCH, 1973, p. 64-73
- [28] EICHLER, 1973, p. 170
- [29] idem, 1971, p.42-43
- [30] WALTHER, 1974, p. 187-205
- [31] WILLEMS, 1940, p. 126
- [32] idem
- [33] idem
- [34] idem
- [35] idem
- [36] idem
- [37] HAARMANN, 1983, p. 154-170
- [38] expressão utilizada por RADISOGLU, 1985, p. 354
- [39] SEIBICKE, 1977, p. 45
- [40] BAUER, 1985, p. 190
- [41] VANDRESEN, 1980, p. 374
- [42] idem, p. 378
- [43] EL-MURR, 1980, p. 305-350
- [44] FLEISCHER, 1964, p. 72-73
- [45] DEBUS, 1985, p. 319
- [46] HERRLE, 1956, p. 20
- [47] ZANDER-LÜLLWITZ, 1986, p. 95-149
- [48] HAARMANN, 1983, p. 154-170...
- [49] GROSSE, 1980, p. 3-10
- [50] MASSER, 1978, p. 341-357

4. Apresentação e Análise dos Dados relativos aos Nomes Luteranos

4.1. O Número de Indivíduos Batizados

[vide quadro 1]

Os primeiros batismos foram registrados no ano de 1864. Poucos batismos aconteceram nos anos seguintes. Por isso foram incluídos no total da primeira fase todos os nascidos entre 1864 e 1869. Para as fases seguintes, foram tomados os nomes de todos os indivíduos nascidos num ano de final -7, independente do ano de batismo, que por vezes foi realizado apenas no ano subsequente ou, em alguns casos, muito mais tarde. Só é possível verificar a evolução do número real de batismos a partir de 1877.

O número de batismos indica que o número de participantes da comunidade cresceu pouco entre 1864 até cerca de 1887, durante um período de aproximadamente 20 anos. Nesse ano, o número de batismos atinge o total de 116 de meninos e meninas. Os dados relativos a 1897 e 1907 mostram que a comunidade permanece numericamente estável. O número de batismos indica um vertiginoso salto de 107 batismos em 1907 para 173 batismos em 1917. Na fase seguinte, se repete o número elevado de batismos. Surpreendentemente em relação à tendência anteriormente manifesta, acontece um forte declínio no número de batismos entre os indivíduos nascidos em 1937 e 1947 - os anos que precedem e sucedem à Segunda Guerra Mundial. Em 1957, volta-se à quantidade de batismos de 1927 e o seu número cresce agora lentamente nas próximas fases. Na última fase, o número de batismos cai fortemente.

Até a última fase, os batismos eram realizados todos na

paróquia central, em cujos arquivos foi feita a coleta de dados. Em 1987, essa cerimônia foi descentralizada e realizada também nas diversas paróquias espalhadas pelos bairros da cidade. A paróquia central só abrangeu, a partir daí, as pessoas que permaneceram membros dessa paróquia. O número de todos os luteranos batizados em 1987 em Curitiba, portanto, deve ultrapassar o número de 200.

Em quase todas as fases pesquisadas o número de indivíduos masculinos é superior ao número de indivíduos femininos. As exceções acontecem em 1897 e nas fases próximas da Segunda Guerra.

Poderia o declínio de batismos em 1937 e 1947 estar relacionado com o clima de cerceamento do germanismo que os alemães viveram nesses anos? Teriam os pais talvez evitado a frequência à comunidade e preferido não atestar publicamente, através do batismo, sua filiação à comunidade? Ou teria havido uma emigração de alemães luteranos para fora de Curitiba nesse período? Se o último ocorreu, como explicar então o número alto de batismos de 1957? Não foi possível comprovar a causa exata do declínio dessas duas fases. Para os fins desta pesquisa, basta a constatação de que esses períodos representam uma exceção, o que também será possível comprovar através de outros dados pesquisados.

4.2. Os Nomes Empregados segundo a Filiação Cultural

Os nomes empregados foram classificados em quatro grupos distintos. Eles iniciam num extremo - nomes alemães - e avançam

ao longo dos anos em direção ao outro extremo - nomes brasileiros. Inicialmente, todos os nomes expressam sua filiação à cultura alemã através do emprego de nomes etnicamente marcados como alemães. Gradualmente se processa então a transição para o uso cada vez maior de nomes que evidenciam a assimilação, por parte dos imigrantes, da cultura brasileira.

a. Nomes Masculinos

Baseado na classificação empregada, registram-se entre os nomes masculinos (vide quadro 2) quatro períodos distintos: 1867-1897, 1907-1917, 1927-1937 e 1947-1987.

O primeiro período (1867-1897) se caracteriza pelo uso exclusivo de nomes etnicamente marcados como alemães. Na maioria desses nomes a filiação cultural fica evidente tanto na escrita como na pronúncia: "Franz", "Christian", "Wilhelm". Em alguns nomes a marca só é perceptível na escrita, como no nome "Oskar", em 1867 e "Waldemar", em 1887. Também é muito reduzido nesse período o número de nomes alemães flexíveis como "Jeremias", em 1867 e "Saul", em 1897, cuja escrita não difere no português e permite que não-falantes do Alemão leiam e pronunciem o nome como qualquer outro nome brasileiro.

Em 1877, encontram-se três nomes classificados como nomes alemães aportuguesados: "Antonio", "Gustavo" e "Pedro". "Antonio Pedro" é o nome de um menino cujos pais moram em Porto de Campo, um lugarejo retirado de Curitiba. Essa família morou provavelmente longe de outras famílias da comunidade. É pouco provável que em tão pouco tempo já houvesse sinais tão fortes de assimilação. Talvez essa família e uma outra, que escolheu o nome

"Gustavo", sejam famílias procedentes do sul do Brasil, onde a imigração já existia em 1877 há mais de 50 anos, e isso explicaria a significativa aproximação com a cultura brasileira que esses nomes indicam. Há ainda a possibilidade de que os nomes "Antonio" e "Pedro", muito comuns na cultura portuguesa, talvez nem sejam um aportuguesamento de "Anton" e "Peter", respectivamente, mas a escolha deliberada de um nome "bem brasileiro" da parte de pais que mantem laços muito distantes com a cultura alemã.

O segundo momento na evolução dos nomes dados pelos alemães luteranos de Curitiba vai de 1907 a 1917. Essa fase se caracteriza pela ruptura de uniformidade na atribuição de nomes e pela presença inquestionável de nomes que marcam o início visível, do ponto de vista onomástico, da influência da cultura brasileira sobre a comunidade luterana de Curitiba.

Segundo os dados do quadro dois, verifica-se que os nomes classificados como "alemães etnicamente marcados" sofrem uma brusca diminuição: passam de 97% para 79%. O que era um fato isolado e esporádico - o uso de nomes alemães flexíveis (cinco em 1907 e nove nomes diferentes em 1917) e de nomes alemães aportuguesados (quatro em 1907 e doze em 1917) - agora se torna regular. Também há um bom número de nomes brasileiros: "Dalmo", "Jadir" e "Osmar", em 1907, e "Acyr", "Alcides", "Eloy", "Laurindo", "Lauro", "Olario", "Raul", "René", "Santiago" "Silvio" e "Vicente" em 1917.

Até que ponto "Joaquim" merece ser classificado como um nome alemão aportuguesado ou até que ponto indicá a adoção de um nome

autenticamente brasileiro não é possível determinar-se agora. O mesmo se dá com o nome "Luiz", que tanto pode ser a tradução do nome alemão "Ludwig" como também pode indicar uma assimilação avançada da parte daqueles que o escolheram. A última hipótese é mais provável, pois há registros do nome "Ludovico" entre os alemães de Curitiba, uma forma muito mais transparente quanto à filiação cultural.

Das 23 atribuições de nomes aportuguesados ou de nomes brasileiros em 1917, apenas oito meninos receberam simultaneamente também um nome alemão, como por exemplo "Reinaldo Julius" (um nome aportuguesado + um nome alemão). Os outros 15 meninos receberam nomes exclusivamente aportuguesados ou brasileiros, como por exemplo "Carlos Silvio Froyd".

O terceiro período se estende de 1927 a 1937. Este período se caracteriza pela presença multiplicada de nomes alemães aportuguesados e de nomes brasileiros, e pela diminuição correspondente dos nomes etnicamente marcados como alemães.

Surgem neste período vários nomes que revelam uma influência da cultura francesa: "Gui", "Remi" e "René", em 1927, e "Edouard" e "Pierre" em 1937. Outros nomes revelam influência de culturas de língua inglesa: "Hamilto", "Hamilton", "Henry" e "Lincoln", em 1927, e "Hudson" e "Milton" em 1937. Essas atribuições estão incluídas entre os nomes que indicam uma influência brasileira. Partiu-se para tanto do pressuposto de que o conhecimento destes nomes se deu através da cultura brasileira e não através da cultura alemã procedente da Alemanha, da qual os alemães luteranos já se encontram afastados nesta época por mais de 50

anos. Além disso, o surgimento de nomes de origem inglesa e francesa se dá no momento de evidente desprestígio dos nomes oriundos da cultura alemã e de aumento significativo dos nomes marcados etnicamente como brasileiros.

O quarto período se estende de 1947 até os nossos dias e é caracterizado pela presença maciça de nomes estranhos à cultura alemã. Os nomes alemães estão presentes com uma média de apenas 20% das atribuições.

É importante destacar a mudança brusca que se dá entre 1937 e 1947, quando os nomes alemães aportuguesados e os nomes brasileiros duplicam a porcentagem de atribuições de 40% a 80% no período seguinte. Essa violenta ruptura com a tradição onomástica alemã na atribuição de nomes masculinos acontece exatamente no período da Segunda Guerra Mundial. Apenas em 1987 parece haver novamente um pequeno crescimento na porcentagem de nomes alemães.

b. Nomes Femininos

Baseado na classificação empregada, verifica-se entre os nomes femininos (vide quadro 3), assim como entre os masculinos, uma evolução que se estende do uso exclusivo de nomes alemães - nos primeiros anos após a imigração - até o emprego preponderante de nomes estranhos à língua alemã. Os nomes femininos se diferenciam dos masculinos por não haver uma mudança brusca entre 1937 e 1947, mas por apresentarem uma evolução muito mais lenta, aparecendo a cada vinte anos uma configuração levemente diferente da anterior.

O primeiro período [1867-1877] se caracteriza pelo emprego exclusivo de nomes alemães. Destaca-se nesses anos, sobretudo em 1867, o uso considerável de nomes alemães flexíveis. Isso certamente não indica uma procura de proximidade com a cultura brasileira nem uma adaptação ao português. Esse fenômeno deve ser considerado uma mera coincidência entre a forma escrita dos nomes nas duas línguas, como fica bem evidente no uso do nome "Maria", muito comum na duas culturas. A alta porcentagem de nomes terminados em -a, comuns naquela época na Alemanha, colabora para esse fenômeno.

O segundo período [1887-1897] é caracterizado pela diminuição substancial no uso de nomes terminados em -a e o emprego de alguns nomes aportuguesados. Por que os nomes alemães flexíveis diminuem entre 1867 e 1887 de 32% para 10%? Uma suspeita levantada é que surge nesse período o desejo de evitar que o nome feminino expressasse alguma proximidade com a cultura brasileira através de nomes como "Ana", "Augusta", "Carolina", "Juliana", "Rosa" e "Sebastiana". Nesses primeiros anos após a imigração, os luteranos preferem que os nomes expressem de um modo bem claro seu distanciamento da cultura brasileira. Por isso, muitos nomes alemães flexíveis são abandonados depois de 1867 ou escolhem-se variantes terminadas em -e, como "Marie", "Emilie", "Caroline", "Auguste", etc.

Por um lado, percebe-se nessa segunda fase o desejo de isolamento do meio ambiente em que se vive; por outro lado, tornam-se visíveis os primeiros laços de proximidade com a cultura onomástica brasileira, como os nomes "Amanda" e

"Virgínia", em 1887, e "Adelaide", "Idalina", "Isabella" e "Messias" em 1897, este último um nome repetido de um padrinho para nomear uma menina.

O terceiro período compreende os anos 1907 a 1917. Nesses anos a porcentagem de nomes aportuguesados e de nomes brasileiros triplica, e os nomes alemães, conseqüentemente, diminuem. Os nomes etnicamente marcados como alemães ("Adelheid", "Edith", "Gertrud", etc.) se reduzem fortemente em número para apenas 61% das atribuições. 35% dos nomes luteranos femininos mostram sinais de aproximação com a cultura brasileira através da escolha de nomes cuja pronúncia não soava estranha a ouvidos brasileiros ("Augusta", "Carla", "Clara", etc.), através do aportuguesamento ("Giselda", "Isolda", etc.), ou ainda pelo emprego de nomes autenticamente brasileiros ("Dolores", "Iracema", etc.).

O quarto período (1927-1937) registra uma nova diminuição do emprego de nomes alemães, o uso diferenciado de nomes aportuguesados e brasileiros e o surgimento de nomes franceses.

A partir de 1927, o emprego de nomes aportuguesados, ao contrário do que se dá com os nomes luteranos masculinos, passa a representar uma porcentagem bem reduzida. Deve-se destacar a oscilação significativa na porcentagem de atribuição de nomes brasileiros entre 1917 e 1947. A porcentagem de emprego desses nomes salta de 3% em 1917 para 14% em 1927, reduz-se para 9% em 1937 e salta novamente para 23% em 1947. Em 1917 se inicia, portanto, um movimento em direção ao uso mais intenso de nomes brasileiros, o que revela um grau de aculturação cada vez maior.

Esta, no entanto, é suspensa em 1937, e só continua a partir de 1947. A década de trinta é um período marcado pela ascensão do poderio militar da Alemanha nazista e por uma intensa divulgação no exterior de sua ideologia calcada sobre o pressuposto da superioridade da raça ariana. Parece haver um pequeno reflexo dos acontecimentos políticos no campo onomástico. Nos tempos de glória dos nazistas, acontece uma inversão na atribuição de nomes femininos na comunidade luterana de Curitiba: a queda contínua na porcentagem de atribuições de nomes alemães etnicamente marcados é interrompida em 1937, e o uso cada vez mais intenso de nomes evidentemente brasileiros repentinamente reflui nesta fase.

Este período marca o surgimento de nomes que revelam influência da cultura francesa, como "Dorette", "Margot" e "Odette", em 1927, e "Alette", "Jeanette", "Claudette", "Ivone", "Janette" e "Ninon" em 1937. O que levou os luteranos a escolher para suas filhas nomes oriundos do francês? Talvez seja um modismo, vigente no Brasil de então. Também quanto ao uso de nomes franceses, os nomes femininos diferem dos masculinos.

O quinto período [1947-1957] abrange o pós-guerra. Ele se caracteriza pela retomada da curva descendente no uso de nomes alemães e da curva ascendente na atribuição de nomes brasileiros.

Um modismo presente desde 1927 ganha em 1957 um destaque especial: 10% dos nomes femininos são de origem francesa. O que lamentavelmente não é possível verificar é se o fato reflete uma tendência geral na onomástica brasileira do pós-guerra ou uma peculiaridade específica da comunidade luterana de Curitiba.

No sexto período [1967-1987] se acentuam ainda mais as

principais características da evolução dos nomes luteranos femininos, ou seja, a redução ainda maior da atribuição de nomes alemães e a monopolização dos nomes brasileiros. No final da pesquisa, registram-se apenas 25% de nomes alemães e mais de 50% de nomes brasileiros. Os nomes de origem francesa, após um pequeno refluxo em 1967 e 1977, voltam a deter 11% das atribuições de nomes femininos.

No final do período, os nomes femininos apresentam um quadro quase invertido do do ponto de partida. Se em 1867 havia um predomínio total dos nomes que indicavam uma integração coesa e uniforme da comunidade na cultura alemã, o quadro se inverte em 1987. Os nomes que apontam para a aculturação da comunidade e sua breve assimilação total são: "Carlucia", "Manuela", "Monique", etc.

4.3. Os Nomes Luteranos mais Comuns

[vide quadro nº 4]

Os nomes mais comuns usados em cada período revelam a preferência da maioria das pessoas e a direção seguida pela evolução onomástica. Os dados colhidos permitem também a verificação do grau de coesão cultural da comunidade, através da concentração da escolha de um número maior ou menor de nomes diferentes.

Observando o quadro quatro, constata-se que os luteranos alemães concentram inicialmente a sua escolha sobre poucos nomes. 52% das atribuições de nomes femininos e 67% dos nomes masculinos recaem sobre os oito nomes mais comuns, que são, entre os

luteranos masculinos, por ordem de preferência, "Friedrich/Friederich", "Johann/Johannes", "August", "Wilhelm", "Carl", "Arlobert", "Christian", "Ernst". O número de nomes diferentes utilizados na comunidade é muito reduzido. No decorrer da pesquisa, foi possível verificar que é cada vez menor a preferência de toda a comunidade por certos nomes. Verifica-se o ponto mais baixo entre os nomes femininos [21%] em 1927, e em 1957 entre os nomes masculinos [18%]. O período em que parece ter havido um afastamento maior entre os membros da comunidade se estende de 1917 a 1977, durante o qual os oito nomes mais comuns não ultrapassam a marca dos 30% de preferência e as escolhas de nomes se dispersam sobre um número cada vez maior de nomes diferentes. Só em 1987 parece surgir novamente uma polarização das preferências da comunidade em torno de alguns nomes.

Na maioria das vezes, a concentração na escolha de nomes é maior entre os nomes masculinos. Na escolha de um nome feminino, os pais se mostram mais dispostos a usar um nome que não é da preferência da maioria, recaindo a escolha sobre um número grande de nomes diferentes. No masculino é mais comum os pais se restringirem aos nomes já conhecidos e usados também por outros pais e conseqüentemente haver uma concentração maior no uso dos nomes.

A seguir, procurar-se-á observar a evolução onomástica através da análise dos nomes masculinos mais comuns. Para tanto, serão tomados os nomes que alcançaram o primeiro e segundo lugar na preferência de cada um dos momentos analisados.

A lista dos nomes masculinos assinala, primeiro, o(s)

nome(s) preferido(s) na comunidade naquele ano . Depois da vírgula, aparece(m) o(s) nome(s) que está(ão) em segundo lugar na preferência. O sinal "+" une variantes do mesmo nome.

1867. Friedrich, Johann

1877. August, Wilhelm

1887. Wilhelm, August

1897. Friedrich, Gustav

1907. Alvin, Alfred

1917. Carl, Alfred/Waldemar/Arthur

1927. Hans+Hansi+João, Carlos+Karl+Karl

1937. Carlos+Karl, Berthold/Nelson/Waldemar

1947. Carlos, Fernando

1957. Luiz, Carlos

1967. Roberto, Carl+Carlo+Carlos+Karl

1977. Carlos, Henrique

1987. Felipe, Bruno/Eduardo/Guilherme/Henrique/José

Os primeiros e segundos lugares desde 1867 mostram que a evolução onomástica teve fundamentalmente quatro momentos distintos:

a. num primeiro momento, que se estende até 1897, os mesmos nomes se repetem de ano a ano. Não há entre os pais a preocupação de variar na escolha dos nomes - a novidade não é a regra. A repetição dos nomes já sempre usados e conhecidos determina o comportamento onomástico. "Friedrich", "Wilhelm" e "August", ao lado de alguns outros nomes, bastam para nomear as primeiras gerações de luteranos no Brasil. Certamente esses nomes são continuidade de uma tradição onomástica originária da Alemanha;

b. entre 1907 e 1917, inicia-se uma mudança significativa: os nomes a que se dá preferência são ainda de origem alemã, mas não repetem os costumes onomásticos até então vigentes: "Alvin", "Alfred", "Waldemar" e "Arthur".

Nomes totalmente novos recebem a preferência, sendo que, dos cinco nomes mais usados que estes dois levantamentos apontam, apenas o nome "Carl" era usado desde 1867. Todos os outros nomes indicam a insatisfação dos luteranos com os nomes tradicionais e o desejo de experimentar o novo e diferente. Que forças moveram os imigrantes e seus filhos a dar esse passo? Haveria nessa mudança alguma influência da cultura dominante, na qual agora estavam implantados? Por que a tradição onomástica repentinamente não era mais capaz de cumprir adequadamente a tarefa de nomear? Não foi possível encontrar a resposta;

c. os nomes utilizados entre 1927 e 1947 nos permitem concluir que a comunidade vive um momento diferente dos anteriores. Uma parte das pessoas continua utilizando nomes que revelam sintonia plena com a cultura alemã ("Hans", "Karl", "Berthold"). Outros, no entanto, preferem utilizar nomes que se afastam parcialmente da cultura alemã, através da tradução dos nomes alemães para o português ("João", "Carlos", "Fernando"); e outros sequer se preocupam em indicar alguma proximidade com a cultura alemã, atribuindo nomes aprendidos da cultura dominante ("Nelson");

d. na última fase, que se inicia em 1957, os nomes alemães etnicamente marcados praticamente desaparecem das primeiras colocações. Preferem-se nomes alemães traduzidos para o português ou então nomes emprestados da cultura brasileira.

A evolução acima descrita assinala quatro momentos. Primeiro, a utilização de nomes que representam a manutenção dos valores trazidos da pátria de origem. Segundo, a quebra da tradição original e o início da mudança onomástica, permanecendo-se ainda dentro dos valores da cultura alemã. Terceiro, a tomada, pela comunidade em transição cultural, de formas onomásticas influenciadas pela cultura de origem, revelando, no entanto, simultaneamente um primeiro passo visível de aproximação com a cultura brasileira. Quarto, o aprofundamento ainda maior da aculturação da comunidade ao abandonar os nomes alemães e ao adotar preferivelmente nomes traduzidos para o português ou até nomes totalmente brasileiros.

A seguir, observar-se-ão os nomes femininos preferidos. Segue abaixo a lista dos nomes colocados nos dois primeiros lugares, separados por vírgula. O sinal "+" une variantes do mesmo nome.

1867. Maria, Louise

1877. Maria, Louise

1887. Emma/ Luise/ Wilhelmine, Anna/Ida/Maria

1897. Anna + Anni, Emilia + Emilie

1907. Anna + Annita, Adelheid/Ida

1917. Elvira/Erna, Alice/Anna/Lydia/Olga

1927. Maria + Marie, Irma + Irmgard

1937. Erna, Irene/Janette + Jeanette/Norma + Norme/Ursula

1947. Maria, Elisabeth + Elizabeth/Regina/Rosi/Ruth/Sueli +
Suely/Vera

1957. Maria + Marie, Regina

1967. Beatriz, Cristina + Cristine

1977. Cristina + Cristine, Andrea + Andréa/Carolina +
Caroline/Cristiana + Cristiane/Patricia

1987. Ana/Christine+Cristina/Fernanda/Gabriela+Gabrielle/Rafaela

A análise dos nomes femininos preferidos revela facetas bem diferentes daquelas dos nomes masculinos:

- a preferência na escolha de nomes femininos não recai sobre alguns poucos nomes, como no caso dos masculinos. Na escolha de um nome feminino, procura-se, mais cedo que no masculino, um nome diferente daqueles comumente adotados, e se usam com maior frequência diferentes variantes para um nome. A lista de nomes masculinos preferidos é composta de 20 nomes diferentes; a lista de nomes femininos contém 33 nomes diferentes. Apenas os nomes "Hans" e "Karl" são usados com variantes. Entre os nomes femininos, 9 nomes são usados com variantes;

- entre os nomes masculinos, o nome "Carl" - com suas variantes - aparece em todo o período pesquisado. Entre os nomes femininos, o nome "Maria" se destaca igualmente;

- os nomes femininos preferidos não espelham, como os masculinos, a aproximação à cultura brasileira.

Procurando detectar momentos distintos que revelem etapas diferentes na evolução onomástica, percebem-se os seguintes períodos:

1º) de 1867 a 1877. As preferências onomásticas encontram-se rigidamente hierarquizadas: o nome "Maria" em primeiro lugar, o nome "Louise" em segundo e "Anna" em terceiro. Durante os

primeiros 20 anos após a imigração, essa ordem de preferência não sofre alterações. A maior parte da comunidade não arrisca usar nomes diferentes dos tradicionalmente usados;

2o) de 1887 a 1927. Prefere-se o emprego de nomes alemães tradicionais, mas a escolha se distribui sobre um número maior de nomes e de variantes de nomes;

3o) de 1937 em diante. Continua o uso preferencial de nomes alemães, mas também surgem na lista de preferência nomes etnicamente não-marcados, como os nomes de origem francesa ou os nomes brasileiros.

Baseando-nos na lista de preferência, podemos concluir que os pais se revelam mais conservadores na atribuição de nomes femininos quanto à classe de nomes usados, pois persistem durante mais tempo no emprego de nomes que indiquem influência da cultura alemã. Na atribuição de nomes masculinos, os pais tomaram mais rapidamente a decisão de usar nomes que sinalizem aproximação com a cultura dominante.

4.4. Número de Prenomes e Sobrenomes

[Vide quadros referentes ao número de prenomes masculinos no 5 e femininos no 6]

O número de prenomes e sobrenomes utilizados varia substancialmente ao longo do período pesquisado, tanto entre os nomes masculinos como entre os femininos. A curva evolutiva inicia com a atribuição de um sobrenome e de um a quatro prenomes à criança, e chega ao final com a atribuição de no máximo dois prenomes e até quatro sobrenomes à criança luterana.

Entre os nomes masculinos é possível observar duas etapas.

Primeira: 1867 a 1937. Prefere-se dar a um menino, em 1867, um sobrenome e mais de um prenome em 66% dos casos. O uso de dois e três prenomes se dá em partes numéricas quase iguais. A atribuição de três prenomes sofrerá até 1937 uma diminuição gradual, até se extinguir totalmente depois de 1947. Em 1887, acontece um desvio desse padrão, e a atribuição de três prenomes tem a preferência de quase metade da comunidade. Na proporção em que aumenta a atribuição de três prenomes, aumenta a porcentagem de atribuição de só um prenome.

Segunda: de 1947 a 1987. Já em 1937 surge o indicio de uma inversão da evolução descrita acima, que se confirma em 1947. Ao se extinguir o uso de três e quatro prenomes, a porcentagem de atribuição de só um prenome começa a diminuir também e aumenta o número de meninos com dois prenomes, sendo que 65% das pessoas da comunidade prefere esse modelo. Esse comportamento se inverte novamente em 1957, e a preferência da maioria passa a ser pela atribuição de um só prenome. O dado mais significativo, no entanto, é o surgimento da atribuição de mais de um sobrenome a partir de 1967. 42% dos filhos dos membros da comunidade luterana de Curitiba recebem dois e até três sobrenomes.

O número de prenomes e sobrenomes na nomeação de meninas evolui de um modo semelhante, com pequenas diferenças:

- meninas recebem um número maior de nomes do que meninos: em 1877 uma menina é denominada "Emma Berta Franzisca Dorothea" e uma outra "Thusnelda Henriette Dorothea Agnes Marie";

- a atribuição de mais de um prenome diminui gradualmente, como entre os nomes masculinos, mas sem o desvio que a

porcentagem de atribuições de três prenomes tem em 1887 entre os nomes masculinos;

- a diminuição na atribuição de mais de um prenome a meninas não corresponde ao aumento da atribuição de dois prenomes, como é o caso dos nomes masculinos. Os pais preferem dar a uma menina, a partir de 1917, só um prenome;

- a atribuição de mais de um sobrenome inicia mais cedo entre os nomes femininos, e se torna mais freqüente do que entre os nomes masculinos. Entre as meninas há, em 1987, 14% mais indivíduos com mais de um sobrenome do que entre os masculinos. Nesse ano há o registro de uma menina com quatro sobrenomes: "Nastassia HERRMANN CANESSO VON RAHN JURASZEK"

No uso de dois ou mais sobrenomes entre os nomes femininos há, na maioria das vezes, a presença de pelo menos um sobrenome não-alemão, como por exemplo "Marcia BACH DE OLIVEIRA", em 1967, ou então "Jussilda Angelina DO RÓCIO SOARES" em 1957. Somente em 1977 surge o primeiro caso de dois sobrenomes alemães: "Silvia Patricia REINHARD ROEHRIG". Entre os sobrenomes masculinos, também é incomum a atribuição de dois sobrenomes alemães. Essa característica de uso específico de mais de um sobrenome permite a suposição de que esse uso se dá sobretudo entre aqueles integrantes da comunidade cujo cônjuge não é de origem alemã. É possível que esse aumento contínuo no uso de vários sobrenomes reflita, além do aumento de casamentos com pessoas de fora da comunidade, também um novo modismo, que no futuro talvez passe a ser adotado cada vez mais.

4.5. O Emprego de Binômios, Trinômios e Nomes Únicos

Nas primeiras fases, quando são empregados quase que exclusivamente nomes alemães, a atribuição de um ou mais nomes não apresenta características distintivas. Em alguns casos, parece haver uma certa preferência por um nome para iniciar uma seqüência de nomes, mas o número de vezes em que isso acontece é muito reduzido. A regra geral parece ser a ausência de preferência para iniciar ou completar um trinômio. Também não é possível comprovar uma preferência pela repetição do nome do pai ou padrinho em alguma posição específica.

É incomum a repetição de determinadas seqüências de nomes. Em 1877 não há nenhuma repetição de um binômio entre os 21 binômios atribuídos, e igualmente acontece com os 11 trinômios. Entre os 51 binômios e trinômios presentes em 1887, há cinco repetições da seqüência "Carl Friedrich", sendo quatro vezes no início dos prenomes. O nome "Friedrich" aparece nesse ano cinco vezes na segunda posição, duas vezes na terceira e cinco vezes como nome único. "Wilhelm", outro nome muito usado, aparece distribuído igualmente em todas as posições.

O número de nomes usados na nomeação de uma criança se altera a partir do momento em que aumenta o uso de nomes brasileiros. A partir de então, a atribuição de vários prenomes a um indivíduo se revela como uma característica de tradição conservadora da cultura alemã. Em 1927, a maioria dos trinômios é composta por nomes alemães etnicamente marcados como "Horst Heinrich Albert" e "Eugen Julius Franz", "Griseldis Lieselothé Anna" e "Hildegard Mercedes Irma". Pais que escolhem nomes

aportuguesados ou nomes brasileiros optam por binômios e, sobretudo, pelo prenome único. Em 1927, por exemplo, foram dados 17 nomes brasileiros masculinos, e somente quatro aparecem em binômios: "Mario" duas vezes, "José" e "Olivio". Os outros foram dados como prenomes únicos.

Os nomes franceses, quando surgem, são usados preferencialmente em binômios. Das sete atribuições em 1937, apenas o nome "Ivone" foi usado como nome único. Um único binômio é totalmente francês: "Ninon Jeanette".

Os nomes masculinos se destacam no sentido de saírem na frente na busca de integração no meio ambiente brasileiro. Eles apresentam também uma faceta conservadora ao apresentarem uma porcentagem maior na atribuição de binômios, a partir de 1917. Talvez isso tenha acontecido para permitir, por um lado, o uso de nomes aportuguesados e brasileiros que facilitassem a integração no Brasil, e, por outro lado, o desejo de simultaneamente evidenciar a integração à cultura alemã tradicional. Dos 29 binômios de 1937, 22 têm pelo menos um nome alemão ou um nome alemão flexível.

4.6. Motivações no Uso dos Nomes

Os fatores que motivaram os pais na escolha de um certo nome ou de uma certa seqüência de nomes não estão facilmente ao alcance de uma pesquisa como esta, que trabalha com dados inclusive do século passado. Há, no entanto, uma série de motivações que são passíveis de verificação posterior; por isso, procurar-se-á neste capítulo concentrar a atenção sobre eles.

Serão analisados como fatores motivadores a repetição de um nome dos pais ou padrinhos, fatores estético-eufônicos, influência religiosa, influência sociopolítica.

4.6.1. A Repetição de Nome

4.6.1.1. O Emprego da Repetição [vide quadro nº 7]

Os primeiros imigrantes luteranos trouxeram, como tradição, nomear os filhos a partir dos nomes dos pais e/ou dos padrinhos. Esse fenômeno, denominado repetição de nome, era muito comum na chegada dos luteranos a Curitiba; teve o seu momento áureo no final do século passado e, desde então, vem desaparecendo. Durante todo o período pesquisado, a repetição de nome é um fator motivador para a escolha de nomes tanto para meninos como para meninas.

É característico da repetição de nomes tomar-se o nome de um ou mais padrinhos e/ou o nome do pai para a composição do nome de um menino, acrescentando-lhe às vezes algum nome de livre escolha. Para a composição dos nomes de uma menina, tomavam-se preferencialmente um ou mais nomes de madrinhas e/ou o nome da mãe, e às vezes um nome de livre escolha. Não é incomum que o nome de uma madrinha ou da mãe sejam tomados como base para a nomeação de um menino, e que o nome do padrinho ou do pai sirva de inspiração para nomear uma menina. Em 1877, acontece o batismo de uma menina onde não há madrinhas presentes, somente três padrinhos. Dois deles emprestam seus nomes para a afilhada, que é denominada: "Wilhelmine Caroline Auguste" (padrinhos "Wilhelm" e "Carl" e o pai "August"). Em 1897, surge a denominação feminina

"Otilia Messias", num momento onde, talvez por total ignorância das regras da onomástica brasileira, se tomou um nome masculino de um padrinho para nomear uma menina.

A repetição de nome certamente não se limitou aos nomes dos pais e padrinhos. Sem sombra de dúvida muitos nomes atribuídos às crianças são repetição de nomes de avós, de tios e tias, honrando entes queridos já falecidos ou pessoas famosas na época. Infelizmente, os registros pesquisados permitem verificar apenas a coincidência ou não do nome da criança batizada com o nome dos pais e dos padrinhos. Não se teve acesso a documentos que permitissem a verificação dos nomes dos avós ou de outros familiares.

A posição da repetição do nome varia. As vezes ele é o primeiro de uma seqüência de nomes, mas também pode ser o segundo, terceiro ou quarto. A repetição acontece sobretudo nos casos de atribuição de mais de um prenome ao indivíduo. Quando o indivíduo recebe só um prenome, este, na maioria das vezes, não é um nome repetido. Em 1927, por exemplo, 46 meninos receberam só um prenome e somente dois deles têm um nome repetido: "Eberhard" e "Carlos", repetindo o nome de um padrinho.

4.6.1.2. A Evolução Histórica

A repetição de nome como fator motivador na escolha de nomes diminui sua influência ao longo do tempo. Em 1867 a repetição se baseia nos nomes dos pais, com algumas exceções na formação de nomes de meninas. Para a formação dos nomes de meninos, não se tomou emprestado nenhuma vez o nome de um padrinho. Um dos motivos para isso poderia ser o fato de que os imigrantes ainda

não tivessem feito amizades tão próximas com outras pessoas da comunidade para honrá-las com a repetição de seu nome. Isso poderia ser tomado como um dado a considerar na avaliação da coesão social do grupo. Esses luteranos estão, ao chegar a Curitiba, distantes de qualquer relacionamento mais próximo com as pessoas da vizinhança, inclusive com pessoas que participam da comunidade luterana. É possível que os pais tenham se baseado nessa oportunidade sobretudo nos nomes dos avós, pois as crianças receberam até quatro prenomes e não havia o costume de se escolher um nome qualquer. Além disso, a lista de nomes diferentes das primeiras fases se revela muito restrita e repetitiva.

De 1877 a 1917, repete-se preferencialmente o nome de um ou mais padrinhos ou madrinhas. A repetição do nome da mãe é menor do que a repetição do nome do pai. Depois de 1927, a repetição de nome não apresenta uma porcentagem significativa entre os nomes femininos. Entre os nomes masculinos, a repetição toma a partir de 1927 um novo impulso, com o abandono da repetição do nome de um padrinho em prol da repetição quase exclusiva do nome do pai [vide quadro número 7]. A repetição de nome é por mais tempo um fator motivador na escolha de nomes para filhos do que para a escolha de nomes para filhas.

4.6.2. Fatores Estético-eufônicos

Procurar-se-á analisar a seguir o valor dado pelos pais a aspectos estético-eufônicos na escolha dos nomes para os filhos e em que medida e onde esse aspecto se revela. Com essa finalidade,

os nomes serão verificados quanto à sua configuração gráfica, quanto a sua sonoridade e a importância dada pelos pais ao resultado auditivo evocada pela pronúncia de uma seqüência de prenomes e sobrenomes.

4.6.2.1. Letra Inicial [vide quadros nº 8 e nº 9]

A análise dos nomes luteranos entre 1867 e 1987 mostra que, observando-se o conjunto de nomes de cada fase pesquisada, é possível verificar uma evolução harmoniosa de uma configuração inicial em direção a uma configuração final bem diferente em 1990. Em 70% dos nomes luteranos masculinos e femininos, tem-se como letra inicial uma consoante, e somente 30% dos nomes iniciam com uma vogal. Essa configuração inicial muda gradativamente nas fases seguintes no sentido de diminuição da porcentagem de nomes iniciados por consoante e de conseqüente aumento de nomes iniciados por vogal. O auge dessa evolução se dá em 1917, quando 58% dos nomes masculinos iniciam com consoante. Nas atribuições femininas, a porcentagem de nomes iniciados por consoante é ainda menor, alcançando somente 43%. Mais da metade dos nomes femininos é iniciado por vogal em 1917. A vogal inicial preferida é a vogal /e/. Seguem por ordem de preferência nomes iniciados pelas vogais /a/, /i/, /o/. Nenhum nome iniciado por /u/ foi registrado em 1917.

Depois de 1917, a tendência se inverte. A cada nova fase pesquisada, verifica-se um aumento gradativo no uso de nomes iniciados por consoante, até alcançar-se em 1987 a preferência de 82% nos nomes masculinos e 89% nos nomes femininos. A flutuação entre um extremo e outro é muito maior entre os nomes femininos

do que entre os masculinos: 24% entre os nomes masculinos e 42% entre os nomes femininos.

Baseado no levantamento feito entre os nomes femininos para verificação da letra ou sequência de letras mais comuns no início de nomes (vide "quadro geral de dados sobre nomes luteranos femininos" no apêndice), constata-se que entre 1877 e 1937 os nomes iniciados com vogais são os preferidos. Entre as consoantes, destacam-se no período citado o /m/ e o /l/. A partir de 1947, os nomes iniciados por vogal caem para a quarta posição de preferência e os nomes iniciados por /l/, e pelos prefixos mar- e ros- recebem a primazia. Em 1957, preferem-se nomes iniciados por mar-, e em 1967 e 1977 domina o fonema /k/. Exemplos de 1977: "Cardiani", "Carine", "Carolina", "Claudete", "Claudia", "Cristiane", "Kadja", "Karine" e "Karla".

Conclui-se que as mudanças ocorridas no conjunto de letras iniciais de uma fase para a próxima não são aleatórias, mas evoluem gradativamente ao longo do tempo.

4.6.2.2. Letra Final [vide quadros nº 10 e nº 11]

O efeito causado pelo contato entre culturas é facilmente observado nas mudanças onomásticas ocorridas entre os imigrantes luteranos ao longo do tempo. A influência progressiva e irreversível que uma cultura dominante exerce sobre uma cultura minoritária fica neste caso bem visível.

Em 1867, praticamente todos os nomes luteranos masculinos terminam em consoante e todos os nomes femininos terminam em vogal. Esse quadro quase não se modifica nos primeiros trinta anos; já a partir do final do século, no entanto, torna-se

perceptível a mudança gradativa desse padrão inicial. A porcentagem de consoantes no final dos nomes masculinos diminui cada vez mais, sofrendo uma queda brusca entre 1937 e 1947, e estabilizando-se em 45%. Desde a Segunda Guerra, a maioria dos nomes masculinos passa a ter final vocálico, que é o inverso da configuração inicial.

Os nomes femininos, que terminam inicialmente todos em vogal, passam lentamente a ter uma porcentagem maior de nomes terminados em consoante, atingindo em 1947 a marca de 23%. A partir de então, retorna a preferência por terminação em vogal, atingindo 91% em 1987.

Como vogal final a letra "o" domina entre os nomes masculinos. Outra opção são os nomes terminados em "i" ou "y", sobretudo entre 1927 e 1957. Entre os nomes femininos, destacam-se os nomes terminados em "a", "e", "i" ou "y". Em 1877 e 1887, preferem-se os nomes terminados em "e", provavelmente como marca de distinção em relação aos nomes femininos da cultura brasileira, que terminam preferencialmente em -a. A partir de 1897, impõem-se temporariamente a preferência por nomes terminados em "a". A partir de 1927, a porcentagem desses nomes diminui e atinge em 1947 sua marca mais baixa, de 39%. Nesse mesmo ano dá-se o ápice da atribuição de nomes terminados em "i" e "y", que perfazem 22% dos nomes femininos. O ano, portanto, em que se registra a maior porcentagem de nomes terminados em consoante e em "i" ou "y" é também o momento em que os nomes terminados em "a" e em "e" se encontram em desprestígio máximo.

A mudança da letra final nos nomes dos imigrantes luteranos

em Curitiba permite a constatação da influência evidente da cultura brasileira sobre a cultura dos imigrantes alemães, ou seja, a troca dos nomes masculinos terminados por consoante, segundo a onomástica alemã, pelos nomes terminados por vogal, segundo a onomástica da cultura brasileira. Evidencia-se neste estudo também que o período pós-guerra é o momento de maior crise na atribuição de nomes alemães.

4.6.2.3. Duplicação Consonantal [vide quadro nº 12]

É característica da onomástica alemã a presença de duplicações consonantais, como em "Johannes" e "Otto" ou em "Gudfinna" e "Ottilie" em 1867. O número de nomes masculinos com alguma duplicação consonantal alcança inicialmente 13% das atribuições de nome, e depois diminui rapidamente, deixando de ser representativo. Entre os nomes femininos, a porcentagem inicial é de 17% e se mantém nesse patamar até a Segunda Guerra. São exemplos de duplicação consonantal em nomes femininos em 1937: "Addi", "Alette", "Annemarie", "Annie", "Claudette", "Ella", "Emma", "Isabell", "Janette", "Jeanette", "Johanna", "Liselotte", "Odysséa" e "Wally". Em vários nomes a duplicação é correta e espelha talvez apenas a preferência por nomes com duplicação de consoantes. Em outros nomes, no entanto, a duplicação foi evidentemente forçada, como em "Addi" e "Isabell". Por que motivo se procedeu a tal? Talvez por ignorância em relação à grafia correta desses nomes, talvez como recurso estilístico, com a finalidade de ressaltá-los.

Em 1947, a porcentagem desses nomes repentinamente cai para 2% e permanece nesse nível até 1977. Em 1987, o fenômeno da

duplicação volta a se fazer presente, atingindo 19% dos nomes femininos, que são: "Bettina", "Desirée", "Gabrielle", "Gilliani", "Lenissa", "Marry", "Michelle" e "Nastassia". Os exemplos acima comprovam que a duplicação consonantal não se dá por influência das regras da onomástica alemã, nem por outra necessidade qualquer a não ser servir como recurso de expressão estilística para destacar graficamente o nome.

4.6.2.4. Uso Estilístico de "y"

Entre os nomes masculinos é inexpressiva a porcentagem de nomes que contenham um "y". A única fase em que seu uso se destaca é em 1947, quando 6% dos nomes o contém: "Ary", "Derly", "Maury" e "Nery". Já entre os nomes femininos a presença de "y" é bem mais marcante, alcançando 10% entre 1917 e 1937, diminuindo a partir de 1947 e aumentando novamente em 1987 para 8%. São exemplos de 1927 "Aglassy", "Clary", "Elly", "Eloylia", "Glacy", "Jeny", "Lucy", "Lydia", "Nahyr", "Sibylla" e "Tammy". A presença de "y" não é obrigatória em nenhum dos nomes acima, só sendo explicada por sua função de ressaltar graficamente o nome.

4.6.2.5. Presença de Ditongos e Hiatos [quadros 13 e 14]

O número de nomes com ditongo ou hiato se revela significativo ao longo da evolução onomástica sofrida pelos nomes dos imigrantes luteranos no Brasil. Constata-se entre os nomes masculinos inicialmente uma preferência pela presença de ditongos. A porcentagem de nomes com hiatos é irrelevante até

1947, quando começa a crescer fortemente, a ponto de superar em 1987 a porcentagem de nomes com ditongos. O momento em que os nomes masculinos apresentam a menor porcentagem da soma de ditongos e hiatos é o de 1937. O ano em que ditongos e hiatos alcançam o patamar mais alto é 1967. São exemplos de nomes masculinos com hiatos em 1977 "Adriano", "Andreas", "Christian", "Claudio", "Cristiano", "Daniel", "Diogo", "Eduardo", "Emilio", "Fabio", "Gilliat", "Juliano", "Leandro", "Leocadio", "Luciano", "Marcio", "Mario", "Michael", "Olivio", "Rafael", "Rogerio", "Sergio", "Takeo", "Teodoro" e "Zacarias". Nesse mesmo ano, foram atribuídos os seguintes nomes masculinos com ditongo: "Aislam", "Augusto", "Aurélio", "Claudio", "Douglas", "Jaime", "Josney", "Luis", "Maikel", "Mauro", "Paulo", "Rui" e "Yuri".

Entre os nomes femininos, registra-se em média uma porcentagem mais alta de presença de ditongos e hiatos. Diferente dos nomes masculinos, constata-se, no início, uma maior presença de hiatos do que de ditongos entre os nomes femininos. A seguir, no entanto, a sua porcentagem cai gradativamente e chega em 1917 a apenas 7% dos nomes. A partir de 1927, a porcentagem de nomes femininos com hiato cresce, e, em 1987, supera novamente a porcentagem dos nomes com ditongos, assim como acontece com os nomes masculinos. Se entre 1917 e 1947 apenas a quarta parte dos nomes registra um ditongo ou um hiato, nas últimas três fases a sua presença cresce para a metade dos nomes.

4.6.2.6. Rima entre Nomes [vide quadro nº 15]

Observou-se durante a pesquisa, além do cuidado especial da parte de muitos pais na escolha do conjunto de prenomes

atribuídos à criança, também a intenção de harmonização do(s) prenome(s) da criança com o sobrenome, como nos exemplos de nomes masculinos de 1907: "Jadir Dalmo" - a sílaba final do prenome rima com a sílaba inicial do sobrenome [-dir Dal-]; "Karlos Oscar Kronland" - os três nomes contêm uma sílaba com o som "k + r" [Kar- -câr Kron-]; ou então o nome "Reinhold Robert" - o som inicial e final do primeiro nome se repetem no segundo [R-d R-t]. Não é incomum também a harmonização do nome da criança com o nome de outros membros da família, como em 1907, quando o nome do batizando "Alfred" inicia com a mesma vogal do nome do pai "Anton" e da mãe "Auguste" [A-/A-,A-].

A rima do nome da criança com o nome de outros irmãos só foi possível observar em casos excepcionais, quando se tratava de irmãos gêmeos ou então quando vários irmãos foram batizados no mesmo dia. É provável que a porcentagem de rimas entre os nomes de irmãos seja bem superior ao constatado nesta pesquisa, mas os arquivos pesquisados não informam o nome dos irmãos o que nos impede de fazer comparações.

A presença de rima entre os nomes da criança ou do nome da criança com o nome dos pais varia bastante. Entre os nomes masculinos a porcentagem de rimas constatadas flutua entre 9% e 23% dos batizados no decorrer de toda a pesquisa. O uso da rima na atribuição de nomes aos meninos será exemplificado com nomes de três fases diferentes.

- Exemplos de nomes de batizados masculinos em 1897 que apresentam rima:

Eduard Ernst	E-d E-t
Ewald P. Emil	E-l- E-l

August J. Anton	A- A-
Alfred Albert	Al-d Al-t
A. Hermann Heinrich	Her- Hein-
Max Moritz	M-x M-tz
Rudolf Robert F.	Ru- Ro-
R. Franz Friedrich	Fra- Frie-
Robert Arnold	-t -d
Ernst August	-st -st
Arnold/ pai Reinhold	-old/-old

-Exemplos de 1927, quando há uma série de nomes com rima entre si:

Peter Paul	P- P-
Hans Herbert	H- H-
Ary August	A- A-
Hansi Hans	Hans- Hans-
Horst Heinrich Albert	H-t H- -t
Cordian Magnus MAJEWSKI	Ma- Ma-
Erwin Alvin	-win -vin
Magnus Augustos	-us -os
Hamilto Olivio	-o O-o
Alceu Albano / pai Alvin	Al- Al-/Al-

- Exemplos de nomes que rimam com o nome do pai e/ou da mãe em 1927:

Arold / pai Arnold	Arold/Ar-old
Hellmut / pai Hermann HILGENBERG	Hell-/Her-, Hil-
Ewald / pai Erich, mãe Emma	E-/E-, E-
Aramis / pai Alfred, mãe Aracy	Ara-/A-, Ara-
Herbert / pai Albert	-bert/-bert
Albert / pai Berthold	-bert/Bert-
Aroldo / pai Oswald	-old-/-ald-

- Nomes de batizados de 1977 que rimam entre si e/ou com o nome dos pais:

Juliano LOCATELLI TREIN	-li- Lo-lli + -te-Tr-
Cristiano FARIAS FIALHO	Fa- Fi-
Bruno WAGNER de BRUNS	B- B- + -no -ner
Denis Douglas	De- Dou-
Adriano Alfredo	A-o A-o
Paulo Teodoro POST	Pau- Po- + -o -o-o-o -o-
Adriano / pai Adair, mãe Ana	Ad-/Ad-, A-
Rodrigo / pai Ruy Ricardo, mãe Rita	R-/R- R-, R-
Rafael / pai Ariel	-a-el/ A-el
Helton / pai Henry	Hel-/Hen-
Daniel / pai Leonel	-el/-el
Carlos KANSI SATO / mãe Cristina	Car- Kan-/Cris
Ricardo / pai Bernardo	-ardo/-ardo

Aislam Willand / pai Arno	-lam -llan- + A-/A-
Lucival Leocadio / mãe Liane Leonore	Lu- Leo-/Li- Leo-
Paulo Henrique / pai Henrique Paulo	[inversão de nomes]

Nas meninas é praticamente inexistente o fenômeno da rima entre os nomes nas primeiras fases. O único sinal que eventualmente pode apontar para uma preocupação estética na atribuição de nomes femininos até 1907 poderia estar na terminação igual de todos os nomes de cada menina, algo muito comum no final do século passado. Por exemplo, "Rosine Amalie Elise", em 1897, tem os três prenomes terminados em "e" - nessa fase, o fenômeno se dá com os prenomes de 15 meninas. Ou então em 1867: "Friederica Carolina Albertina", onde todos os nomes têm quatro sílabas e todos terminam em "a". Nesse ano, mais cinco trinômios têm a mesma terminação em "a" ou em "e" em todos os nomes.

Em 1917, surge entre os nomes femininos o mesmo fenômeno registrado desde 1867 entre os nomes masculinos. A partir de 1937, a presença da rima entre os nomes de menina se torna cada vez mais significativa, e alcança em 1987 67% dos nomes de batizadas da Comunidade Luterana. A evolução do fenômeno da rima entre os nomes femininos será exemplificada através de três momentos da pesquisa.

Primeiro. O fenômeno da rima entre os nomes de uma pessoa feminina inicia em 1917, 50 anos depois dos primeiros registros de rima entre os nomes masculinos. São exemplos desse ano:

Isolina Iracema	I-a I-a
Mercedes MEISTER	Me- Me-
Luise Lydia	L- L-
Martha Margarethe	Mar- Mar-
Carla Caroline	Carl- Car-l-

Adelheid / pai Albert mãe Agnes	A-/A- A-
Erika / mãe Erna	Er-a/Er-a
Margarethe / mãe Maria	Mar-/Mar-
Melitta / mãe Maria	M-a/M-a
Isabella / mãe Tanny	-ll-/-nn-
Eliza Lilly / mãe Ella	L-ll-/-ll-
Irma Emma / mãe Alma	-ma.-mma/ -ma
Lilly / pai Willy	-illy/-illy
Elly / irmã gêmea Wally	-lly/-lly
Othila / irmã gêmea Otte	Othi-/Otte-
Alice Elvira Cecília/pai Arnaldo mãe Anna	A-/A- A-

Os três nomes desta última batizanda registram a presença de "l", e a sílaba tônica dos três é ocupada pela vogal /i/.

Segundo. Nomes de batizados femininos de 1947 que rimam entre si e/ou com o nome de familiares:

Mara MUELLER	M- M-
Rosi TALAMINI	-i -i -i
Rosi Marie	-i -ie
Evelin Karin	-in -in
Lilian Cornelia	li-lia-/-lia
Malviane Marlise	Mal-e Mar-e
Astrid Argentina	A- A-a
Leoni LOEPER	Leo- Loe-
Liebrosele LOOS	Li- Lo-
Sueli Maria ROEHRIG BRAUNS	-ri- Roe-rig
Ivete Tereza TESKE	-te Te- Te-
Roselia Felsi	-se- -si
Ruth / mãe Margareth	-th/-th
Suely / mãe Glaisy	-y/-y
Ruth mãe Margareth	-th/-th
Suely mãe Glaisy	-y/-y
Marlene / mãe Mercedes	Mar-/Mer-
Diori Redy / pai Diogenes	-ri Re- + Dio-/Dio-
Marina Rosi / mãe Maria	-ri- Ro- + Mari-a/Mari-a

Terceiro. Exemplos de rimas em nomes luteranos femininos de 1987:

Hiamine MASS de CARVALHO	-mi- Ma-
Heleny BEENCKE HILBIG	Hel- Hil-
Evelyn LUCHTEMBERG	-ly- Lu-
Ana Mara	Ana -ara
Ana Paula	Ana -aula
Erica Cristina	-ica -ina
Rafaela Fernanda	-fa- Fe-
Lais Fernanda FEIX	Fer- Fei-

Maria Gabriela GRINGS	Ga- Gri-
Julia Miliane	-uli- -ili-
Rafaela / mãe Silmara	Ra-/-ra
Manuela WEBER MARON / mãe Maria	Ma- Mar-/Mar-
Lenissa GALLE SILVA / mãe Leoni	Leni- -lle/Le-ni
Gabrielle / pai Luiz, mãe Lilian	-ll-/Lu-, Lili-
Desirée / mãe Doralice	D-e/D-e
Carlucia / pai Carlos	Carl-/Carl-
Gilliani Marry / pai Gilberto, mãe Gertrudes	Gil-/Gil-, Ger-

A procura de estabelecer uma rima entre os nomes do batizando e/ou com o nome dos pais, usam-se diversos recursos. Os três mais usados são:

- a repetição da letra ou do conjunto de letras iniciais, como em

"Carlucia" / pai "Carlos" Carl-/Carl-

- a repetição da letra ou do conjunto de letras finais, como em

"Lilly" / pai "Willy" -illy/-illy

- a repetição da letra inicial e final, como em

"Eduard Ernst" E-s E-t

Os nomes de meninos não se distinguem, quanto a esse ponto, dos nomes femininos. Entre as várias rimas possíveis, a mais comum é aquela que entrelaça os próprios nomes da pessoa. Quando se registra rima com os nomes dos pais, o nome do menino rima com o nome do pai e o da menina com o nome da mãe. Não é incomum o nome da filha rimar com o nome do pai, mas dificilmente acontece a rima do nome do menino com o nome da mãe.

Não foi possível identificar qualquer relação de causa e efeito entre o surgimento, crescimento ou diminuição do fenômeno da rima e a aculturação dos luteranos ou algum acontecimento político ou social como a Segunda Guerra Mundial. A única

característica evolutiva se registra entre a rima dos nomes femininos, cuja porcentagem cresceu gradativamente a partir de 1957, quando 18% das batizadas receberam nomes com rima, e atingiu 67% dos nomes em 1987.

Conclui-se, a partir da análise acima, que, em cada fase, o conjunto de nomes luteranos apresenta características específicas quanto à configuração gráfica e quanto à sonoridade dos nomes. Esse conjunto, por exemplo, evolui harmoniosamente em todas as características específicas estudadas. Também é possível concluir que a escolha dos nomes obedece muitas vezes a critérios estético-auditivos.

4.6.3. Influência Religiosa

Para a verificação da eventual influência religiosa sobre a escolha dos nomes na comunidade luterana, observou-se a presença de nomes oriundos da cultura hebraico-bíblica. Diferente da religião católica, não há no protestantismo a veneração de santos e a conseqüente influência onomástica exercida pelos nomes dos santos. A fonte mais provável de influência religiosa deve ser considerada a Bíblia e os nomes de personagens bíblicos, cuja presença, para os fins deste trabalho, pesquisou-se. Também foram considerados nomes como "Tobias", que não se encontram na Bíblia protestante, mas que mesmo assim são conhecidos como "nomes bíblicos" por procederem da mesma cultura que deu origem à Bíblia.

Em 1867, registram-se 13 atribuições de nomes masculinos oriundos da cultura hebraico-bíblica, perfazendo 21% do total de atribuições: "Christian", "Isaack", "Jacob", "Jeremias",

"Johann", "Johannes" e "Paul". Em 1877, a porcentagem desses nomes não diminui, e, além dos já citados, surgem "Adam", "Pedro" e "Peter". A partir de 1887, no entanto, a porcentagem desses nomes diminui grandemente, e se torna pouco significativa. Em 1947, cai para 2%, crescendo a partir dessa data até atingir 25% em 1977. Em 1987, quando os nomes hebraico-bíblicos atingem 39% de todas as atribuições de nome, registram-se: "Andreas", "Daniel", "Ezequiel", "Felipe", "Jeremias", "José", "Lucas", "Pedro", "Rafael", "Steffan" e "Tiago".

A classe dos nomes que revelam influência hebraico-bíblica não foi estudada detalhadamente entre os nomes femininos, após a constatação de que havia entre eles um número muito reduzido desses nomes. Os mais comuns são "Maria/Marie" e "Anna", com suas variantes.

Apenas nas duas primeiras e nas duas últimas fases se registram porcentagens que permitem a suposição de haver alguma influência de cunho religioso sobre a escolha dos nomes. Como, ademais, não foi possível encontrar nenhum outro dado que comprove ter havido algum movimento de renovação espiritual na comunidade nesses períodos, é necessário constatar que há também outras explicações plausíveis para a presença desses nomes.

A presença de um quinto de nomes de origem hebraico-bíblica nas duas primeiras fases pode ser explicada como sendo de atribuições de nomes comuns na cultura alemã daquela época. Como era muito forte naquele tempo o fenômeno da repetição de nomes dos pais, padrinhos e avós, a maioria dessas atribuições deve ser creditada ao costume da repetição de nomes, e não reflete,

conseqüentemente, nenhuma atitude deliberada no sentido de demonstração pública de fé ou apego a valores cristãos.

A porcentagem significativa desses nomes em 1977 e 1987 só se explica como sendo ou um modismo presente em toda a sociedade curitibana, o que não é possível comprovar nesta pesquisa, ou então existe realmente nestes anos uma influência a nível religioso que leva mais de um terço dos pais a escolher nomes de inspiração bíblica. É plausível também que ambos os fatores estejam presentes, ou seja, que certos nomes de origem hebraico-bíblica sejam nomes da moda nas décadas de setenta e oitenta, enquanto outros foram escolhidos pelos pais por motivos religiosos.

4.6.4. Influência Sociopolítica

É muito difícil comprovar com exatidão a influência exercida pela sociedade brasileira sobre uma comunidade de imigrantes alemães ao longo da história ou mesmo constatar a pressão que os imigrantes sentiram em decorrência de acontecimentos de natureza político-ideológica procedentes da cultura de origem - como nos anos trinta ou como os acontecimentos procedentes da cultura dominante que exerceram uma pressão contrária, como ocorreu a partir do final dos anos trinta. Procurar-se-á por isso verificar os momentos em que os prenomes dados pelos imigrantes a seus descendentes revelam desvios e rupturas significativos em relação à sua tradição onomástica. Traçar-se-ão paralelos com as condições sociopolíticas da comunidade no contexto brasileiro.

Os imigrantes alemães chegam em 1864 a um Estado recém-emancipado. Este os recebe bem, pois na agricultura eles dominam

técnicas agrícolas ainda desconhecidas. Para a indústria, trazem mão-de-obra qualificada, apta para preencher lacunas existentes.

Os imigrantes fundam instituições particulares como sua igreja, sua escola e seus clubes, que suprem as suas necessidades culturais e espirituais. A manutenção da cultura alemã e dos valores trazidos da pátria de origem não é perturbada nas primeiras décadas.

Nesse período inicial, a onomástica por eles adotada é a mesma que trouxeram da Alemanha. A grande maioria dos imigrantes vive dentro da cultura alemã, apesar de estar fora da Alemanha. A única pressão que os pais podem ter sentido, quando procuravam os prenomes adequados para seus filhos, era no sentido de não adotar nomes que revelassem aculturação e distanciamento da própria comunidade.

Os dados levantados por esta pesquisa relativos à vogal final dos nomes femininos nas primeiras décadas parecem endossar a afirmação acima. Na primeira fase, 74% dos nomes femininos terminam em "a", vogal provavelmente também usada em nomes femininos comuns no Brasil e que fazia com que a grafia de muitos nomes femininos luteranos coincidissem com a de nomes também usados por pessoas da comunidade brasileira. Nas décadas seguintes, acontece a diminuição radical de nomes terminados em "a", e a metade da comunidade passa a atribuir nomes femininos terminados em "e"; por exemplo, troca-se o nome "Carolina" por "Caroline", alcançando-se, desse modo, uma marca onomástica que distingue as filhas de luteranos das filhas de brasileiros.

No início deste século, após uma estada de quarenta anos no

Brasil, constata-se, a nível onomástico, uma certa inquietação em relação aos padrões até então usuais. A cidade de Curitiba, que se tornara capital pouco antes da chegada dos alemães, cresceu vertiginosamente, e muitos imigrantes luteranos cresceram com ela, social e economicamente. Neste contexto cabe a suposição de que a comunidade não é mais composta exclusivamente por camponeses e imigrantes temerosos da influência da cultura brasileira: o já longo tempo de permanência no Brasil e a ascensão socioeconômica pode ter provocado também uma mudança no padrão onomástico até então vigente na comunidade.

Entre os nomes femininos de 1907 e 1917, registra-se uma procura intensa de nomes novos. Mais da metade das grafias usadas em 1917 são desconhecidas na comunidade. Nesses anos, a maioria deixa de atribuir três ou quatro nomes às filhas, e 66% dos pais adotam o costume provavelmente vigente no Brasil de atribuir somente um prenome à menina. Apesar de oferecerem apenas poucas opções, as vogais se tornam a letra preferida pela maioria para iniciar um prenome feminino em 1917. Também nesse período principia o fenômeno da rima em nomes femininos.

As características onomásticas em torno do ano de 1927 parecem sugerir que a comunidade está em transição. Não há dados de caráter sociopolítico que possam elucidar em que condições a comunidade está vivendo naqueles anos. Constata-se onomasticamente, porém, que, na comunidade, mais da metade das grafias empregadas é nova dentro da comunidade. 1927 é um dos momentos de maior dispersão onomástica entre os luteranos. Pouquíssimos nomes são atribuídos por mais de uma vez. Cada família procura nomes em fontes adiferentes. Os oito nomes mais

comuns, dados em 1864 a mais da metade das meninas, agora alcançam somente 21% das atribuições de nome.

A década de 1930 registra a ascensão do nazismo na Alemanha e a divulgação de sua ideologia a nível mundial, sobretudo entre cidadãos que em décadas passadas tinham emigrado da Alemanha. Segundo registros históricos, a comunidade alemã de Curitiba também foi afetada por esse movimento de exaltação dos valores da raça germânica.

O possível reflexo onomástico desse momento é exemplificado pela repentina queda na porcentagem de atribuição de nomes brasileiros, principalmente entre os nomes femininos. O número de nomes alemães etnicamente marcados, que em toda pesquisa se torna mais reduzido a cada nova fase, experimenta em 1937 o único aumento na porcentagem de atribuições. Nesse ano, acontecem também as últimas atribuições de trinômios, uma das características da onomástica tradicional alemã.

A causa mais plausível para a diminuição de nomes brasileiros entre os batizados de 1937 está na pressão interna exercida por membros da comunidade no sentido de manter os valores da cultura alemã e influenciar as pessoas para atribuir nomes alemães a seus filhos.

A partir do final da década de 1930, os imigrantes alemães no Brasil passam a ser cerceados, pelo regime do Estado Novo, no cultivo dos valores da cultura alemã e pressionados no sentido de se integrarem à cultura brasileira. Baseando-se nos dados desta pesquisa onomástica, conclui-se que muitos imigrantes cedem a essa pressão e passam a abandonar rapidamente os padrões

onomásticos oriundos da Alemanha, adotando padrões onomásticos brasileiros.

Nas décadas de 1940 e 1950, os nomes dados pelos membros da comunidade luterana espelham um movimento acelerado de integração à cultura dominante. O ano de 1947 representa, na esfera onomástica, um ano com características até então nunca presentes e posteriormente nunca repetidas. A porcentagem de nomes aportuguesados e de nomes brasileiros duplica. Ela salta de 39% em 1937 para 81% em 1947. A maioria dos nomes luteranos masculinos passa a ter um final vocálico, segundo os padrões da cultura dominante. Naquêle ano se registra o maior número de nomes femininos terminados em consoante ou em "i" e "y", e a menor porcentagem de nomes terminados em "a" e "e". A duplicação consonantal quase desaparece a partir de 1947 e só ressurge entre os nomes femininos em 1987. O costume de repetir o nome de um padrinho praticamente desaparece. E, para não deixar dúvida quanto à disposição de se integrar na cultura brasileira, uma família resolve homenagear aquele que foi o maior nome político da época estado-novista, dando em 1957 o nome de "Gueitulho" a seu filho.

Nos trinta anos ulteriores, Curitiba se torna uma cidade grande e altamente industrializada. A tentativa de reorganização da comunidade germânica de Curitiba, após os festejos relativos ao Centenário do Paraná, fracassam. A aculturação segue e aprofunda-se a cada década. Os luteranos estão cada vez mais integrados na cultura local e as características da onomástica da comunidade luterana certamente refletem em grande parte os traços da onomástica da cultura brasileira vigente na região

metropolitana de Curitiba.

É cada vez mais reduzido o número de nomes alemães etnicamente marcados. Evita-se, assim, a possível barreira étnica representada por esses nomes. Os nomes masculinos com ditongos alcançam a mais expressiva porcentagem deste século em 1967, e despencam para 3% em 1987, quando um novo modismo passa a dominar: nomes masculinos "devem", parece, ter hiato, como nestes exemplos de 1987: "Andreas", "Demian", "Eduardo", "Ezequiel", "Jeremias", "Rafael" e "Tiago". Também os nomes femininos adotam esse modismo. Ajustando-se aos parâmetros da onomástica brasileira, surgem nesse período cada vez mais crianças com mais de um sobrenome. A presença de rima entre os nomes de menina se torna regra para mais da metade das batizadas.

Os nomes usados na comunidade luterana sofreram mudanças durante os mais de 100 anos de presença dos luteranos em Curitiba. Muitas dessas mudanças foram provocadas, ou pelo menos influenciadas, por acontecimentos na Alemanha, por pressão do governo brasileiro, pela sociedade brasileira em Curitiba e pela pressão da própria comunidade alemã local.

4.7. Análise da Variante "Sexo do Nomeado"

Serão analisadas a seguir as diferenças constatadas na atribuição de nomes a meninos e meninas e a capacidade da tendência de uma época para uniformizar o comportamento onomástico dos nomes de ambos os gêneros ou os caminhos específicos que os nomes tomaram por serem de um dos gêneros.

Na classificação dos nomes, percebe-se que os nomes

atribuídos adotam soluções divergentes na crise de 1937. O número de nomes alemães etnicamente marcados decai de 52% em 1937 para 13% em 1947 entre os nomes masculinos; entre os femininos, decresce de 58% para 42%. A porcentagem de nomes brasileiros diminui repentinamente de 14% em 27 para 9% em 1937 entre os femininos sob o nacionalismo alemão. Na atribuição de nomes a meninos, os pais não se sujeitam tanto à onda daquele momento e atribuem 22% de nomes brasileiros.

A classificação de nomes revela também uma atitude menos conservadora na atribuição de nomes masculinos. Os meninos recebem mais cedo um nome brasileiro do que as meninas, e a porcentagem desses nomes é sempre superior entre os masculinos. Os femininos recebem sempre um número superior de nomes alemães flexíveis e de nomes alemães etnicamente marcados. Também é maior entre os nomes femininos a quantidade de nomes de origem francesa e de nomes fantasiosos.

O número de crianças que recebem o mesmo nome é superior entre os masculinos. Na busca de um nome para uma menina, os pais tendem a imitar menos os nomes dados a outras meninas. A busca do nome diferente e original se faz notar de um modo mais forte entre os nomes femininos.

A concentração maior ou menor de escolhas dos mesmos nomes foi constatada através do levantamento da porcentagem de atribuições dos oito nomes mais comuns em cada fase. Segundo os dados obtidos, verifica-se que apenas oito nomes somam 67% das atribuições de nomes masculinos em 1867. Os oito nomes femininos mais comuns alcançam nessa data apenas 52% das meninas batizadas. No último ano pesquisado, 1987, os oito nomes masculinos mais

comuns somam 42% do total, os femininos apenas 36%.

Na quantidade de prenomes dados a uma criança a pesquisa revela que, enquanto durou a tendência de atribuir três ou mais nomes, há uma leve preferência a dar um número maior de nomes a meninas. A partir de 1917, no entanto, as meninas passam a superar os meninos na quantidade de prenomes únicos, e em 1987 67% das meninas recebem só um prenome contra 42% dos meninos. Em relação à quantidade de binômios, ocorre conseqüentemente o oposto. Depois de 1917, a atribuição de dois prenomes é sempre superior entre os nomes masculinos.

O primeiro caso de atribuição de mais de um sobrenome ocorre em 1927: "Adelaide LEITE FERREIRA". A partir de 1947, surgem outros exemplos, até que o sobrenome múltiplo se torna um modismo, atingindo, em 1987, 56% das meninas. Entre os meninos esse modismo se inicia em 1967 e é menos intenso, apenas 42% daqueles recebendo mais de um sobrenome.

É mais comum a repetição de nome acontecer na atribuição de nomes masculinos do que na de femininos. É mais alto o número de repetições do nome do pai para formar o nome da filha do que o de repetição do nome da mãe para formar o nome do filho. Em ambos os gêneros, a repetição é incomum quando se trata de prenome único.

Até 1937 é maior o número de nomes femininos iniciados por vogal; a partir de 1947, os masculinos têm um número levemente superior de nomes assim iniciados. Os nomes femininos chegam em 1917 a 57%, os masculinos apenas a 42%.

Na primeira fase, os nomes masculinos terminam em sua

totalidade em consoante: chegam em 1987, em sua maioria, terminando em vogal. Os femininos terminam em vogal na primeira fase, chegando a ter em 1947 22% terminados em consoante, mas se desenvolvem no final da pesquisa em direção ao final vocálico. As vogais finais femininas são /a/, /e/, /i/ ou /y/. No campo masculino adotou-se /o/, e nas últimas fases se usa cada vez mais a vogal /e/. Ambos os gêneros usam final /i/ ou /y/, o feminino mais do que o masculino.

A duplicação consonantal é por excelência uma característica dos nomes femininos. Os masculinos registram alguns casos antes de 1937, enquanto o número de nomes alemães etnicamente marcados é alto. Quando, a partir de 1947, os nomes brasileiros passam a dominar entre os masculinos, desaparece também a duplicação. Entre os femininos ela aumenta, apesar do aumento de nomes brasileiros.

Entre os nomes masculinos a preferência recai sobre ditongos. Só depois de 47, com o aumento de nomes brasileiros, cresce o número de nomes com hiatos. A presença de hiatos não está, porém, ligada somente ao crescimento dos nomes brasileiros. O número de nomes brasileiros permanece depois de 1947 em torno de 55% e até diminui em 1987, mas a quantidade de hiatos cresce continuamente, chegando a superar o número de nomes com ditongos, em 1987.

Entre os femininos, o número de nomes com ditongos também supera os nomes com hiatos, mas não de modo tão significativo como nos masculinos. Também nestes a quantidade de nomes com hiatos supera os com ditongos em 1987.

A rima entre os nomes de uma pessoa nascida até 1927 está

mais presente nos nomes masculinos do que nos femininos. A partir de 1937, essa característica é porcentualmente superior entre os femininos, e cresce fortemente até alcançar na última fase 67% das atribuições de nome, 51% a mais do que entre os nomes masculinos.

5. Apresentação e Análise dos Dados relativos aos Nomes Menonitas

5.1. Número de Indivíduos

O número de nomes menonitas pesquisados não representa a totalidade do universo da onomástica menonita no Brasil. Os menonitas não batizam suas crianças e não há nenhuma central onde se encontram registrados os nomes dos menonitas. O nome do indivíduo é registrado na igreja somente quando ele toma a decisão de se deixar batizar, normalmente depois dos 12 anos. Não foi possível conseguir acesso a todos os livros de registro batismal de adultos de todas as igrejas menonitas de todo o período pesquisado, pois, em alguns casos, esses registros se perderam ou simplesmente se encontram desorganizados; ou, então, a igreja relutou em colocá-los à disposição, talvez por registrarem simultaneamente outros acontecimentos de caráter reservado.

Os nomes coletados abarcam o período de 1930 até os primeiros meses de 1991. Há registros de nomes em todos os anos desse período de 60 anos. As fases em que os nomes foram agrupados, as características que dão contornos específicos a cada fase e a média de nomes obtidos por ano são os seguintes:

1ª fase, de 1930 a 1938. Estão presentes na pesquisa os nomes de 223 indivíduos nascidos nesse período, numa média de 24,7 indivíduos por ano. Essa fase abrange o tempo pré-guerra, quando os menonitas chegam ao Brasil - mais especificamente ao interior de Santa Catarina - e procuram se instalar numa região montanhosa e sentida por eles como hostil, pois estavam

acostumados às extensas estepes da Rússia. Entre 1933 e 1937, uma boa parte dos menonitas decide individualmente ou em famílias procurar uma região mais adequada para se instalar e se dedicar à agricultura, e começa a se fixar nos arredores de Curitiba até o final da década;

2ª fase, de 1939 a 1951. Foram coletados os nomes de 411 menonitas, nascidos em sua grande maioria em Curitiba, numa média de 31,6 pessoas por ano. Formam-se nesses anos as comunidades de Vila Guaira, mais próxima da cidade de Curitiba, e do Boqueirão, distante 10 quilômetros da cidade, uma comunidade onde moram no início exclusivamente menonitas. Nesses anos acontece a pressão governamental contra os falantes de alemão no Brasil;

3ª fase, de 1952 a 1963. Há os nomes de 463 pessoas nascidas nesse período, 38,6 pessoas por ano. A pressão contra a cultura alemã diminui nessa fase, e as pessoas se voltam para o estudo e o uso mais desinibido da língua alemã;

4ª fase, de 1964 a 1969. Obtiveram-se os nomes de 234 indivíduos nascidos nesses anos, o que dá uma média de 39 por ano. O crescimento da cidade de Curitiba quebra o isolamento geográfico da comunidade e se inicia o processo de loteamento de chácaras menonitas e a presença cada vez mais numerosa de não-falantes de alemão dentro dos limites da comunidade;

5ª fase, de 1970 a 1979. Desse período se obtiveram os nomes de 370 indivíduos, uma média de 37 por ano. Nesses anos se aprofunda o processo de ruptura do isolamento da comunidade através da presença cada vez maior de não-menonitas nas vizinhanças, no Colégio Erasto Gaertner (a escola da comunidade menonita), através da presença de jovens menonitas nas

universidades, etc.

6ª fase, de 1980 em diante. Foram obtidos os nomes de 365 pessoas nascidas nesses anos, numa média de 33 por ano. A convivência com não-falantes de alemão se intensifica a tal ponto que as igrejas passam a realizar reuniões religiosas em português com o objetivo de alcançar os não-falantes de alemão das redondezas e aquelas pessoas da comunidade que casaram com não-alemães.

5.2. Os Nomes dos Menonitas antes da Chegada

Há registros de nomes de menonitas em dois momentos antes da chegada ao Brasil. O primeiro registro obtido [1] revela o nome dos imigrantes masculinos que se dirigiram à Rússia entre 1789 e 1820. O segundo registro [2] revela o nome dos menonitas masculinos que vieram ao Brasil.

Final do século XVIII: há o registro dos nomes masculinos de 2968 indivíduos e o total de 2998 prenomes registrados, em média um prenome por pessoa. Há apenas trinta binômios, 1% do total.

"Johann" é o nome mais empregado, 502 vezes. Com suas variantes "Hans" e "Johannes", o nome alcança 17% das atribuições de nome. Seguem-no por ordem de preferência:

Jakob/Jacob	486
Peter	440
Abraham	255
Heinrich	251
Gerhard	174
Cornelius/Cornel/Kornelius	158
Franz	109
Isaak	102
David	84

Os quatro nomes mais comuns são atribuídos a mais da metade

da população masculina. Os oito mais comuns alcançam a porcentagem de 79% da comunidade. Há, portanto, uma grande concentração no uso de poucos nomes. Sete entre os dez primeiros colocados são nomes oriundos da cultura hebraico-bíblica. Isso indica a intensidade com que os nomes bíblicos estavam determinavam a onomástica menonita daquela época. Apenas três nomes são de origem germânica: "Heinrich" (7,8% de atribuições), "Gerhard" (5,4%) e "Franz" (3,3%). Somando-se todos os nomes de origem hebraico-bíblica, conclui-se que eles perfazem 79% das atribuições.

Os registros permitem mais algumas observações: 15% dos nomes iniciam com vogal, 85% com consoante. Somente duas entre 2996 atribuições de nome terminam em vogal. A regra determina uma consoante no final de um nome masculino nessa época. Há pouquíssimos ditongos e hiatos.

A "Mennonite Encyclopedia" [3] registra sobre a onomástica menonita na Rússia:

"... há certos nomes considerados 'menonitas'. Esta é uma das características dos menonitas de vários países e regiões. Eles perpetuaram não somente certos nomes de família e prenomes, mas também nomes de povoaamentos, vilas, instituições, etc. [...]. os prenomes foram sobretudo nomes tomados da bíblia como aqueles dos puritanos e outros grupos religiosos. Entre os menonitas russos havia a tradição segundo a qual os mesmos nomes eram repetidos na família. O filho mais velho recebia o nome do pai ou avó, a filha mais velha recebia o nome da mãe ou avó. As outras crianças recebiam os nomes de tios e tias Do período entre 1695 e 1799 [período em que moraram na Prússia] foram pesquisadas 921 atribuições de nome. Esta lista continha somente 40 diferentes prenomes, sendo todos os outros repetidos. De 1860 a 1875 [na Rússia] foram examinadas 1328 atribuições de nome e encontraram-se somente 54 prenomes diferentes, o que comprova a tradição ininterrupta da repetição dos mesmos nomes na família".

Há um registro dos nomes dos imigrantes masculinos na chegada ao Brasil, em 1930 [4] com um total de 198 atribuições de nomes [5]. Os oito nomes mais usados são os seguintes:

Johann/Johannes	42
Jakob/Jacob	32
Heinrich	29
Peter	26
Gerhard	11
David	10
Abram/Abraham	9
Kornelius/Cornelius	8

O nome preferido detém 21% das preferências. Os quatro mais usados nomeiam 65% da população menonita masculina. Os oito preferidos perfazem 83% das atribuições. Os nomes hebraico-bíblicos somam 67% dos nomes. 8% dos nomes iniciam com vogal, 92% com consoante. Somente duas entre 198 atribuições de nome terminam em vogal.

Comparando-se os nomes dos menonitas na ida para a Rússia com os nomes dos imigrantes em 1930, observa-se que pouca coisa mudou durante os 150 anos na Rússia. A lista dos nomes preferidos é a mesma, o primeiro colocado concentra em 1930 um número ainda maior de atribuições. Os nomes de origem hebraico-bíblica continuam somando dois terços das atribuições de nome. As letras iniciais e finais dos nomes continuam sendo as mesmas. As únicas novidades: os nomes "Alexander", "Hugo" e "Waldemar", com uma atribuição cada, não constam na primeira lista. Eles representam, portanto, aquisições novas na Rússia. Há também duas grafias novas de nomes já usados no século dezoito: "Abram" (de "Abraham") e "Nicolei" (de "Nikolaus").

5.3. Os Nomes Empregados no Brasil segundo a Filiação Cultural [vide quadros nº 16 e nº 17]

É revelador observar os nomes menonitas segundo a sua respectiva classificação e a época em que cada classe de nomes foi mais utilizada. Durante a primeira fase (1930-1938), observa-se a supremacia absoluta dos nomes alemães etnicamente marcados, como "Dietrich", "Franz" e "Elfriede". Entre os masculinos eles alcançam 90%, e entre os femininos 74% das atribuições. Os outros nomes são nomes alemães flexíveis, como "Daniel", "Dorotea" e "Alice". Há, no entanto, alguns nomes aportuguesados e um nome brasileiro que revelam uma faceta importante a respeito do contexto sociopolítico em que os menonitas se encontravam no final da década de trinta. Os nomes aportuguesados "Francisco", "Geraldo", "João", "Pedro" e "Liliana" foram todos atribuídos por famílias que tinham recentemente emigrado para o Paraná. Os imigrantes que permaneceram em Santa Catarina continuaram todos a atribuir nomes alemães; os que se mudaram para o Paraná se encontravam num contexto social diferente, e atribuíram conseqüentemente também nomes aportuguesados, apesar de desconhecerem a língua.

Durante a segunda fase, que vai de 1939 a 1951, abrangendo o período de oposição governamental à cultura alemã no Brasil, registra-se uma onomástica totalmente diferente. Observa-se que não acontece uma migração gradativa de um tipo de nomes para outro. Pelo contrário: repentinamente passam a dominar no grupo masculino os nomes alemães aportuguesados. Se na fase anterior eles perfaziam 4% do total, agora - apenas 10 anos após a chegada ao Brasil - eles somam 41%. Os pais tomam os nomes que teriam

sido atribuídos em alemão, se as circunstâncias o permitissem, e os traduzem para o português. De "Erich" resulta "Erico" e "Eurico"; de "Horst", "Orestes"; de "Wilhelm" ou "Willy" resulta "Guilherme"; e, de "Hermann", "Germano". Entre os nomes femininos a mudança não é tão acentuada. Aí se registram somente 9% de nomes aportuguesados, como "Edite", "Elfrieda" e "Renaça".

Registra-se também o uso de alguns nomes classificados como brasileiros (isto é, nomes não usuais entre os menonitas e, portanto, não traduzidos do alemão; tais nomes foram aprendidos no meio ambiente brasileiro). São eles: "Aristides", "Carlos", "Mário", "Miguel" [6], "Dolores". Há formas correspondentes em alemão para os nomes "Carlos" e "Miguel", mas essas eram desconhecidas dos menonitas.

Na terceira fase (1952-1963), acontece uma inversão do processo registrado na fase anterior. Os nomes alemães, que tinham se reduzido à metade das atribuições entre os nomes masculinos, aumentam novamente em mais de 10%. Os nomes aportuguesados, que alcançaram 41% na segunda fase, diminuem para 32% na terceira.

Entre os nomes femininos não acontece essa inversão. O número de nomes brasileiros e aportuguesados chegara na fase anterior apenas a 11%. Os 89% de atribuições de nomes alemães e alemães flexíveis da segunda fase diminuem lentamente na terceira para 85%, 20% a mais do que os nomes masculinos. A terceira fase é, portanto, marcada por um retorno aos valores da cultura alemã entre os menonitas, espelhado na manutenção de uma porcentagem alta no uso de nomes alemães no feminino e pela diminuição do número elevado de nomes não-alemães no masculino.

As três últimas fases são caracterizadas pela diminuição uniforme da atribuição de nomes alemães e alemães flexíveis e pelo aumento gradativo no uso de nomes aportuguesados e nomes brasileiros. No feminino, registra-se uma diminuição dos 85% de nomes alemães da terceira fase para 45% na última. Essa diminuição é rápida sobretudo na quarta fase. No masculino a diminuição de nomes alemães vai de 64% na terceira fase para 37%, na sexta. A porcentagem de nomes aportuguesados entre os femininos não passa de 13% em toda pesquisa; entre os masculinos, ela permanece alta até a quarta fase, diminuindo então de 34% para 20% das atribuições no final. Os nomes brasileiros aumentam no feminino um pouco mais do que no masculino, e chegam a 38% contra 33% no masculino.

Um fenômeno surpreendente da classificação dos nomes usados pelos menonitas surge na quarta fase e atinge 10% dos nomes em ambos os gêneros: é a presença de nomes que revelam uma influência de culturas da língua inglesa. São exemplos da quarta fase: "Edward", "Newton", "Stanley", "Wesley", "Marlyn", "Jeanne". Na sexta fase continuam os nomes anglo-americanos, mas surgem agora no feminino nomes procedentes da cultura italiana: "Alessandra", "Andressa", "Bianca", "Daniele", "Gabriele" e outros. Esses nomes estão incluídos na da classe dos nomes brasileiros a partir do pressuposto de que se teve acesso a eles através da cultura brasileira.

5.4. Os Nomes Menonitas mais Comuns [quadro 18]

Com base nos dados relativos à porcentagem de atribuição dos nomes masculinos mais comuns entre os menonitas, nota-se que havia na Rússia uma concentração muito alta no uso de poucos nomes. Na chegada ao Brasil, oito nomes diferentes eram suficientes para nomear 84% da população masculina. Durante a primeira fase, os oito nomes mais usados ainda são suficientes para nomear 58% da população masculina e 49% da feminina. A partir de então acontece uma diminuição gradativa no uso de nomes preferidos. A procura por nomes novos e diferentes é maior no feminino, e faz com que os oito nomes preferidos somem na última fase apenas 22% das atribuições, 6% a menos do masculino, que soma 28%.

A seguir, procurar-se-á observar a evolução onomástica através da análise dos nomes masculinos mais comuns. Para tanto serão tomados os nomes que alcançaram o primeiro e segundo lugar na preferência de cada uma das fases analisadas. A lista abaixo assinala primeiro o(s) nome(s) preferido(s) na comunidade em cada fase e, depois da vírgula, aparece(m) o(s) nome(s) que está(ão) em segundo lugar na preferência. O sinal "+" une variantes do mesmo nome:

Na Rússia: Johann+Johannes, Jakob+Jacob

Na chegada ao Brasil em 1930: Johann+Johannes, Jakob+Jacob

1930-1938: Johann+Hans+João+Hansi, Heinrich+Heinz+Henrick

1939-1951: Henrique+Heinrich+Heinz+Heintz+Heins, João+Hans+Johann

1952-1963: Hans+João+Johann, Henrique+Heinz

1964-1969: Ronald+Ronaldo, Gerhard+Geraldo+Gerd e Henrique+Heinz

1970-1979: Carlos+Carl+Karl+Karlo, Henrique+Heins e Ricardo+Richard

1980-1990: André+Andreas+Andre, Rafael e Ricardo+Richard

Os primeiros lugares na preferência dos menonitas na sua ida

para a Rússia no final do século XVIII e na sua chegada ao Brasil são os mesmos. Não só os mesmos nomes ocupam a mesma posição de preferência, mas também as mesmas variantes. A lista de preferência onomástica dos menonitas nos primeiros anos no Brasil permite entrever que a tradição onomástica, que permanecera intocada por 150 anos na Rússia, começa a ser quebrada. O nome que teve a liderança absoluta na Rússia consegue manter-se em primeiro lugar, mas somente através de três novas variantes. A variante "Johann" recebeu 10 atribuições, as outras três 14. O prenome "Heinrich", que na chegada ocupava o terceiro lugar na preferência assume agora a segunda posição complementado por duas variantes. Essa fase se caracteriza pela quebra da tradição no sentido de procura de diversas variantes novas para os nomes já sempre usados.

Durante os anos de guerra, a preferência recai sobre o nome "Henrique+variantes", sendo que as variantes alemãs alcançam somente a metade das atribuições do nome. No segundo colocado a variante aportuguesada detém 18 das 21 atribuições. Essa fase continua a característica da anterior no tocante à atribuição de variantes diversas de nomes tradicionais, e usa principalmente nomes aportuguesados. Nos oito nomes mais usados, o nome aportuguesado é a variante mais usada durante a fase.

Na terceira fase (1952-1963), volta-se a usar o nome tantas vezes preferido entre os menonitas, sob a variante "Hans" e "João". A variante "Johann" passa a ser considerada ultrapassada. Somente duas das 21 atribuições recaem sobre ela. A variante "João" foi empregada oito vezes, sete vezes para introduzir um

binômio em que era seguida por um nome alemão etnicamente marcado: "João Werner", "João Dieter", "João Herbert", etc. Tal acontece até 1959, quando a variante "João" é substituída pela variante "Hans", que exerce a mesma função, ou seja, ser o elemento introdutor de binômio. Registram-se agora: "Hans Dieter", "Hans Werner", "Hans Herbert". Entre 1959 e 1962 isso se dá sete vezes. Baseado no uso das variantes "João+Hans", percebe-se que os menonitas passam a sentir liberdade onomástica completa somente a partir de 1959.

Na quarta fase, registra-se o abandono em definitivo de todas as variantes do nome "Johann". Um nome novo e até então incomum assume a preferência dos menonitas. É o nome "Ronald+Ronaldo". Seguem-no nomes de uso tradicional na comunidade.

A quinta fase (1970-1979) marca novamente um retorno à reserva tradicional dos nomes menonitas nas primeiras colocações. É, no entanto, significativo o número alto de atribuição de nomes brasileiros, fato que até então acontecera apenas esporadicamente. Entre os oito nomes mais utilizados estão "Ricardo", "Claudio", "Marcelo" e "Marcio". Os nomes alemães e aportuguesados passam, a partir dessa época, para o segundo plano.

Na última fase (1980 em diante) nomes novos assumem a ponta da preferência comunitária. Os nomes "André+variantes" e "Rafael" tinham tido até então um uso diminuto. Repentinamente, eles caem no gosto popular e são atribuídos muitas vezes. É característico dessa época a alternância rápida dos nomes da preferência.

A seguir se observarão os nomes menonitas femininos sob a

perspectiva do uso preferencial de determinados nomes:

1930-1938: Maria+Marichen, Anna+Anni+Ana
 1939-1951: Anna+Ana+Anne+Anita+Anni, Hildegard+Hilda
 1952-1963: Ursula, Marlene
 1964-1969: Regina, Elisabeth+Elisabete
 1970-1979: Cristina+Cristine, Simone
 1980-1990: Cristina+Cristine+Christina, Caroline+Karoline

Não há dados disponíveis que revelem os prenomes femininos mais usados na Rússia. Sabendo-se, no entanto, que no início ainda é alta a taxa de nomes repetidos e que a tradição é naqueles tempos uma regra importante para determinar a escolha de nomes, é lícito pressupor que os nomes mais usados na primeira fase são os mesmos usados na Rússia.

Mais rápido do que entre os nomes masculinos se faz presente a renovação onomástica na lista de preferências dos nomes femininos da segunda fase. O nome "Hildegard+Hilda" salta de uma atribuição na primeira fase para 14 atribuições na segunda. "Helga", que tem duas atribuições na primeira fase, recebe 12 na segunda. Registra-se entre os nomes femininos um grau inferior de fidelidade às preferências onomásticas vigentes, e se procuram aqui mais rapidamente nomes novos do que para meninos.

Na terceira fase os nomes femininos sofrem outra vez uma renovação total. Os nomes "Hildegard+Hilda" e "Helga" desaparecem da lista dos oito nomes mais usados e os nomes "Ursula" e "Marlene" encabeçam a lista. Esse processo de renovação continua entre os nomes femininos a cada fase nova. Somente o nome "Cristina+variantes" consegue permanecer na preferência por mais de uma fase entre 1970 e 1990.

Tanto os nomes menonitas masculinos como os femininos são atribuídos com diversas variantes. Nos femininos a alternância de

nomes das primeiras colocações é maior. A lista de nomes preferidos revela que os pais não se preocuparam tanto e tão rapidamente em atribuir nomes aportuguesados ou brasileiros para meninas quanto para meninos. Neste caso, eles sinalizaram desde a primeira fase uma disposição maior para se aproximar da cultura dominante.

5.5. Número de Prenomes e Sobrenomes [quadros nº 19 e nº 20]

O padrão básico empregado pelos menonitas após sua chegada ao Brasil é a atribuição de um prenome e um sobrenome: "Isaak BRAUN", "Katharina NEUFELD". É excepcional o caso de mais de um prenome: "David Ernest KROEKER", "Franz Peter WIELER" ou "Gerhard Henry NEUFELD". Se no início somente 10% dos meninos recebem dois prenomes, a porcentagem duplica no período da guerra, permanece igual na terceira fase e salta para a faixa dos 40% nas últimas três fases. No feminino, os binômios não alcançam uma preferência tão alta. No final, 30% das meninas recebem dois prenomes. São exemplos da última fase "Vanessa Cristina", "Paula Denise", "Karoline Andressa".

O aumento mais significativo de binômios ocorre entre 1964 e 1969, quando salta de 26% a 42% a porcentagem dos meninos que recebem dois prenomes. Há entre esses binômios uma certa preferência pela atribuição exclusiva de prenomes alemães etnicamente marcados, como "Claus Dieter", "Gerd Uwe". Registram-se também outras combinações com o uso de nomes alemães aportuguesados ("João Alfredo") ou então a combinação de duas classes diferentes de nomes, como "José Errico".

Nas últimas três fases, surgem certas combinações de prenomes que alcançam a preferência de muitos, como é o caso de:

- "Carlos Henrique", atribuído oito vezes;
- "Carlos Alberto", atribuído cinco vezes;
- "Paulo Henrique", atribuído cinco vezes;
- "João Geraldo", atribuído cinco vezes e
- "Paul Gerhard", também atribuído cinco vezes.

No feminino não é tão comum a repetição de binômios como no masculino. Os binômios mais usados são:

- "Marcia Regina", usado três vezes;
- "Vanessa Cristina/e", usado três vezes;
- "Claudia Cristina", duas vezes.

Observa-se também que certos prenomes são utilizados preferencialmente para formar binômios. Um dos prenomes mais empregados na formação de binômios masculinos "Henrique". é significativo observar quando ele é colocado na primeira parte do binômio e quando na segunda. Ele aparece

- na segunda fase: onze vezes na primeira posição e nenhuma vez na segunda posição,
- na terceira fase: onze vezes na primeira posição e nenhuma vez na segunda posição,
- na quarta fase: uma vez na primeira e cinco vezes na segunda,
- na quinta fase: nenhuma vez na primeira e nove vezes na segunda,
- na sexta fase: nenhuma vez na primeira e oito vezes na segunda.

Para introduzir um binômio masculino prefere-se tomar um

nome novo, que uma vez desgastado pelo uso repetido passa a figurar na segunda posição dos binômios.

Também na formação de binômios femininos há certos nomes que são empregados repetidamente. O nome "Regina" é usado entre 1952 e 1980 doze vezes para a formação de binômios. Em todas elas ele figura na segunda posição. O nome "Cristina/e" é empregado dezoito vezes durante a quinta e a sexta fase para a formação de binômios. Dezessete vezes ele está na segunda posição. O nome "Vanessa" se populariza durante a última fase. Ele está, nas cinco vezes em que compõe um binômio, na primeira posição.

Os exemplos citados não são suficientes para dizer com precisão quando um nome muito empregado aparece numa certa posição no binômio. Na formação de binômios femininos, parece vigorar também a regra de que um nome novo é colocado na primeira posição de binômios. Os exemplos "Regina" e "Cristina/e" parecem, no entanto, contradizer essa regra, pois em nenhum momento são utilizados para introduzir binômios. Talvez disso proceda que nomes muito repetidos sejam colocados na segunda posição. Talvez haja também algum outro mecanismo determinando esse procedimento.

A repetição de nomes e seqüência de nomes permitem concluir que entre os menonitas vigora uma forte coesão social, que leva muitos pais a escolher num certo momento exatamente os mesmos nomes na mesma posição do binômio.

Desde a década de 1950, registram-se casos isolados de atribuição de mais de um sobrenome entre os menonitas. O seu número só se torna significativo, entretanto, apenas a partir de 1970. Na última fase, 10% das crianças menonitas recebem dois

sobrenomes. Em somente duas famílias se registram três sobrenomes: "Samuel David REIMER EBERLE dos SANTOS" e "Fania FERREIRA ROCHA BÄRG". Em ambos os casos, trata-se de casamentos interétnicos, ou seja, de um menonita com um não-descendente de alemães. De trinta e uma atribuições de mais de um sobrenome no feminino, vinte aconteceram em casos de casamentos interétnicos como "Caroline NIKKEL MAZAY" e "Patricia HARDER do NASCIMENTO". Seria essa uma estratégia usada para preservar explícito no nome a proximidade com a comunidade menonita? Há muitos casos, no entanto, também de dois sobrenomes em filhos da comunidade: "Corina AUGUST SIEMENS" e "Marina ABRAHAMS KLIEWER". Nesses casos, pode-se tratar de um simples modismo ou um sinal a mais de aculturação dos menonitas, ao assumir o costume brasileiro de atribuir mais de um sobrenome. É necessário também levantar a hipótese de que certos nomes de família, depois de mais de meio século de permanência no Brasil, tenham adquirido uma certa fama e valor, pelo menos na opinião dos respectivos pais, para serem preservados no nome da criança e contribuírem na elevação do seu status.

Os menonitas atribuem desde a sua chegada ao Brasil preferencialmente um prenome à criança, no feminino menos do que no masculino. Nas duas últimas décadas vem aumentando o uso de dois sobrenomes.

A possibilidade de adicionar ao sobrenome as palavras "filho", "neto" e "junior" não foi explorado de modo igual em todas as fases. A palavra "filho" é adicionada seis vezes ao sobrenome entre 1939 e 1963. Depois de 1964, ela é empregada somente mais quatro vezes. A palavra "neto" é atribuída sete

vezes na segunda e terceira fase. Depois, desaparece o seu uso. A palavra "junior" aparece só uma vez em cada uma das quatro primeiras fases. Entre 1970 e 1979, não há nenhum registro. Na sexta fase ela é utilizada cinco vezes.

O emprego dos termos acima não acontece regularmente: parece haver um certo modismo que faz com que durante certos períodos "filho" e "neto" sejam mais usados e caíam posteriormente em desuso, e daí desponte o termo "junior" como o acréscimo adequado ao sobrenome. O acréscimo "sobrinho" foi utilizado só uma vez.

Nenhum registro indica o emprego das palavras "filho", "neto" e "junior" na formação de nomes femininos.

5.6. Motivações no Uso dos Nomes

Para descobrir as motivações que levaram os menonitas a escolherem seus nomes, tomaram-se as seguintes variáveis: a repetição de nome, fatores estético-eufônicos, a influência religiosa e a influência sociopolítica.

5.6.1. A Repetição de Nome [vide quadros nº 21 e nº 22]

Segundo a "Mennonite Encyclopedia", os menonitas tinham por tradição na Rússia "repetir os mesmos nomes na família" [7], passando-os assim de uma geração à outra. Tomava-se entre os menonitas o nome do avô, do pai ou dos tios para nomear um menino, e o nome da avó, da mãe ou das tias para nomear uma menina. Entre os menonitas não há a pessoa do padrinho ou da madrinha e, por isso, a repetição do nome de pessoas de fora da família é incomum entre eles.

A tradição da repetição de nome está fortemente presente

entre os menonitas durante a primeira fase, tanto na atribuição de nomes masculinos como de femininos. 25% das crianças recebem um nome repetido até 1938. É certo que a repetição deve ser muito superior do que 25%, pois não foi possível comparar os prenomes da pessoa com os nomes de tios e tias e de outros membros da família além dos nomes dos pais e avós.

A partir da segunda fase, esse fenômeno declina entre os nomes femininos e se reduz, no fim, a 3% dos nomes. É comum ocorrer uma repetição de nome na nomeação feminina na qual não se copia literalmente o nome do antepassado, mas se adota uma variante do mesmo: avó "Katarina" de filha "Käti" (em 1931), mãe "Anna" de filha "Marianne" (em 1941), avós "Maria" e "Helena" de neta "Marilene" (em 1957), mãe "Ana" de filha "Rose Anne" (em 1964), mãe "Maria" de filha "Marion" (em 1977), ambas avós "Helena" de neta "Helen" (em 1981). Na repetição de nomes masculinos a redução se dá mais lentamente e vai de 26% do total de atribuições na primeira fase para 16% na última fase. Entre os nomes masculinos, a força da tradição onomástica é bem mais forte do que entre os nomes femininos.

Há também o registro de três casos incomuns de repetição de nome. Em 1941 um menino recebeu o nome "Rudi", repetindo o nome de um irmão falecido três meses antes de seu nascimento. Em 1944 foi atribuído o nome "Harry" em repetição do nome de outro irmão com esse nome, falecido um ano antes. Nesse período um menino foi denominado "Henrique Eurico", repetindo o nome de um irmão falecido anteriormente de nome "Heinz Waldemar".

Conclui-se que a repetição de nome é um fator motivador na

escolha dos nomes entre os menonitas, comum para ambos os gêneros na chegada ao Brasil, diminuindo entre os masculinos e praticamente desaparecendo no feminino.

5.6.2. Fatores Estético-eufônicos

Será analisado a seguir o valor dado pelos menonitas a aspectos estético-eufônicos na escolha dos nomes e em que medida e onde isso se revela. Com essa finalidade será verificada a configuração gráfica dos nomes, sua sonoridade e a importância dada pelos pais ao resultado auditivo que a pronúncia de uma seqüência de prenomes e sobrenomes evoca.

5.6.2.1. Letra Inicial [vide quadros nº 23 a 25]

Os nomes menonitas têm como padrão básico ao chegar ao Brasil que os nomes iniciem em sua maior parte com consoante. No masculino a porcentagem de nomes iniciados por consoante [87%] é maior do que no feminino [63%]. O quadro de evolução apresentado pelos nomes masculinos quanto à letra inicial é irregular em todo período pesquisado. A quarta fase é o momento de menor uso de consoante no início de um nome [73%], apenas 14% menor do que no início. No final do período, a porcentagem se eleva ligeiramente e se aproxima do quadro inicial. No feminino, constata-se um quadro regular de evolução da letra inicial dos nomes usados. De 37% a porcentagem de nomes iniciados por vogal diminui uniformemente até chegar a 13% na sexta fase, 4% a menos do que os nomes masculinos.

Em algumas fases, há uma preferência visível por certas

letras ou sons iniciais. Na terceira fase 12% dos nomes femininos atribuídos iniciam com mar-, e 12% iniciam com /r/. Na quarta e quinta fase, diminuem os nomes com mar- para 10% e chegam a 6% na última fase. Os nomes com /r/ aumentam para 15% na quarta fase e diminuem nas seguintes.

Estudar-se-á a seguir a evolução de algumas letras iniciais em nomes masculinos e femininos ao longo de todo período. Os nomes femininos menonitas iniciados pelo fonema /k/ (como "Corina", "Karoll" e "Kerstin") revelam uma evolução significativa ao longo do processo de aculturação dos menonitas no Brasil. Os nomes femininos iniciados por esse som perfazem 4% das atribuições na primeira fase. Nas três fases seguintes, a sua porcentagem aumenta em somente 6%. A partir de 1970, acontece um salto repentino e sua porcentagem se duplica: esses nomes passam a perfazer um quinto das atribuições.

Os nomes masculinos sofrem um processo semelhante, que não é, entretanto, verificável no som inicial /k/, o qual apresenta aqui uma evolução muito irregular ao longo do período, com porcentagens de atribuição que se alternam entre 2% e 11%. O fonema inicial que apresenta uma evolução ascendente e regular na onomástica menonita masculina é o /r/ inicial. Na primeira fase apenas 3% dos nomes masculinos usados inicia com /r/: "Robert", "Rolf" e "Rudolf". No decorrer do tempo, surgem nomes novos iniciados por /r/, e a porcentagem de atribuição desses nomes salta a partir de 1952 para 12%. A partir de 1970, esse fonema passa a iniciar um quinto dos nomes masculinos.

Há um outro fonema que sofre uma evolução significativa entre os nomes menonitas masculinos. É o "h" inicial. Na chegada

ao Brasil, 34% dos nomes masculinos iniciavam com "h". Já durante a primeira fase, entre 1930 a 1938, a porcentagem desses nomes diminui fortemente para 26%. Essa porcentagem se mantém até o início dos anos sessenta. No quarto período, os nomes masculinos iniciados por "h" se reduzem à metade da porcentagem da primeira fase e atingem, a partir de 1970, somente 7% dos nomes. Comparando-se as porcentagens de atribuição de nomes masculinos iniciados por "h" e por "r", podem-se observar dois processos opostos. Na medida em que diminui o número dos nomes iniciados por "h", aumenta o dos nomes iniciados por "r". As décadas de 1950 a 1960 são o momento em que as duas tendências se cruzam, uma em sentido descendente a outra em sentido ascendente. A partir de 1970, os menonitas se encontram num patamar onomástico novo.

5.6.2.2. Letra Final [vide quadros nº 26 e nº 27]

Na análise da letra final os nomes menonitas mostram um padrão bem estabelecido: os nomes masculinos terminam em sua totalidade com uma consoante, e quase 90% dos femininos em vogal. Durante a primeira fase surgem 9% de nomes terminados em vogal, indicando o princípio da influência da cultura brasileira sobre a onomástica menonita já cinco anos após a imigração. A análise da letra final dos nomes masculinos mostra que durante a segunda fase, que abrange o período da Segunda Guerra, se dá uma ruptura brusca e definitiva na onomástica menonita. Repentinamente, a metade dos nomes masculinos passa a ter final vocálico. Um padrão que era totalmente desconhecido dez anos antes torna-se a partir de 1940 usual. Durante a terceira fase, ensaia-se uma tentativa

de retorno ao padrão inicial, onde dominam os nomes terminados por consoante; na quarta fase, no entanto, o padrão onomástico brasileiro se impõe em definitivo. Entre os nomes femininos, o final consonantal chega a atingir 26% nos anos sessenta, mas não indica uma evolução clara numa determinada direção. Constata-se, no entanto, que nas últimas quatro fases é registrado o dobro de nomes terminados em consoante do que no início.

A vogal preferida para terminar um nome feminino é /a/. De 61% inicial, chega-se, na década de sessenta, a apenas 31% de nomes terminados em /a/. Os nomes terminados em /e/ experimentam uma curva ascendente regular de 14% no início para 32% no final. O número de nomes terminados em /i/ é significativo até o final dos anos sessenta. A partir de 1970, ela se torna insignificante. A vogal preferida no masculino é /o/ desde 1939. Desde então, essa vogal oscila entre 30% e 40% das atribuições de nome. A porcentagem dos nomes terminados em /e/ oscila desde 1939 entre 9% e 11%. Na década de cinquenta, quando acontece um movimento de retorno à onomástica alemã, o número de nomes terminados em /a/ e /e/ diminui e, proporcionalmente, aumenta a porcentagem de nomes terminados em consoante.

5.6.2.3. Duplicação Consonantal

Os nomes menonitas masculinos apresentam inicialmente uma porcentagem alta (22%) de duplicação de consoantes. São exemplos da primeira fase: "Harry", "Hermann", "Johann" e "Willy". A presença desses nomes se reduz à metade na segunda fase, e se torna insignificante a partir dos anos cinquenta nos nomes

masculinos.

A evolução desse mesmo fenômeno transcorre de um modo bem diferente no conjunto feminino. Na primeira fase, 15% dos nomes têm consoantes duplicadas: "Anna", "Anneliese", "Charlotte", "Elli" e "Nelly". Na segunda (1939-1951) e terceira (1952-1963) fases, diminui a frequência destes nomes, mas na quarta (1964-1969) ela se reintensifica (11%): "Anne", "Conny", "Dorris", "Ellen", "Jeanne", "Johanna", "Lieselotte" e "Lotti". Na quinta fase, esses nomes atingem somente 4%. Na sexta, a sua presença é novamente muito significativa (14%): "Alessandra", "Andressa", "Annegret", "Dallila", "Danielle", "Francielle", "Jennifer", "Karoll", "Kelly", "Larissa", "Melissa", "Michelle", "Priscilla", "Rafaelle", "Susanne" e "Vanessa". As consoantes repetidas são "s", "l" e "n".

A presença da consoante duplicada se dá em ondas sucessivas. Na primeira vez em que ela aparece, é motivada pelas regras da ortografia alemã, e não se estranha a sua presença no rol de nomes. O segundo momento de sua presença, no entanto, não se dá por um movimento de retorno a nomes alemães na década de cinquenta, mas a partir de 1963. A duplicação consonantal se apresenta nessa oportunidade bem mais variada e alguns exemplos de duplicação forçada (Dorris) e de procura deliberada de nomes novos em que se justifique o fenômeno (Conny e Jeanne). Na última fase, registra-se somente um nome em que a duplicação é exigida pela ortografia (Susanne), todos os outros provam que houve a procura deliberada de nomes que preenchessem aquela condição. Nos casos em que houvesse a opção entre uma grafia com uma ou duas consoantes, optou-se muitas vezes pela duplicação (Dallila,

Priscilla, etc.).

Conclui-se que a duplicação consonantal nos nomes femininos é, no início, um fenômeno natural, e que, no decorrer dos anos, ela passa a ser usada com fins estilísticos, para dar um destaque ao nome, para fazê-lo sobressair-se.

5.6.2.4. Uso Estilístico de "y" e "h"

Entre os nomes menonitas, o "y" não adquire destaque especial em nenhum momento, quer seja entre os masculinos quer entre os femininos. Em apenas duas fases, a quarta e a sexta, a porcentagem se eleva um pouco acima do normal. Na quarta fase: "Betty", "Conny", "Evelyn", "Haidy", "Marly", "Marlyn" e "Myrta". Exemplos da sexta fase: "Alyne", "Dayana", "Dayse", "Deisy", "Debby", "Évelyn", "Kelly" e "Laryssa". Apesar de se registrar um número reduzido de casos, é possível concluir que a presença de "y" é perfeitamente dispensável e que esse foi empregado em nomes menonitas femininos com finalidade de realçar graficamente o nome. Nos nomes masculinos, a presença do "y" é esporádica. São exemplos da última fase: "Djonny", "Harry", "Henry", "Jorny", "Rodney" e "Symon".

Na chegada ao Brasil, os nomes menonitas masculinos apresentam uma porcentagem alta de presença da letra "h" nos nomes, tanto em posição inicial como em posição medial ou final. É característico dos nomes de imigrantes alemães no Brasil conter cada vez menos a letra "h" em qualquer uma das posições. A letra "h" em posição medial ou final, no entanto, foge à regra na última fase. A partir de 1980, o uso de "h" na composição de

nomes masculinos aumenta para 9% do total das atribuições. São exemplos dessa fase: "Charles", "Christoph", "Christopher", "Christian", "Johann", "Mathias", "Michael", "Philippe", "Richard" e "Thiago".

A presença do "h" é, em vários casos acima, totalmente dispensável. O fato de ele ser usado mesmo sendo desnecessário indica que, para um grupo de pais, a presença de "h" dá destaque especial a um nome de menino. Tanto os nomes em que o "h" é necessário quanto os nomes em que é dispensável são escolhidos, porque ele exerce uma função estilística e dá o realce especial desejado pelos pais.

5.6.2.5. Presença de Ditongos e Hiatos [quadros nº 28 e nº 29]

Se observarmos o início e o final da pesquisa, veremos que a porcentagem de nomes com hiatos e ditongos varia bastante. A presença de ditongos e hiatos evolui ao longo do tempo e espelha o processo de aculturação dos menonitas no Brasil.

Em nomes masculinos não ocorrem inicialmente hiatos. Nomes com ditongos estão presentes em 14% dos casos. Esse quadro muda substancialmente apenas depois de 1970. A partir de então, os nomes com ditongo ou hiato aumentam em curva ascendente. Os nomes femininos apresentam um quadro inicial invertido. Há presença de nomes com hiatos, sendo o número de ditongos insignificante. Os nomes com ditongos sofrem a partir de 1952 uma curva ascendente, e os com hiato sofrem o mesmo a partir de 1970.

Os nomes dos imigrantes menonitas evoluem no Brasil e passam ao longo do tempo a compor-se mais intensamente de ditongos e hiatos.

5.6.2.6. Rima entre Nomes [quadros nº 21 e nº 22]

A rima entre os prenomes de uma pessoa, do prenome com o sobrenome ou dos nomes do indivíduo com os nomes de outros membros da família se registra também entre os menonitas.

Na atribuição de nomes masculinos essa preocupação está presente desde o início: 16% dos meninos recebem na primeira fase nomes que rimam entre si, destacando-se sobretudo a rima da letra inicial do prenome com a letra inicial do sobrenome:

Dietrich DYCK	Die- Dy-
Gerhard Walter WIENS	Wal- Wie-
Heinrich HARDER	H- H-
Johann JANZEN	Jo- Ja-
Dávid DYCK	D- D-
Gerhard HARDER	-hard Har-
Peter ROGALSKY Junior	-ter Ro-

Nas fases seguintes, a presença de rima se torna cada vez maior em nomes masculinos, e atinge na década de sessenta o ápice de 30% dos meninos terem rima em seus nomes. Nas duas últimas fases a porcentagem diminui levemente, mas permanece alta, havendo ainda alguns modelos preferidos de rima. Os exemplos abaixo são retirados da segunda fase à sexta:

a. rima entre as letras iniciais de dois nomes:

Arno Alfredo PAULS	A- A-
Tony TOEWS	To- Toe-
Denis Mauricio DÜCK	D- D-
William James WIELER	Wil- Wie-
João George LÖEWEN	som "j-" nos dois prenomes

b. rima da sílaba final do prenome com a sílaba inicial do sobrenome:

Harry REMPEL	-ry Re-
Manfred FRIESEN	-fred Frie-
Henrique KASDORF Filho	-que Kas-
Marcos KLASSEN	-cos Kla-
Bruno NEUFELD	-no Neu-

João Ivo WIENS

-vo Wie-

c. rima de uma sílaba do prenome com a sílaba inicial do sobrenome:

Alfredo FROESE

-fre- Froe-

José Errico RAUEN WIENS

-ri- Rau-

Arnoldo NEUDORF

-noi- Neu-

d. rima da letra final do prenome com a letra final do sobrenome:

Franz ENNS

-z -s

Fridbert AUGUST

-t -t

Erlon URBAN

-lon -ban

e. coincidência quase completa entre prenome e sobrenome:

Heinrich HEINRICHS

totalmente idêntico além do "s"
final no sobrenome

f. atribuição à criança de nomes com o mesmo número de sílabas ou com um número crescente de sílabas:

Carl Heins OTT

Heinz Dieter SPREDEMANN

g. outras formas de rima:

Klaus Jürgen KRÜGER

Kl- -gen Kr-

Konrad Frank JANZEN

K- -k

Karlo RAKKO

Kar-o Ra-ko [inversão]

As rimas com os nomes de outros familiares não foram pesquisadas especificamente, por não haver registros onomásticos confiáveis que agrupem os nomes de famílias inteiras. Seguem alguns exemplos encontrados casualmente:

Ernesto Herbert LOEWEN

pai e irmãos com H-

Kurt ENNS / mãe Käthe

K-/mãe K-

Willy BRAUN / mãe Fany

-y/mãe -y

Pedro Frietbert HAMM / mãe Frieda

Frie-/mãe Frie-

Cristian Frederik /

irmão Patrik Mathias

-rik/irmão -rik

Johny WINTER / irmão Jimmy

J-y/irmão J-y

Além dos tipos de rima arrolados acima, é possível verificar o cuidado dos pais na escolha de um nome para um filho por outros sistemas uniformizadores dos nomes das pessoas em uma família:

- a. dando a todos os filhos nomes com a mesma letra inicial: "Anderson", "Angela" e "André" são os nomes de três irmãos;
- b. atribuindo a todos os filhos o mesmo número de prenomes e/ou de sobrenomes. "Miriam Cornelia", "Ana Cintia", "Martha Patricia" e "Esther Marina" são os nomes de quatro irmãs;
- c. atribuindo a todos os filhos o mesmo primeiro ou segundo prenome: "João Manfredo" e "João Udo";
- d. atribuindo a todos os filhos um segundo nome cujo elemento de conexão não é estabelecido através de letras semelhantes entre si, mas através do seu valor conotativo. Um pastor escolheu para cada um de seus filhos como segundo nome o nome de um cristão famoso da história da igreja: "Paul Gerhard" ("Paul Gerhard", poeta alemão), "Arthur Wesley" ("Charles Wesley", cantor e "John Wesley", orador) e "Hugo Stanley" ("Stanley", desbravador na África).
- e. dando nomes com um número de letras em cuja soma se obtenha, no final, o mesmo número para todos os filhos. No exemplo abaixo, todos os filhos receberam nomes que no total somam 14 letras: "Tania Elisabeth", "Claudio Manfred" e "Marcio Henrique".

Na atribuição de nomes femininos, os pais não demonstram o mesmo grau de preocupação com a rima do que com os nomes masculinos. O fenômeno da rima é durante as três primeiras fases praticamente imperceptível. Ela não passa de 1% do total de indivíduos femininos. A partir de 1963 o fenômeno da rima passa a se fazer presente, e alcança 10% na sexta fase. Seguem alguns exemplos das três últimas fases:

a. rima entre as sílabas iniciais:

Lise Lotti	Li- Lo-
Carmen Darlene	Car- Dar-
Katya Cristine	Kat- Crist-
Suzana Solange	Suza- so-
Karin KLASSEN ROMÃO	Ka- Kla- e -rin Ro-

b. rima entre as letras ou sílabas finais:

Rose Anne	-e -e
Ingrid Margareth	-id -eth
Ana Cristina	Ana -ina
Helen Marlin	-len -lin

c. rima entre a sílaba final e a inicial do nome que segue:

Karin Regina	-rin Re-
Carin Unjine	-rin Un-
Elke Cristine	-ke Cris-

d. outros tipos de rima:

Marta Patricia	-ta -tri-
Lisete Olinda	Li- -lin-
Loreane Regina	-re- Re-

e. rima com os nomes de outros familiares:

Liliane / mãe Liese	Li-/mãe Li-
Adelgunde/irmã gêmea Adelheide	Adel-e/Adel-e, mesmo número de sílabas
Soraya Lais / irmã Dayana Tais	-aya -ais/irmã -aya- -ais
Gilmara / mãe Marlene	-mar-/ mãe Mar-
Astrid / mãe Sigrid	-rid./ mãe -rid
Debby / irmã Steffy e mãe Betty	-e- + duplic. conson. + -y
Damaris / pai Deodoro e mãe Doris	D-/pai D- mãe D-

Entre o fenômeno da rima e o da repetição de nome, é possível verificar um movimento paralelo que talvez seja significativo. Inicialmente, tanto no masculino como no feminino, o fenômeno da repetição de nome é entre os menonitas muito mais presente do que o fenômeno da rima entre os nomes. No decorrer do tempo, diminui a porcentagem de nomes repetidos no masculino, e a presença da rima se torna cada vez mais significativa, ultrapassando aquela. No feminino a repetição diminui até abranger somente 7% das meninas, quando a presença de rima entre

os nomes femininos começa a crescer. Por fim, registra-se repetição de nomes femininos em apenas 3% das crianças, mas em 10% a presença de rimas. Conclui-se que acontece um movimento até certo ponto simultâneo e contrário entre a rima e a repetição de nome. Quanto mais tempo o grupo de imigrantes está presente no Brasil, menor é a porcentagem de nomes repetidos e maior a presença de rima entre os nomes da pessoa. Na medida em que diminui a obrigação de atribuir nomes pré-estabelecidos através do sistema da repetição de nome, cresce a liberdade de escolher nomes que permitem o efeito estilístico da rima.

5.6.3. A Influência Religiosa

Para verificar a influência exercida pela religião sobre a onomástica menonita, serão postos em contraste os nomes oriundos da cultura hebraico-bíblica e os nomes menonitas masculinos usados nas diversas fases.

Durante toda a estada dos menonitas na Rússia a bíblia foi a principal fonte onomástica. 70% dos meninos recebiam nomes hebraico-bíblicos. Na chegada ao Brasil, esse quadro começa a mudar rapidamente. Durante a primeira fase, esse grupo de nomes ainda alcança 43% das atribuições. Mas, durante o período da Segunda Guerra, essa porcentagem se reduz a apenas 17%. Na década de sessenta se dá o menor número de atribuições desses nomes, 11%. A partir de 1970 a porcentagem de nomes hebraico-bíblicos cresce novamente e atinge na última fase 35% dos nomes dados. São exemplos dessa fase: "André", "Andreas", "Daniel", "Davi", "Eneas", "Felipe", "Gerson", "João", "Johann", "Jonas",

"Jonatan", "Jonatas", "Lucas", "Marcos", "Mathias", "Michael", "Paulo", "Pedro", "Philippe", "Rafael", "Rubens", "Samuel", "Stefan", "Thiago", "Thomas" e "Tobias".

A questão que se coloca é a razão para esse repentino retorno a esse grupo de nomes. Reside a motivação num retorno dos menonitas aos valores representados pela cultura hebraico-bíblica? Ou se trata de um modismo dentro da comunidade ou talvez até em toda região de Curitiba? Só será possível verificar a exata motivação para essa escolha através de entrevistas com os pais [8]. A possibilidade de se tratar parcialmente de modismo deve ser considerada, pois o nome "Rafael", que na fase anterior recebeu quatro atribuições, saltou na última para onze atribuições.

5.6.4. A Influência Sociopolítica

A seguir será analisada a influência que fatores sociopolíticos podem ter exercido sobre os menonitas, direcionando a atribuição dos nomes de seus filhos.

Primeira fase (1930-1938): os menonitas inicialmente se dirigem para o interior de Santa Catarina e fundam três colônias, distantes de qualquer cidade. Ali eles procuram reconstruir sua comunidade destruída pelo comunismo na Rússia. Os nomes adotados nesse tempo de reconstrução material e espiritual da comunidade são muito semelhantes àqueles que seus antepassados usaram na Rússia. A metade dos nomes masculinos atribuídos é de origem hebraico-bíblica. A totalidade dos nomes dados enquanto estiveram

no interior de Sta. Catarina são nomes alemães etnicamente marcados. Nomes masculinos iniciam e terminam em consoante. Continua também forte a tradição da repetição do nome de um antepassado no nome do filho ou da filha. Um pequeno rol de nomes é suficiente. Os mesmos nomes são repetidos por diversas famílias e criam onomasticamente uma unidade social. A tentativa de reconstrução da comunidade de fé, a solidariedade e a coesão social estão refletidos na adoção dos mesmos princípios onomásticos.

A tentativa de fixar raízes em Sta. Catarina começa a falhar em poucos anos, pelas dificuldades econômicas encontradas. Desde o início, há pais que enviam suas filhas a Blumenau para trabalhar nas casas de pessoas ricas e ajudar no sustento de suas famílias muitas vezes numerosas. Outros, insatisfeitos pela falta de planícies cultiváveis semelhantes àquelas que conheciam na Rússia, começam logo a procurar alternativas mais adequadas. Em 1933 as primeiras famílias abandonam a colonização no interior de Sta. Catarina.

A insatisfação com as condições oferecidas pela região que lhes foi indicada para colonizar e o contato que os menonitas estabelecem com outros imigrantes alemães se reflete de diversas maneiras na onomástica. Surgem na comunidade uma série de nomes alemães até então desconhecidos nos últimos séculos, como "Victor" e "Charlotte". Após a saída da Rússia, no final de 1929, os menonitas pretendiam se dirigir para algum dos países da América do Norte, para onde um grande grupo de menonitas tinha emigrado em 1870 e de cuja prosperidade eles já sabiam há muito tempo. O visto de entrada para esses países não lhes foi

concedido, mas o sonho permaneceu. Fruto desse sonho irrealizado deve ser o nome de um menino que nasce em 1936 em Sta. Catarina, chamado "Gerhard Henry".

A grande maioria dos colonos que abandona a região da Serra se dirige aos arredores de Curitiba. Por que os menonitas, ao chegar a Curitiba, adotam imediatamente nomes aportuguesados para seus filhos homens ainda antes que o Estado Novo começasse a repressão à cultura alemã? Já havia naquela época um espírito antigermânico em Curitiba que tivesse constrangido os menonitas nesse sentido? Talvez tenha sido apenas o medo do imigrante apátrida que levou os pais a ter uma reação exagerada de adaptação cultural.

A história dos alemães no Brasil registra no período que antecedeu à repressão do Estado Novo um fenômeno onomástico curioso. Alguns imigrantes alemães, tomando conhecimento da ideologia nazista, colocam-na em prática até em seus próprios nomes. Para se adaptar aos "novos tempos", eles renegam seus nomes "judeus" e adotam nomes novos. Sabe-se de uma "Sara" que se denominou "Karin", de um "Isaak" que se denominou "Ernst".

Segunda fase (1939-1951): este é o período que abarca a época da repressão às culturas de fala alemã pelo governo brasileiro, estendendo-se até alguns anos depois da Guerra. Segundo o relato de um pai, os três filhos que lhe nasceram nesse período não receberam os nomes que ele e sua esposa tinham planejado. A filha mais velha nasceu em 1939 em Curitiba e dever-se-ia chamar "Renate". Quando ele retornou do cartório, o documento registrava sua filha como "Renato". Alertado por outras

peessoas ele voltou ao cartório para retificar o nome, mas ele só sabia algumas palavras em português e o cartório corrigiu o nome registrando "Renata". Alguns anos depois nasceu outra filha. Seu nome deveria ser "Inge". Na certidão de nascimento está, no entanto, registrado "Regina". A terceira criança, nascida em 1944, dever-se-ia chamar "Manfred". O cartório negou-se a registrar, segundo o entrevistado, uma criança brasileira "com um nome alemão". Por isso, foi-lhe sugerido que antepusesse ao nome pretendido um nome brasileiro e por isso seu filho recebeu o nome "João Manfredo".

Os imigrantes menonitas, há apenas 10 anos no Brasil, se sentiam obrigados a dar um passo muito grande em direção à aculturação. Quando a grande maioria da comunidade ainda mal sabia falar uma frase correta em português, quase a metade dos nomes masculinos dados são nomes alemães aportuguesados. O padrão básico para o final de um nome masculino era há séculos, imutavelmente, a consoante. Repentinamente a metade dos nomes masculinos passa a terminar em vogal.

Essa é a época em que muitos meninos recebem um nome no papel, mas usam outro na prática. Só adultos foram estes autores descobrir que um primo, nascido em 1942, não se chamava "Horst", mas "Orestes". Um outro conhecido, chamado por todos de "Harry", porta no documento de nascimento a grafia "Ari". É muito grande o número de pessoas na comunidade que recebe um nome e se torna conhecida pela variável alemã: "Manfredo" só é conhecido como "Manfred", "Renata" por "Renate", "Henrique" por "Heinz", etc. Muitas pessoas nascidas nesse período são conhecidas pelo

"apelido": tem isso ligação com o fato de lhes terem sido atribuídos, no cartório, nomes aportuguesados, que emocionalmente não correspondem à realidade cultural da comunidade? Não foram realizadas entrevistas específicas para comprovar tal.

É durante esse período que começam a surgir muitos nomes escritos incorretamente, tanto em alemão como em português. As incorreções de nomes alemães podem ser atribuídas aos funcionários de cartórios, que desconhecem a ortografia alemã. As incorreções de nomes aportuguesados podem ser creditadas aos colonos alemães, que desconhecem a grafia correta em português.

Terceira fase (1952-1963): a cidade de Curitiba cresce e chega às aos limites geográficos da comunidade. O número alto de nomes aportuguesados adotados por obrigação na fase anterior não diminui radicalmente: os menonitas não fazem um retorno total à onomástica dos primeiros anos de imigração. A presença do português nos nomes dados às crianças se mantém em 36% dos nomes.

Nessa fase, instaura-se um clima de maior liberdade onomástica [9]. Até o ano de 1959, os binômios são introduzidos por nomes aportuguesados, como "João" e "Henrique". Depois de 1959, usa-se "Hans" e "Heinz" para introduzir binômios.

No início da década de 1950 os menonitas fundam a Escola do Boqueirão, onde as crianças e jovens freqüentam aulas ministradas em alemão e em português. Porque o número de aulas dadas em alemão é muito grande, a escola não é reconhecida pelas autoridades. É característico desta fase que o aumento do número de nomes aportuguesados não continua, e se registra até um pequeno aumento da quantidade de nomes alemães. Pode-se afirmar

que há nesta fase uma tentativa de retorno à cultura alemã. Adotam-se não somente nomes alemães usados antes da guerra, mas também são introduzidos muitos nomes alemães novos. Por isso, também não é de se estranhar a presença do nome "Baldur", em 1963, nome de um famoso líder nazista.

Quarta fase (1964-1969): esta fase deve ser vista como a fase de transição. Quando os nomes não-alemães se fizeram presentes na comunidade menonita pela primeira vez, tal aconteceu por imposição externa. Agora os menonitas introduzem espontaneamente cada vez mais nomes não-alemães: nomes aportuguesados e nomes brasileiros ganham presença.

O retorno pleno para o "casulo" da cultura alemã, tentado na fase anterior, não se realiza. O crescimento da cidade abarca a comunidade e começa a penetrá-la. Realizam-se os primeiros loteamentos de chácaras de menonitas. Muitos compradores não são de origem alemã. Em consequência, surgem os primeiros vizinhos não-falantes de alemão. Os brasileiros até então tinham sido estranhos que moravam "lá longe", na cidade, com os quais se tinha contato somente a nível comercial. O número de alunos não-menonitas começa a aumentar na escola da comunidade, freqüentada praticamente por todos os filhos de menonitas, e aumenta o número de relacionamentos interculturais também entre crianças e jovens.

Não existe nenhuma pesquisa que tenha verificado a posição dos menonitas em relação ao regime militar que se impôs depois de 1964. A lembrança pessoal que temos dessa época e as reações de temor publicamente expressas que ouvimos no período de abertura política, durante o governo Figueiredo, eram no sentido de que

esse movimento político iria "abrir novamente as portas para o comunismo no Brasil", pelo qual os pais e avós tinham sido perseguidos e torturados na Rússia. Isso nos leva a crer que os menonitas em sua grande maioria apoiaram o regime militar. Qual teria sido o efeito desse apoio sob o ponto de vista da aculturação desses imigrantes no Brasil? Ele certamente não colaborou com a tentativa de retorno aos valores da cultura alemã.

A análise dos nomes dessa fase comprova as afirmações acima. O número de nomes aportuguesados se mantém alto no masculino e o número de nomes brasileiros deixa de ser insignificante, como nas três fases anteriores, e salta para 12% no masculino e 19% no feminino do total das atribuições. O número de binômios duplica repentinamente no masculino.

Nesta fase, surgem os nomes que denotam uma influência de culturas da língua inglesa, sobretudo entre os nomes masculinos. O número desses nomes continua a aumentar nas fase seguintes e torna-se daí também significativo entre os nomes femininos.

Qual o motivo para esse fenômeno? Desde os tempos da Rússia os países da América do Norte exerceram uma atração forte sobre os menonitas. Quando os menonitas fugiram da Rússia, em 1929, o caos econômico reinante na Alemanha durante aquele período não os atraiu, e novamente eles tentaram imigrar para o norte da América. Segundo um pastor da comunidade menonita, a década de 1960 registra a imigração de várias famílias para o Canadá.

Outros fatores que podem ter influenciado os menonitas para a adoção de nomes anglo-americanos:

- em 1961 foi fundado por um grupo de menonitas o ITE -

Instituto Teológico Evangélico -, que tinha a finalidade de favorecer à formação de pastores para a comunidade. Três dos quatro professores eram procedentes da América do Norte. A atuação desses pastores não se restringiu ao seminário teológico: eles moravam dentro da comunidade e atuavam também nas igrejas;

- desde a década de 1950 pastores menonitas jovens têm sido enviados para completar seus estudos teológicos na América do Norte. Na Primeira Igreja Irmãos Menonitas do Boqueirão atuam em 1992 cinco pastores que estudaram nos Estados Unidos, dos quais quatro fizeram o mestrado na área teológica. Só excepcionalmente algum jovem menonita se dirige à Alemanha para fazer teologia;

- desde o final da Segunda Guerra a comunidade é visitada regularmente por pastores procedentes do Canadá ou dos Estados Unidos para ciclos de palestras;

- o número de menonitas na Alemanha foi durante todo esse período bem inferior ao número de menonitas na América do Norte, e por isso o escritório central, que exerce uma certa liderança sobre os muitos grupos menonitas espalhados pelo mundo, se encontra nos Estados Unidos.

O fato de surgirem nomes que denotam influência inglesa na década de 1960 entre os menonitas de Curitiba é, portanto, compreensível, pois a América do Norte exerce uma força de atração superior à dos outros países.

Quinta fase (1970-1979): a cidade de Curitiba continua crescendo e número de vizinhos não-alemães é cada vez maior. Na Copa do Mundo de 1970, a maioria dos lares têm televisão e a identificação das gerações mais jovens com o Brasil como pátria

· cresce. Os menonitas assistiram certamente também a muitos outros programas de televisão e isso deve ter exercido influência a nível onomástico, mas esta hipótese não foi pesquisada especificamente.

O número de nomes aportuguesados e de nomes brasileiros se torna maioria no masculino e no feminino. O número de nomes alemães, que no masculino já diminuira fortemente na fase anterior, diminui agora também no feminino. A presença de crianças com mais de um sobrenome cresce. Os nomes que revelam influência da cultura inglesa continuam.

Sexta fase (1980-1990): as ruas dentro da comunidade são em sua maioria asfaltadas, constroem-se muitos conjuntos habitacionais dentro dos limites da comunidade, ocupados por não-alemães, é cada vez maior o número de lares menonitas nos quais prepondera o uso da língua portuguesa. Em 1984 as cinco igrejas realizam cultos em português para alcançar os jovens que têm dificuldade para compreender o alemão, para os casais jovens em que um dos cônjuges não domina o alemão, e para alcançar vizinhos e amigos não-alemães. Em todas as cerimônias de casamento uma parte do culto é realizada em português. Somente em serviços fúnebres de pessoas bem idosas uma parte do culto não é conduzida também em português.

· Onomasticamente a última fase repete as porcentagens de uso das diversas classes de nome. O número de nomes alemães permanece o mesmo. A quantidade de nomes anglo-americanos aumenta. Surgem também muitos nomes femininos de origem italiana. Isso pode estar refletindo um modismo onomástico atual na cidade de Curitiba e

comprovar o aprofundamento da aculturação. Pela falta de dados comparativos não é possível contrastar esses dados com o contexto onomástico em geral na região sul.

Baseado na análise acima, pode-se afirmar que as condições sociopolíticas nas quais os menonitas se encontram no Brasil desde a sua chegada os influenciaram fortemente no sentido de levá-los a adotar padrões onomásticos semelhantes àqueles que vigoram na cultura brasileira na região de Curitiba.

5.7. Análise da Variante "Sexo do Nomeado"

A seguir serão analisadas as semelhanças e diferenças constatadas na atribuição de nomes menonitas masculinos e femininos ao longo das diversas fases.

Na escolha de nomes para as filhas, os menonitas mantêm-se em alguns aspectos durante mais tempo apegados à tradição onomástica alemã. O clima antigermânico durante a Segunda Guerra praticamente não afeta a escolha de nomes femininos, mas é determinante para a escolha de nomes masculinos. A determinação legal de atribuir nomes brasileiros é seguida com muito mais empenho nos nomes masculinos. Também na escolha de nomes anglo-americanos os menonitas são mais reservados quanto aos nomes femininos do que quanto aos masculinos. Os nomes alemães flexíveis são usados muito reduzidamente no masculino e com porcentagens significativas no feminino. Os nomes alemães aportuguesados são pouco empregados no feminino, mas muito usados no masculino. Concluindo, usam-se no feminino mais nomes alemães, no masculino mais nomes brasileiros e aportuguesados.

Os oito nomes masculinos mais comuns concentram um número bem maior de atribuições do que os oito nomes femininos mais usados. Somente na quinta fase não há diferença na porcentagem de concentração entre os gêneros, mas essa é retomada novamente na sexta. Nos dois gêneros a procura de nomes novos é crescente em todo período e leva a uma concentração cada vez menor sobre alguns nomes da moda.

Inicialmente há um número bem reduzido de binômios entre os menonitas, no masculino um pouco superior ao feminino. A atribuição de binômios cresce nos dois gêneros, mas permanece no grupo masculino sempre superior à atribuição no feminino. No masculino, o auge dessa evolução é alcançado na quarta fase; no feminino, na quinta. A atribuição de mais de um sobrenome acontece nos dois gêneros, mas no masculino ela é anterior ao feminino. Por fim, 9% das crianças recebem mais de um sobrenome independente do gênero.

Repetição de nomes é um fenômeno mais comum no masculino do que feminino em todo o período pesquisado. No feminino a repetição praticamente desaparece no final, no masculino ela continua presente.

A rima é comum em nomes masculinos desde o início, e alcança o ápice na quarta fase. Em nomes femininos a presença de rima é bem mais reduzida e começa a surgir somente na quarta fase, e alcança menos da metade da porcentagem que a rima obtém em nomes masculinos.

A duplicação consonantal é uma característica presente entre os nomes femininos e ausente nos masculinos, onde ela se

manifesta apenas enquanto há muitos nomes alemães. No feminino ela decresce inicialmente, mas começa novamente a aumentar a partir dos anos sessenta.

Quanto à letra final, os nomes masculinos demonstram a sua adaptação à cultura dominante e adotam padrões cada vez mais semelhantes ao português, ou seja, final com vogal.

Na atribuição de nomes masculinos os menonitas optam, após a chegada ao Brasil, por atribuir nomes com ditongos, e raramente nomes com hiatos. Depois de 1970, a porcentagem de nomes com ditongos e de nomes com hiatos cresce fortemente no masculino. Entre os nomes femininos há inicialmente preferência por hiatos. Depois de 1970 cresce fortemente a porcentagem de presença de ditongos e hiatos nos nomes. No último período, verifica-se nos nomes masculinos uma preferência maior por nomes com ditongos, no feminino por nomes com hiatos.

[1] PETERS, 1987, p. 146-216

[2] PAULS, 1980, p.67-69

[3] The Mennonite Encyclopedia, 1957, Vol.III, S.809-811, Ed. Harold S. Bender et alii

[4] PAULS, 1980, p.67-69

[5] Esse número de prenomes corresponde a 198 indivíduos. A forma como foram feitos os registros não permite a contagem do número de indivíduos com dois prenomes, pois mais da metade das pessoas têm ao lado do seu prenome um segundo prenome, que, no entanto, não é um prenome que tenha sido dado à pessoa logo após o nascimento. Sua presença se deve pelo grande número de homônimos na comunidade naquela época e tem a função de distinguir um do outro. O avô deste autor se chamava "Jakob SIEMENS". Havia, no entanto, mais dois "SIEMENS" entre os imigrantes em Santa Catarina, também de prenome "Jakob". Para distinguir os muitos homônimos na comunidade, acrescentava-se ao primeiro prenome do indivíduo o prenome do seu respectivo pai. A lista de famílias menonitas registra "Jakob SIEMENS", então, com o nome "Jakob Johann SIEMENS": "Johann" era o nome de seu pai. Um outro menonita se chama "Jakob Peter SIEMENS". O segundo nome do terceiro "Jakob SIEMENS" não está registrado. Na lista constam ainda três pessoas chamadas "Johann KLASSEN", uma com o segundo nome "David", outra "Issak" e no nome da terceira consta apenas

"Johann D. KLASSEN". Quando o filho tinha o mesmo nome do pai, a pessoa era chamada "Heinrich Heinrich BÄRG" ou então "Peter Peter DÜCK". Nas mais de 200 famílias mencionadas, acontece duas vezes que três chefes de família tenham o mesmo prenome e sobrenome e 14 vezes que dois chefes de família tenham os mesmos nomes.

[6] No caso de "Miguel", consta que seus pais moravam afastados da comunidade menonita, entre não-falantes de alemão, de onde podem ter aprendido esse nome.

[7] The Mennonite Encyclopedia, p.809-811

[8] Pais menonitas disseram numa entrevista terem atribuído nomes bíblicos a seus filhos propositadamente, com a finalidade de expressar publicamente a sua fé e orientar os filhos em direção à fé cristã. Um casal usou os seguintes nomes bíblicos para seus três filhos: "Daniel", "Rebeca" e "Priscila". Um outro casal disse ter dado à seu filho o nome "Werner" para repetir o nome de um pregador alemão chamado "Werner HEUKELBACH", famoso por suas mensagens radiofônicas entre os menonitas na década de sessenta. A influência religiosa não está, portanto, refletida somente na adoção de nomes hebraico-bíblicos.

[9] Um exemplo de que esta liberdade onomástica dependia das circunstâncias é relatado pelo senhor Manfred Heinz UNRUH, nascido em 1938 em Sta. Catarina. O documento expedido pelo cartório no local de nascimento foi em nome de "Manfred H. UNRUH. Indo prestar serviço militar quando já morava em Curitiba foi obrigado a completar a abreviatura. O pai o informou que a abreviatura significava "Heinrich". Quando o seu documento militar foi preenchido, escreveu-se "Henrique". Isso aconteceu em 1956. Um conhecido do Sr. UNRUH em Sta. Catarina foi conferir especificamente no cartório a forma completa do nome, e comprovou que o nome por extenso é "Heinz". O episódio demonstra duas coisas: 1º) um nome é permutável nesta época entre os menonitas por uma de suas variantes (Heinz por Heinrich, Johann por Hans, Gerhard por Gerd, Friedrich por Fritz, etc); 2º) a tendência das autoridades brasileiras em 1956 ainda vai no sentido de aporuguesar os nomes sempre quando possível.

6. Análise de outros Aspectos dos Nomes Luteranos e Menonitas

6.1. Nomes Fantásticos e Não-classificados

Desde a chegada dos alemães, há registros de nomes cujas grafias não estão registradas em nenhum dicionário etimológico. São características desses nomes a dificuldade de classificá-los segundo sua procedência cultural e a indefinição do gênero ao qual pertencem. A sua presença é mais comum entre os nomes femininos do que entre os masculinos. Os nomes fantásticos e não classificados começam a surgir em número maior depois de 1917, quando inicia o processo de aportuguesamento dos nomes da comunidade. Alguns dos nomes abaixo citados talvez não merecessem a qualificação "nome fantástico" na época em que foram atribuídos. Os dicionários etimológicos de hoje apenas não registram esses nomes e isto dificulta a sua compreensão moderna. Vários nomes certamente são o resultado de ignorância quanto a uma grafia correta ou então frutos da criatividade deliberada dos pais.

Até o início deste século, registram-se poucos exemplos:

-1877: "Juvinn", nascido no Estado do Rio Grande do Sul. Os pais, portanto, não são procedentes da Alemanha e já se encontravam há mais tempo no Brasil. Talvez represente uma tentativa infeliz da atribuição do nome "Juvenal". Outros exemplos de 1877: "Bentham", "Eliam". São nomes masculinos atribuídos juntamente com outros prenomes.

- 1907: "Majken", "Rozalini", "Linnéa" e "Luisê", todos femininos. Os dois primeiros parecem refletir uma influência

estrangeira, o último parece ser um aportuguesamento infeliz do nome alemão "Luise".

- 1917: os nomes femininos "Adalela", "Noyra" e "Ottede".

- 1927: o nome masculino "Delmut". Esse é acompanhado do nome Hans. Possivelmente se trata de grafia errônea, sendo a intenção chamar o menino de "Hans Helmut". O ano registra os seguintes nomes femininos: "Dila", "Eloylia", "Elsira", "Itholina" e "Tammy". "Elsira" talvez seja o resultado da fusão de "Elvira" com "Alzira".

- 1937: apresenta nomes cujo gênero não foi possível identificar: "Alary", "Anion", "Dival", "Edimir" e "Elemar". Eles foram atribuídos como prenomes únicos e a falta de outro prenome que os acompanhasse, somada à ausência de registro do sexo do batizando, impossibilitou a identificação. Aqui nomes cujo gênero foi possível identificar como masculino: "Deutermar" e "Harm". Nomes femininos: "Donay", "Idyla", "Irmela", "Lasilda", "Lyria" e "Ruol".

- 1947: nomes não classificados por impossibilidade de identificação do gênero. Todos foram atribuídos como prenomes únicos: "Arian", "Eclionor" (composto a partir dos nomes dos pais "Eclídio" e "Leonor"), "Ely", "Iraçu", "Reini" (parece ter havido a intenção de rima com a letra inicial do nome paterno "Raul" e a letra final do nome materno "Dulti"), "Shinyti" (descendente de japoneses), "Sildemir" e "Sumân". Nomes cujo gênero foi possível reconhecer como masculinos pelo outro nome que os acompanha: "Acídio", "Arcilio", "Claudinor", "Dargan", "Derly", "Edmir", "Néry" e "Rone". Nomes identificados como

femininos: "Cloris", "Diori", "Odene", "Felsi", "Redy'".

- 1957 apresenta nomes cujo gênero não foi possível identificar: "Aldinar", "Eliante Valderez" (também a irmã tem um nome um tanto incomum: "Leslie Belquis"], "Emelci", "Fredilande" (rima com o nome do pai, "Landenor"), "Ivai", "Laci" e "Van Horia", de sobrenome "Grigoriu". Nomes identificados como masculinos: "Allen", "Auric", "Dag", "Elmar", "Erlo", "Herwigo" (masculino a partir do nome alemão "Herwig"), "Serquei" (provavelmente o nome pretendido era "Sergei") e "Sirmo". Nomes femininos: "Liriam", "Silverete", "Solemari", "Suzely" e "Marilaide".

- 1967: nome de gênero não identificado: "Marazoni". Nomes usados como sendo masculinos: "Dionyl", "Irapitan", "Jefson" (o nome pretendido era provavelmente "Jeferson"), "Josir", "Regina" (como segundo nome), "Robi" (diminutivo hipocorístico de "Roberto") e "Waldersohn" (o pai se chama "Oswaldo", portanto "Waldo+sohn" = "filho de Waldo").

- 1977: nomes cujo gênero não foi identificado: "Aislam" e "Gilliat". Nomes masculinos: "Hendersonn", "Ismar", "Josney", "Takeo", "Wigand" e "Malcol".

Os nomes menonitas não foram analisados sob essa perspectiva, pois apresentam um número reduzido de exemplos.

6.2. Nomes de Gêmeos

Nos treze anos pesquisados, foram encontrados 8 pares de gêmeos entre os nomes luteranos. São eles:

- em 1887: "Helena" e "Emmy";
- em 1897: "Ottila Messias" e "Agnes Helene";

- em 1917: "Elly" e "Wally", "Othila" e "Ottede";
- em 1957: "Walter" e "Henrique";
- em 1967: "Mirna" e "Marcos", "Luciane" e "Rogério";
- em 1977: "Cristiana" e "Cristiano".

Entre 1930 e 1990, registram-se entre os menonitas 16 pares de gêmeos. São eles:

- em 1936: "Hans Friedrich" e "Annemarie";
- em 1937: "Johann" e "Susi";
- em 1938: "Nelli" e "Berti";
- em 1940: "Harry" e "Ervin";
- em 1946: "Erna" e "Elsa";
- em 1948: "Anni" e "Leni";
- em 1950: "Maria" e "Sara";
- em 1952: "Henrique Geraldo" e "João Werner";
- em 1956: "Pedro Roberto" e "Suzana Elisabete";
- em 1957: "Vitor Robert" e "Liliane";
- em 1959: "Pedro Frietbert" e "João Herbert";
- em 1965: "Adelgunde" e "Adelheide";
- em 1969: "Hegfried" e "Ziegfried";
- em 1973: "Simone" e "Jaqueline";
- em 1973: "Carina" e "Claus";
- em 1976: "Paulo Henrique" e "Marcos Henrique".

É possível observar que os nomes de gêmeos acompanham com poucas exceções as tendências onomásticas de sua época. Há nomes alemães etnicamente marcados ("Ervin", "Emmy", "Agnes"), nomes alemães flexíveis ("Walter", "Marcos", "Maria" e "Sara"), nomes aportuguesados ("Henrique", "Roberto" e "Elisabete") e nomes brasileiros ("Rogério"). Há rima entre o nome dos filhos com o nome dos pais: filhos "Mirna" e "Marcos"/pai "Marcos", filha "Luciane"/mãe "Lucia", "Friedbert"/mãe "Frieda". Uma exceção: mesmo naquele período em que se atribuíam vários prenomes às crianças luteranas, os nomes de gêmeos registram no máximo dois nomes por batizando. O número diminuto de exemplos desse período limita o alcance dessa constatação.

Os nomes atribuídos aos gêmeos refletem de algum modo a sua condição de irmãos gêmeos. Existem regras específicas que regulamentam a atribuição de nomes a gêmeos:

- todos recebem um número igual de nomes (um ou dois).
Dependendo da perspectiva, os dois casos de gêmeos menonitas em que tal não acontece também se encaixam na regra: "Hans Friedrich" e "Annemarie" (soma de Anne+Marie) e "Vitor Robert" e "Liliane" (soma de Lili+Ane);

- todos recebem nomes de extensão aproximada - dos 24 pares, 16 pares têm nomes com no máximo uma letra de diferença;

- pertencem na grande maioria dos casos à mesma classe de nomes. É incomum a atribuição de dois nomes aportuguesados a um dos gêmeos e um nome aportuguesado e um nome alemão ao outro como no caso de "Henrique Geraldo" e "João Werner". A regra é haver coincidência no máximo de detalhes possível como em "Pedro Frietbert" e "João Herbert" (um nome bíblico aportuguesado e um alemão), "Paulo Henrique" e "Marcos Henrique" (um nome bíblico e um aportuguesado);

- em mais da metade das atribuições de nome a gêmeos (14) registra-se o fenômeno da rima que entrelaça os nomes:

"Elly" e "Wally",	elly / -ally
"Othila" e "Ottede"	othi- / otte-
"Mirna" e "Marcos"	mir- / mar-
"Cristiana" e "Cristiano"	cristian- / cristian-
"Nelli" e "Berti"	-e-i / -e-i
"Erna" e "Elsa"	E-a / E-a
"Anni" e "Leni"	-ni / -ni
"Maria" e "Sara"	-ar-a / ara
"Pedro Frietbert" e "João Herbert"	-bert / -bert
"Adelgunde" e "Adelheide"	Adel-e / Adel-e
"Hegfried" e "Ziegfried"	-egfried / -egfried
"Simone" e "Jaqueline"	-one / -ine
"Carina" e "Claus"	Car- / Clau-
"Paulo Henrique" e "Marcos Henrique"	-a-o Henrique / a-o- Henrique

Apesar do número restrito de exemplos é possível afirmar que

a atribuição de nomes a gêmeos não foge das tendências onomásticas da sua respectiva época, mas parece sofrer também influências específicas procedentes da sua condição de nascimento. Para assumir essas afirmações como certas seria preciso, no entanto, dispor de um número maior de exemplos e comparar a atribuição de nomes a gêmeos com a atribuição de nomes a irmãos, e verificar quais características são exclusivas dos nomes de gêmeos e quais eles têm em comum com a atribuição de nomes a irmãos em geral.

6.3. Nomes de Filhos de Pais Incógnitos

Os livros de batismo da Comunidade Luterana registram nos anos pesquisados 13 batizados cujo pai é desconhecido e uma batizada cuja mãe é desconhecida ("Sibylla"). Os nomes dessas crianças são os que seguem:

- em 1887: "Albert Johann Nicolaus" e "Ludwig Friedrich August";
- em 1907: "Luiza Emilia";
- em 1917: "Hilda" e "Paula";
- em 1927: "Sibylla";
- em 1957: "Serquei Eduardo";
- em 1967: "Rosane";
- em 1977: "Karin Simone", "Cristiane Martina", "Jefferson" e "Jaime";
- em 1987: "Lais Fernanda" e "Maria Gabriela";
- único exemplo entre os menonitas: em 1979, "Roberto".

Os nomes empregados para designar filhos com pai ou mãe desconhecidos não diferem em nada dos nomes das outras crianças batizadas na respectiva época. Os nomes dos nascidos em 1887 e 1907 são nomes repetidos de padrinhos. Os nomes de duas meninas nascidas em 1987 rimam com seu respectivo sobrenome: "Lais Fernanda Feix" (-ai- -ei- + Fer- Fei-) e "Maria Gabriela Grings"

(G- G-). Há nomes das diversas classes de nomes (nomes alemães, flexíveis, aportuguesados e brasileiros), há indivíduos com um ou mais nomes, há duplicação consonantal, etc. As características dos nomes das crianças com pais incógnitos não se destacam em nenhum sentido em relação aos outros nomes.

6.4. Aspectos de Morfologia

Os nomes dos alemães e seus descendentes no Brasil apresentam em vários momentos desvios ortográficos. A causa das incorreções ortográficas deve ser atribuída por um lado aos pais, que registravam erroneamente o nome de seus filhos por não dominarem no início o português, ou então, mais tarde, por já não dominar mais corretamente a ortografia alemã. Por outro lado aconteceram erros que devem ser atribuídos aos cartórios, que registravam incorretamente os nomes pronunciados muitas vezes por imigrantes que mal podiam se comunicar em português.

Quando os menonitas vieram ao Brasil, eles eram em sua grande maioria alfabetizados em língua alemã e com certos conhecimentos da língua russa, mas seus estudos em média não ultrapassavam as quatro primeiras séries do primeiro grau. Chegando ao Brasil eles se viram implantados numa cultura com uma língua muito diferente daquela que eles dominavam. Em poucos anos, eles se sentiram obrigados a atribuir nomes para seus filhos numa língua que eles mesmos não falavam, gerando aportuguesamentos incorretos como em "Elfrieda", "Irmengard", "Henrick".

Damos um exemplo. Em 1968, um pai foi registrar o nome de seu filho. A pergunta do funcionário sobre o nome da criança ele respondeu "Werner". Estando em dúvida sobre a grafia correta do nome, o funcionário perguntou: "Com um ou com dois 'n'?" O pai não teve dúvida naquele momento e respondeu: "Com dois!" Disso resultou então o nome certamente único no mundo "Wernner". Uma menina recebeu em 1982 o nome "Fania FERREIRA ROCHA BÄRG". Pode ser o caso de pais que não sabiam que a grafia correta é "Vânia" ou talvez tenha havido o objetivo de destacar estilisticamente as rimas entre as iniciais "Fania FERREIRA". Registram-se muitas outras grafias erradas, do tipo "Ziglinde" e "Wahltraut". Alguns tipos de erros:

- acréscimo indevido de uma letra: "Guisela", "Inque" (acrécimo de "u"), "Ingriet" (acrécimo de "e"), "Dorris", "Errico", (acrécimo de "r"), "Heintz" (acrécimo de "t"), "Hellmuth" (acrécimo de "l").

- supressão indevida de uma letra: "Lizelote" (supressão do segundo "t"), "Herman" (supressão do segundo "n"), "Hary" (supressão do segundo "r"), "Fridbert" (supressão de "e" na seqüência "ie").

- troca de letras: "Gudrum" (troca de "n" por "m"), "Ziglinde", "Ziegfried" (troca de "s" por "z"), "Irmgart" e "Frietbert" (troca de "d" por "t"), "Helmud" (troca de "t" por "d"), "Heldigart" e "Engrit" (troca de "i" por "e"), "Haidy" (troca de "ei" por "ai"), "Vili", "Verner" (troca de "w" por "v"), "Heins" (troca de "z" por "s").

- interpretação incorreta do nome por parte do escrivão. Segundo o Sr. Jacob SIEMENS, a sua filha mais velha foi

inicialmente registrada em 1939 com o nome de menino. A pergunta do funcionário no cartório a respeito do nome a ser registrado para a criança ele respondera "Renate". Este, no entanto, registrou "Renato". No dia seguinte, alertado por amigos, o engano foi corrigido. Um segundo exemplo é o nome "Erlene". Perguntada por telefone a respeito de seu nome tão incomum, aquela informou que se tratava de um engano do cartório e que seu nome deveria ter sido "Helene", em repetição do nome de uma avó. Muitos outros casos de incorreção na grafia do nome podem igualmente não ter sido erro dos pais, mas dos funcionários do cartório, pois parece que não era comum os pais se dirigirem ao cartório, tendo já por escrito o nome a ser atribuído.

- erros múltiplos: "Ettkar", grafia correta é "Edgard";
- simples lapso de escrita como pode ser o caso do nome "Siegfied", que se escreve corretamente "Siegfried";
- grafia incorreta de nomes com finalidade estilística como em: "Dennis", duplicação desnecessária do segundo "n"; "Thiago", "Christopher", presença desnecessária do segundo "h"; "Alyne", presença desnecessária de "y"; "Dayana", "Dallila", presença desnecessária do segundo "l".

- ausência de regras claras em relação ao aportuguesamento de nomes estrangeiros, como em "Jorny", "Johny", "Djonny", "Maik", "Maico", "Maicon".

Os exemplos acima são todos retirados da lista de nomes menonitas. Abaixo segue uma lista com exemplos de nomes luteranos e o ano em que foram atribuídos:

- em 1897: "Albin", "Ottila"
- em 1907: "Etwin", "Luisé"

- em 1917: "Eloy", "Fredulpho", "Froyd", "Anny", "Azilie", "Elisabethe", "Gerta",
- em 1927: "Arold", "Delmut", "Dithma", "Gerald", "Hamilto", "Hellmut", "Hellmuth", "Henrich", "Karlos", "Leonell", "Olawio", "Robins", "Clary", "Eloylia", "Elsira", "Lieselotho", "Nahyr", "Precilla",
- em 1937: "Percyvaldo", "Addi", "Anie", "Isabell", "Ruol",
- em 1947: "Cloris", "Diori", "Pelsi", "Redy",
- em 1957: "Gueitulho", "Helmut", "Helmuth", "Herwigo", "Serquei", "Sirmo", "Auric", "Izoldi", "Susanna", "Suzely",
- em 1967: "Jefson", "Waldersohn", "Wilfred", "Eduvirges",
- em 1977: "Aislam", "Anelize", "Héwelyn",
- em 1987: "Marry".

7. Análise Contrastiva dos Nomes Luteranos e Menonitas

A análise contrastiva dos nomes luteranos e menonitas atesta que esses dois grupos de cultura alemã, vindos ao Brasil em épocas diferentes, sofreram um processo de adaptação onomástica que apresenta diversos paralelos e diferenças. Os aspectos principais serão analisados a seguir, em grupos.

7.1. Características dos Nomes dos Primeiros Descendentes de Imigrantes de Cultura Alemã

Os pais luteranos e menonitas recém-chegados ao Brasil atribuem a seus filhos nomes alemães etnicamente marcados. No feminino, registra-se uma porcentagem significativa de nomes alemães flexíveis.

Tanto para os luteranos no final do século passado como para os menonitas de 70 anos mais tarde, alguns nomes são suficientes para nomear muitas pessoas. Há uma concentração alta de atribuição de alguns nomes preferidos. No masculino a concentração é maior do que no feminino.

A comparação dos dois grupos quanto à repetição de nome está parcialmente prejudicada porque não foi possível pesquisar todas as fontes que serviram de inspiração para os dois grupos e porque há tradições diferentes entre os grupos quanto à repetição de nomes. Os luteranos costumam batizar as crianças ainda muito pequenas, e freqüentemente tomam emprestado os nomes dos padrinhos para nomear o batizando. Os menonitas não batizam crianças e desconhecem a figura do padrinho ou da madrinha. Os registros de batismo da igreja luterana não indicam os nomes dos

avós e dos tios, dos quais certamente muitos nomes foram tomados de empréstimo. Entre os menonitas não se obtiveram os nomes dos tios. Com essas ressalvas, é possível afirmar que a repetição de nome é um fenômeno muito comum nos dois grupos de imigrantes quando eles vêm ao Brasil.

A rima entre os nomes de uma pessoa é um fenômeno inicialmente reduzido entre os nomes dos imigrantes. Entre os masculinos ela está mais presente do que nos nomes femininos.

Os nomes dos primeiros descendentes de imigrantes de cultura alemã têm em sua grande maioria uma consoante como letra inicial. Entre os menonitas masculinos, chega-se a 85% de nomes iniciados por consoante. Os nomes menonitas femininos têm a porcentagem mais baixa de todos, 67%.

O padrão inicial dos nomes dos imigrantes alemães nas primeiras fases estabelece para os nomes masculinos um final consonantal e para os femininos um final vocálico.

Todos os imigrantes atribuem nas primeiras fases só um sobrenome a seus filhos. Quanto ao número de prenomes, observa-se uma diferença fundamental entre os dois grupos estudados: o padrão inicial entre os luteranos é a atribuição de mais de um prenome - muitas vezes são atribuídos três e até quatro prenomes à criança. 60% das batizadas entre os luteranos têm mais de dois prenomes. Entre os menonitas, 70 anos depois, o padrão inicial é basicamente a atribuição de um prenome único. Nesse aspecto, fica evidente uma flagrante disparidade nas tradições que cada grupo traz consigo. Nos 150 anos na Rússia, os menonitas desenvolveram, quanto ao número de prenomes a serem atribuídos,

um padrão onomástico bem diferenciado do padrão luterano. Mesmo se compararmos o número de nomes de cada criança luterana na época de chegada dos menonitas ao Brasil, constataremos uma grande diferença. Os luteranos atribuem preponderantemente mais de um prenome até a década de sessenta.

Entre os menonitas foi constatado que os nomes dos primeiros descendentes seguem o padrão onomástico utilizado antes da imigração. Entre os luteranos acontece certamente o mesmo.

Apesar da manutenção da tradição onomástica, é possível verificar as primeiras mudanças logo no início da colonização. Entre os luteranos a fase de mudanças lentas dura mais tempo e se estende de 1864 até o final do século. Entre os menonitas, a fase de mudanças lentas após a chegada é bem breve. Ela vai de 1930 até 1937.

O início da mudança da tradição onomástica dos imigrantes é perceptível na adoção de nomes novos e na conseqüente maior diversificação na atribuição de nomes, fazendo baixar a porcentagem de atribuição dos nomes mais usados. Entre os luteranos começa imediatamente a diminuir o número de prenomes atribuídos a cada criança, a quantidade de nomes luteranos femininos e de menonitas masculinos iniciados por vogal começa a aumentar e a porcentagem de nomes luteranos masculinos com duplicação consonantal diminui. Entre os nomes menonitas, surgem cada vez mais binômios, tanto no masculino como no feminino, diminui a quantidade de nomes masculinos iniciados por "h" e a porcentagem de nomes hebraico-bíblicos no masculino.

7.2. Os Nomes dos Imigrantes em Transição

Chamamos transição ao momento em que os nomes dos imigrantes sinalizam com maior evidência o abandono dos padrões onomásticos trazidos na imigração. Para os nomes luteranos deve ser considerado para tanto o período que se inicia em 1907 e se estende até 1937 no masculino e até 1957 no feminino. Durante esse período, ocorrem mudanças constantes e gradativas em todos os aspectos pesquisados, porém mais da metade dos nomes atribuídos continuam sendo nomes alemães ou nomes alemães flexíveis. Depois desse momento, os nomes aportuguesados e os nomes classificados como brasileiros passam a ter mais da metade das atribuições e caracterizam um nível de aculturação mais avançado. Para os nomes menonitas, considera-se como período de transição o momento em que esse grupo de imigrantes passa a espelhar em sua onomástica a pressão exercida pelo governo brasileiro. Esse período se estende até o final dos anos sessenta.

O período de transição dos nomes dos descendentes de alemães apresenta diversas características comuns para os dois grupos. Tanto entre os luteranos como entre os menonitas, registra-se inicialmente sobretudo o surgimento e o aumento gradativo dos nomes aportuguesados no masculino. Posteriormente, surgem também os nomes brasileiros. No feminino os nomes alemães flexíveis ocupam o segundo lugar de preferência no início da transição. Na fase final da transição, os nomes brasileiros assumem o segundo lugar.

A porcentagem de atribuição dos nomes mais usados, que

diminuíra grandemente na fase inicial, estabiliza-se no período de transição. Entre os menonitas os oito nomes mais comuns recebem entre 30% e 40% do total das atribuições; nos luteranos, entre 20% e 30%.

A repetição de nome, que é um fenômeno comum nos primeiros tempos após a vinda ao Brasil, diminui fortemente nos anos de transição. Nos luteranos, a repetição do nome de padrinhos desaparece, e só permanece a repetição do nome paterno. Nesse período, desenvolve-se em ambos os grupos o fenômeno da rima também no feminino.

A letra final dos nomes masculinos luteranos e menonitas se modifica acentuadamente. Torna-se cada vez maior o número de nomes masculinos terminados em vogal. No final dos nomes femininos registra-se, nos dois grupos, um pequeno aumento de nomes terminados em consoante, sem que, no entanto, esses nomes assumam a primazia.

No tocante ao número de prenomes atribuídos, a evolução até certo ponto diferenciada dos dois grupos na fase inicial continua também na fase de transição. Entre os luteranos desaparece totalmente o fenômeno da atribuição de mais de dois prenomes, muito comum na fase inicial. O número de atribuições de um único prenome aumenta, mas não supera em média a quantidade de atribuições de dois prenomes. Entre os menonitas o número de atribuições de só um prenome decresce, mas o número de binômios alcança 42% no masculino só no final da transição.

A marca principal da fase de transição foi a pressão exercida pelo governo brasileiro no sentido de cercear a livre expressão da cultura alemã por parte dos imigrantes alemães. Essa

pressão teve um efeito intimidador muito forte sobre os nomes atribuídos pelos imigrantes alemães, e deve ser considerada como o motivo mais importante na aceleração do processo de abandono da onomástica tradicional alemã por parte dos imigrantes alemães luteranos e menonitas.

Os menonitas tinham vindo há sete anos ao Brasil, e durante todo esse tempo tinham morado no interior de Santa Catarina, longe da cidade grande e do contato regular com não-falantes de alemão, quando a transição em direção à adaptação onomástica em relação à cultura dominante se acelera e os leva a adotar nomes de uma língua estrangeira. Essa transição foi, portanto, precipitada por acontecimentos exteriores à comunidade. Apesar de ter sido provocada, a transição diminui o ritmo quando a pressão do governo brasileiro diminui, mas prossegue em sua direção à aculturação.

Toda transição implica, provavelmente, na ação de forças exteriores sobre a comunidade de imigrantes. A transição onomástica inicia entre os luteranos antes da Primeira Guerra, antes, portanto, da pressão global da sociedade dominante sobre o grupo minoritário. A comunidade luterana sentiu certamente o impacto de estar implantada num contexto estranho, pois formava uma minoria de cultura germânica cercada por uma maioria de cultura latina, um grupo de protestantes num país católico. O clima tropical, as condições de trabalho e uma série de outros aspectos estranhos para os imigrantes devem ter impulsionado a transição onomástica na comunidade luterana.

7.3. Características dos Nomes Alemães no Final do Período Pesquisado

No final do período pesquisado, os nomes brasileiros se tornam a classe de nomes mais usada. Nos nomes luteranos masculinos isso se dá depois da Segunda Guerra, nos femininos a partir de 1967. Entre os menonitas os nomes brasileiros se tornam maioria depois de 1970. Por fim os dois grupos usam preponderantemente os nomes brasileiros e aporuguesados no masculino e nomes brasileiros e estrangeiros no feminino.

A atribuição de um prenome único é o padrão comum à maioria dos imigrantes, e a atribuição de mais de um sobrenome se torna cada vez mais popular, sobretudo entre os nomes luteranos femininos.

Os nomes de origem hebraico-bíblica, que tinham diminuído consideravelmente durante a fase de transição, atingem no masculino mais de 30% [vide quadro nº 30].

A rima está presente de um modo bem mais expressivo do que no início, de maneira especial entre os luteranos femininos e os menonitas masculinos. A duplicação consonantal, inicialmente uma característica normal de muitos nomes alemães, é empregada nos dias de hoje no feminino com fins estilísticos.

Se a maioria dos nomes nos primeiros anos iniciava por consoante, a porcentagem no final da pesquisa indica um índice ainda maior de preferência por nomes começados por consoante. A terminação dos nomes se modifica substancialmente no final do período pesquisado. Os nomes masculinos, que inicialmente terminavam todos em consoante, terminam agora em vogal em 50% dos

casos. Os femininos, que na fase de transição tinham aumentado a quantia de nomes terminados em consoante, assumem no final, em sua maioria, a terminação vocálica.

Os oito nomes mais atribuídos se encontram no final numa curva ascendente no grupo luterano e descendente no menonita. A dispersão na escolha de nomes continua a aumentar entre os menonitas.

A ausência de dados sobre as características dos nomes atribuídos pela população brasileira impossibilita a comparação dos nomes dos descendentes de imigrantes com as características da onomástica brasileira atual, e impede a verificação do grau de aculturação. É, no entanto, lícito supor que uma série das características apontadas acima reflete o modo de atribuição de nome comum na região de Curitiba e até certo ponto no Brasil.

7.4. A Reação de cada Grupo às Influências Sociopolíticas

Que a escolha de um nome para uma criança pode ser uma atividade profundamente influenciada pelas condições sociopolíticas do momento é atestado pela evolução da história onomástica dos imigrantes alemães de Curitiba. Observaremos três momentos diferentes.

a.) O período de exaltação da ideologia nazista entre os imigrantes alemães. Em meados da década de trinta, um grupo de alemães de Curitiba é tomado de entusiasmo pelo reerguimento da Alemanha. Esse período se estende até o momento em que o governo brasileiro começa a pressionar os imigrantes.

Tal acontecimento se reflete de diversas maneiras nos nomes

escolhidos pelos imigrantes para seus filhos. Desde 1907 estava em crescimento contínuo a porcentagem dos nomes masculinos luteranos terminados em vogal. Em 1937, esse processo é interrompido e o número de nomes terminados por vogal até diminui de 29% para 27%. Em 1947 o processo de aculturação expresso na terminação vocálica dos nomes masculinos é retomado, e 56% dos nomes terminam nesse ano em vogal. O número de atribuições de nomes aportuguesados e de nomes brasileiros, que estava em aumento regular desde 1907, alcança em 1927 o total de 35% das atribuições. Em 1937 essa porcentagem cresce apenas 4% e chega a 39%. Em 1947, o total desses nomes duplica e salta para 81%.

A duplicação consonantal entre os nomes luteranos femininos estava em declínio desde 1907, e baixa de 18% naquele ano para 13% em 1927. Em 1937 a duplicação salta novamente para 17% para logo em seguida diminuir, em 1947, para 2% e permanecer nessa porcentagem por várias décadas.

O ano de 1937 se revela, onomasticamente, um momento em que o processo aculturador iniciado em 1907 é repentinamente interrompido por forças que enfatizam a atribuição de nomes germânicos. Em 1947 a evolução interrompida antes da guerra retoma sua trajetória inicial.

b.) O período de pressão das autoridades brasileiras contra a cultura alemã no Brasil. Os aspectos mencionados acima apontam para uma retomada em 1937 de padrões onomásticos germânicos que estavam sendo abandonados nas décadas anteriores. Analisando-se as diversas características dos nomes recolhidos no ano de 1947, percebe-se que nesse interim aconteceu uma mudança muito grande;

a saber, a evolução onomástica, que estava aproximando os padrões onomásticos dos imigrantes aos padrões vigentes no Brasil, é freada repentinamente em 1937. Em 1947, a evolução inicial continua, mas com uma velocidade muito maior. Isso está relacionado com a pressão das autoridades governamentais para que os imigrantes abandonem a cultura alemã.

c.) O clima de liberdade cultural a partir dos anos cinquenta. Esse clima é perceptível sobretudo entre os nomes menonitas, para os quais a pressão do governo, poucos anos após a sua chegada ao Brasil, representara um choque muito forte e os levara a proceder a adaptações onomásticas muito grandes.

Na década de cinquenta, os menonitas começam novamente a sentir-se livres para dar a seus filhos os nomes que querem. Tal é comprovado pelo fato de que o número de nomes aportuguesados diminui no masculino entre 1952 e 1963. A quantidade de nomes masculinos iniciados por "h" diminui fortemente somente a partir de 1964; a porcentagem de nomes masculinos terminados em consoante aumenta um pouco, depois de ter diminuído drasticamente nos anos de guerra, e o número de binômios no masculino só aumenta depois de 1963.

7.5. Influência da Cultura Dominante

Da perspectiva onomástica, a cultura brasileira é uma força dominante em relação à cultura alemã dos imigrantes. Inicialmente ela demora quarenta anos para impor as primeiras marcas mais concretas aos nomes atribuídos em toda a comunidade luterana.

Desde 1907, no entanto, os nomes dos imigrantes trazem a cada nova fase o sinal da presença mais intensa e mais próxima da cultura brasileira sobre os imigrantes alemães. Os menonitas, que chegam ao Brasil em 1930, conseguem conservar seus padrões onomásticos somente enquanto permanecem em suas colônias no interior de Santa Catarina. No momento em que se dirigem à capital curitibana, eles passam a espelhar a influência da cultura brasileira.

Não estando estabelecidas as características específicas do padrão onomástico brasileiro, torna-se difícil dizer com precisão quais mudanças do padrão onomástico dos imigrantes estejam refletindo a influência da cultura dominante. Os aspectos apontados abaixo devem ser considerados como alguns dos traços prováveis que a cultura brasileira imprimiu na onomástica dos imigrantes. São eles:

- o aumento do número de sobrenomes. A atribuição de mais de um sobrenome inicia simultaneamente nos dois grupos. Não sendo uma característica trazida pelos imigrantes, ela é uma característica apreendida posteriormente, provavelmente da cultura dominante. Ela inicia quando outras características da onomástica brasileira marcam uma presença maior na escolha dos nomes dos descendentes de imigrantes para seus filhos;

- é a influência da língua portuguesa, inquestionavelmente, que leva os imigrantes alemães de Curitiba a abandonar o padrão segundo o qual a quase totalidade dos nomes masculinos termina em consoante e faz com que no final do período pesquisado os nomes dos descendentes masculinos de alemães tenham um nome terminado em vogal;

- é característica específica dos nomes menonitas masculinos a porcentagem elevada de nomes iniciados por "h". De quase 30% de nomes iniciados por "h" no início, a influência da cultura brasileira sobre os imigrantes se evidencia pela diminuição regular e constante desse tipo de nome até alcançar 6% no final. Entre os luteranos masculinos a taxa média inicial está em 10% de nomes iniciados por "h" e chega no final também à média de 5% ;

- a duplicação consonantal é uma característica onomástica presente nos nomes dos descendentes de alemães em Curitiba durante as primeiras fases. A aculturação leva à diminuição de nomes com consoante dobrada. No final, essa característica ressurge, mas somente entre os nomes femininos e com intenção estilística;

- o aumento do fenômeno da rima entre os nomes dos imigrantes após a vinda ao Brasil deve ser considerado como uma possível consequência da influência da cultura brasileira sobre a cultura dos imigrantes;

- a vogal final dos nomes luteranos femininos durante as primeiras fases é "a" ou "e". Somente depois de 1927 surgem os nomes terminados em "i" e a sua porcentagem se eleva em 1937 a 22%. Nesse período os menonitas chegam ao Brasil e apresentam imediatamente 14% de nomes terminados em "i". No final da pesquisa o número desses nomes diminui nos dois grupos. A terminação "i" atinge entre os luteranos o auge em 1947 - o momento em que a onomástica brasileira começa a se impor entre os descendentes de imigrantes alemães. Tal revela uma influência da cultura brasileira ou é peculiaridade dos nomes femininos na

cultura alemã? A última alternativa parece ser a mais provável, pois o momento mais intenso de adoção de nomes terminados em "i" entre os menonitas se dá quando estes ainda estão distantes de qualquer processo aculturativo. É, portanto, pouco provável que a terminação "i" esteja ligada à língua portuguesa.

Nem todas as mudanças devem ser creditadas à pressão da cultura dominante. Várias das mudanças apontadas durante este trabalho talvez também teriam ocorrido se os luteranos tivessem ficado na Alemanha. Deve ser destacado, entretanto, que a onomástica menonita, praticamente imutável por pelo menos 150 anos, começou a mudar no Brasil imediatamente após a chegada. Algumas das mudanças que nela ocorreram provavelmente também teriam ocorrido se eles tivessem imigrado para outros contextos culturais, outras, porém, devem ser creditadas à influência da cultura brasileira.

7.6. Peculiaridades de cada Grupo de Imigrantes

Em diversos momentos deste estudo ficou evidente que esses imigrantes originários da mesma cultura, quando vindos ao Brasil, sofreram até certo ponto um impacto semelhante dentro de um contexto semelhante. Por isso, verifica-se que a evolução do seu conjunto de nomes caminha em muitos aspectos na mesma direção. Através deste estudo ficou, no entanto, também comprovado que cada comunidade desenvolveu também características particulares. Abaixo estão relacionadas algumas das diferenças:

- a partir de 1927 surge entre os nomes luteranos femininos a presença - muito expressiva em algumas fases - dos nomes de

origem francesa. Entre os nomes luteranos masculinos seu número é muito reduzido, entre os menonitas praticamente inexistente;

- a partir da década de sessenta, nomes de origem anglo-americana se fazem presentes entre os menonitas masculinos, e no feminino a partir de 1980. Entre os luteranos o seu número é bem restrito e aparece somente no feminino;

- entre os nomes luteranos masculinos os nomes aportuguesados não são empregados tão numerosamente como entre os menonitas masculinos. Os luteranos já se encontravam havia mais tempo no Brasil e dispunham de melhores condições para usar nomes brasileiros. Os menonitas preferiram atribuir nomes na língua dominante que tivessem variáveis equivalentes no alemão;

- a média de atribuições dos oito nomes mais usados é em média levemente superior nos menonitas: 40% contra 37% nos luteranos. Portanto, há entre os menonitas um maior número de atribuições dos mesmos nomes;

- quanto à letra final dos nomes, os dois grupos adotam no final da pesquisa um padrão semelhante. A diferença maior está no luterano feminino, onde 91% dos nomes assumem um final vocálico, ao passo que os menonitas femininos chegam somente a 77%. Seria essa uma indicação de um grau de aculturação maior dos luteranos? Se houvessem dados que descrevessem o padrão básico de final de nome feminino na cultura brasileira, seria possível traçar o paralelo e eventualmente comprovar essa suspeita;

- o número de atribuições de nomes hebraico-bíblicos é, nos nomes menonitas masculinos, muito superior ao número dos nomes luteranos masculinos, e durante todo período pesquisado a quantidade de atribuições desses nomes é superior entre os

menonitas. No final, no entanto, a sua porcentagem aumenta repentinamente entre os luteranos e supera a porcentagem entre os menonitas.

- no último momento pesquisado, os nomes masculinos de ambos os grupos são em mais de 60% não-alemães. Os luteranos femininos alcançam mais de 70%, mas os menonitas femininos chegam a apenas 54%. Pensamos que aí pode estar refletido o fato de os luteranos se encontrarem há mais tempo no Brasil, apresentando em seus nomes um grau mais intenso de aculturação.

7.7. Diferenças entre os Nomes Masculinos e Femininos

[vide quadros de nº 31 a 33]

É muito grande o número de diferenças entre a atribuição de nomes a meninos e a meninas dentro da mesma comunidade e entre o grupo de imigrantes tomado como um todo. Nos mais diversos aspectos estudados, constatam-se diferenças quanto ao momento em que uma inovação é introduzida e quanto à intensidade com que é adotada. Algumas características são exclusivas de um dos gêneros. Vejamos alguns exemplos:

- nos menonitas, os nomes masculinos tomam a frente no uso de nomes anglo-americanos, e são seguidos pelos femininos duas décadas depois. Nos luteranos, os femininos usam os nomes estrangeiros; entre os masculinos, o número permanece muito reduzido;

- os nomes masculinos luteranos e menonitas reagem com maior rapidez e intensidade no sentido de se adaptar à onomástica

brasileira. A porcentagem de nomes não-alemães salta na época da guerra entre os menonitas de 4% a 44% das atribuições, entre os luteranos de 39% a 81%. Entre os nomes femininos a pressão do governo brasileiro não provoca essa mudança brusca. A porcentagem de nomes não-alemães passa de 2% a 11% nos luteranos e de 15% a 29% nos menonitas;

- entre os nomes femininos, o número de nomes fantasiosos é, nos luteranos maior do que entre os masculinos;

- no masculino, o número de atribuições de cada nome é, em quase todos os momentos, superior ao no feminino. No feminino há, portanto, uma procura maior por nomes diferentes e um constrangimento maior em atribuir um nome já escolhido por outros;

- entre os luteranos a atribuição de mais de um sobrenome é no feminino mais intensa do que no masculino. Entre os menonitas ela é equilibrada;

- a porcentagem de binômios é em média superior no masculino;

- a repetição de nome é uma característica dos nomes masculinos. Entre os femininos ela está inicialmente presente, mas diminui logo e torna-se insignificante;

- nos dois grupos, o fenômeno da rima inicia entre os nomes masculinos. Só na fase de transição os nomes femininos também adotam essa característica. Nos menonitas, a rima permanece no masculino muito superior ao feminino. Nos luteranos a rima entre os nomes femininos ultrapassa fortemente a rima entre os masculinos;

- entre os femininos, a quantidade de nomes iniciados por

vogal é superior ao masculino. No final, a quantia de nomes iniciados por vogal se torna no feminino inferior à quantia no masculino nos dois grupos;

- a metade do conjunto de nomes masculinos dos descendentes de alemães assume terminação vocálica após a Segunda Guerra. No feminino a porcentagem atinge 77% nos menonitas e 91% nos luteranos;

- a duplicação consonantal está presente inicialmente tanto entre os nomes masculinos como entre os femininos. Estando-se influenciado pela cultura dominante, abandonam-se logo esses nomes no masculino; no feminino, eles são mantidos. Apenas depois da guerra os nomes femininos também abandonam a duplicação consonantal para daí retomá-la, no final, para ressaltar esteticamente o nome. Os nomes masculinos se mostram neste aspecto mais solícitos em satisfazer as expectativas da cultura dominante. Apenas em nomes femininos usa-se a duplicação consonantal para efeitos estilísticos.

7.8. A Importância da Abordagem Múltipla no Estudo dos Nomes

Um dos aspectos que se revelou mais produtivo no estudo dos nomes dos imigrantes alemães no Brasil foi o enquadramento dos nomes em quatro classes: nomes alemães, alemães flexíveis, aportuguesados e brasileiros. Essa classificação se revelou um instrumento de trabalho muito útil na medida em que permitiu descrever com precisão maior o nível de aculturação onomástica dos imigrantes nos diversos momentos analisados. Apesar da dificuldade em se conseguir uma precisão total quanto à classe de

cada nome, essa classificação permitiu acompanhar melhor o impacto das culturas em contato, delimitar mais claramente as diferentes etapas do avanço da cultura dominante e a reação da cultura minoritária e visualizar a graduação do processo de aculturação em momentos diferentes.

O estudo de alguns aspectos foi revelador no sentido de mostrar a evolução conjunta dos nomes de uma comunidade, sem, no entanto, revelar o valor específico dessa evolução. Tal parece acontecer entre os menonitas com o aumento gradativo e contínuo do número de nomes iniciados por "r" e a diminuição dos nomes começados pela letra "h" no masculino. No início, a quantidade de nomes iniciados por "r" não passa de 3%. No final, eles perfazem um quarto das atribuições de nome. A porcentagem de nomes menonitas masculinos iniciados por "h" é alta quando eles chegam ao Brasil (34%) e sua porcentagem diminui durante os 60 anos de permanência no Brasil até atingir 6% na última fase. O que torna essa observação interessante é que o crescimento dos nomes começados por "r" e a diminuição dos nomes iniciados por "h" é um fenômeno exclusivo dos nomes menonitas masculinos, o que comprova que a evolução onomástica de um conjunto de nomes, além de refletir características comuns à evolução dos nomes do contexto maior no qual aquele está inserido, desenvolve também características particulares, que diferem da evolução onomástica ao seu redor.

7.9. Pesquisa Contínua de Dados versus Pesquisa Seletiva

Este trabalho se baseia em duas formas diferentes de

levantamentos de dados. Os dados relativos aos nomes luteranos cobrem o período de 1864 a 1987, com dados relativos às crianças nascidas no sétimo ano de cada década. Os dados colhidos entre os menonitas cobrem todos os anos do período de 1930 a 1990. Se isso nos obrigou a comparar dois corpus até certo ponto desiguais, tivemos também a possibilidade de enriquecer o trabalho de um modo que o levantamento seletivo não permitiria. Por um lado, essa técnica permitiu acesso aos nomes luteranos até o ano de 1864, sem que com isso o trabalho fosse sufocado pelo número excessivo de dados; por outro lado, foi possível verificar, com base nos dados menonitas, a evolução dos diversos fenômenos onomásticos ano a ano, e constatar às vezes o momento exato em que surge uma alteração significativa.

Os dados luteranos nos colocam perante mudanças já concluídas, sem nos permitir acesso ao momento em que ela ocorreu. Gostaríamos de examinar, por exemplo, o momento exato em que o reerguimento da Alemanha passa a influenciar a escolha dos nomes dos imigrantes alemães no Brasil e até quando essa influência se estende. A técnica por amostragem, no entanto, nos restringe a desvendar o estado da evolução onomástica no momento de 1937, sem que saibamos se a "onda regermanizadora" dos nomes começou naquele ano ou vários anos antes. Igualmente ficamos privados da informação sobre se essa influência se aprofundou depois de 1937 ou se esse ano representa o ápice daquela onda. Sabemos apenas que 10 anos mais tarde, após o final da guerra, o quadro está profundamente diferente, e se encontra novamente em sintonia com a evolução que fora interrompida em algum momento

depois de 1927.

O levantamento contínuo de dados permitiu, por exemplo, verificar, no uso das variantes "João" e "Hans" nos menonitas, o momento exato em que a comunidade passa a se sentir livre para deixar de introduzir binômios masculinos com o nome aportuguesado "João" e usar exclusivamente o nome "Hans" para a introdução desses binômios. Através desse levantamento foi possível também verificar com precisão que os menonitas começam a utilizar nomes aportuguesados mesmo antes da promulgação de leis restritivas por parte do governo brasileiro, como, em 1937, com os nomes "Francisco GOOSSEN" e "João Geraldo WIELER".

8. CONCLUSÃO

Tivemos por objetivo realizar nesta tese um estudo diacrônico dos nomes dos imigrantes alemães de Curitiba. Analisando os nomes masculinos em comparação com os femininos, os nomes de uma fase com os da outra e os nomes da comunidade luterana com os da comunidade menonita, pudemos indicar e comprovar as principais características da evolução onomástica de um grupo de imigrantes de origem alemã desde o momento de sua chegada até a atualidade.

Pudemos comprovar que o conjunto de nomes de cada comunidade desenvolve - por força da origem conjunta e do contexto idêntico no qual agora se encontram - características semelhantes, mas também características específicas dependendo do momento histórico, da localização geográfica, de ser um nome atribuído a um menino ou a uma menina. Num estudo diacrônico, os nomes fornecem antes informações sobre as pessoas que os escolheram do que sobre seus portadores, permitem deduções sobre o contexto sociocultural da comunidade e sua relação com a cultura dominante.

Das mais variadas aspirações e motivações que movem os pais na hora da escolha de um nome para a criança, somente algumas puderam ser pesquisadas neste trabalho. Outras motivações poderiam ser verificadas através de entrevistas com os pais sobre seus motivos. Das motivações aqui analisadas, verificamos atribuições de nome que podem estar expressando consciente ou inconscientemente concordância e apreço pessoal pelos valores que a maioria da comunidade defende. A escolha de um certo nome pode

também estar sinalizando o desejo de se distanciar do padrão estabelecido pela comunidade ou a procura de novos rumos onomásticos.

A expressão de conformidade com o grupo se revelou naquelas atribuições de nome que se enquadram nos padrões já tradicionais na comunidade, como por exemplo a atribuição de nomes alemães etnicamente marcados e o emprego da repetição de nomes. A atribuição de nomes que diferem fortemente do padrão usual - como foi o caso daqueles que primeiramente ousaram atribuir a seus filhos nomes aportuguesados ou nomes brasileiros quando a maioria ainda empregava nomes alemães - sinaliza distanciamento do grupo étnico ou inconformidade com os padrões vigentes.

A repetição de nome faz parte do padrão onomástico dos imigrantes quando chegam ao Brasil. Quanto mais tempo o grupo de imigrantes está presente no Brasil, menor é a porcentagem de nomes repetidos. Registrou-se também que, com a diminuição da repetição de nome, ocorre paralelamente o aumento da presença de rima entre os nomes da pessoa, como se o fim da obrigação de atribuir nomes pré-estabelecidos através do sistema da repetição de nome aumentasse a liberdade de escolher nomes que permitem o efeito estilístico da rima.

Muitas inovações se devem certamente ao desejo de encontrar um nome que acentue a individualidade de seu portador ou que transmita uma conotação de modernidade. Enquadram-se nessa perspectiva a procura de nomes novos e incomuns, o emprego da rima e de recursos estilísticos em certas fases, como a duplicação consonantal e a colocação de "y" e "h".

Os imigrantes trazem consigo o costume de relacionar entre

si os nomes de uma pessoa ou os nomes dessa pessoa com os dos membros da família através da rima. Esse costume se intensifica no Brasil: procura-se estabelecer uma rima entre os prenomes da pessoa e de um prenome com o sobrenome, através da repetição de uma letra ou uma seqüência de letras no início, no meio ou no final do nome. Não é incomum o uso de vários outros artifícios, como a atribuição de nomes com um número crescente de sílabas e o uso de diversos sistemas de uniformização dos nomes dos membros de toda a família. O grau de preocupação dos pais em rimar os nomes de uma menina não é sempre igual ao cuidado na atribuição do nome de um menino. Isso varia ao longo do tempo. Na atribuição de vários sobrenomes poderá estar presente o desejo de relacionar a criança com antepassados ilustres.

A religião é inicialmente a principal fonte de inspiração de escolhas de nomes para os menonitas. Também os luteranos buscam na cultura hebraico-bíblica um terço de seus nomes. Durante a permanência no Brasil os imigrantes reduzem fortemente tais nomes. Nas últimas décadas sua porcentagem aumenta consideravelmente, passando a perfazer um terço das atribuições de nomes no masculino, sendo que parte dessas atribuições deve ser vista como um modismo onomástico.

Quando um certo fenômeno onomástico se repete com muita freqüência, deve-se suspeitar que se trata de um modismo. O modismo faz com que durante vários anos seguidos um nome ou uma seqüência de nomes sejam atribuídos repetidas vezes. Um fator de diferenciação, ainda, é que os nomes da moda entre os luteranos nem sempre são os mesmos dos menonitas. Há, portanto, fatores

intracomunitários que tornam certos nomes prediletos numa comunidade.

A capacidade de avaliação posterior do efeito expressivo-estilístico que um nome ou uma seqüência de nomes causaram no momento em que foram atribuídos foi muito limitada nesta pesquisa. Constatou-se, no entanto, que os menonitas continuaram fiéis às suas tradições onomásticas quando vieram ao Brasil, atribuindo, por exemplo, nomes comuns na comunidade, mas preferindo usar variantes ainda não tão populares. Desse modo, o velho "Johann" foi rejuvenescido pela atribuição das variantes "Hans" e "Hansi". Não é possível estabelecer posteriormente o efeito expressivo-estilístico que essas variantes tiveram na comunidade.

O uso de variantes diversas é comum em todos os períodos. Ele não é exclusivo de contextos como o dos imigrantes recém-chegados, que dispõem de um rol muito restrito de nomes. O uso de variantes se dá no período de cerceamento da cultura alemã, também na atualidade. Registram-se variantes sobretudo para os nomes quantitativamente mais usados. Na atualidade surgem variantes em conseqüência do desejo de destacar estilisticamente um nome como em "Christoph", "Christopher" e "Cristofer" ou em "Dayana" e "Dayane".

Certo é que todas as atribuições não são conseqüência de um motivo apenas, mas resultam da confluência de um conjunto de forças motivadoras, que consciente ou inconscientemente levaram os pais a se decidirem, naquele instante, por tal nome ou por tal seqüência de nomes. Pensamos poder concluir das análises feitas neste trabalho que a atribuição de um nome, além da sua faceta

lingüística; está sujeita também a muitos fatores extralingüísticos.

As circunstâncias sociopolíticas do momento da escolha do nome fazem parte desses fatores extralingüísticos. O período da Segunda Guerra Mundial se revelou como a época em que mais se fez sentir o poder influenciador de um fator externo à comunidade, poder esse que drasticamente ditou rumos novos à evolução da onomástica dos imigrantes de cultura alemã em Curitiba. Essa época levou a comunidade menonita ao extremo de registrar nomes que no dia-a-dia nunca foram usados.

Cada nova época procura o seu conjunto de nomes que correspondam às novas circunstâncias em que se encontram os indivíduos e sua comunidade, que expressem o interrelacionamento do indivíduo com a comunidade e da comunidade com o mundo à sua volta. O conjunto de nomes da comunidade normalmente não muda bruscamente. A fase seguinte despreza algumas características relevantes da anterior e ressalta outras já presentes. Características que no futuro serão dominantes surgem agora esporadicamente, e se manifestam em número bem reduzido.

A pesquisa registrou uma presença significativa de nomes que não puderam ser analisados. Classificamos esses nomes como fantasiosos, isto é, nomes que apresentam indefinição de gênero, etimologia desconhecida e falta de evidência da sua procedência cultural. Eles surgem a partir do momento em que os imigrantes começam a abandonar a onomástica tradicional e procuram adaptar os nomes de seus filhos ao novo meio ambiente cultural. Um certo número desses nomes resultam de ignorância sobre a grafia

correta. A sua presença é maior no feminino, e nesse gênero é maior o número de exemplos que indicam a ação deliberada dos pais.

Os nomes de gêmeos evidenciam a preocupação dos pais em espelhar nos nomes atribuídos a condição especial de nascimento. Além das características comuns de sua época, os nomes de gêmeos se caracterizam pelo fato de criança ter o mesmo número de prenomes, os prenomes freqüentemente terem a mesma quantidade de letras, por pertencerem à mesma classe de nomes e, em mais da metade das vezes, haver rima entre os nomes.

Inicialmente os nomes dos imigrantes apresentam poucos erros ortográficos. Na fase de transição surgem grafias incorretas tanto em nomes brasileiros e aportuguesados como na escrita de nomes alemães. Os erros mais comuns são o acréscimo ou supressão indevida de uma letra e a troca de letras. Muitos erros decorrem da interpretação auditiva incorreta do nome pronunciado. Na atualidade, as fontes mais comuns de erros onomásticos são a ausência de regras estabelecidas para o aportuguesamento de nomes estrangeiros e a grafia propositalmente incorreta com fins estilísticos.

Segundo a explicação de Emilio Willems citada na página 40 deste trabalho a assimilação é um "microcosmo de processos e sub-processos". Pensamos que esta definição se ajusta também muito bem para descrever a evolução onomástica dos imigrantes alemães e seus descendentes em Curitiba. As oportunidades em que acontecem mudanças mais bruscas dentro da evolução dos nomes são raras. A adaptação contínua dos nomes dos descendentes aos padrões da cultura brasileira é bem mais freqüente.

Analisando os nomes dos imigrantes durante todo período estudado sob o enfoque do "declive de contato" descrito por Haarmann, verificamos que os nomes escolhidos durante os diversos períodos refletem graus diferentes de relacionamento entre os imigrantes e a cultura da maioria da população local. Até o início da Segunda Guerra a maioria das pessoas da comunidade adota majoritariamente nomes que espelham a alta consideração de seus integrantes pela cultura alemã. A maioria, portanto, não se sente inferiorizada perante a sociedade brasileira e não sente a necessidade de abandonar sua cultura para progredir e alcançar seus objetivos.

Após a guerra o quadro se inverte. O grupo que continua a adotar nomes alemães torna-se minoria entre os luteranos e diminui fortemente entre os menonitas. Isto é o resultado do surgimento de um sentimento de inferioridade entre os imigrante em relação aos demais brasileiros ou surgiu por pressões exteriores. Inclina-mo-nos para a segunda alternativa.

O estudo dos nomes das comunidades formadas atualmente por descendentes dos primeiros imigrantes luteranos e menonitas revela que o seu padrão onomástico sofreu, durante o tempo de permanência no Brasil, uma evolução contínua que ainda não se encerrou, através da qual muitas das características de sua onomástica original foram abandonadas e substituídas por características novas, sendo o maior número delas procedentes da cultura brasileira.

Referências bibliográficas

- ABECK, H. Colaboração germânica no Paraná. 2.ed. Curitiba, s.ed., 1980. 101 p.
- ALLERTON, D.J. The linguistic and sociolinguistics status of proper names. Journal of Pragmatics, 11: 61-92, 1987.
- ALTHAUS, F.; HENNE, H. & WIEGAND, H.E. Lexikon der germanistischen Linguistic. 2.ed. Tübingen, Niemeyer, 1980.
- ANDERSEN, C. Studien zur Namengebung in Nordfriesland; die Böckingharde 1760-1970. Bräist/Bredstedt, Nordfriisk Institut, 1977. 291 p. Tese de doutorado, Christian-Albrechts-Universität in Kiel.
- AULICH, W. O Paraná e os alemães; estudo caracterológico sobre os imigrantes germânicos. Curitiba, s.ed., 1953. 216 p.
- BACH, A. Deutsche Namenkunde. Heidelberg, Carl Winter Universitätsverlag, 1953. 3v.
- BAUER, G. Namenskunde des Deutschen. Bern, Peter Lang, 1985. 246 p.
- BÜKY, B. Namengebrauch - Namengebung. Beiträge zur Namenforschung, 11 : 361-374, 1976.
- BLANAR, V. Das spezifisch Onomastische. Der Name in Sprache und Gesellschaft, 27 : 31-51, 1973.
- BLOK, D.P. Proceedings of the eighth international congress of onomastic sciences. Paris, Mouton, 1966.
- BOESCH, B. Die Eigennamen in ihrer geistigen und seelischen Bedeutung für den Menschen. Der Deutschunterricht, 9[5] : 32-50, 1957.
- BRENDER, M. Some Hypotheses About the Psychodynamic Significance of Infant Name Selection. NAMES, 11 : 1-9, Youngstown, 1963.
- CAMPOS, G. Pequeno dicionário de arte poética. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1965. 220 p.
- CARROLL, J.M. Toward a functional theory of names and naming. Linguistics, 21 : 341-371, 1983.
- CONGRESSO MUNDIAL MENONITA, 9., Curitiba, 1972. 146 p.
- DEBUS, F. Soziologische Namengeographie. Zur sprachgeographischen- soziologischen Betrachtung der Nomina propria. In: MITZKA, W. Wortgeographie und Gesellschaft.

Berlin, Walter de Gruyter & Co., 1968. 28-48.

_____. Deutsche Namengebung im Wandel. Beiträge zur Namenforschung, 11: 388-410, 1976.

_____. Zur Pragmatik von Namengebung und Namengebrauch in unserer Zeit. Beiträge zur Namenforschung, 20: 305-343, 1985.

DUNKLING, L.A. First Names First. London, J.M.Dent & Sons, 1977. 285p.

EICHLER, E. et alii. Namenforschung heute; ihre Ergebnisse und Aufgaben in der Deutschen Demokratischen Republik. Berlin, Akademie Verlag, 1971. 116 p.

_____. Aufgaben und Perspektiven der Namenforschung in der Deutschen Demokratischen Republik. Der Name in Sprache und Gesellschaft, 27 : 7-12, 1973.

_____. Sprachkontakte im Lichte der Onomastik. ONOMA, 20: 128-141, Leuven, 1976.

EL-MURR, V. et alii. Alguns Aspectos da Colonização Alêmã em Domingos Martins - 1847/1889. In: COLOQUIO DE ESTUDOS TEUTO-BRASILEIROS, 3., Porto Alegre, 1974. Anais. Porto Alegre. Ed. da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1980, 305-350.

ENGEL, G.I. Estrutura e redação de dissertação e tese. Curitiba, s.ed., 1982. 55 p.

FERREIRA, A. B. H. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986, 2a ed. 1838 p.

FISCHER, U. Vornamen bei den deutschstämmigen Kolonisten im Staat Espírito Santo. Staden-Jahrbuch, 14, 161-174, São Paulo 1966.

FLEISCHER, W. Die deutschen Personennamen; Geschichte, Bildung und Bedeutung. Berlin, Akademie Verlag, 1964. 238 p.

FRANK, R. in: Woerterbuch der deutschen Gegenwartssprache IV. 1977. p. 9

FRÖSCHLE, H. Die Deutschen in Südamerika; Schicksal und Leistung. Tübingen, Erdmann, 1979. 876 p.

GROSSE, R. Ursachen des Sprachwandels und Ursachen des Namenwandels. Beiträge zur Onomastik, 1 [1] : 3-10, 1980.

HAARMANN, H. Die Rolle von Eigennamen und Familiennamen im Sprachkontakt. Beiträge zur Namenforschung, 18 : 154-170, 1983.

HELLFRITZSCH, V. Zum Problem der stilistischen Funktion von Namen. Der Name in Sprache und Gesellschaft, 27 : 64-73, 1973.

HERRLE, T. Die Mode in den Vornamen. Muttersprache, 23 : 18-21, 1956.

INTERNATIONALER KONGRESS FÜR NAMENFORSCHUNG, 6., München, 1958.

JANZ, W. & RATZLAFF, G. Gemeinde unter dem Kreuz des Suedens. s.l., s.ed. 1980. 225 p.

KLYMASZ, R. The Canadianization of Slavic Surnames; A Study in Language Contact. Part 1. NAMES, 11: 81-195, Youngstown, 1963.

KONFERENZ SÜDDEUTSCHER MENNONITENGEMEINDEN e.V. Mennonitisches Jahrbuch. 1980. s.l., 1980. 147 p.

KOSZ, G. Benennungsmotive bei der Vornamengebung. Oberpfälzer Heimat, 16 : 143-158, 1972.

_____. Motivationen bei der Wahl von Rufnamen. Beiträge zur Namenforschung, 7: 159-175, 1972.

LAWSON, E. D. Personal Names: 100 Years of Social Science Contributions. NAMES, 32 [1] : 45-73, Youngstown, 1984.

MASSER, A. Zum Wandel in der deutschen Rufnamengebung. Beiträge zur Namenforschung, 13: 341-357, 1978.

MINNICH, R.H. A sociological study of the mennonite immigrant communities in Paraná, Brazil. 1966. 357p. Tese de doutorado, Universidade da Florida, EUA.

NADALIN, S. D. Arquivo da Comuna Evangélica de Curitiba. In: SIMPOSIO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITARIOS DE HISTORIA, 5., Campinas, 1969. Anais. Campinas. s/ed. 1971, 261-281.

_____. Imigração Alemã no Brasil: Dois Problemas. In: COLOQUIO DE ESTUDOS TEUTO-BRASILEIROS, 3., Porto Alegre, 1974. Anais. Porto Alegre. Ed. da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1980, 297-303.

NAUMANN, H. Entwicklungstendenzen in der modernen Rufnamengebung der Deutschen Demokratischen Republik. Der Name in Sprache und Gesellschaft, 27: 147-191, 1973.

_____. Normen bei Personennamen. Beiträge zur Onomastik, 1[2] : 188-202, 1980.

_____. ed. Familiennamenbuch. Bibliographisches Institut Leipzig, 1987. 328 p.

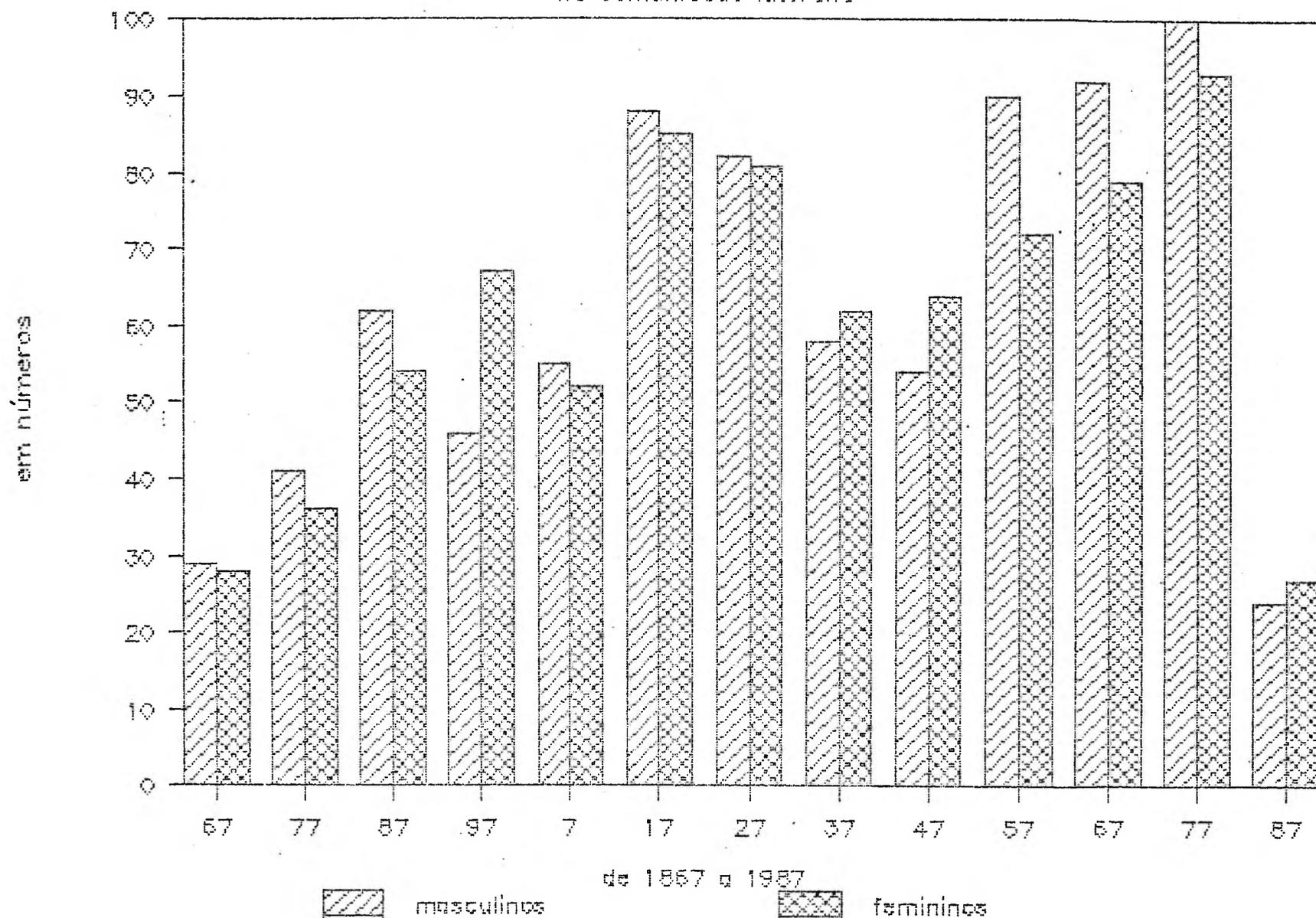
NICOLAISEN, W.F.H. Are there Connotative Names? NAMES, 26 : 40-47, Youngstown, 1978.

_____. Field-Collecting in Onomastics. NAMES, 27: 162-178, Youngstown, 1979.

- SEEMAN, M. V. The Unconscious Meaning of Personal Names. NAMES, 31 : 237-244, Youngstown, 1983.
- SEIBICKE, W. Vornamen. Wiesbaden, Verlag für deutsche Sprache, 1977. 177p.
- SEYFERTH, G. A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim; um estudo de desenvolvimento econômico. Porto Alegre, Movimento, 1974. 159 p.
- SHIN, K.S. Schichtenspezifische Faktoren der Vornamengebung. Frankfurt am Main, Peter D.Lang, 1980. 183p. Tese de doutorado, Universität Heidelberg.
- SIEMENS, J.U. Varietades lingüísticas entre os menonitas de Curitiba, 1984. 183p. Dissertação de mestrado, Universidade Católica do Paraná.
- SOLTÉSZ, K J. Die stilistische Funktion der Eigennamen. ONOMA, 22: 382-387, Leuven, 1978.
- SRAMEK, R. Zu den theoretischen Problemen der Namenforschung im Sprachkontakt. ONOMA, 22: 388-401, Leuven, 1978.
- STEGER, H. Probleme der Namenforschung im deutschsprachigen Raum. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1977. 177 p.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANA. Normas para apresentação de trabalhos. Curitiba, 1981. 183 p.
- UNRUH, B. H. Die niederländisch-niederdeutschen Hintergründe der mennonitischen Ostwanderungen im 16., 18. und 19. Jahrhundert. Karlsruhe-Rüppurr, Editora do Autor, 1955. 432 p..
- VANDRESEN, P. Contatos Lingüísticos em Santa Catarina. In: COLOQUIO DE ESTUDOS TEUTO-BRASILEIROS, 3., Porto Alegre, 1974. Anais. Porto Alegre. Ed. da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1980, 371-385.
- VASCONCELOS, J.L. Opúsculos; onomatologia. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931.
- WALTHER, H. Soziolinguistisch-pragmatische Aspekte der Namengebung und des Namegebrauchs. CONGRES INTERNATIONAL DES SCIENCES ONOMASTIQUES, 11q, Sofia, 1972. Actes. Sofia. 1975, 421-429.
- _____ e SCHULTHEIS, J. Soziolinguistische Aspekte der Eigennamen. In : BEITRAEGE ZUR SOZIOLOGUE. GROSSE, R. e NEUBERT, A. [ed.]. Max Niemeyer Verlag, Halle, 1974. p.187-205.
- _____ .Der Anteil der Namenkunde an der Formung des Geschichtsbildes und des Geschichtsbewusstseins. Beiträge zur Onomastik, 1 [1] : 18-28, 1980.

- WEITMAN, S. Some Methodological Issues in Quantitative Onomastics. NAMES, 29 : 181-196, Youngstown, 1981.
- WILLEMS, E. Assimilação e populações marginais no Brasil; estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes. São Paulo, Nacional, 1940. 343 p.
- WITKOWSKI, T. Grundbegriffe der Namenkunde. Berlin, Akademie Verlag, 1964. 92 p.
- WITKOWSKI, T. Zum Problem der Bedeutungserschließung bei Namen. Der Name in Sprache und Gesellschaft, 27: 104-117, 1973.
- _____. Personennamengebung und Personennamengebrauch in der DDR. Namenkundliche Informationen, 23 : 7-13, 1973.
- ZANDER-LÜLLWITZ, B. Vornamen in Flintbek. 1972 bis 1984. Beiträge zur Namenforschung, 21 : 95-149, 1986.
- ZWEIGENHAFT, R. L. Unusual First Names: A Positive Outlook. NAMES, 31 [1]: 258-270, Youngstown, 1983.

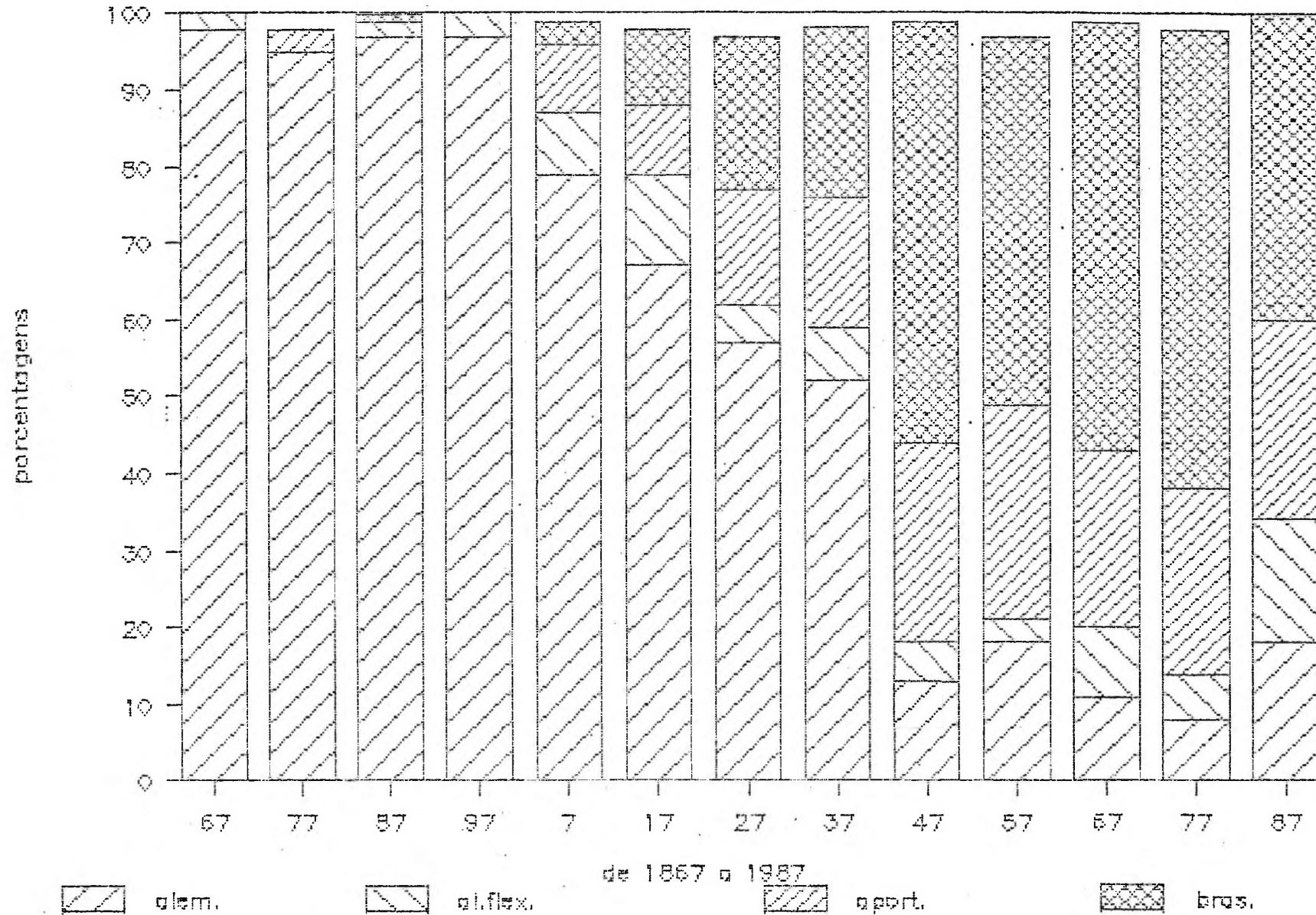
Número de indivíduos batizados na comunidade luterana



Quadro nº 1

Classificação dos nomes

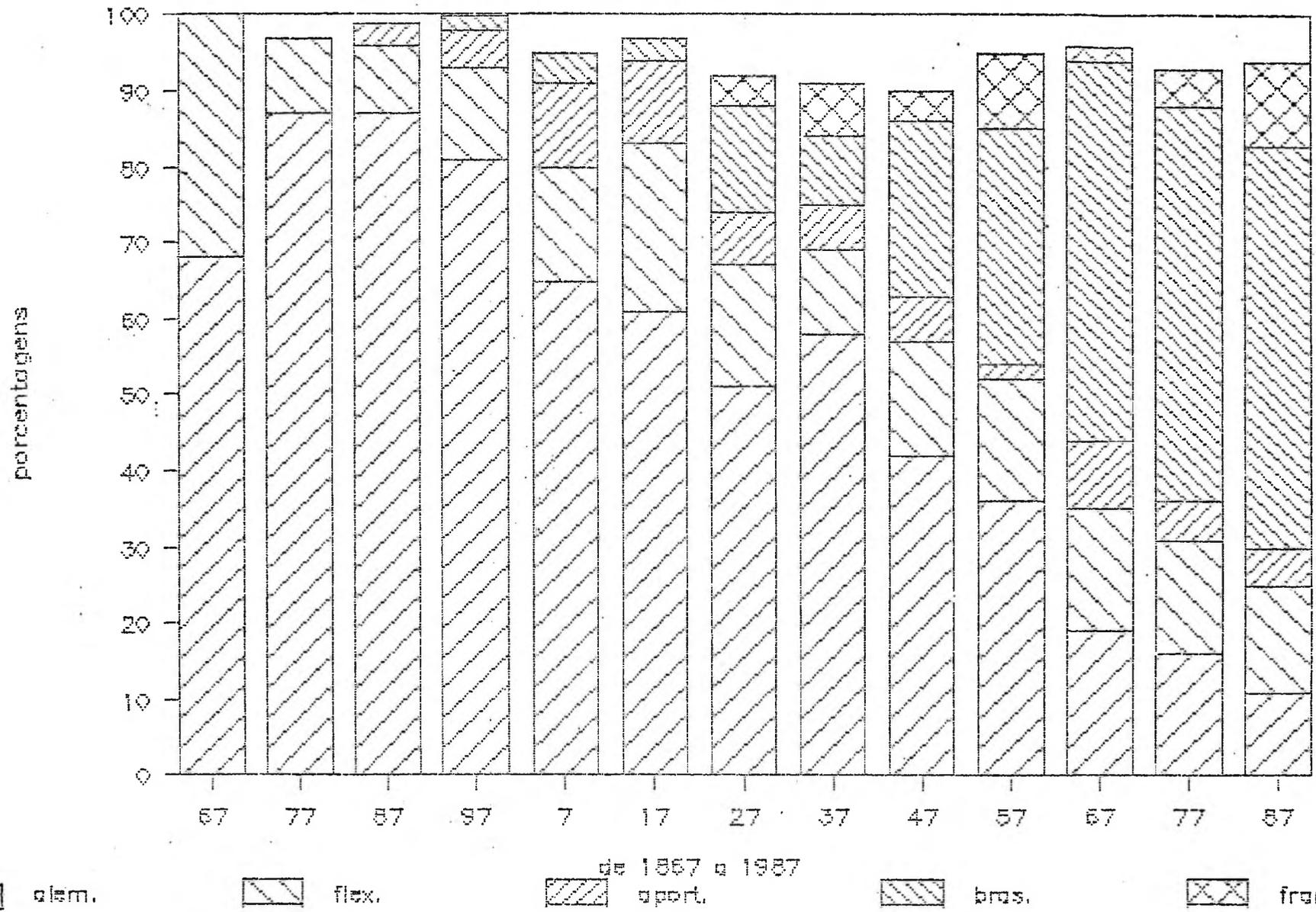
literários masculinos



Quadro nº 2

Classificação dos nomes

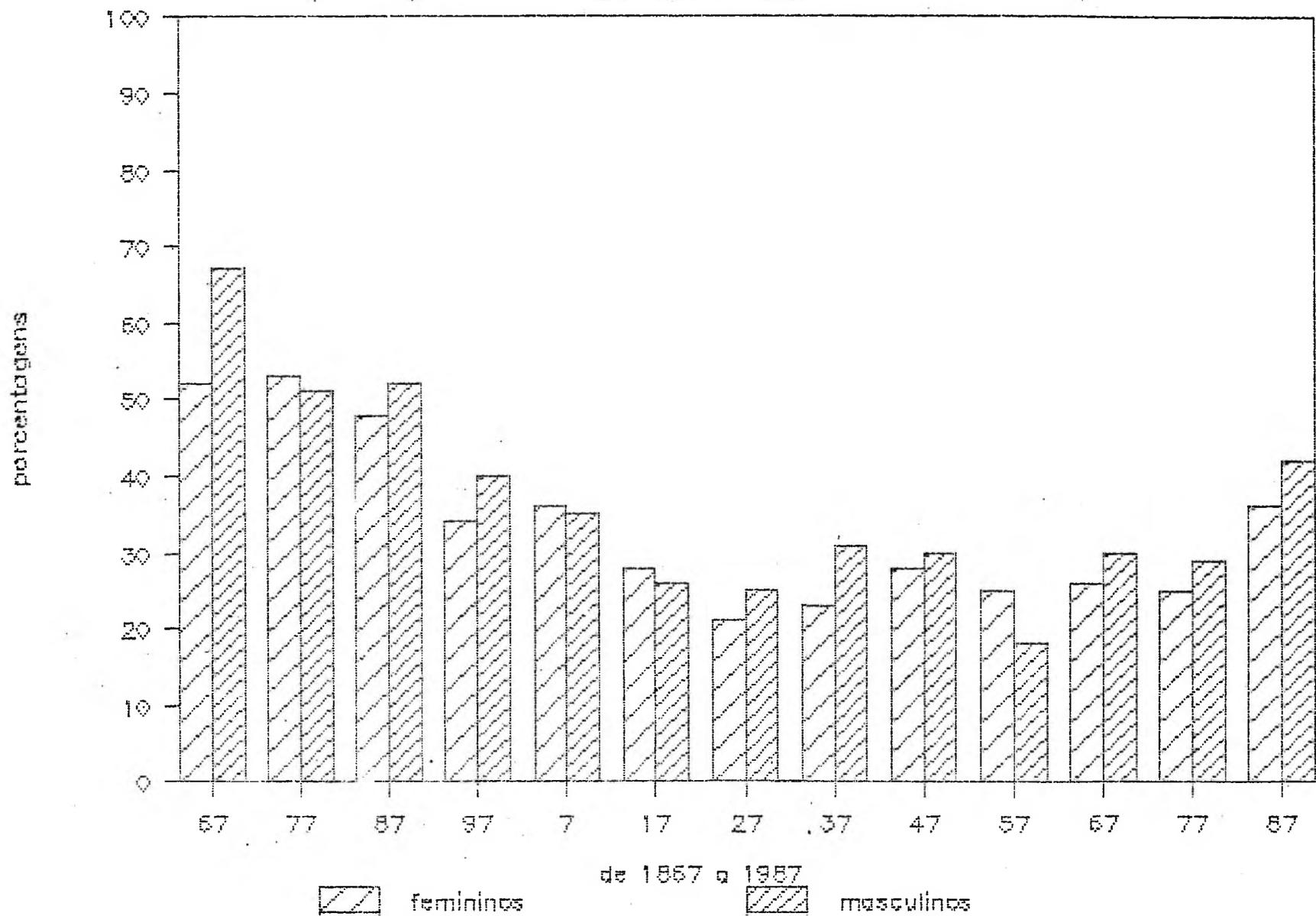
luteranos femininos



Quadro nº 3

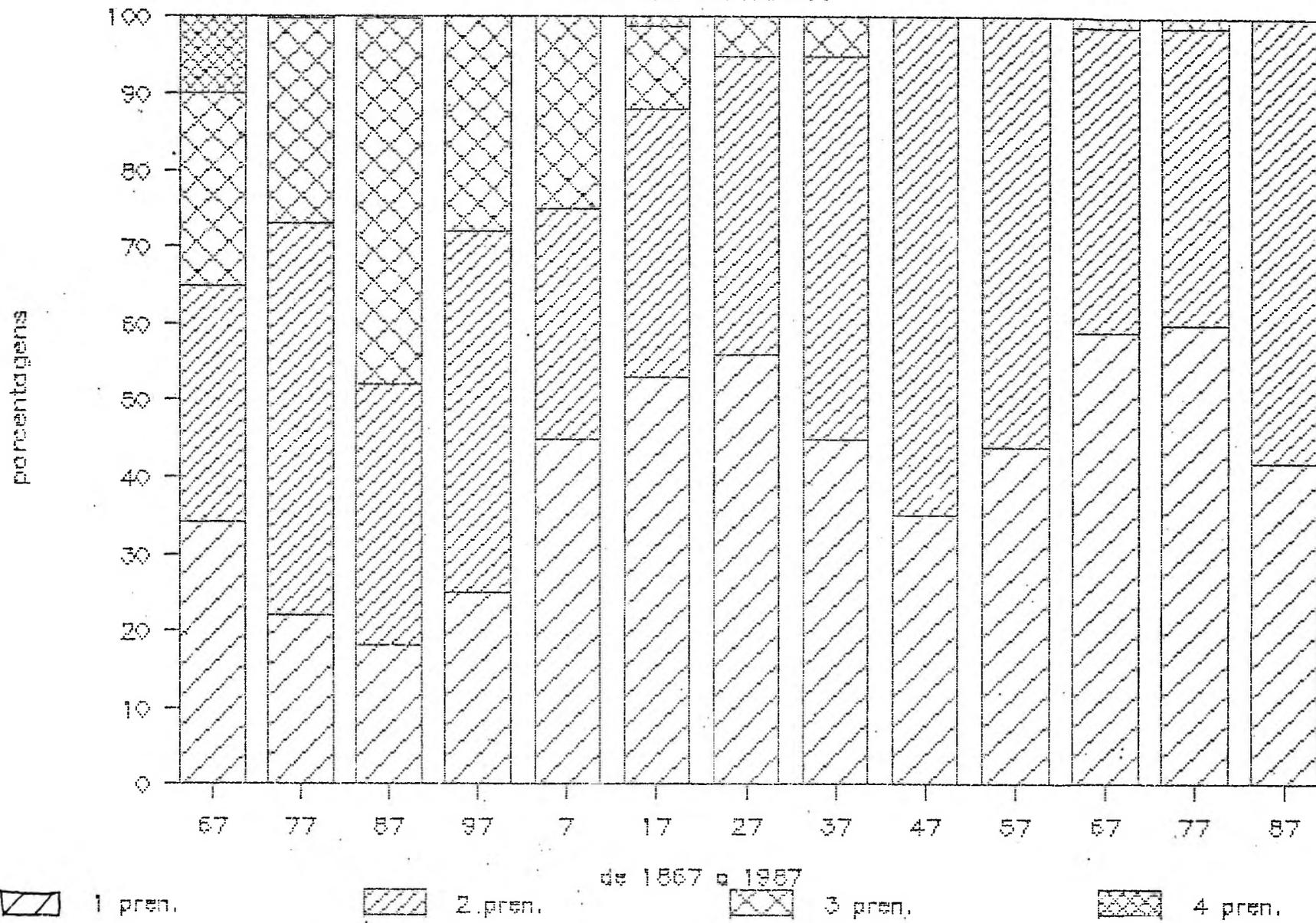
Os 8 nomes mais comuns entre

lut. fem. e masc.



Quadro n.º 4

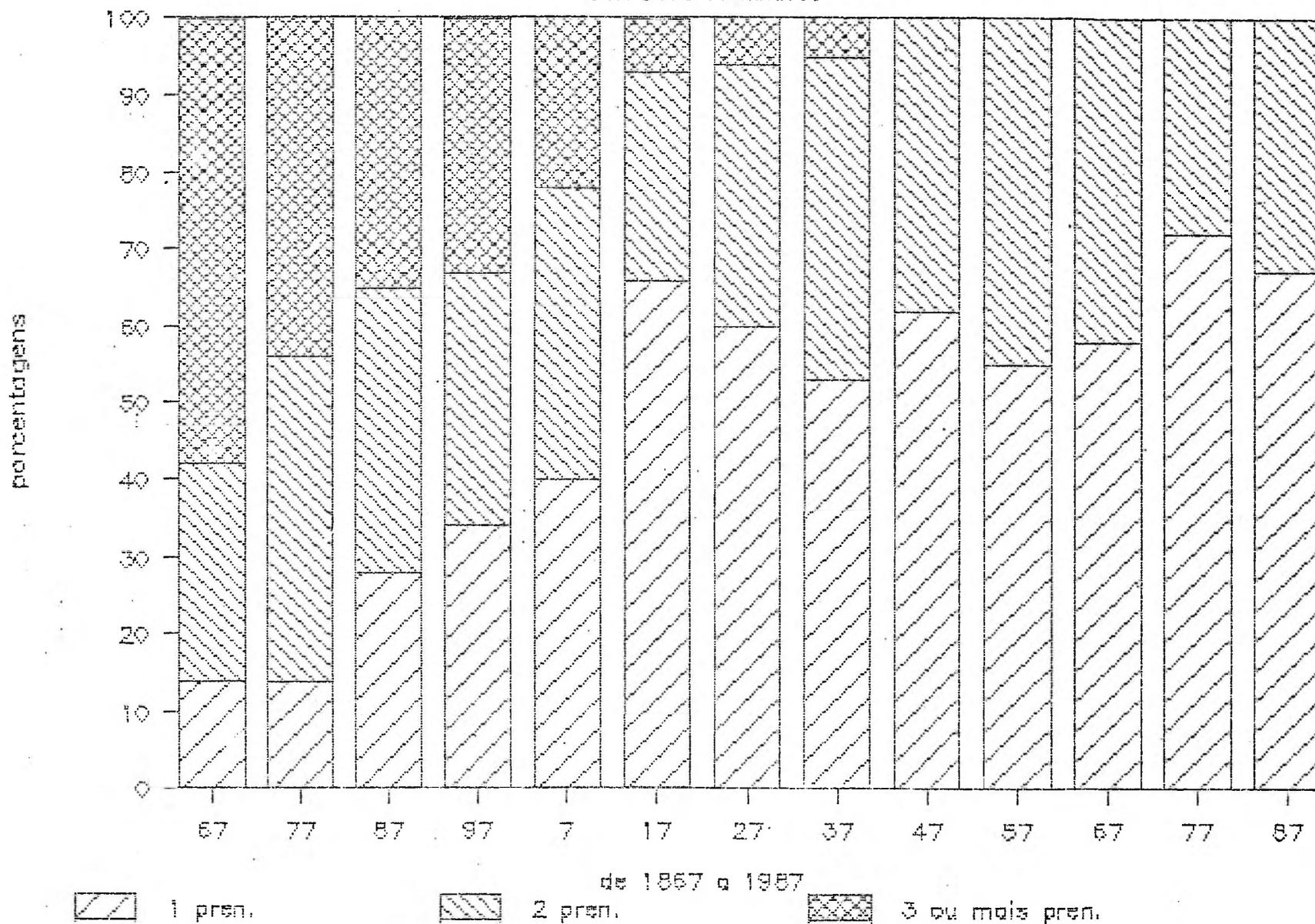
Número de prenomes entre os literatos masculinos



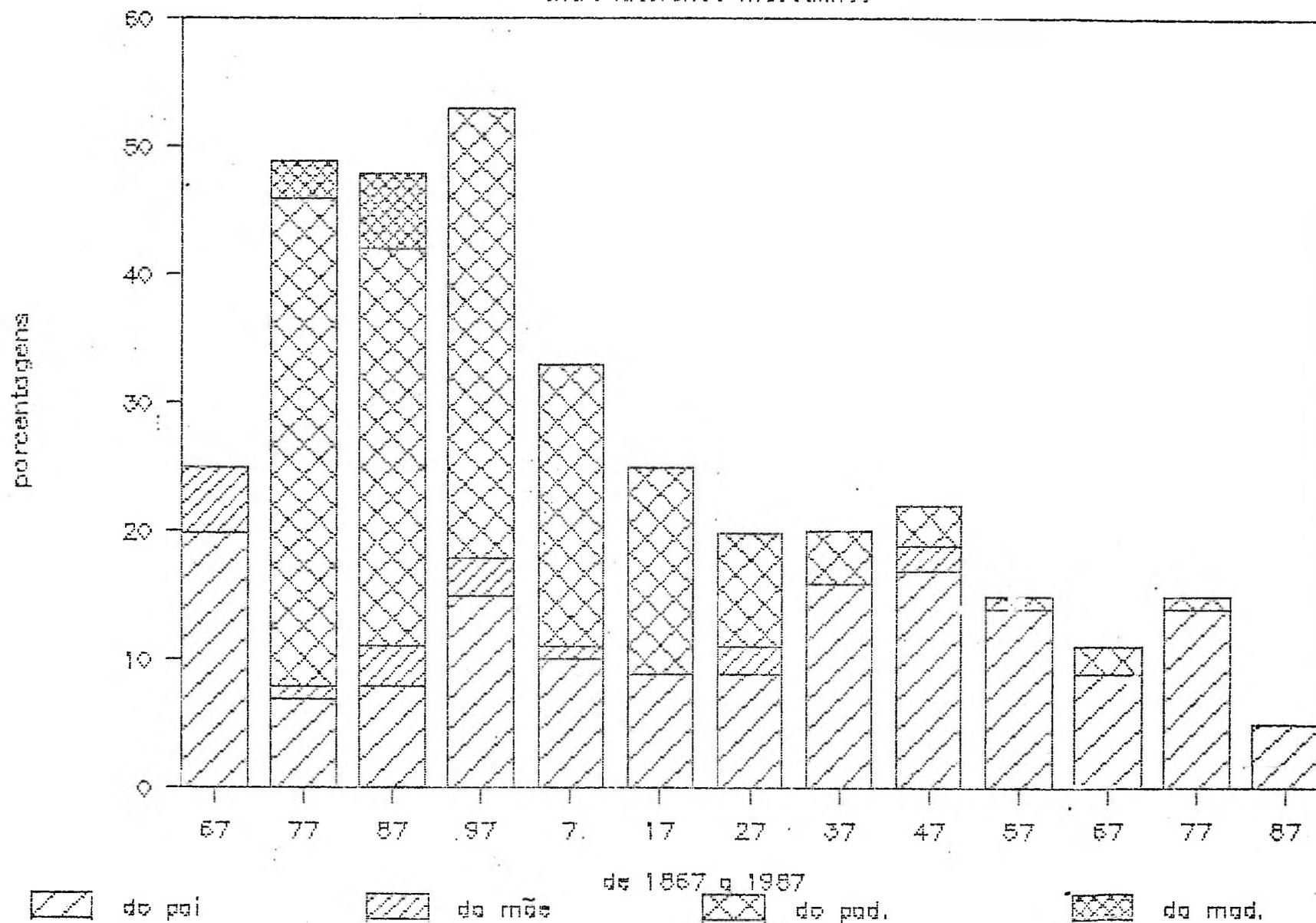
Quadro nº 5

Número de prenomes entre os

luteranos femininos



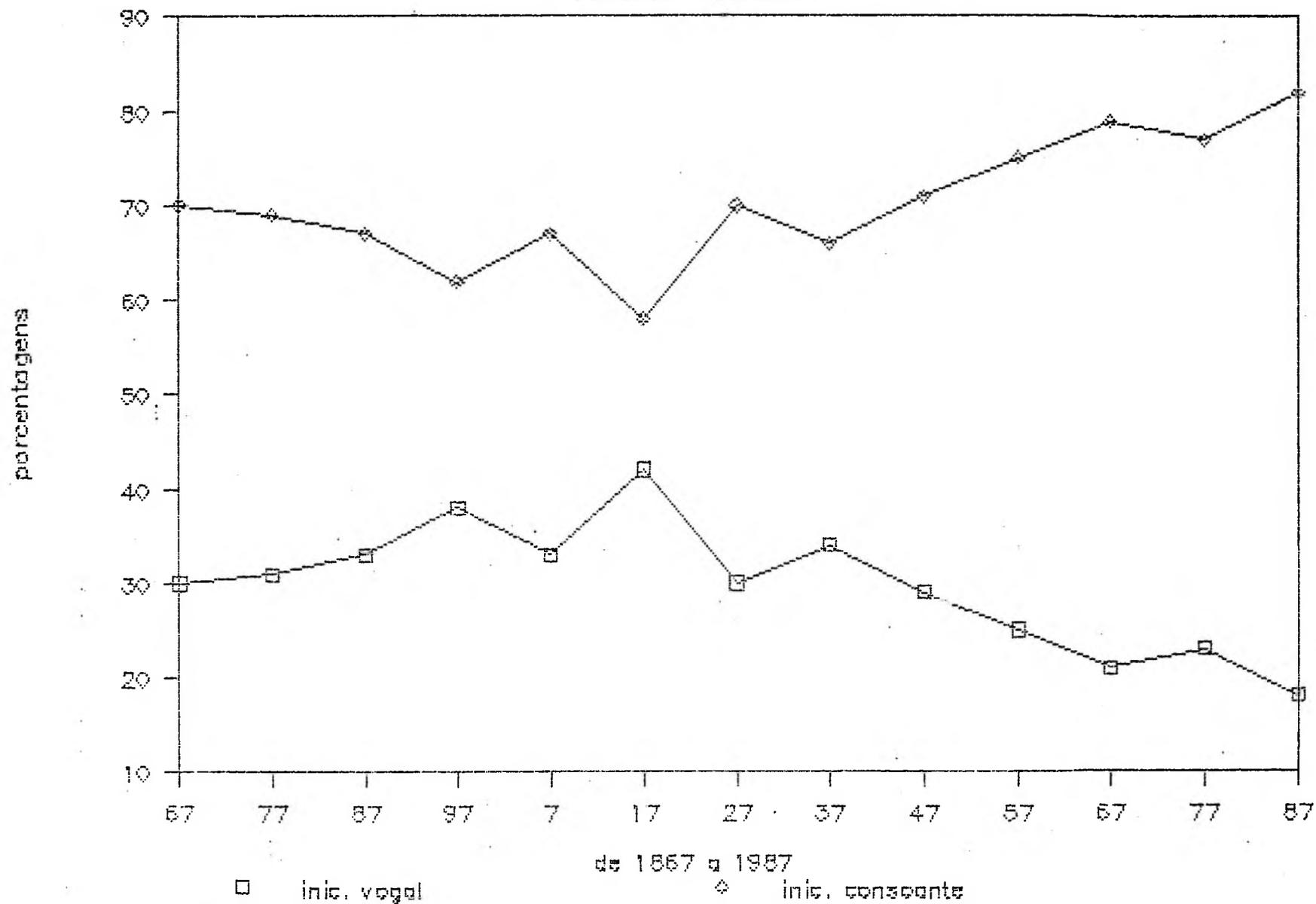
Repetição do nome entre luteranos masculinos



191
Quadro n.º 7

Letra inicial dos nomes

luteranos masculinos

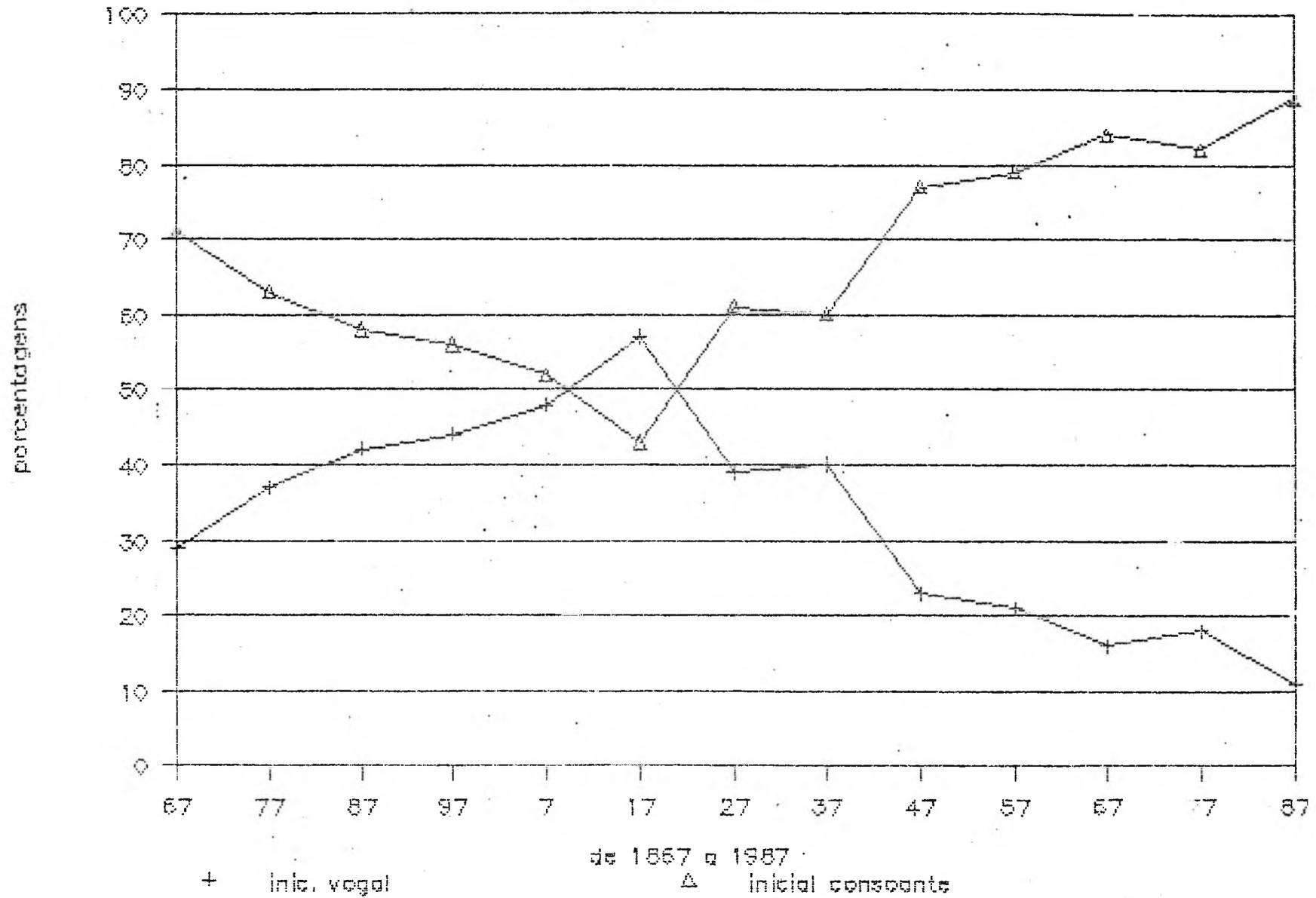


Quadro n.º 8

192

Letra inicial dos nomes

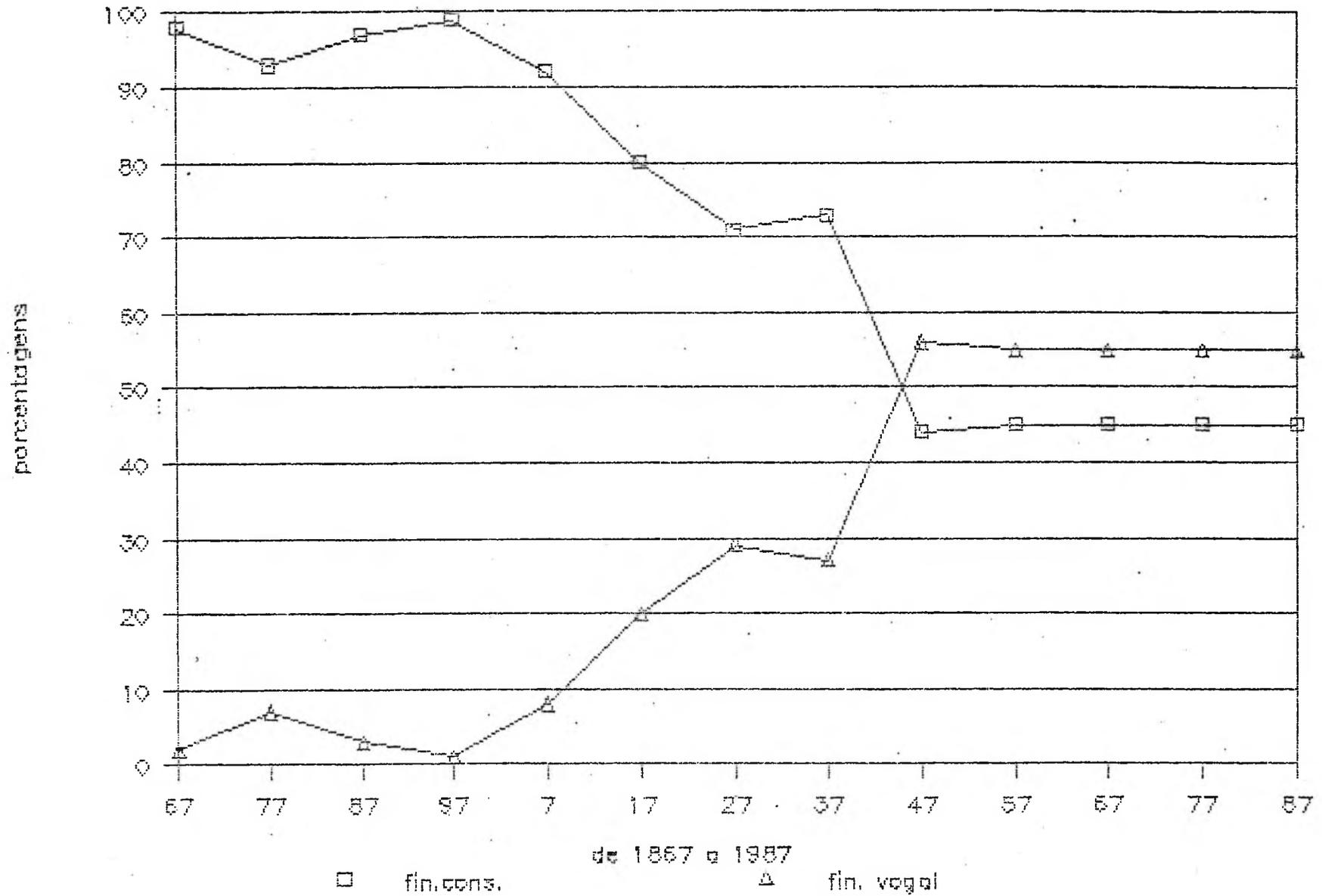
luteranos femininos



Quadro n.º 5

Letra final dos nomes

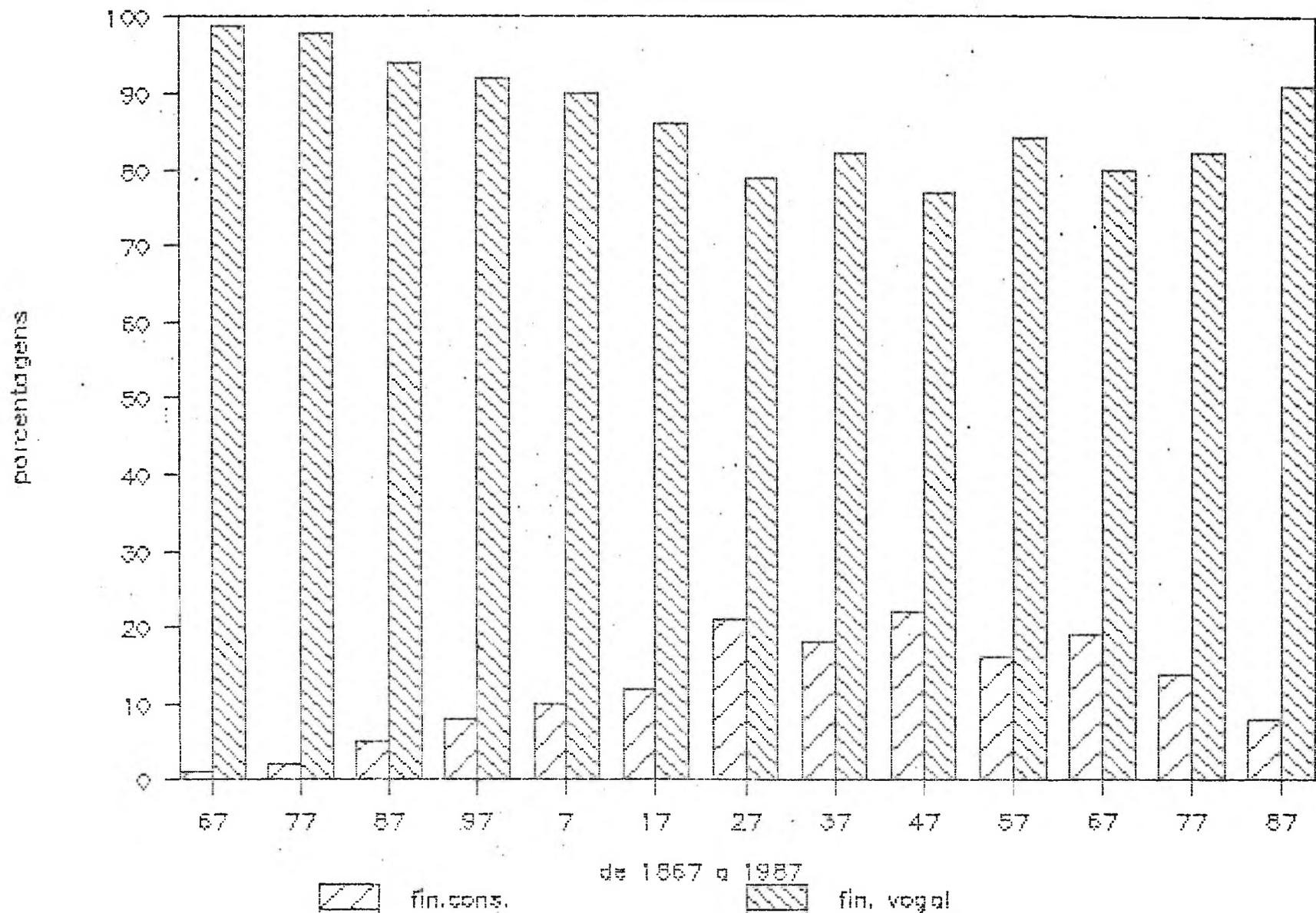
luteranos masculinos



Quadro n.º 10

Letra final dos nomes

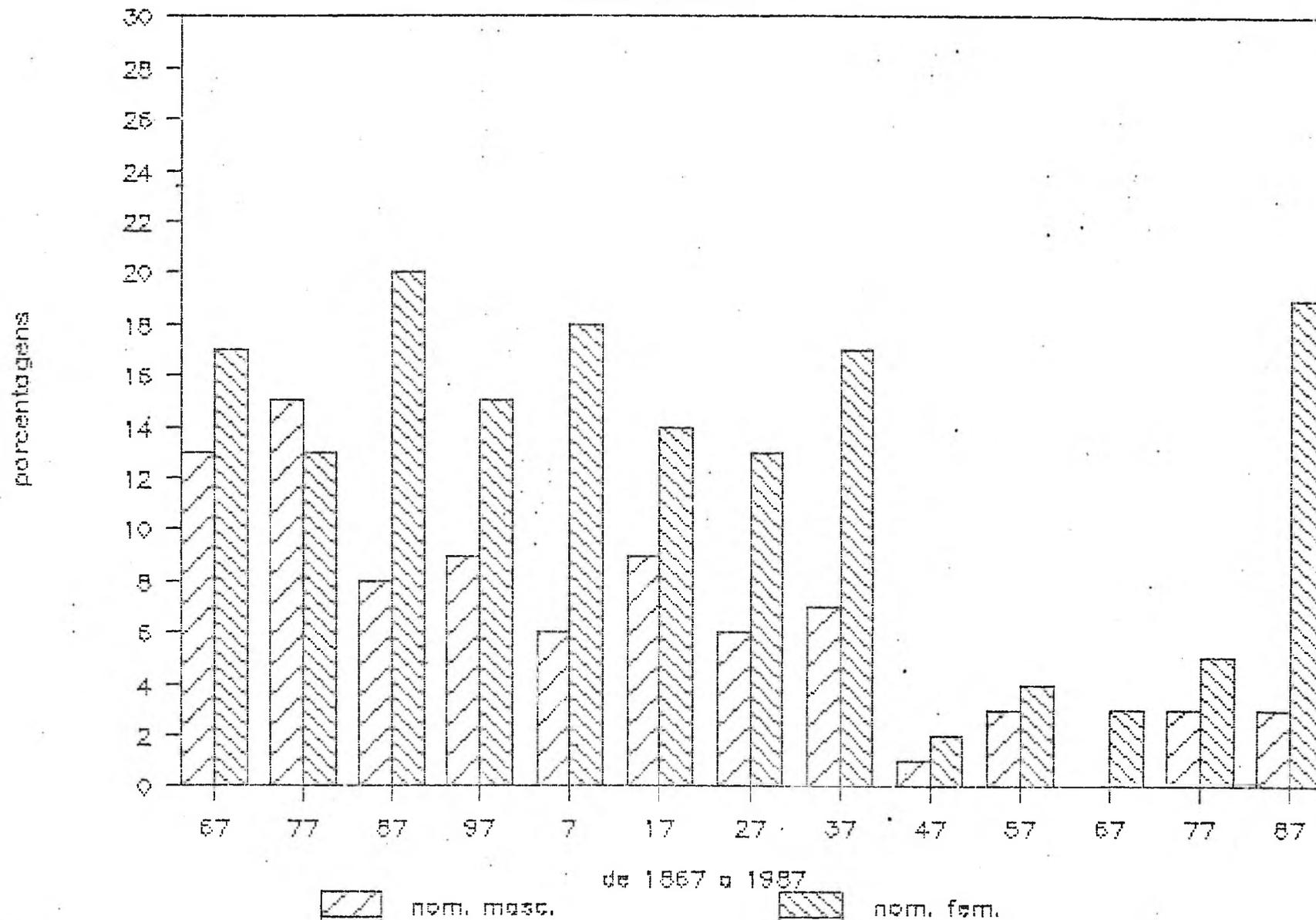
Interrogos femininos



Quadro nº 11

Duplicação consonantal em nomes

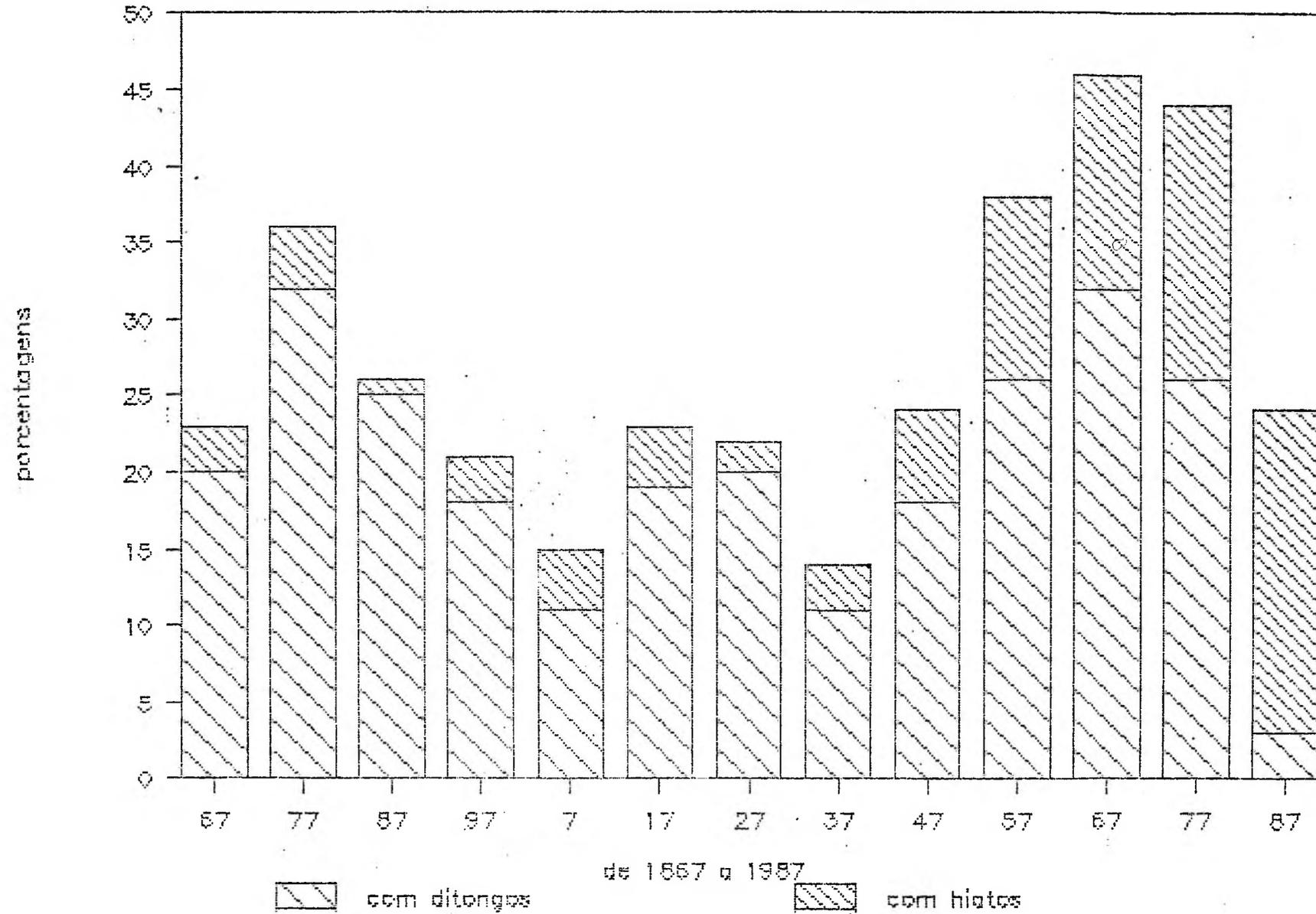
literanos masc. e fem.



Quadro n.º 12

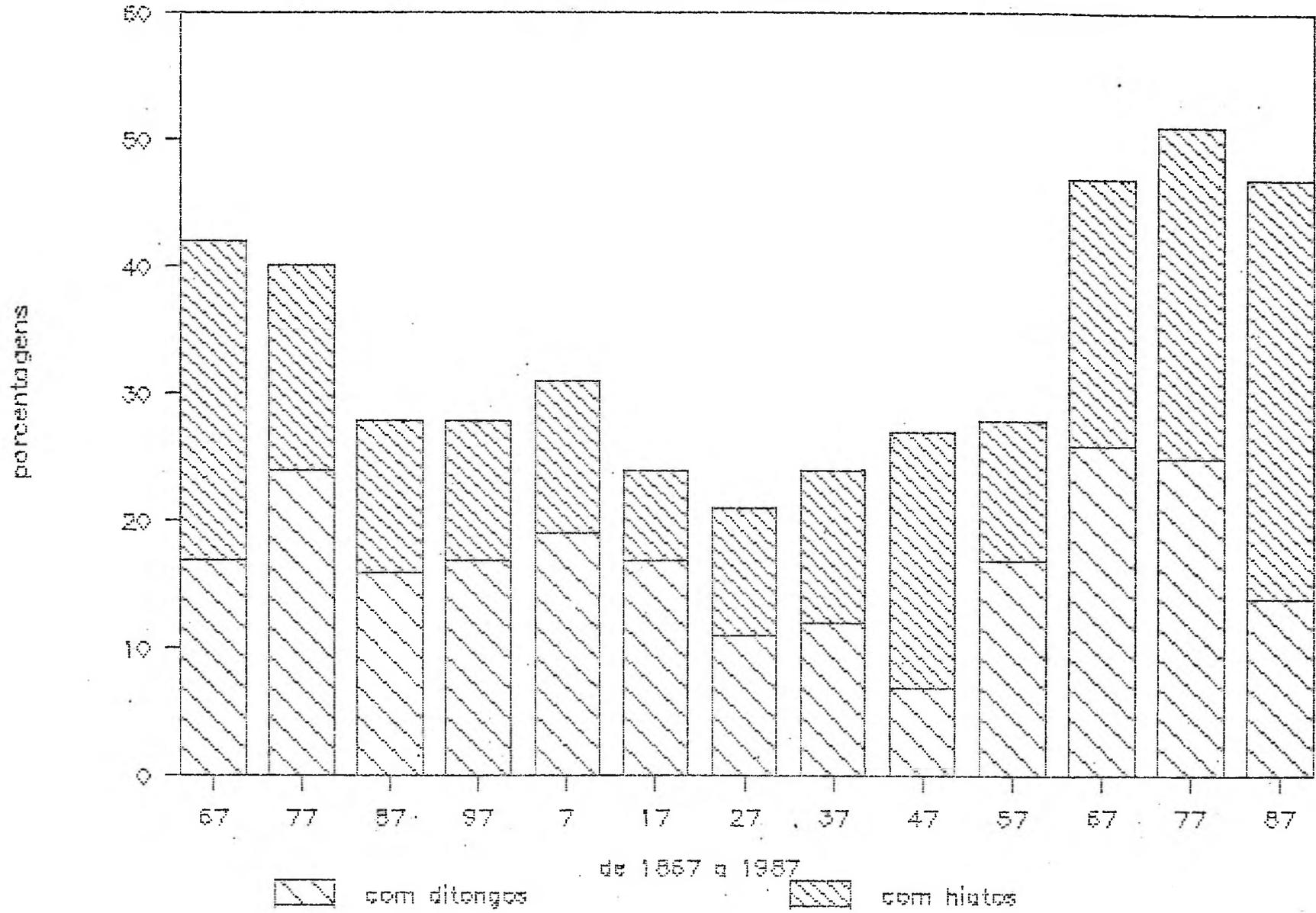
Ditongos e hiatos nos

nomes luteranos masculinos



Quadro n.º 13

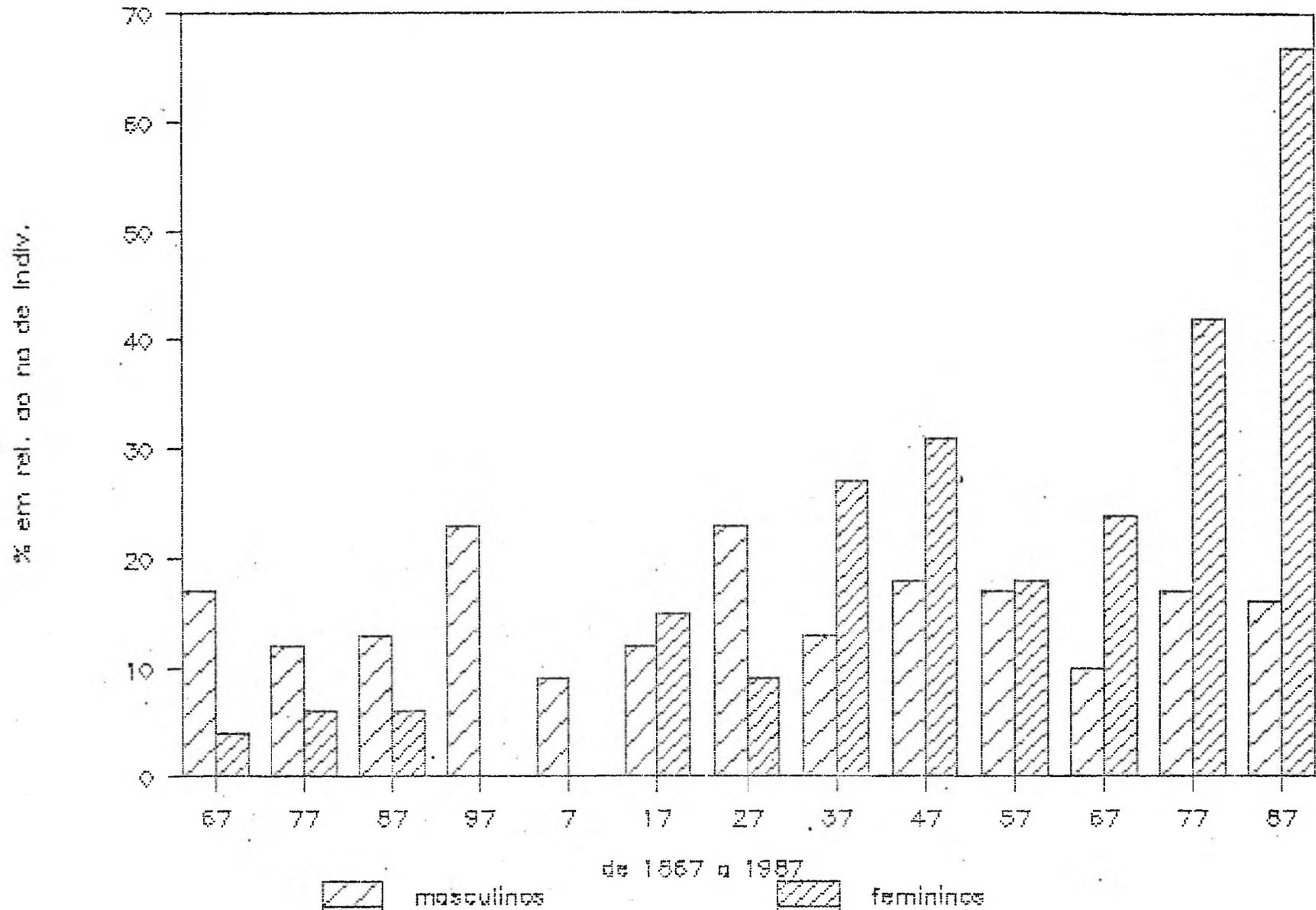
Ditongos e hiatos nos nomes luteranos femininos



198
Quadro nº 14

Rima nos nomes luteranos

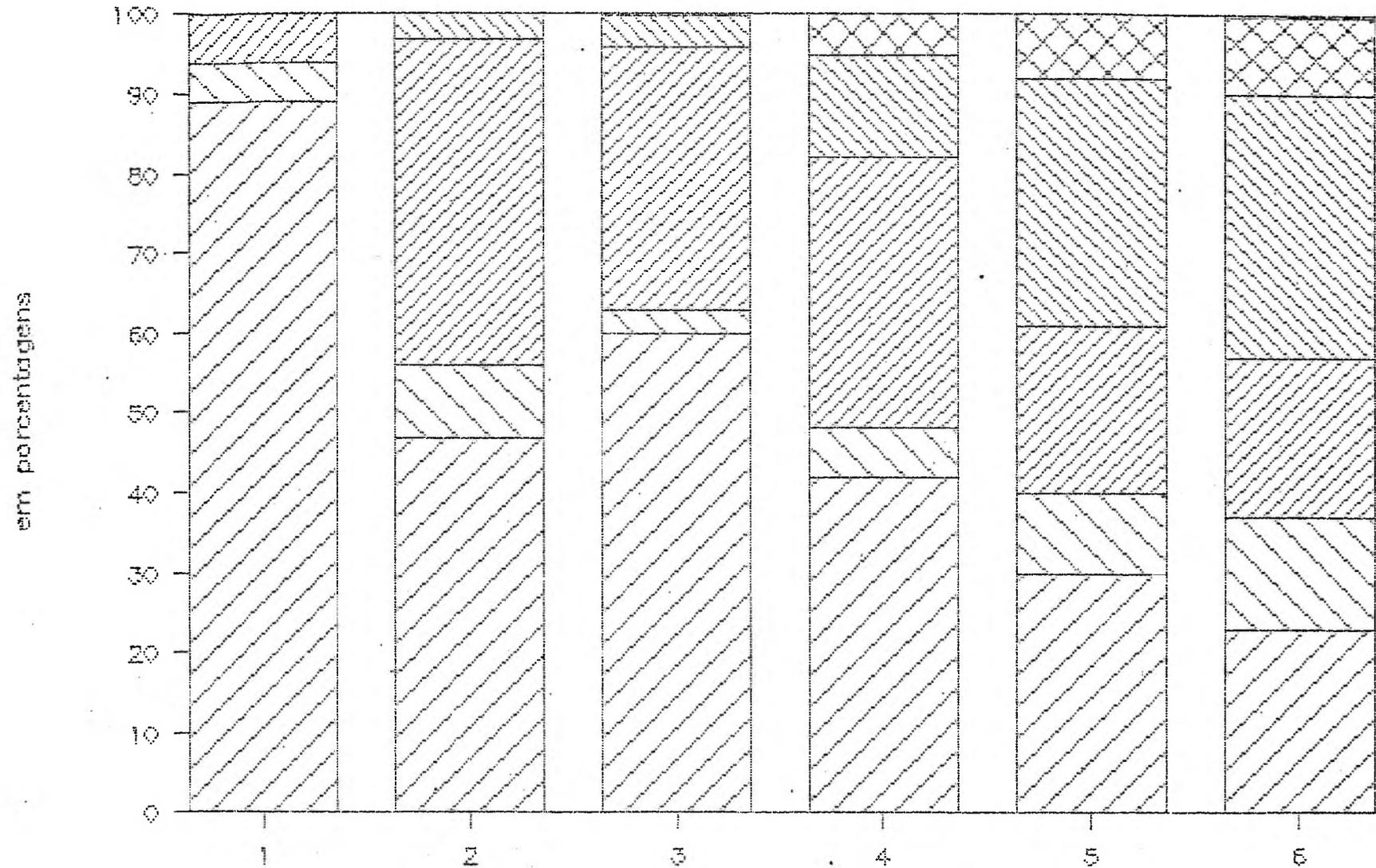
masculinos e femininos



Quadro nº 15

Classificação dos nomes

menonitas masculinos



alem.

flex.

aport.

bras.

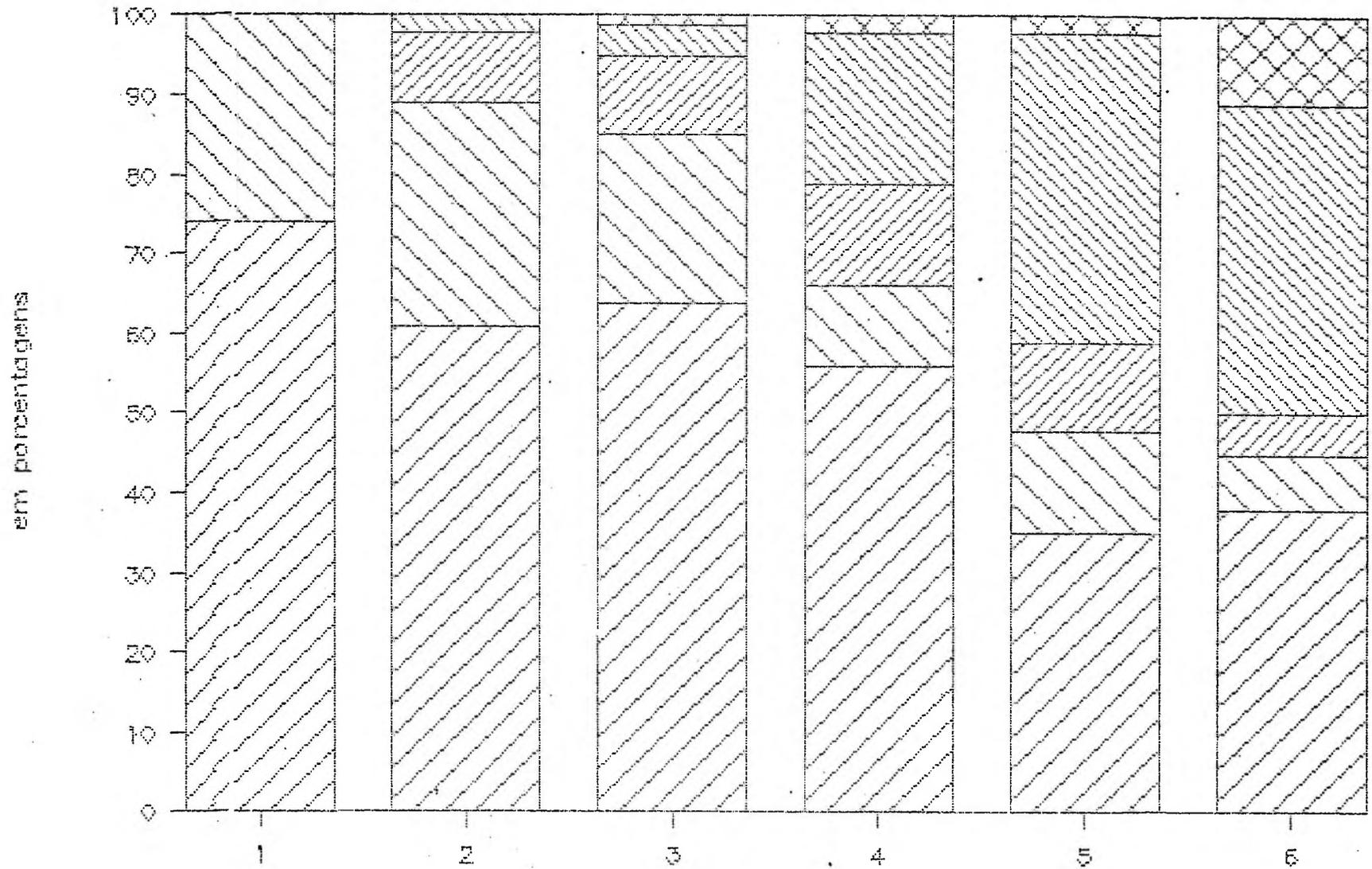
ingl.

De 1930 a 1980

Quadro n.º 16

Classificação dos nomes

menonitas femininos



alem.

flex.

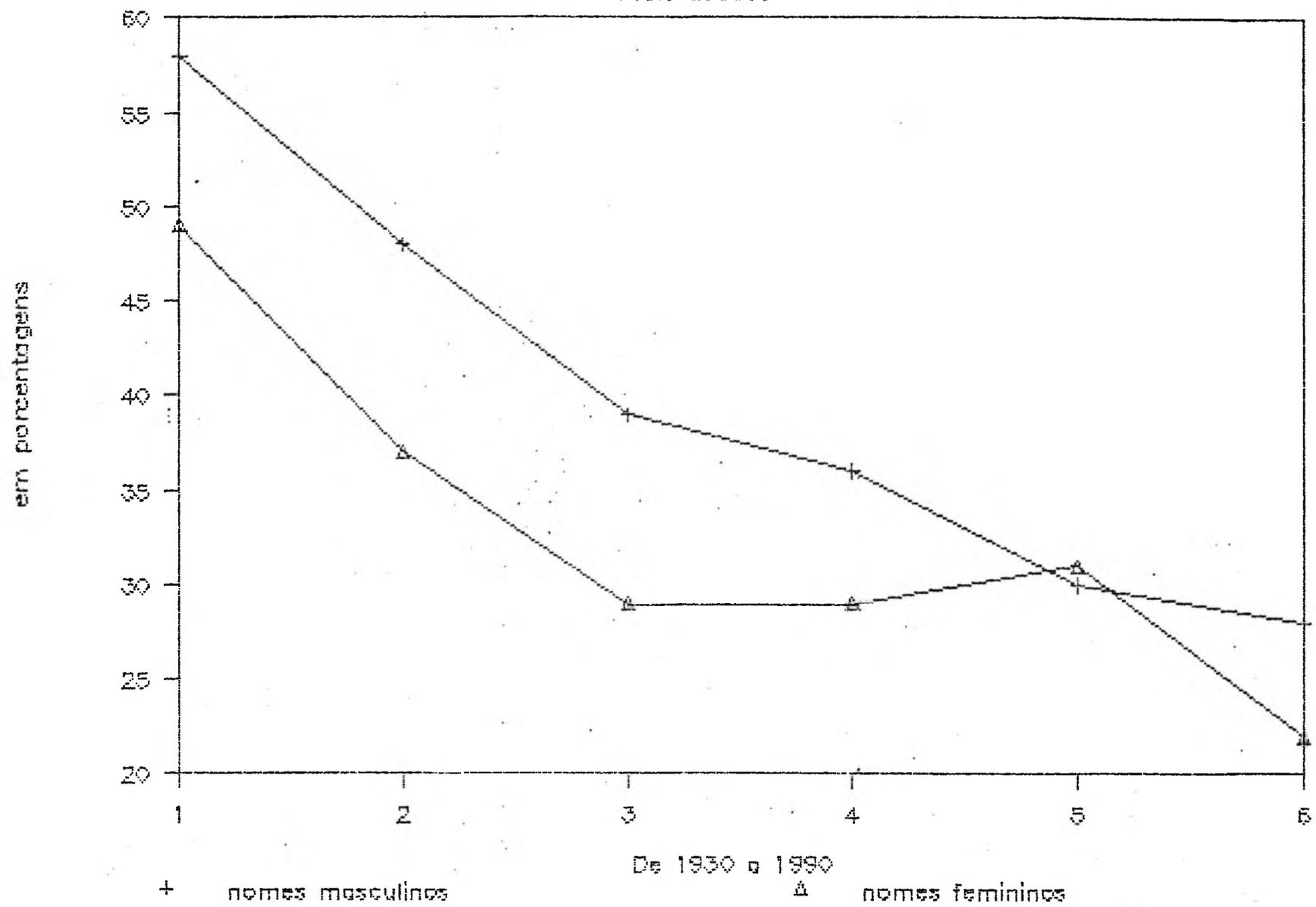
De 1930 a 1990
aport.

bras.

ingl.

201
Quadro nº 17

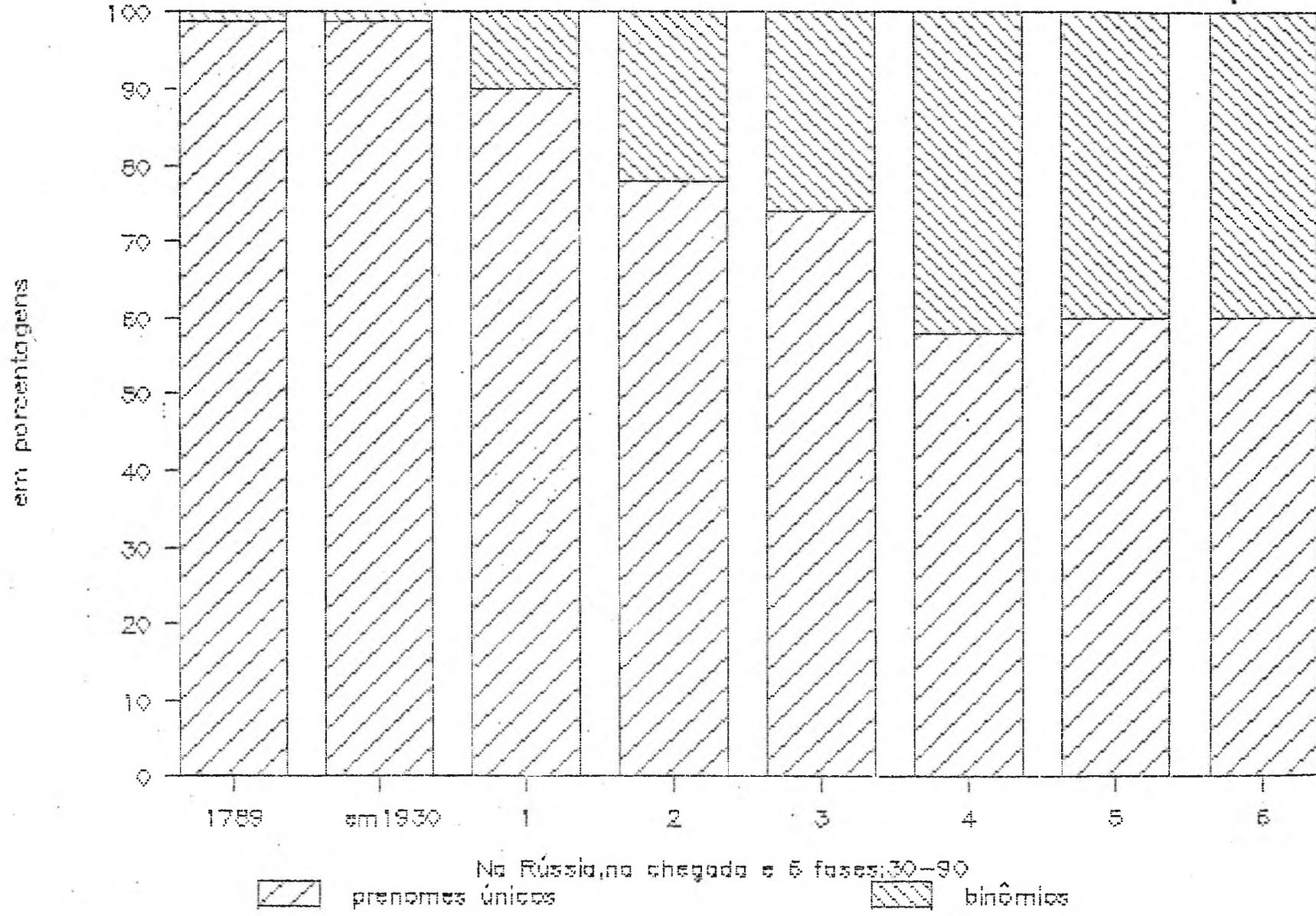
Nomes menonitas masc. e fem. mais usados



Quadro n.º 18

Número de prenomes

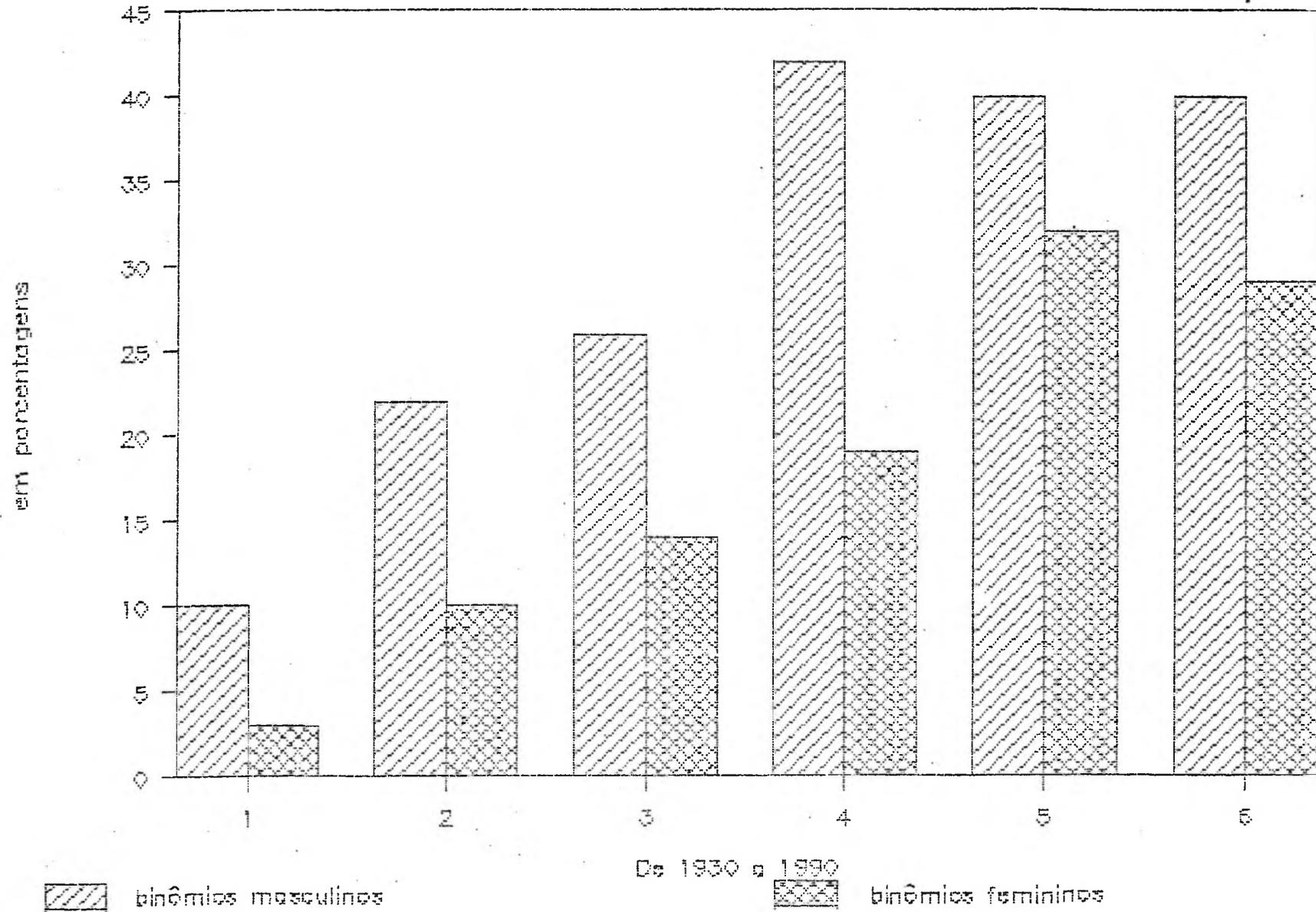
menonitas masculinos



Quadro nº 19
203

Número de binômios

menoritas masc. e fem.

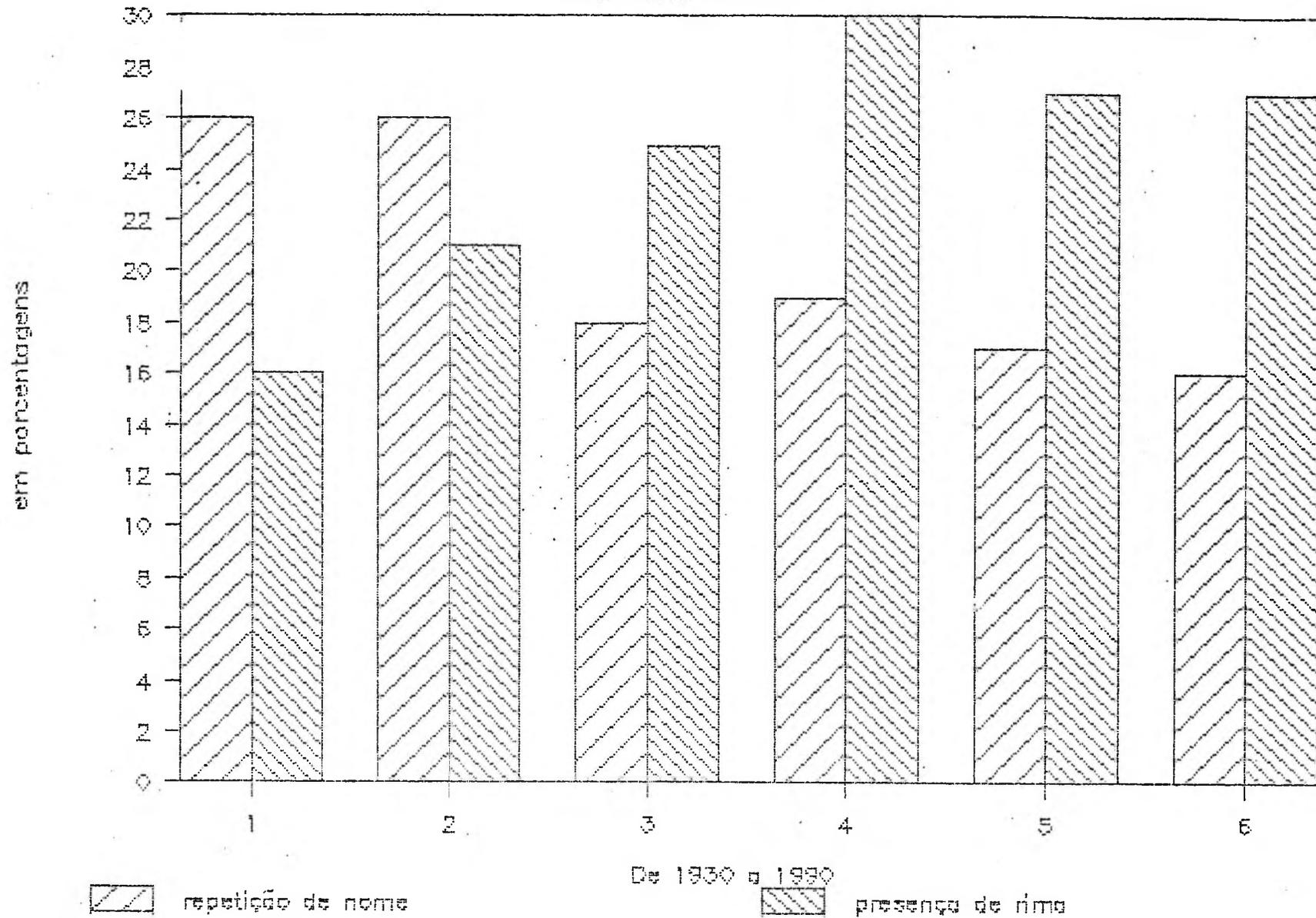


Quadro n.º 20

204

Repetição e rima em nomes

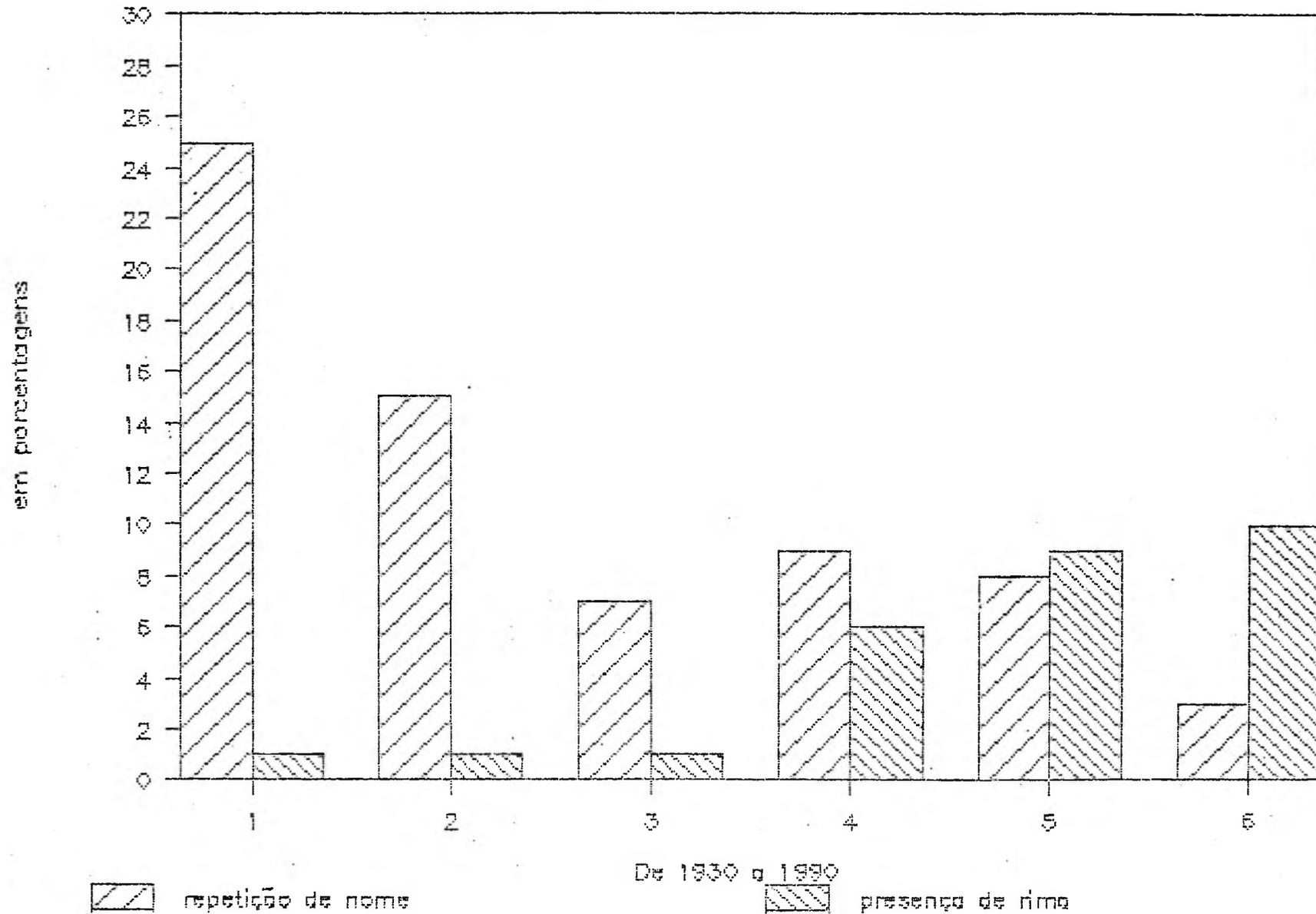
menonitas masculinos



Quadro n.º 21

205

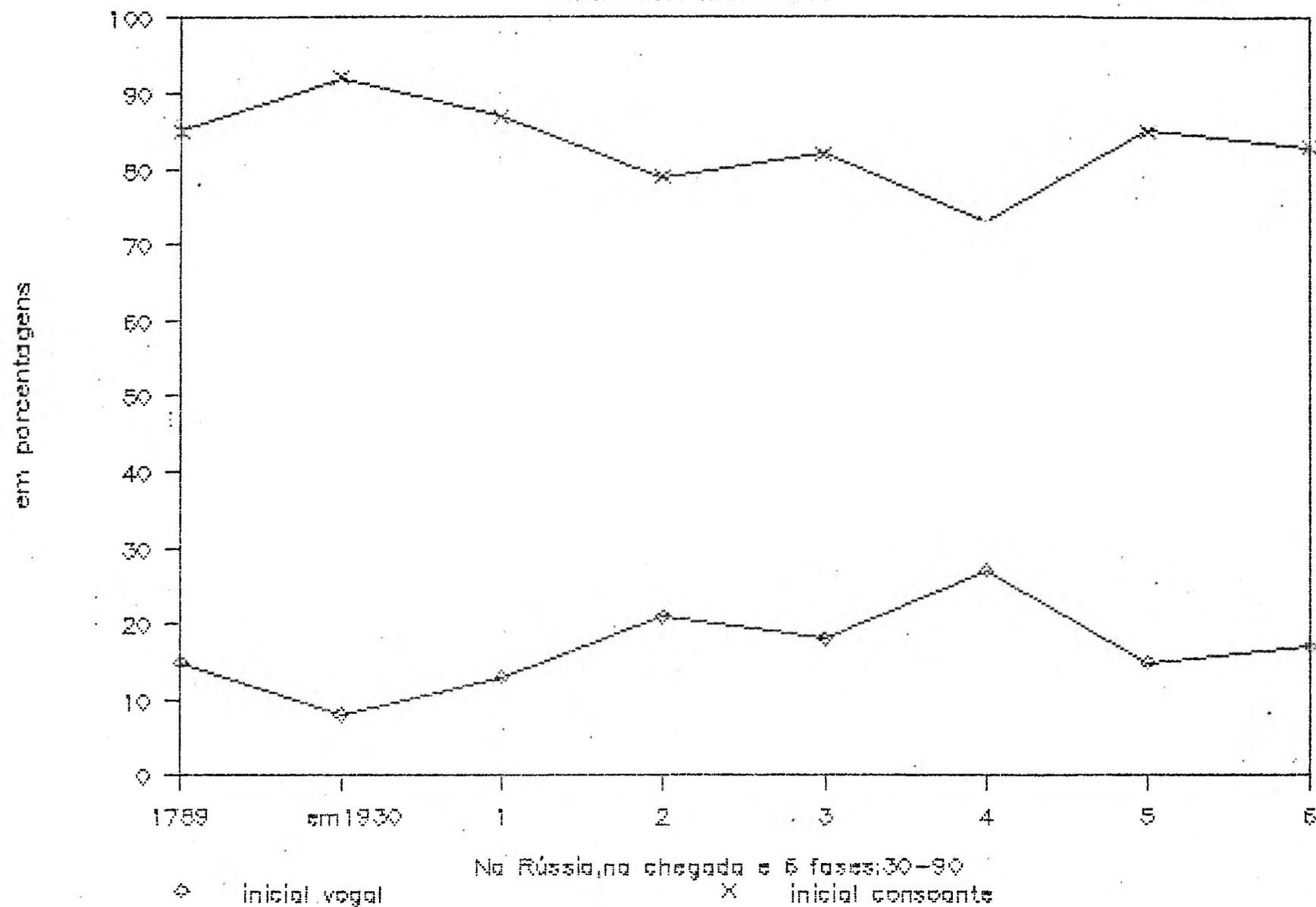
Repetição e rima em nomes menoritas femininos



Quadro n.º 22

Letra inicial de nomes

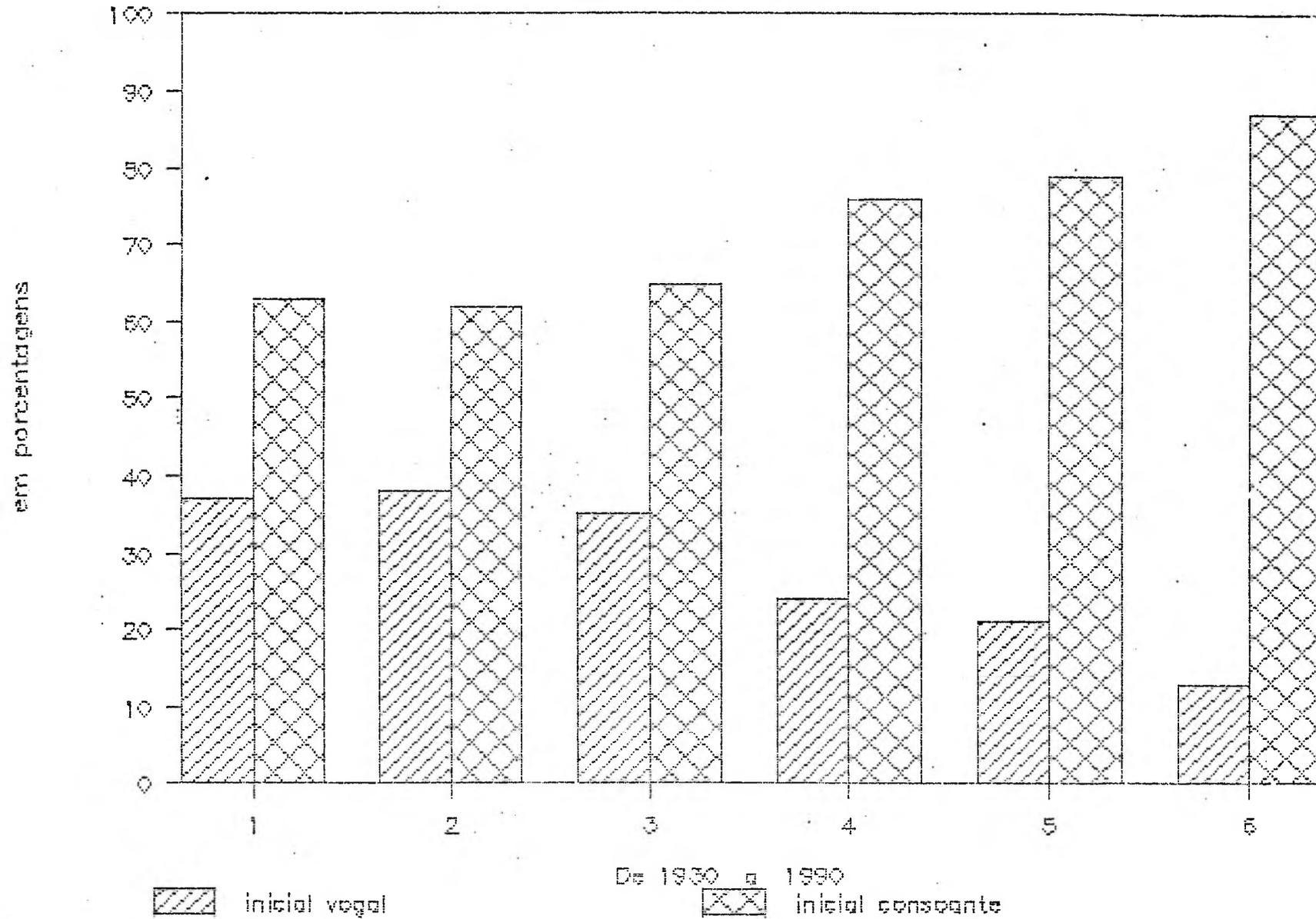
menonitas masculinos



Quadro n.º 23

207

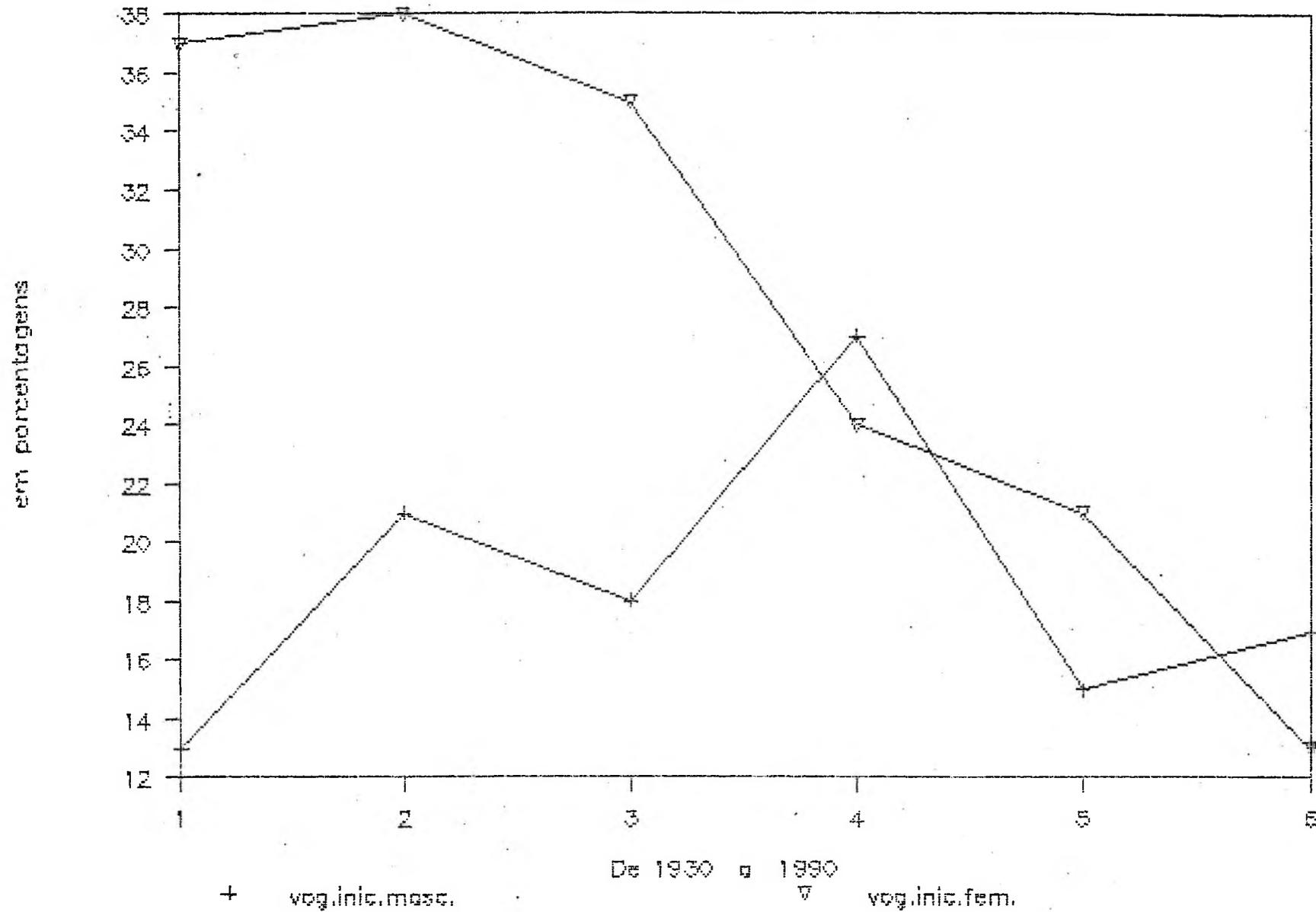
Letra inicial de nomes menoritas femininas



Quadro n.º 24

Vogal inicial em nomes

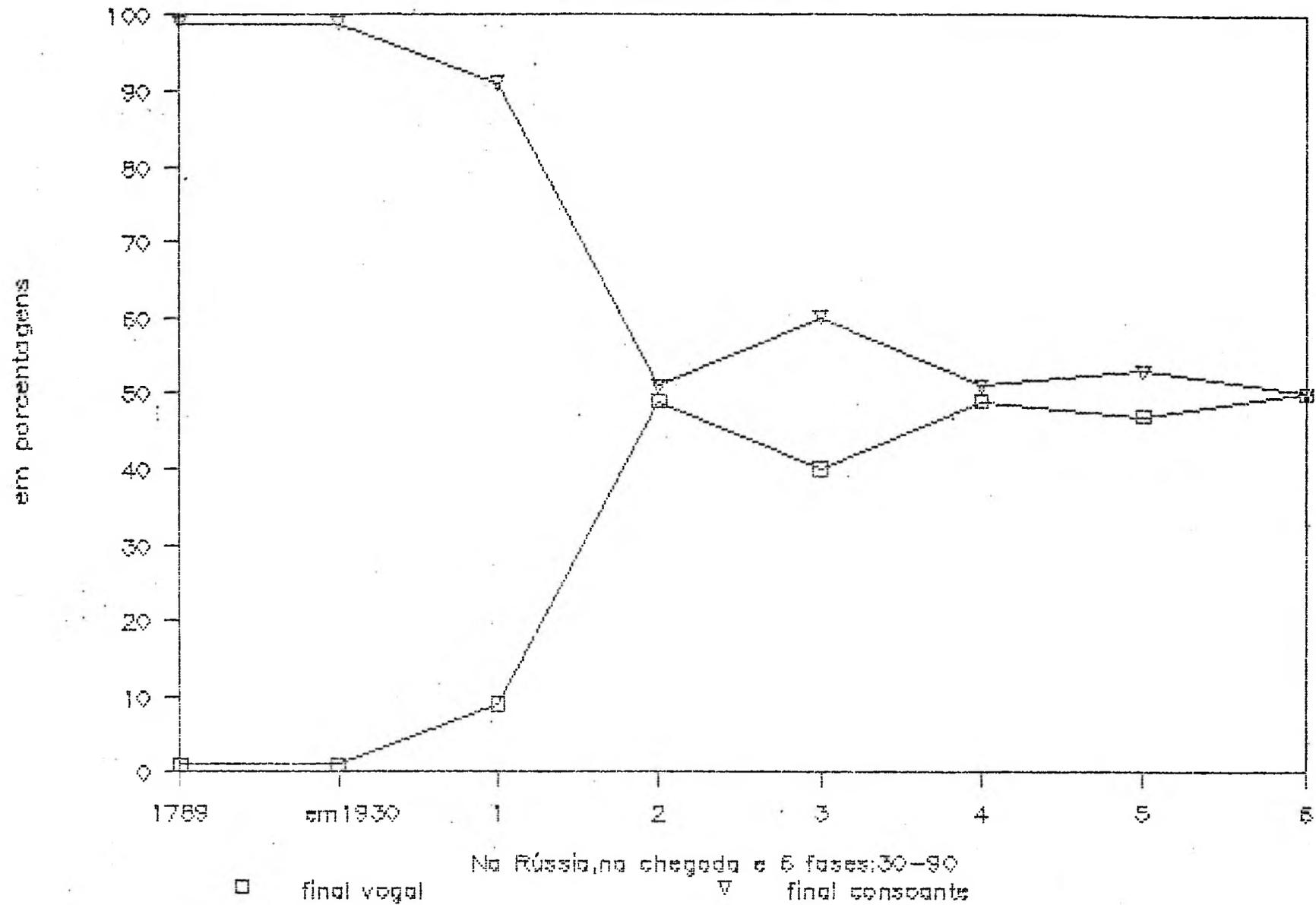
menonitas masc. e fem.



209
Quadro n.º 25

Letra final em nomes

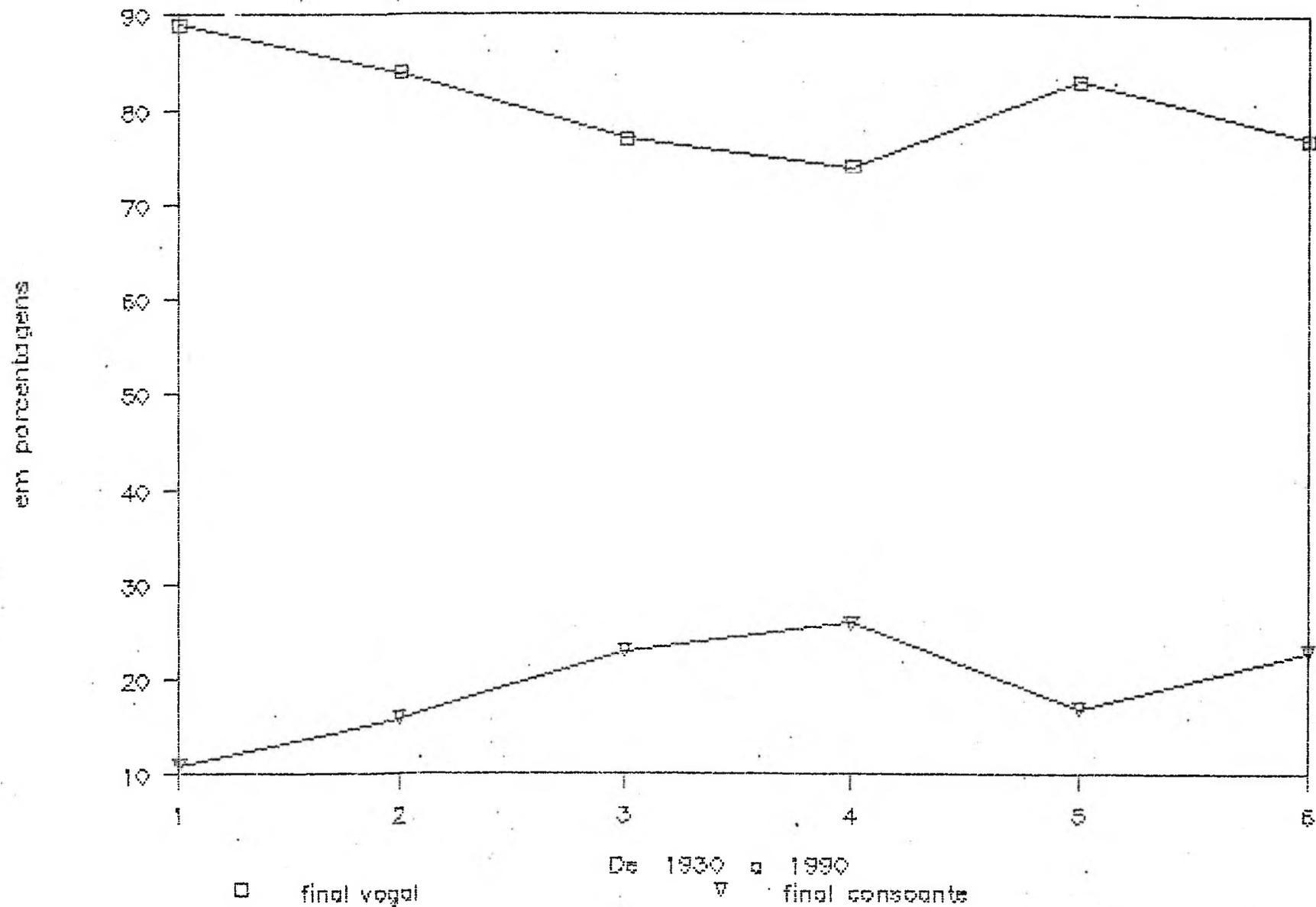
menonitas masculinos



210
Quadro n.º 26

Letra final em nomes

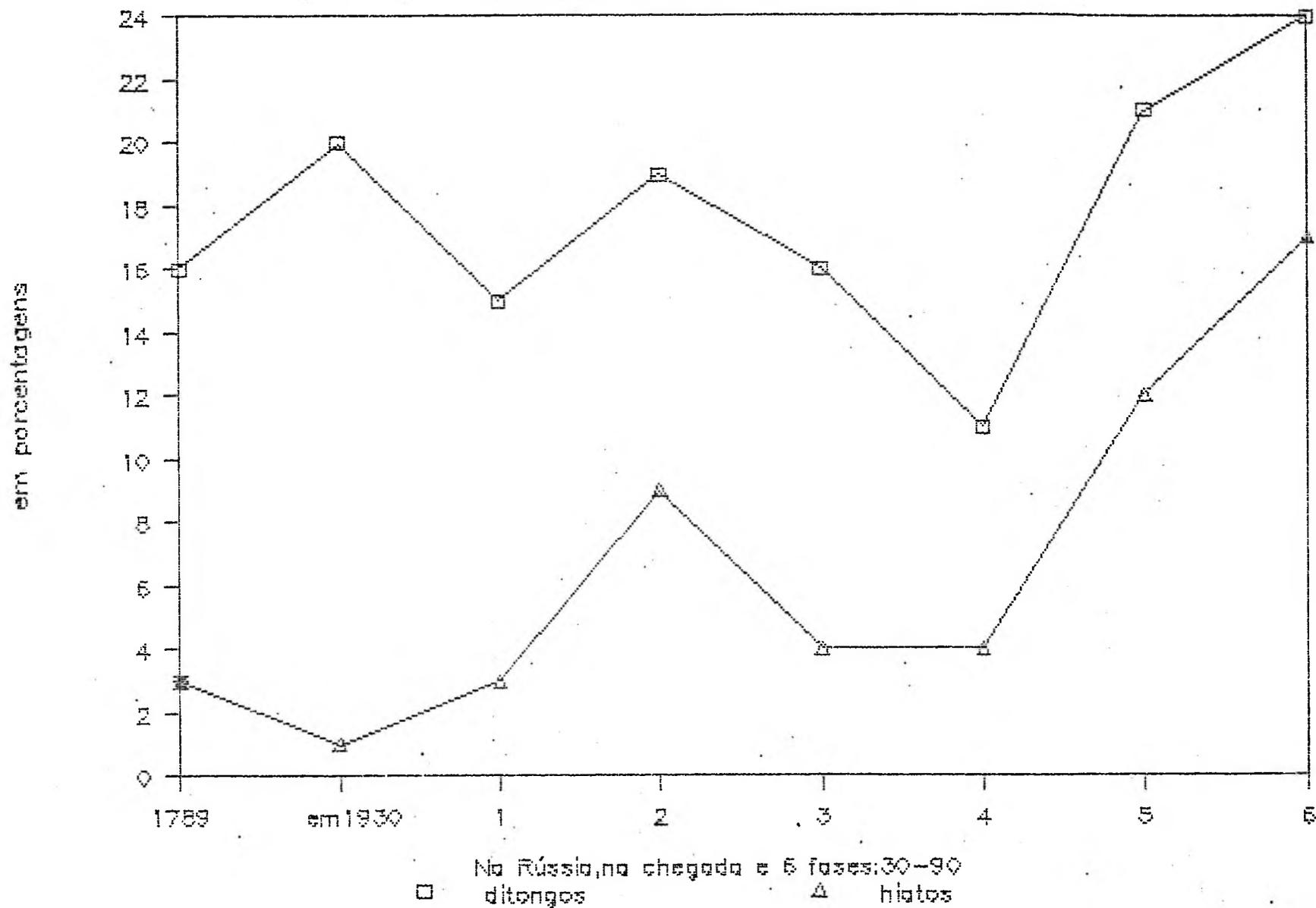
menoritas femininas



Quadro n.º 27

Presença de ditongos e hiatos

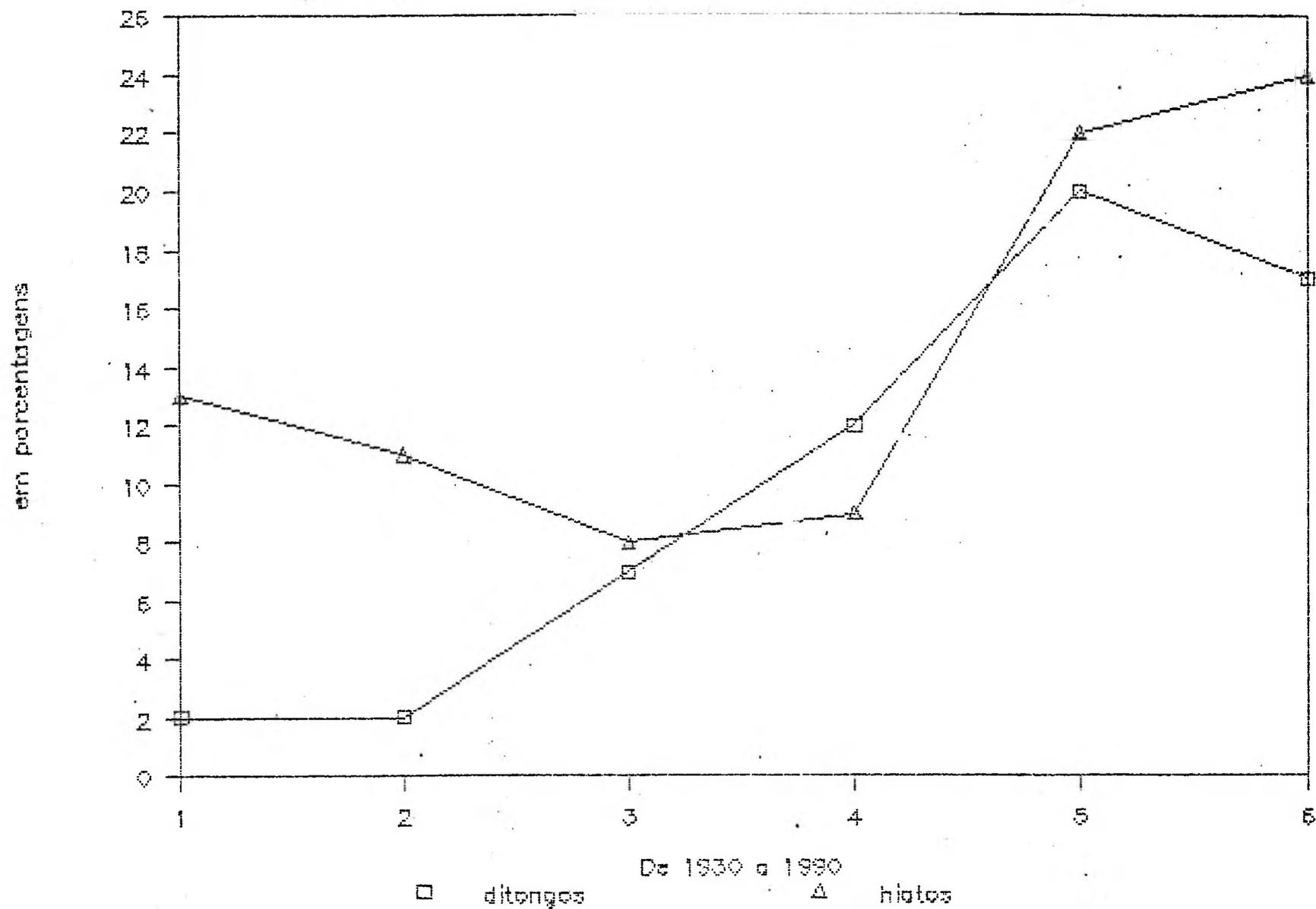
em nomes mentonites masculinos



212
Quadro nº 28

Presença de ditongos e hiatos

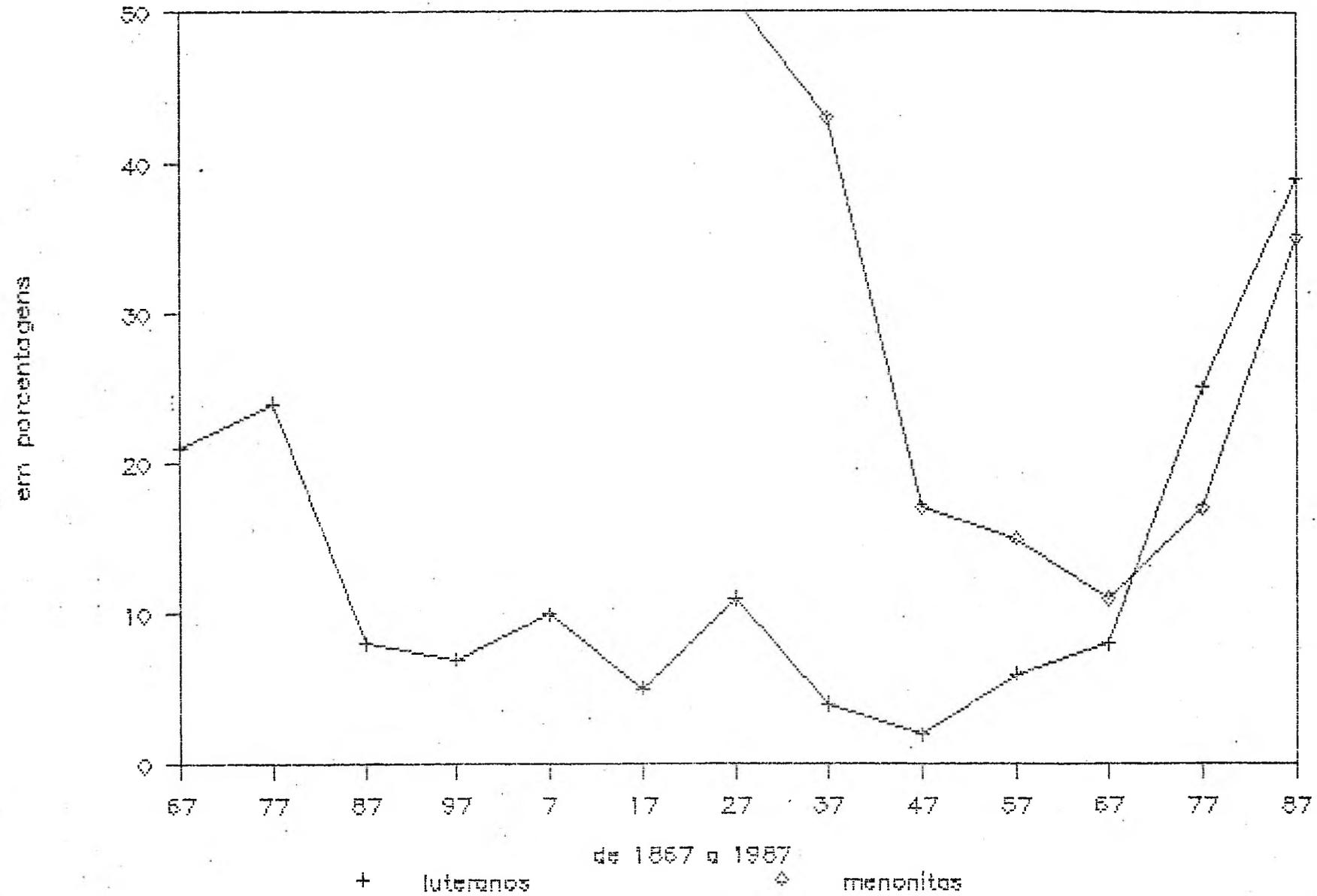
em nomes menonitas femininos



Quadro n.º 29

Nomes hebraico-bíblicos masculinos

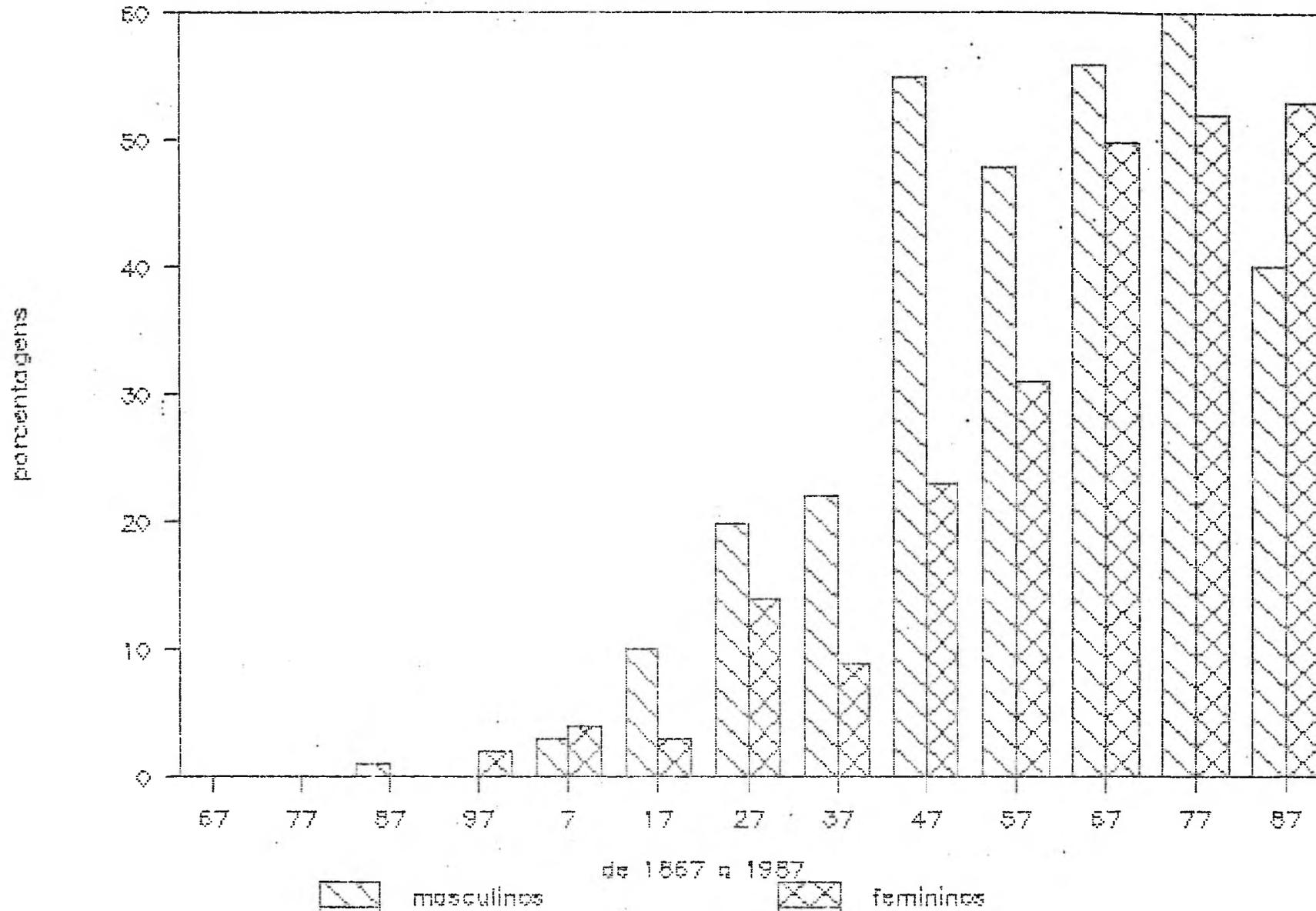
luteranos e menonitas



Quadro n.º 30

Evolução dos nomes brasileiros

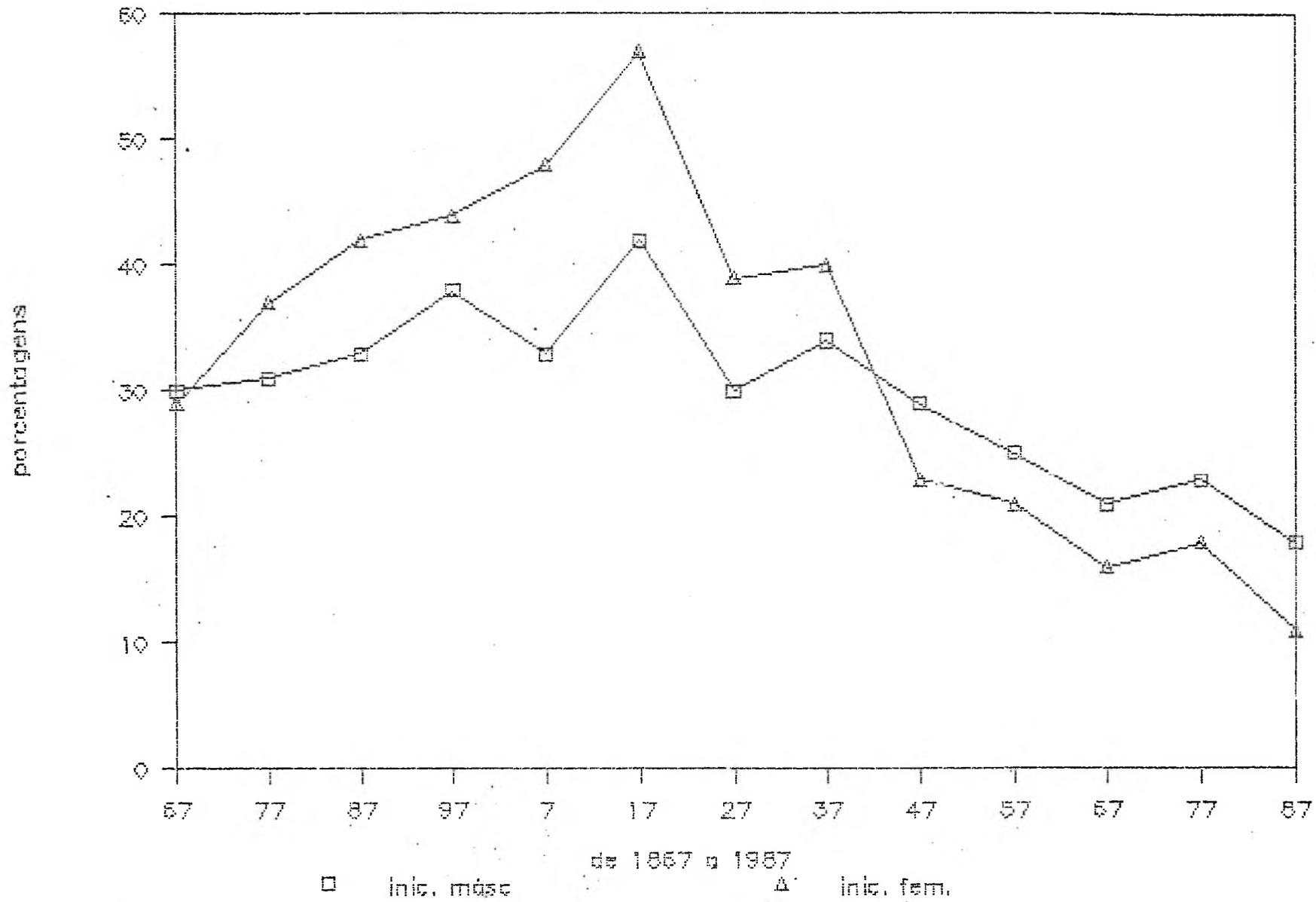
entre os luteranos masc. e fem.



Quadro nº 31

Vogal inicial entre os.

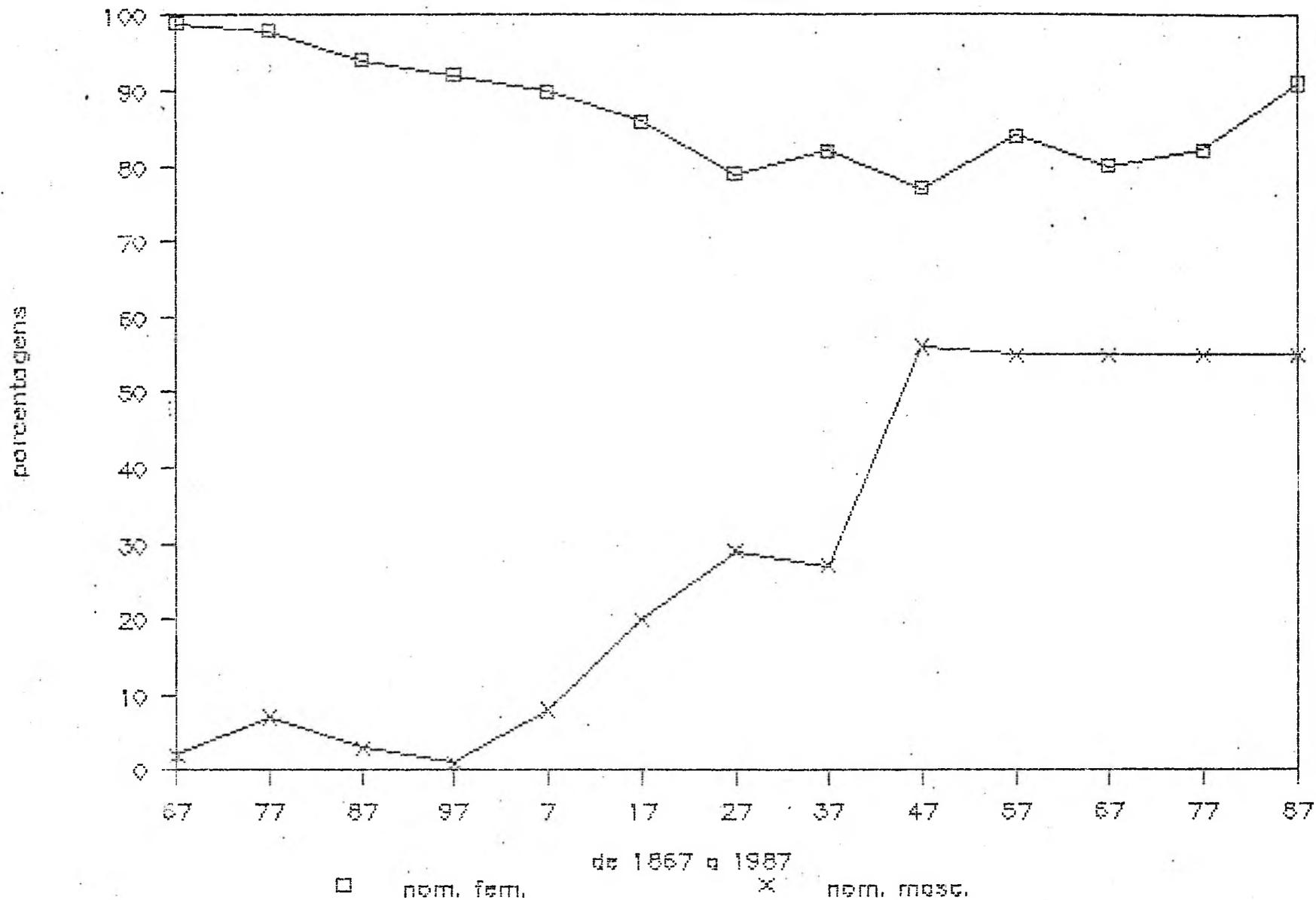
Inter. masc. e fem.



216
Quadro nº 32

Final vocálico nos nomes

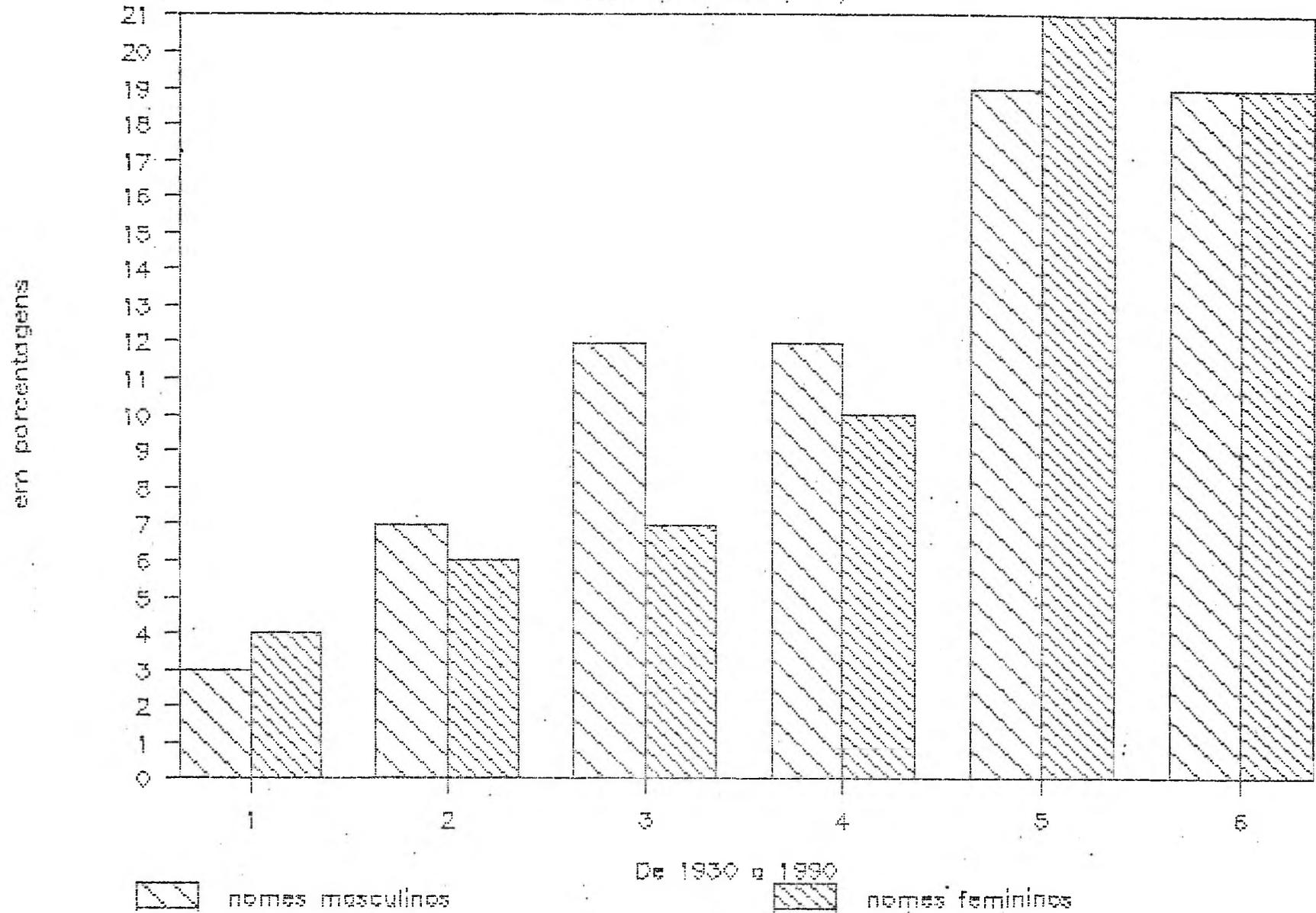
lut. masc. e fem.



217
Quadro n.º 33

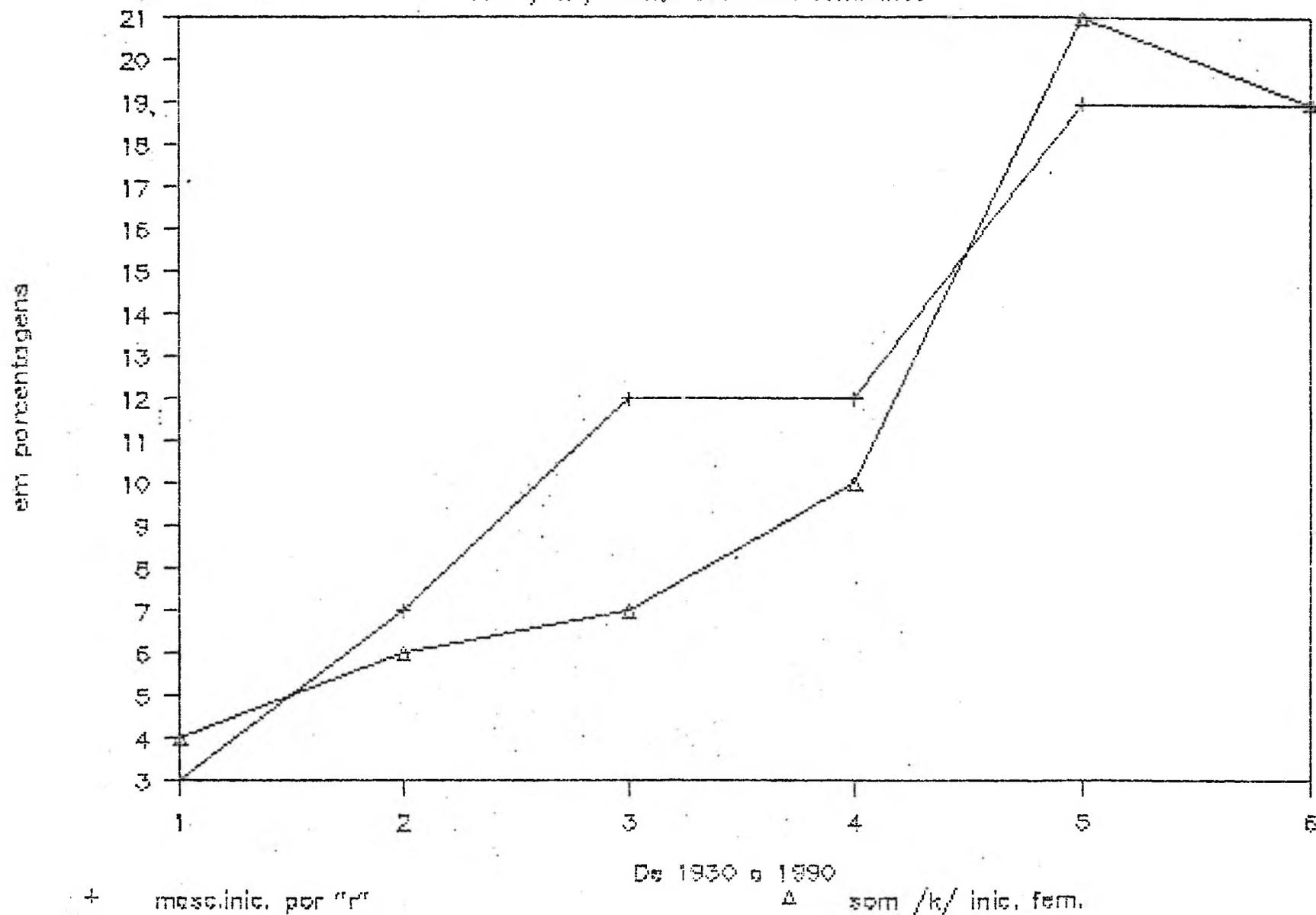
Nomes menonitas masc. e fem.

iniciados pelo som / k /



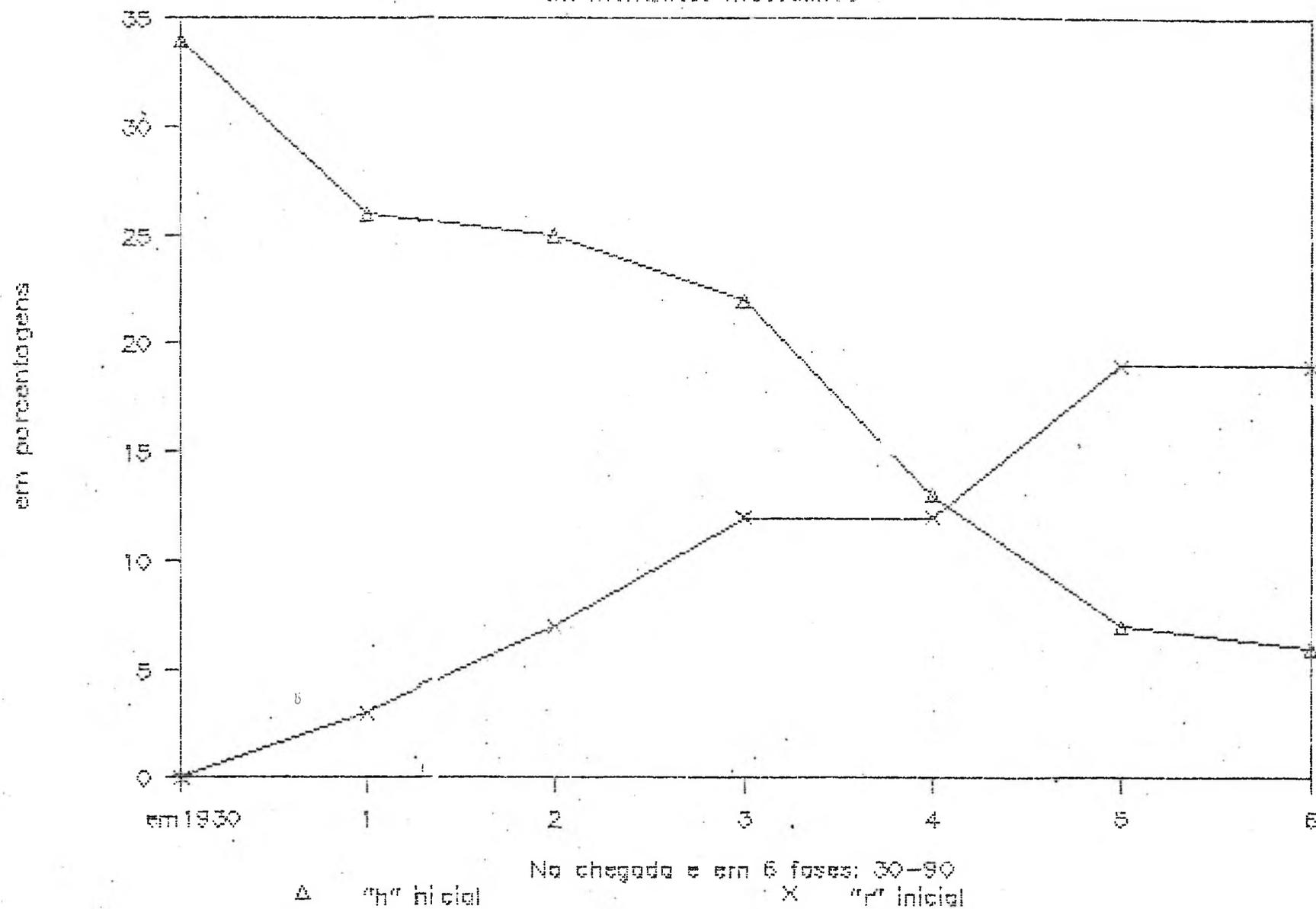
Quadro n.º 34

"r" inicial em menonitas masculinos e
som / k / inicial em men. femininos



219
Quadro nº 35

A presença de "h" e "r"
em meninos masculinos



220
Quadro n.º 36

10.2. T A B E L A S

10.2.1. Quadro Geral de Dados sobre Nomes Luteranos Masculinos

EM NÚMEROS REAIS

	1864-67	1877	1887	1897	1907	1917	1927	1937	1947	1957	1967	1977	1987
indivíduos	29	41	62	46	55	88	82	58	54	90	92	100	24
atribuições	61	84	143	94	98	139	122	88	89	139	131	141	38
n.por indiv.	2,1	2,0	2,3	2,0	1,8	1,6	1,5	1,5	1,6	1,5	1,4	1,4	1,6
o n.+ comum	12	07	16	06	06	07	06	04	06	08	07	07	04
4 n.+ comuns	30	23	52	21	21	22	19	16	16	18	24	23	10
8 n.+ comuns	41	41	74	38	34	37	31	27	27	26	40	41	16
n.alemães	60	80	139	91	78	94	70	46	12	26	14	12	07
n.al.flex.	01	—	03	03	08	18	06	06	05	04	12	09	06
n.al.aport.	—	03	—	—	09	13	19	15	23	40	30	34	10
n.brasileiros	—	—	01	—	03	14	17	19	49	67	73	84	15
n.nao classif.	—	01	—	—	—	—	02	02	—	02	02	02	—
n.heb.-biblic	13	20	11	07	10	07	13	04	04	10	17	25	15
de gên.indef.	—	03	—	01	—	—	02	05					
com 1 prenome	10	09	11	12	25	47	46	26	19	40	54	60	10
binômio	09	21	21	22	16	30	32	29	35	50	37	39	14
trinômio	07	11	30	13	14	10	04	03	—	—	01	01	—
quadrinômio	03	—	—	—	—	01	—	—	—	—	—	—	—
sobrenomes													
um Sbn	29	41	62	47	55	88	82	58	54	90	79	75	14
dois Sbn	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	13	24	09
três Sbn	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	01	01
inicial vogal	18	26	47	35	32	59	37	30	26	35	27	33	07
inicial cons.	43	58	96	59	66	80	85	58	63	104	104	108	31
c/fin.conson.	59	78	140	93	90	111	87	64	39	63	59	63	17
c/fin.vogal	02	06	03	01	08	30	35	24	50	76	72	78	21
com final -o	02	06	02	01	07	25	22	16	35	61	62	59	10
c/fin.-i/y	—	—	01	—	01	03	08	04	06	09	05	03	01
com ditongo	13	27	36	17	11	27	24	10	16	36	42	36	01
com hiato	02	03	02	03	07	06	04	04	05	19	19	26	08
duplic.cons.	08	13	14	09	06	12	08	06	01	04	—	04	01
-y	—	—	01	—	—	05	05	03	05	04	05	01	—

	1864-67	1877	1887	1897	1907	1917	1927	1937	1947	1957	1967	1977	1987
repetindo o nome do/a													
pai	12	06	12	14	10	12	11	14	15	19	12	20	02
mae	03	01	04	03	01	—	02	—	02	—	—	—	—
padrinho	—	32	44	33	22	23	11	04	03	01	02	01	—
madrinha	—	03	09	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
total	15	42		50	33	35	24	18	20	20	14	21	02
repetição do nome no													
nome único	02	04	01	05	07	03	02	01	06	04	03	08	01
1º nome	04	12	22	16	03	09	06	07	04	06	05	08	—
2º nome	04	18	30	22	13	15	13	08	10	09	06	05	01
3º nome	02	08	12	07	10	02	02	—	—	—	—	—	—
4º nome	01	—	—	—	—	01	—	—	—	—	—	—	—
rima													
no próp. nome	04	05	08	10	03	06	11	03	04	08	06	10	03
com n. da mae	—	—	—	—	—	—	—	01	—	—	—	—	—
com n. do pai	—	—	—	01	01	01	06	01	06	05	03	05	01
c.n. pai e mae	01	—	—	—	01	02	02	01	—	03	01	02	—
com n. irmaos	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
p.m.e irmaos	—	—	—	—	—	02	—	01	—	—	—	—	—
total													
pai incog.	—	—	02	—	—	—	—	—	—	01	—	04	—
gêmeos	—	—	—	—	—	—	01	—	—	01	02	01	—

Quadro Geral de Dados sobre Nomes Luteranos Masculinos

EM PORCENTAGENS

	1864-67	1877	1887	1897	1907	1917	1927	1937	1947	1957	1967	1977	1987
o n.+ comum	20%	8%	11%	6%	6%	5%	5%	4%	7%	6%	5%	5%	10%
4 n.+ comuns	49%	27%	36%	22%	21%	16%	15%	18%	18%	13%	18%	16%	26%
8 n.+ comuns	67%	51%	52%	40%	35%	26%	25%	31%	30%	18%	30%	29%	42%
n. alemães	98%	95%	97%	97%	79%	67%	57%	52%	13%	18%	11%	8%	18%
n. al. flex.	2%	—	2%	3%	8%	12%	5%	7%	5%	3%	9%	6%	16%
n. al. aport.	—	3%	—	—	9%	9%	15%	17%	26%	28%	23%	24%	26%
n. brasileiros	—	—	1%	—	3%	10%	20%	22%	55%	48%	56%	60%	40%
n. não classif.	—	1%	—	—	—	—	2%	2%	—	1%	1%	1%	—
n. heb.-biblic.	21%	24%	8%	7%	10%	5%	11%	4%	2%	6%	8%	25%	39%
de gên. indef.	—	3%	—	1%	—	—	2%	2%	9%				

10.2.2 Quadro Geral de Dados sobre Nomes Luteranos Femininos

EM NÚMEROS REAIS

	1867	1877	1887	1897	1907	1917	1927	1937	1947	1957	1967	1977	1987
indivíduos	28	36	54	67	52	85	81	62	64	72	79	93	27
atribuições	69	86	112	135	95	120	118	94	88	104	112	119	36
n.por indiv.	2,46	2,38	2,0	2,0	1,8	1,4	1,4	1,5	1,3	1,4	1,4	1,2	1,3
o n.+ comum	10	09	08	09	08	06	05	04	05	06	06	05	02
4 n.+ comuns	25	28	31	28	22	20	15	13	14	17	17	17	08
8 n.+ comuns	36	46	54	46	34	34	25	22	25	26	29	30	13
n.alemães	47	75	98	109	62	73	61	55	37	38	22	20	04
n.al.flex.	22	09	10	16	14	27	20	11	14	17	18	19	05
n.al.aport.	—	—	01	07	11	13	09	06	06	03	11	07	02
n.brasileiros	—	—	03	03	04	04	17	09	21	33	53	55	18
n.anglo-amer.	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	04	06	01
n.franceses	—	—	—	—	—	—	05	07	04	11	03	08	04
n.não classif	—	—	01	—	04	03	06	06	06	02	01	04	02
com 1 prenome	04	05	15	23	21	56	49	33	40	40	46	67	18
binômio	08	15	20	22	20	23	27	26	24	32	33	26	09
trinômio	15	14	19	20	10	06	05	03	—	—	—	—	—
quadrinômio	01	01	—	02	01	—	—	—	—	—	—	—	—
quinquinômio	—	01	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
sobrenomes													
um sobn	28	36	54	67	52	85	80	62	62	70	73	71	12
dois sobn	—	—	—	—	—	—	01	—	02	02	06	20	13
três sobn	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	01	02	01
quatro sobn	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	01
inicial voc.	20	32	46	60	46	68	45	37	20	22	18	22	04
inicial cons.	49	54	66	75	49	52	63	57	68	82	94	97	32
inic.+comum	ma-	a-	e-	a/e-	a-	e-	e-	e-	l-	ma-	k-	k-	m-
segunda+com.	a-	e-	a-	m-	e-	a-	i-	l-	ma-	s-	m-	m-	
terceira+com.	e-	ma-	l-	k-	l-	i-	m/a-	a-	ros-	r-	r-	s-	
quarta+com.	i-	wi-	wi-		m/i-	l-	l-	r/tr-	a/e-	e-	s-	a/e-	
c/fin.conson.	01	02	06	11	10	15	25	17	19	17	21	17	03
c/fin.vocál.	68	84	106	124	85	105	93	77	69	87	91	102	33
com final -a	01	02	06	11	10	15	25	17	19	17	21	17	03
com final -e	17	44	56	52	28	24	29	27	14	27	27	33	09
com final -i	—	—	02	01	04	05	09	07	19	10	11	08	03
com ditongo	12	21	18	23	18	21	13	11	06	18	29	29	05
com hiato	17	14	13	15	11	08	12	11	15	11	23	31	12
total	29	35	31	38	29	29	25	22	21	29	52	60	17

	1867	1877	1887	1897	1907	1917	1927	1937	1947	1957	1967	1977	1987
duplicação cons	12	11	22	20	17	17	15	16	02	04	03	06	07
-y-	—	01	05	01	06	12	12	08	04	03	04	07	03
k-	05	06	08	09	04	05	04	02	05	04	18	25	03
repetindo o nome do/a													
pai	01	05	01	01	04	—	—	—	—	—	—	01	02
mãe	04	08	06	09	08	03	11	03	04	02	02	—	01
padrinho	—	08	07	05	01	—	—	—	—	—	—	02	—
madrinha	03	23	22	32	20	16	09	05	06	03	03	02	—
total	08	44	36	47	33	19	20	08	10	05	05	05	03
repetição do nome no													
nome único	01	—	02	03	06	04	04	01	02	01	01	03	01
1º nome	02	13	12	07	05	02	05	01	—	01	02	—	—
2º nome	04	15	13	23	12	09	07	04	08	03	02	02	02
3º nome	01	10	05	13	07	03	03	02	—	—	—	—	—
4º nome	—	01	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
dois ou mais nomes terminados													
em -a	11	05	04	09	11	06	06	06	05	11	12	05	05
em -e	01	04	10	06	03	—	03	03	01	01	—	01	—
rima													
no próp. nome	01	01	02	—	—	07	06	12	15	07	11	22	11
com n. da mãe	—	01	01	—	—	03	01	03	04	03	05	10	04
com n. do pai	—	—	—	—	—	01	—	01	01	03	02	03	01
c.n. pai e mãe	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	03	02
com n. irmãos	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	01	—
p.m. e irmãos	—	—	—	—	—	02	—	01	—	—	01	—	—
total	01	02	03	—	—	13	07	17	20	13	19	39	18
pai incoq.													
mãe incoq.	—	—	—	01	—	—	01	—	—	—	—	—	—
gêmeos													
	—	—	01	02	—	02	—	—	—	—	02	01	—

Quadro Geral de Dados sobre Luteranos Femininos

EM PORCENTAGENS

	1867	1877	1887	1897	1907	1917	1927	1937	1947	1957	1967	1977	1987
o n.+ comum	14%	10%	7%	7%	8%	5%	4%	4%	6%	6%	5%	4%	5%
4 n.+ comuns	36%	32%	27%	21%	23%	17%	13%	14%	16%	16%	15%	14%	22%
8 n.+ comuns	52%	53%	48%	34%	36%	28%	21%	23%	26%	25%	26%	25%	36%
n. alemães	68%	87%	87%	81%	65%	61%	51%	58%	42%	36%	19%	16%	11%
n. al. flex.	32%	10%	9%	12%	15%	22%	16%	11%	15%	16%	16%	15%	14%
n. al. aport.	—	—	3%	5%	11%	11%	7%	6%	6%	2%	9%	5%	5%
n. brasileiros	—	—	—	2%	4%	3%	14%	9%	23%	31%	47%	46%	50%

	1867	1877	1887	1897	1907	1917	1927	1937	1947	1957	1967	1977	1987
n.anglo-amer.	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	3%	6%	3%
n.franceses	—	—	—	—	—	—	4%	7%	4%	10%	2%	5%	11%
n.não classif.	—	2%	1%	—	4%	2%	5%	6%	6%	1%	—	3%	6%
com 1 prenome	14%	14%	28%	34%	40%	66%	60%	53%	62%	55%	58%	73%	67%
binômio	28%	42%	37%	33%	38%	27%	33%	42%	38%	45%	42%	28%	33%
trinômio	54%	39%	35%	30%	19%	7%	6%	5%	—	—	—	—	—
quadrinômio	4%	2%	—	3%	2%	—	—	—	—	—	—	—	—
quinqüinômio	—	2%	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
sobrenomes													
um Sbn	100%	100%	100%	100%	100%	100%	99%	100%	97%	97%	91%	76%	44%
dois Sbn	—	—	—	—	—	—	01%	—	03%	03%	08%	22%	48%
três Sbn	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	01%	02%	04%
quatro Sbn	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	04%
inicial vogal	29%	37%	42%	44%	48%	57%	39%	40%	23%	21%	16%	18%	11%
inicial cons.	71%	63%	58%	56%	52%	43%	61%	60%	77%	79%	84%	82%	89%
c/fin.conson.	1%	2%	5%	8%	10%	12%	21%	18%	22%	16%	19%	14%	8%
c/fin.vocál.	99%	98%	94%	92%	90%	86%	79%	82%	77%	84%	80%	82%	91%
com final -a	74%	46%	42%	52%	57%	62%	46%	45%	39%	48%	47%	49%	58%
com final -e	25%	52%	50%	39%	29%	20%	25%	28%	16%	26%	24%	27%	25%
com final -i	—	—	2%	1%	4%	4%	8%	7%	22%	10%	9%	6%	8%
com ditongo	17%	24%	16%	17%	19%	17%	11%	12%	07%	17	26%	25%	14%
com hiato	25%	16%	12%	11%	12%	07%	10%	12%	20%	11%	21%	26%	33%
total	42%	40%	28%	28%	31%	24%	21%	24%	27%	28	47%	49%	47%
duplicação cons		13%	20%	15%	18%	14%	13%	17%	2,2	3,8%	2,6%	5%	19%
-v-			4%	1%	6%	10%	10%	8,5%	4,5%	2,8%	2,6%	5%	8,3%
k-							3%	2,1%	5,6%	3,8%	16%	21%	9,3%
repetindo o nome													
tot.das atrib.	12%	51%	32%	35%	35%	16%	17%	08%	11%	05%	04%	04%	08%
repetição do nome no													
nome único	04%	—	04%	04%	11%	05%	05%	02%	03%	01%	01%	03%	04%
1º nome	07%	36%	22%	10%	10%	02%	06%	02%	—	01%	02%	—	—
2º nome	14%	42%	24%	34%	23%	11%	09%	06%	12%	04%	02%	02%	07%
3º nome	04%	28%	09%	19%	13%	03%	04%	03%	—	—	—	—	—
4º nome	—	03%	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
rima													
ng de indiv.	04%	06%	06%	—	—	15%	09%	27%	31%	18%	24%	42%	67%
terminação coincidente													
c/nome da mãe	18%	17%	15%	07%	31%	16%	30%	26%	25%	24%	11%	28%	22%

10.2.3. Quadro Geral de Dados sobre Menonitas Masculinos

EM NUMEROS REAIS

ano 1789. em 1930. 30-38. 39-51. 52-63. 64-69. 70-79. 80-90

indivíduos	2.968		123	185	233	120	200	182
atribuições	2.998	198	132	225	296	170	283	259
n. por indiv.	1,0	1,0	1,0	1,2	1,2	1,4	1,4	1,4
o n.+ comum	502	42	14	29	21	10	12	14
4 n.+ comuns	1683	129	47	70	72	33	45	45
8 n.+ comuns	2375	167	76	108	116	61	85	72
n. alemães			118	107	182	72	86	59
n. al. flex.			7	20	8	10	28	37
n. al. aport.			5	92	96	58	60	53
n. brasileiros			0	6	12	21	87	85
n. anglo-amer.			1	0	1	9	22	25
n. heb.-bíbl.	2.082	132	57	38	44	19	48	91
com 1 prenome	2.938		111	144	173	70	120	110
binômio	30		12	41	60	50	80	72
trinômio	--	--	--	--	--	--	--	--
SobreNomes								
um SbN	--	--	123	184	232	115	195	165
dois SbN	--	--	00	01	01	05	05	16
três SbN	--	--	00	00	00	00	00	01
inicial vocal.	449	15	17	48	52	46	43	44
inicial cons.	2.549	183	115	177	244	124	240	215
inicial "h"		68	34	56	65	22	21	16
"h" medial e final		30	26	17	21	10	13	24
c/final vocal.	02	02	12	111	117	83	133	130
c/final conson.	2.996	196	120	114	179	87	150	129
com final -o	02	01	05	73	82	62	109	89
com final -e	00	00	00	20	17	13	14	29
com final -i	00	01	07	16	17	08	10	12
com ditongo	470	39	20	42	47	19	59	63
com hiato	76	1	4	20	12	7	33	45
duplic. cons.		43	16	12	12	06	10	12
"y"		00		09		03	07	08
"au"		01	00	03	10	06	29	09

ano 1789. em 1930.30-38.39-51.52-63.64-69.70-79.80-90

em relação ao número de atribuições								
inicial vocál.	15%	08%	13%	21%	18%	27%	15%	17%
inicial cons.	85%	92%	87%	79%	82%	73%	85%	83%
h- inicial	00%	34%	26%	25%	22%	13%	07%	06%
"h" medial e fin.	15%	15%	20%	08%	07%	06%	05%	09%
c/final vocál.	0,06	01	09%	49%	40%	49%	47%	50%
c/final conson.	99,94%	99%	91%	51%	60%	51%	53%	50%
com final -o	0,06	0,5	04%	32%	28%	36%	39%	34%
com final -e	00%	00%	00%	09%	06%	08%	05%	11%
com final -i	00%	0,5%	05%	07%	06%	05%	04%	05%
com ditongo	16%	20%	15%	19%	16%	11%	21%	24%
com hiato	03%	01%	03%	09%	04%	04%	12%	17%
duplicação cons.	22%	12%	05%	04%	04%	04%	04%	05%
-y-	00%		04%			02%	02%	03%
"au"	0,5%	00%			03%	04%	10%	03%
em relação ao número de indivíduos repetindo o nome do/a								
pai	--	--	15%	12%	14%	13%	14%	15%
avô	--	--	11%	13%	3%	5%	2%	1%
outros	--	--	00%	1%	1%	1%	1%	00%
Total	--	--	26%	26%	18%	19%	17%	16%
Rima								
Total	--	--	16%	21%	25%	30%	27%	27%

10.2.4. Quadro Geral de Dados sobre Menonitas Femininos

EM NUMEROS REAIS

	1930-38	39-51	52-63	64-69	70-79	80-90
indivíduos	100	226	230	114	170	183
atribuições	102	247	260	136	218	237
n.por indiv.	1	1,1	1,1	1,20	1,28	1,29
o n.+ comum	12	12	11	11	11	11
4 n.+ comuns	35	52	31	24	38	32
8 n.+ comuns	52	85	49	36	77	51

	1930-38	39-51	52-63	64-69	70-79	80-90
n.alemães	74	152	167	76	76	89
n.al.flex.	26	68	54	13	29	16
n.al.aport.	01	23	27	18	22	13
n.brasileiros	01	04	10	26	86	91
n.anglo-amer.	--	--	01	03	04	27
n.não classif.	--	--	01	--	01	01
prenome único	97	203	198	92	116	130
binômio	3	23	30	22	54	53
trinômio	--	--	2	--	--	--
sobrenomes						
um sbn	100	226	226	112	161	167
dois sbn	--	--	04	02	09	14
três sbn	--	--	--	--	--	02
quatro Sbn	--	--	--	--	--	--
pai incog.	--	--	--	--	--	01
com final -a	63	125	102	42	95	96
com final -e	14	61	69	40	76	77
com final -i	14	22	29	18	08	10
c/fin.vocál.	91	208	200	100	179	183
c/fin.conson.	11	39	60	35	37	54
inicial vogal	39	95	92	32	45	30
inicial cons.	63	152	168	104	173	207
duplicação cons.	15	20	13	15	9	33
"k" inicial	04	08	13	14	44	44
repetição do nome do/da						
mãe	15	18	07	08	07	04
avó	10	17	09	01	07	02
avô	--	--	01	--	--	--
outros	--	--	--	01	--	--
total	25	35	17	10	14	06
repetição no						
nome único	23	24	07	03	01	
1º nome	--	04	03	03	04	01
2º nome	02	01	04	03	03	02
3º nome	--	--	--	--	--	--

	1930-38	39-51	52-63	64-69	70-79	80-90
rima						
no próprio nome	01	01	02	04	14	13
com n.da mãe	--	--	--	02	01	02
com n.do pai	--	--	01	--	--	--
com n.de pai e mãe	--	01	--	--	--	01
com n. irmãos	--	--	--	01	01	02
total	01	02	03	07	16	18
gêmeos	03	04	02	01	02	--

Quadro Geral de Dados sobre Menonitas Femininas

EM PORCENTAGENS

	1930-38	39-51	52-63	64-69	70-79	80-90
o n.+ comum	12%	6%	5%	8%	5%	5%
4 n.+ comuns	32%	21%	16%	18%	17%	14%
8 n.+ comuns	49%	37%	29%	29%	31%	22%
n.alemães	73%	62%	64%	56%	35%	38%
n.al.flex.	25%	28%	21%	10%	13%	7%
n.al.aport.	1%	8%	10%	13%	10%	5%
n.brasileiros	1%	2%	4%	19%	39%	38%
n.anglo-amer.	--	--	1%	2%	2%	11%
n.não classif.	--	--	1%	--	1%	1%
prenome único	97%	90%	86%	81%	68%	71%
binômio	3%	10%	13%	19%	32%	29%
trinômio	--	--	1%	--	--	--
sobrenomes						
um sbn	100%	100%	98%	98%	95%	91%
dois sbn	--	--	2%	2%	5%	8%
três sbn	--	--	--	--	--	1%
com final -a	61%	50%	39%	31%	43%	40%
com final -e	14%	25%	27%	29%	35%	32%
com final -i	14%	9%	11%	13%	4%	4%
c/fin.conson.	11%	16%	23%	26%	17%	23%

	1930-38	39-51	52-63	64-69	70-79	80-90
inicial vogal	37%	38%	35%	24%	21%	13%
inicial cons.	63%	62%	65%	76%	79%	87%
duplicação cons.	15%	8%	5%	11%	4%	14%
k-	4%	6%	7%	10%	21%	18%
Repetição de nome total	25%	15%	7%	9%	8%	3%
rima total	1%	1%	1%	6%	9%	10%

10.3. Nomes dos Imigrantes em Fases

10.3.1. Nomes Luteranos

Nomes luteranos masculinos de 1864-1869

Adolf	= 01	Friederich	= 04	Moritz	= 01
Albert	= 03	Friedrich	= 08	Oskar	= 01
August	= 06	Heinrich	= 01	Otto	= 02
Carl	= 04	Isaack	= 01	Paul	= 01
Christian	= 02	Jacob	= 02	Rudolph	= 01
Eduard	= 01	Jeremias	= 01	Sebastian	= 01
Ernst	= 02	Johann	= 04	Wilhelm	= 06
Ewald	= 01	Johannes	= 02		
Ferdinand	= 01	Julius	= 01	TOTAL	= 61
Franz	= 02	Louis	= 01		

Nomes luteranos femininos de 1864-1867

Adelheid	01	Elisabetha	01	Martha	02
Albertina	01	Emilie	01	Mathilda	02
Ana	01	Emma	03	Otilie	01
Anna	04	Ernestina	01	Pauline	01
Augusta	01	Friederica	02	Rosa	01
Auguste	01	Gudfinna	01	Sebastiana	01
Bertha	01	Ida	03	Sophia	03
Cäcelie	01	Johanna	02	Sophie	01
Carolina	02	Juliana	01	Therese	01
Catharina	01	Julie	01	Verene	01
Charlotte	01	Karoline	01	Verona	01
Clara	01	Louise	05	Wilhelmina	03
Dorothea	01	Luise	01		
Elisa	01	Maria	10	TOTAL	69

Nomes de luteranos masculinos de 1877

Adam	= 01	Christian	05	Julius	03
Adolph	02	Eduard	01	Juvin	= 01
Albert	03	Eliam	= 01	Otto	03
Alexander	= 01	Emil	= 03	Paul	04
Alvin	= 01	Ferdinand	02	Pedro	= 01
Alwin	= 01	Friedrich	05	Peter	= 01
Amandus	= 01	Gustav	= 02	Robert	= 04
Antonio	= 01	Gustavo	= 01	Richard	= 02
August	07	Heinrich	05	Sebastian	02
Bentham	= 01	Hermann	= 04	Theodor	= 01
Carl	= 01	Jacob	01	Wilhelm	06
Caspar	= 01	Johann	05	TOTAL	= 84

Nomes luteranos femininos de 1877

Agnes	= 02	Emma	02	Marie	= 01
Albertine	= 01	Ernestine	= 01	Martha	01
Amalie	= 02	Franziska	= 01	Othilie	= 01
Anna	06	Friderice	= 01	Paulina	= 01
Auguste	06	Helene	= 01	Pauline	01
Berta	= 03	Henriette	= 02	Percy	= 01
Caroline	= 04	Hermine	= 02	Rosine	= 01
Catharina	01	Ida	04	Sophie	02
Dorothea	04	Johanna	01	Thusnelda	= 01
Elida	= 01	Klara	= 01	Wilhelmina	02
Elisabeth	= 01	Louise	07	Wilhelmine	= 06
Elise	= 02	Magdalene	= 01	TOTAL	86
Emilie	03	Maria	08		

Nomes de luteranos masculinos de 1887

Adalbert	= 01	Franz	01	Nicolaus	= 02
Adolf	04	Friedrich	12	Oscar	= 01
Albert	04	Georg	= 01	Otto	02
Alfons	= 01	Gottlieb	= 01	Paul	03
Alfred	= 02	Gustav	06	Reinhold	= 02
Alwin	04	Heinrich	03	Robert	02
Anton	= 02	Herman	01	Richard	01
August	14	Hermann	05	Rudolf	= 03
Bernhard	= 01	Hermuth	= 01	Theodor	02
Carl	09	Jean	= 01	Thomas	= 01
Christian	01	Johann	05	Victor	= 01
Eduard	03	Joseph	= 01	Waldemar	= 01
Emil	05	Julius	05	Wenzel	= 01
Erich	= 01	Karl	= 01	Wilhelm	15
Ernst	01	Ludwig	= 02	Willy	= 01
Ewald	02	Manoel	= 01		
Ferdinand	02	Martin	= 01	TOTAL =	143

Nomes luteranos femininos de 1887

Adelheid	01	Auguste	01	Elise	01
Adolfine	= 01	Bertha	02	Emilie	05
Agnes	02	Caroline	01	Emma	08
Albertine	01	Catharina	01	Emmy	= 01
Alwine	= 01	Charlotte	02	Erdmuta	= 01
Amanda	= 01	Christine	= 02	Fanny	= 01
Anna	07	Clara	03	Francisca	= 02
Antonie	= 01	Eleonore	= 01	Friderice	01

Gertrud	= 01	Karoline	01	Rosalie	= 01
Hedwig	= 02	Leonore	= 01	Rosalinde	= 01
Helena	= 01	Luisse	08	Therese	02
Helene	03	Lydia	= 03	Thusnela	01
Hermine	02	Maria	03	Virginia	= 01
Hortense	= 01	Marie	04	Wilhelmine	08
Ida	07	Olga	= 04		
Johanna	01	Otilie	02	TOTAL	112
Josephine	= 01	Pauline	03		
Julia	= 01	Rosa	01		

Nomes luteranos masculinos de 1897

Adolf	01	Franz	03	Max	= 01
Alban	= 01	Friedrich	06	Moritz	01
Albin	= 01	Georg	03	Oskar	02
Albert	02	Gustav	05	Otto	01
Alfred	04	Heinrich	02	Paul	01
Alphons	= 02	Hellmut	= 01	Peter	01
Alwin	02	Hermann	01	Reinhold	01
Anton	01	Herrmann	= 02	Robert	05
Arnold	= 01	Johann	02	Rudolf	03
August	03	Johannes	01	Saul	= 01
Edmund	= 02	Joseph	02	Weinhold	= 01
Eduard	04	Julius	04	Wilhelm	= 05
Edwin	= 01	Karl	02		
Emil	01	Konrad	= 01	TOTAL =	94
Ernst	05	Lothar	= 01		
Ewald	01	Ludwig	01		
Felix	= 01	Martin	01		

Nomes luteranos femininos de 1897

Adelaide	= 01	Charlotte	03	Friederika	= 01
Adelheid	02	Clementine	= 01	Gertrud	02
Agnes	02	Daniella	= 01	Hedwig	01
Albertine	01	Dorothea	01	Helene	04
Alwine	01	Edith	= 01	Henriette	01
Amalia	= 01	Eleonore	01	Hilda	= 03
Amalie	03	Elisabeth	02	Ida	02
Amanda	02	Elise	02	Idalina	= 01
Anna	08	Elsa	= 05	Irma	= 01
Anni	= 01	Emilia	= 01	Isabella	= 01
Arracy	= 01	Emilie	06	Johanna	01
Auguste	02	Emma	06	Julia	01
Bertha	05	Ernestine	01	Karoline	02
Brunhilde	= 01	Frieda	= 04	Katharina	= 01

Käthe	= 01	Marianne	= 01	Pauline	01
Klara	04	Marie	01	Rosa	01
Laura	= 01	Martha	03	Rosine	01
Lina	= 01	Mathilde	= 01	Sara	= 01
Luise	04	Messias	= 01	Sophie	02
Lydia	01	Mina	= 03	Therese	03
Magdalena	= 01	Olga	01	Verena	= 01
Margarethe	= 02	Ottila	= 01	Wilhelmine	02
Maria	05	Ottilie	03	TOTAL	135

Nomes de luteranos masculinos de 1907

Adolf	01	Franz	02	Martin	01
Albert	01	Friedrich	04	Max	02
Alfred	05	Gustav	01	Olavo	= 01
Alvin	06	Heinrich	01	Oscar	01
Armin	= 01	Hellmuth	= 01	Osmar	= 01
Arnold	01	Hermann	03	Paul	03
Arthur	= 03	Hugo	= 02	Reinhard	= 01
August	01	Jadir	= 01	Reinhold	02
Bernhard	01	Jakob	= 01	Robert	03
Bertold	= 02	João	= 03	Richard	01
Dalmo	= 01	Joaquim	= 01	Rudolf	05
Edler	= 01	Johann	01	Rudolph	01
Edmund	01	Joseph	01	Sebastian	01
Emil	03	Karl	01	Siegfried	= 01
Ernst	02	Karlos	= 01	Waldemar	03
Etwin	= 01	Leopold	= 02	Walter	= 01
Ewald	02	Lothar	01	Wilhelm	05
Ferdinand	01	Luiz	= 03	Willi	= 01
				TOTAL =	98

Nomes luteranos femininos de 1907

Adelheid	05	Elsa	03	Hildegard	= 01
Albertine	01	Elvira	02	Ida	05
Alda	= 01	Emilia	01	Ingeburg	= 01
Alice	= 03	Emma	02	Irma	01
Amalia	01	Erika	= 01	Isolde	= 01
Anna	07	Erna	= 01	Juditha	= 01
Annita	= 01	Francisca	01	Julietta	= 01
Carlotta	= 01	Frida	= 01	Klara	01
Carlotte	= 01	Frieda	01	Leonore	01
Cecilie	= 01	Georgine	= 01	Linnéa	= 01
Clara	01	Gertrude	= 01	Lucia	= 01
Edith	01	Hedwig	01	Lucinda	= 01
Eleonore	01	Helene	02	Luise	01
Elly	03	Hermine	01	Luisé	= 01

Luiza	= 01	Nilda	= 01	Rozalini	= 01
Lydia	02	Olga	02	Theresa	= 01
Majken	= 01	Olympia	= 01	Therese	01
Margarethe	02	Ottilie	01	Thusnela	01
Maria	03	Pauline	03	Wera	= 01
Marie	01	Renata	= 01	Wilhelmine	02
Mathilde	01	Rosalina	= 01		
Natalie	= 01	Rosina	= 01	TOTAL	95

Nomes de luteranos masculinos de 1917

Acyr	= 01	Ferdinand	01	Orlando	= 01
Adolf	01	Franz	02	Oscar	03
Albano	= 01	Frederico	= 01	Oswald	= 04
Albino	= 01	Fredulpho	= 01	Otto	03
Albert	01	Friedrich	02	Paul	02
Alcides	= 02	Froyd	= 01	Raimund	= 01
Aldo	= 02	Georg	02	Raul	= 01
Alfons	01	Gustav	02	Reinaldo	= 02
Alfred	05	Harry	= 01	Reinhold	01
Alvin	03	Heimar	= 01	René	= 01
Armando	= 01	Heinrich	02	Robert	03
Arno	= 01	Heinz	= 01	Richard	01
Arnold	01	Hellmuth	02	Rudolf	01
Arthur	05	Herbert	= 01	Santiago	= 01
August	04	Hermann	03	Silvio	= 01
Bernhard	02	Hermes	= 01	Theobaldo	= 01
Bruno	= 01	Huberto	= 01	Vicente	= 01
Carl	05	Irmund	= 01	Waldemar	05
Carlos	= 01	Isedoro	= 01	Walter	03
Casimir	= 01	João	01	Walther	= 01
Dagobert	= 01	Johann	01	Wilhelm	03
Edgard	= 01	Johannes	01	Willy	01
Eduard	01	Joseph	01		
Egemar	= 01	Julius	01	TOTAL =	141
Eloy	= 01	Karl	02		
Erhardt	= 01	Laurindo	= 01		
Erich	01	Lauro	= 01		
Erno	= 01	Leopold	02		
Ernst	01	Lothar	01		
Erwin	= 02	Manoel	01		
Eugen	= 02	Martin	01		
Ewald	03	Olario	= 01		

Nomes luteranos femininos de 1917

Ada	= 01	Elly	01	Lea	= 01
Adalela	= 01	Elsa	01	Leonor	= 01
Adelheid	02	Elvira	06	Leony	= 01
Adelina	= 02	Emilie	02	Lilly	= 02
Alice	04	Emma	02	Luise	02
Alvina	= 01	Erika	02	Lydia	04
Anna	03	Ermelinda	= 01	Lyonidia	= 01
Anny	= 01	Erna	06	Malvina	= 01
Augusta	01	Frieda	01	Margarethe	02
Azilie	= 01	Gerta	= 01	Maria	02
Bertha	03	Gertrud	01	Martha	01
Carla	= 01	Giselda	= 01	Mathilde	01
Caroline	01	Hedwig	01	Melitta	= 01
Cecilia	= 02	Helene	01	Mercedes	= 01
Cecilie	01	Helga	= 01	Noyra	= 01
Clara	02	Hilda	01	Olga	04
Conradina	= 01	Ida	02	Othila	= 01
Dolores	= 01	Ilse	= 02	Ottede	= 01
Edeltraut	= 01	Ingeborg	= 01	Ottilie	02
Edelvina	= 01	Iracema	= 01	Paula	= 01
Edith	01	Irene	= 02	Renate	= 01
Elisa	01	Irma	02	Rosa	02
Elisabeth	02	Isabella	01	Ruth	= 02
Elisabethe	= 01	Isolda	= 01	Victoria	= 02
Eliza	= 01	Isolina	= 01	Wally	= 01
Ellen	= 01	Johanna	01		
				TOTAL	120

Nomes de luteranos masculinos de 1927

Adolf	01	Eberhard	= 01	Hansi	= 01
Affonso	= 01	Eduardo	= 01	Hardy	= 01
Albano	01	Erich	03	Harry	01
Albert	04	Erwin	01	Heinrich	01
Alceu	= 01	Eugen	01	Helius	= 01
Alcides	01	Eurico	= 01	Hellmut	01
Alvin	01	Ewald	02	Hellmuth	01
Aramis	= 01	Franz	02	Henrich	= 01
Armin	02	Fred	= 01	Henry	= 01
Arold	= 01	Friedrich	01	Herbert	02
Aroldo	= 01	Fritz	= 01	Hermann	01
Ary	= 02	Gastão	= 01	Herrmann	01
August	02	Georg	01	Horst	= 01
Augustos	= 01	Gerald	= 01	Hugo	01
Carl	01	Gerhard	= 02	João	01
Carlos	03	Gui	= 01	José	= 01
Cordian	= 01	Guido	= 02	Julius	01
Delmut	= 01	Hamilto	= 01	Karl	01
Dirceu	= 01	Hamilton	= 01	Karlos	01
Dithma	= 01	Hans	= 04	Leonell	= 01

Lincoln	= 01	Oswald	03	Robins	= 01
Magno	= 01	Otto	01	Rolf	= 02
Magnus	= 02	Paul	02	Romildo	= 01
Marcus	= 01	Paulo	= 01	Rubens	= 01
Mario	= 02	Peter	01	Rudolf	03
Milton	= 01	Raimund	01	Waldemar	02
Nelson	= 03	Reinhard	01	Waldemiro	= 01
Nestor	= 01	Reinhold	02	Walter	01
Olawio	= 01	Remi	= 01	Walther	01
Olivio	= 01	René	01	Werner	= 01
Orlando	01	Roberto	= 01		
				TOTAL =	122

Nomes luteranos femininos de 1927

Adelaide	01	Elvira	01	Lori	= 01
Adelheid	01	Emilie	02	Lourdes	= 01
Agathe	= 01	Emma	01	Lucy	= 01
Aglassy	= 01	Erna	02	Lydia	01
Agnes	01	Franzisca	01	Magdalena	01
Alice	01	Frieda	01	Margot	= 02
Amanda	01	Gerda	= 02	Maria	04
Anna	02	Glacy	= 01	Marie	01
Annemarie	= 01	Griseldis	= 01	Martha	02
anne	= 01	Hannelore	= 01	Mathilde	01
Auguste	01	Hedwig	01	Mercedes	02
Aydé	= 01	Herta	= 01	Nadir	= 01
Brigitte	= 01	Hilda	01	Nahyr	= 01
Brunhilda	= 01	Hildegard	01	Nilda	01
Carmen	= 02	Ida	03	Norma	= 02
Clara	01	Ines	= 01	Odette	= 02
Clary	= 01	Irene	02	Precilla	= 01
Dalila	= 01	Irma	01	Regina[e]?	= 01
Dila	= 01	Irmgard	= 03	Rosa	01
Dirce	= 01	Isaura	= 01	Ruth	03
Diva	= 02	Isolde	02	Sibylla	= 01
Dolores	01	Itholina	= 01	Sophie	01
Dora	= 01	Jeny	= 01	Stephania	= 01
Dorette	= 01	Joanita	= 01	Tammy	= 01
Edith	03	Johanna	01	Therese	01
Elfi	= 01	Juliete	= 01	Thusnelda	01
Elfrieda	= 01	Leonidia	= 01	Undina	= 01
Elly	01	Leonie	= 01	Wanda	= 02
Eloylia	= 01	Leonilda	= 01	Wilhelmine	01
Elsa	01	Leonore	01		
Else	= 01	Lia	= 01	TOTAL	118
Elsira	= 01	Lieselothé	= 01		

Nomes de luteranos masculinos de 1937

Albino	01	Ernesto	= 02	Nivaldo	= 01
Aldo	01	Erwin	01	Olavo	01
Alfons	01	Ferdinand	01	Orlando	01
Algacir	= 01	Friedrich	02	Oskar	01
Amando	= 01	Gentil	= 01	Osmar	02
Ari	= 01	Gerhard	01	Oswald	01
Arno	01	Hans	01	Paul	02
Arold	01	Harm	= 01	Percyvaldo	= 01
Arthur	01	Harry	01	Pierre	= 01
Ary	01	Heinz	01	Ralf	= 01
Avelino	= 01	Hellmuth	01	Raul	01
Berthold	= 03	Hermann	02	Richard	01
Carlos	03	Hudson	= 01	Robert	01
Clemente	= 01	Johannes	01	Roland	= 01
Conrad	= 01	Karl	01	Romildo	= 01
Deutermar	= 01	Kuno	= 01	Ronaldo	= 01
Dieter	= 01	Leopoldo	= 01	Rudi	= 01
Douglas	= 01	Magnus	01	Rudolf	01
Edigar	= 01	Manfred	= 01	Ulf	= 01
Edouard	= 01	Marinus	= 01	Victor	01
Eduard	02	Max	01	Waldemar	03
Egon	= 02	Milton	01	Werner	01
Emil	01	Nelson	03	Wilhelm	01
Emilio	= 01	Nicolau	= 01		
Ernst	01	Nilceu	= 01	TOTAL	= 88

Nomes luteranos femininos de 1937

Addi	= 01	Emma	02	Johanna	01
Adelia	= 01	Erica	= 01	Juliane	= 01
Agnes	01	Erna	04	Lasilda	= 01
Alette	= 01	Georgina	= 01	Liebhilde	= 01
Alice	01	Guida	= 01	Lilian	= 02
Aline	= 01	Helena	02	Lily	= 01
Annemarie	01	Helga	01	Liselotte	= 01
Annie	= 01	Hilda	01	Lola	= 01
Aurora	= 01	Hilde	= 01	Luisa	= 01
Christine	01	Hildegard	02	Luise	01
Claudette	= 01	Idyla	= 01	Luzia	= 01
Dirce	01	Ingeborg	01	Lydia	01
Donay	= 01	Ingrid	= 01	Lvria	= 01
Dorothea	01	Irene	03	Marga	= 01
Dyrce	= 01	Irmela	= 01	Margarethe	01
Edith	02	Isabell	= 01	Maria	01
Elfi	01	Isolde	01	Marly	= 01
Elfrieda	01	Ivone	= 01	Martha	01
Elisabeth	01	Janette	= 01	Mirjam	= 01
Ella	= 01	Jeanette	= 02	Ninon	= 01

Norma	= 02	Rosemarie	= 01	Vera	= 01
Norme	= 01	Rosi	= 01	Wally	01
Odysséa	= 01	Ruol	= 01	Waltraud	= 01
Olga	01	Ruth	02	Wilfriede	= 01
Primerose	= 01	Silvia	= 01	Wilma	= 01
Regina	01	Ursula	= 03		
Rita	= 01	Uta	= 01	TOTAL	94

Nome de luteranos masculinos de 1947

Acídio	= 01	Gustav	01
Airton	= 01	Haroldo	= 01
Albert	02	Henrique	= 01
Alceu	01	Herbert	01
Alfred	01	Horst	01
Alfredo	= 01	Igor	= 01
Amilton	= 01	Irineu	= 01
Antonio	01	Jarbas	= 01
Arcilio	= 01	Jorge	= 01
Ariovaldo	= 01	Luis	= 01
Arnoldo	= 01	Luiz	02
Ary	01	Magnus	01
Ataide	= 01	Marcos	= 01
Augusto	= 01	Mario	01
Bento	= 01	Maury	= 02
Carlos	06	Nery	= 01
Charles	= 01	Orlando	03
Claudino	= 01	Oscar	01
Dalton	= 01	Osmi	= 01
Dargan	= 01	Renato	= 03
Derly	= 01	René	01
Durval	= 01	Ricardo	= 02
Donald	= 01	Robert	01
Edegard	= 01	Roberto	02
Edgard	01	Roland	01
Edmir	= 01	Romeu	= 01
Ewaldo	= 01	Ronaldo	01
Faustino	= 01	Rone	= 01
Fernando	= 04	Sergio	= 02
Francisco	= 01	Sérgio	= 01
Gerson	= 02	Vicente	01
Gilberto	= 02	Waldemar	01
Gottlieb	01	Walfrido	= 01
		Walter	02
		Wilson	= 01
		TOTAL =	89

Nomes luteranos femininos de 1947

Alice	01	Ivete	= 01	Matilde	= 01
Aline	01	Karin	= 01	Mirna	= 01
Anna	01	Leni	= 01	Nilza	= 01
Argentina	= 01	Leoni	= 01	Odene	= 01
Arlete	= 01	Leonira	= 01	Pelsi	= 01
Astrid	= 02	Lia	01	Redv'	= 01
Carmen	01	Liebrosele	= 01	Regina	03
Cloris	= 01	Lilian	02	Roseli	= 01
Cordula	= 01	Lindamir	= 01	Roselia	= 01
Cornelia	= 01	Lori	02	Rosemarie	02
Diori	= 01	Lotti	= 01	Rosi	03
Edith	01	Luci	= 01	Ruth	03
Elisabeth	02	Luise	01	Selina	= 01
Elizabeth	= 01	Luiza	01	Sonia	= 01
Erika	01	Lydia	01	Sueli	= 02
Ester	= 01	Malviane	= 01	Suely	= 01
Evelin	= 01	Mara	= 01	Suzana	= 01
Gerda	01	Margô	= 01	Tereza	= 01
Gilda	= 01	Maria	04	Theresa	01
Glecy	= 01	Marie	01	Vera	03
Hildegard	01	Marilene	= 01	Zeni	= 01
Iara	= 01	Marilu	= 01		
Ilza	= 01	Marina	= 01	TOTAL	88
Irma	01	Marlene	= 01		
Irmgard	01	Marlise	= 01		

Nomes de luteranos masculinos de 1957

Ademar	= 01	Edson	= 02	Henricue	02
Alberto	= 02	Eduardo	03	Henry	02
Alfredo	02	Edwin	01	Herbert	01
Allen	= 01	Elcio	= 01	Hermes	01
Alvaro	= 01	Elmar	= 01	Herwigo	= 01
Amauri	= 01	Emilio	01	Hilário	= 01
Andreas	= 01	Erlo	= 01	Horst	01
Antonio	01	Ewaldo	01	Irineu	01
Arion	= 02	Fernando	02	Itamar	= 01
Arthur	01	Gastão	01	Ivo	= 02
Augustus	= 01	Germano	= 01	João	02
Auric	= 01	Gilmar	= 01	Joaquim	01
Carlos	06	Gilson	= 01	Jorge	01
Celso	= 01	Gueitulho	= 01	José	01
Cesar	= 01	Günter	= 01	Julio	= 02
Cezar	= 01	Guido	02	Klaus	= 01
Claudio	= 02	Gustavo	01	Kurt	= 01
Dag	= 01	Heinz	02	Leo	= 01
Davi	= 01	Helmut	= 01	Leopoldo	01
Edgard	01	Helmuth	= 01	Luiz	08

Marcio	= 01	Renato	02	Siegfried	01
Marcus	01	René	01	Silvio	01
Mario	01	Ricardo	03	Sirmo	= 01
Martin	01	Richard	01	Stewart	= 01
Mauro	= 01	Robert	01	Ulv	= 01
Max	01	Roberto	03	Ulisses	= 01
Nery	01	Roberval	= 01	Valdir	= 01
Neto	= 01	Rodolfo	= 01	Walter	01
Norberto	= 01	Rogério	= 02	Werner	01
Osmar	01	Roland	01	Williams	= 01
Osni	01	Ronald	= 02	Willy	01
Paulo	02	Ronaldo	01		
Reginato	= 01	Ronie	= 01	TOTAL =	140
Reinaldo	03	Sergio	02		
Reinhold	01	Serquei	= 01		

Nomes luteranos femininos de 1957

Alice	01	Hedi	= 01	Odilza	= 01
Angelica	= 01	Heidi	= 01	Regina	05
Angelina	= 01	Helma	= 01	Renate	01
Anne	= 01	Ingelore	= 01	Rosane	= 01
Anneliese	= 01	Ingrid	03	Rose	= 01
Asta	= 01	Izoldi	= 01	Roseli	02
Bernadete	= 01	Janete	= 01	Rosiana	= 01
Carmen	01	Jurelia	= 01	Rozane	= 01
Christine	01	Jussilda	= 01	Sandra	= 02
Claudia	= 01	Lilian	01	Selma	= 02
Cleia	= 01	Liriam	= 01	Sigrid	= 01
Daisy	= 01	Lucia	01	Silverete	= 01
Darlene	= 01	Lúcia	= 01	Silvia	01
Denise	= 01	Lydia	01	Simone	= 01
Desiree	= 01	Mara	03	Sofia	= 01
Dione	= 01	Marcia	= 01	Solange	= 01
Dirce	01	Margareth	= 02	Solemari	= 01
Doris	= 01	Margot	01	Sonha	= 01
Edla	= 01	Maria	05	Sonia	02
Edme	= 01	Mariane	= 01	Susanna	= 01
Eliane	= 01	Marie	01	Suzely	= 01
Elisa	01	Marilaide	= 01	Terezinha	= 01
Elisabeth	02	Marize	= 02	Vera	02
Eluana	= 01	Marli	= 01	Vivian	= 02
Elvira	01	Martha	01	Waltraudt	= 01
Elza	= 01	Miriam	= 01	Wilma	01
Evelise	= 01	Nanci	= 01		
Gisela	= 02	Norma	01	TOTAL	104

Nomes de luteranos masculinos de 1967

Adalberto	= 01	Ernesto	01	Milton	01
Adilson	= 01	Eugênio	= 01	Nelson	01
Adriano	= 01	Frank	= 01	Nilson	= 01
Alberto	03	Gerson	03	Oscar	01
Alexandre	= 01	Gilberto	03	Oswaldo	= 01
Andrey	= 01	Guido	01	Paulo	01
Aramis	01	Heinz	02	Rafael	= 01
Ariel	= 01	Henrique	02	Raul	01
Artur	= 01	Herbert	01	Regina	= 01
Aurélio	= 01	Ingo	= 01	Reynaldo	= 01
Carl	01	Irapitan	= 01	Renato	02
Carlo	= 01	Jair	= 01	Ricardo	04
Carlos	03	Jefson	= 01	Rildo	= 01
Celso	01	João	01	Roberto	07
César	= 01	Jonas	= 01	Roberval	01
Cezar	01	José	01	Robi	= 01
Claudio	02	Josir	= 01	Roger	= 01
Cláudio	= 04	Júlio	= 02	Rogério	= 04
Curt	= 01	Karl	01	Ronald	01
Dagobertdt	= 01	Lauro	01	Samuel	= 01
Daniel	= 01	Léo	= 01	Silvano	= 01
Denis	= 01	Livio	= 01	Sylvio	= 01
Dionyl	= 01	Lourival	= 01	Thomas	01
Dirlei	= 01	Luciano	= 01	Valter	= 01
Edemir	= 01	Luiz	02	Vanderlei	= 01
Edgar	= 01	Luiz	= 03	Victor	01
Edson	01	Marcelo	= 01	Waldersohn	= 01
Eduardo	03	Marcio	02	Werner	01
Egmont	= 01	Marcos	03	Wilfred	= 01
Eloir	= 01	Mário	= 04	Wolney	= 01
Elton	= 01	Mauro	01		
				TOTAL	= 131

Nomes luteranos femininos de 1967

Adely	= 01	Cloé	= 01	Gertrudes	= 01
Adriane	= 01	Cristiane	= 01	Hedwiges	= 01
Ana	02	Cristina	= 02	Helena	01
Andrea	= 02	Cristine	= 03	Helga	01
Andréa	= 01	Dagmar	= 01	Hildegard	01
Aneli	= 01	Diana	= 01	Ieda	= 01
Aparecida	= 01	Dorotéa	= 01	Ingrid	02
Beate	= 01	Dorothea	01	Jaqueline	= 01
Beatriz	= 06	Edith	01	Josemary	= 01
Bettina	= 01	Eduvirges	= 01	Jucelia	= 01
Carla	01	Eliane	01	Karin	02
Carmen	01	Ella	01	Käthe	01
Cláudia	= 03	Estela	= 01	Katia	= 03

Leila	= 01	Mônica	= 02	Silene	= 01
Lilian	03	Neusa	= 01	Silmara	= 01
Lorelei	= 01	Olga	01	Silvana	= 01
Lúcia	01	Patricia	= 02	Simone	01
Luciane	= 03	Paula	01	Sirlene	= 01
Lucinei	= 01	Raquel	= 01	Solange	01
Magali	= 01	Regina	02	Suely	01
Mara	01	Renilda	= 01	Suzana	02
Marcia	03	Rosalene	= 01	Suzanne	= 01
Mariane	01	Rosane	03	Tânia	= 01
Marilene	01	Rose	01	Tatjana	= 01
Marion	= 01	Roselene	= 01	Vera	02
Marlene	01	Rosemeri	= 01	Zéila	= 01
Mary	= 01	Rosi	01		
Meri	= 01	Sandra	01	TOTAL	112
Mirna	01	Scheila	= 01		

Nome de luteranos masculinos de 1977

Adelar	01	Erlon	= 01	Mauro	01
Adilson	01	Everton	= 01	Michael	= 01
Adolfo	= 01	Fabio	= 01	Olivio	01
Adriano	03	Felipe	= 01	Oliver	= 01
Aislam	= 01	Fernando	03	Osnir	= 01
Alexandre	04	Frederico	01	Paulo	04
Alexandro	= 01	Gilliat	= 01	Rafael	02
Alfredo	01	Gustavo	03	Ricardo	02
Anderson	= 01	Helton	= 01	Richard	01
André	= 04	Hendersonn	= 01	Roberto	02
Andreas	01	Henrique	06	Rodrigo	= 05
Augusto	02	Ismar	= 01	Roger	01
Aurélio	01	Jaime	= 01	Rogerio	02
Bruno	01	Jansen	= 01	Rubens	01
Carlos	07	Jardel	= 01	Rui	= 01
Cesar	02	Jefferson	= 01	Sandro	= 02
Christian	= 02	Josney	= 01	Bergio	02
Claudio	01	Juliano	= 01	Simão	= 01
Clovis	= 02	Leandro	= 01	Takeo	= 01
Cristian	= 01	Leocadio	= 02	Teodoro	= 01
Cristiano	= 02	Luciano	03	Valdemar	= 01
Daniel	02	Lucival	= 01	Walter	01
Denis	02	Luis	02	Werner	02
Diogo	= 01	Luiz	02	Wigand	= 01
Douglas	03	Maikel	= 01	Willand	= 01
Edison	= 01	Malcol	= 01	Wilson	01
Edson	01	Marcelo	02	Yuri	= 01
Eduardo	01	Márcio	= 01	Zacarias	= 01
Emilio	01	Marcos	02		
Eric	= 01	Mario	01	TOTAL =	141

Nomes luteranos femininos de 1977

Adriana	= 01	Fabiana	= 01	Mirela	= 01
Alessandra	= 01	Fabiola	= 01	Mirelle	= 01
Alini	= 01	Flávia	= 01	Miriam	02
Ana	02	Gisele	= 01	Mirian	= 01
Andrea	02	Gloria	= 01	Monica	= 01
Andréa	02	Heidy	= 01	Monika	= 01
Anelyze	= 01	Héwelyn	= 01	Neli	= 01
Aparecida	01	Irene	01	Paola	= 01
Cardiani	= 01	Isis	= 01	Patricia	04
Carine	= 01	Juliana	02	Paula	01
Carolina	01	Julimar	= 01	Rafaela	= 01
Caroline	03	Kadja	= 01	Reinalda	= 01
Cintia	= 01	Karla	= 01	Regiane	= 01
Claudete	= 01	Karin	03	Regina	01
Claudia	01	Karine	= 02	Rosemeri	01
Cristiana	= 01	Kathia	= 01	Rosemery	= 01
Cristiane	03	Leticia	= 01	Sandra	01
Cristina	04	Lilian	02	Shirley	= 01
Cristine	01	Louise	01	Silvana	02
Daisi	= 01	Luci	01	Silvia	01
Daniele	= 02	Lucia	01	Simone	02
Danielle	= 01	Lucimar	= 01	Sonia	01
Derek	= 01	Luiza	01	Soraya	= 01
Dulce	= 01	Maguida	= 01	Suen	= 01
Dvala	= 01	Márcia	= 01	Susane	= 01
Elaine	= 01	Maria	01	Suzane	= 01
Eliane	03	Marianne	01	Tatiana	= 01
Elisa	01	Marilú	= 01	Thais	= 01
Eliza	01	Marina	01	Vanessa	= 01
Ellen	01	Martina	= 01	Viviane	= 01
Evelin	= 01	Melina	= 01	Wilza	= 01
Evelize	= 01	Michele	= 01		
				TOTAL	119

Nomes de luteranos masculinos de 1987

Andreas	01	Guilherme	= 02	Pedro	01
Bruno	02	Gustavo	01	Rafael	01
Carlos	01	Henrique	02	Renan	= 01
Daniel	01	Hideki	= 01	Ricardo	01
Demian	= 01	Ivan	= 01	Robert	01
Dieter	01	Jeferson	= 01	Rodrigo	01
Eduardo	02	Jeremias	= 01	Steffan	= 01
Egon	01	José	02	Tiago	= 01
Eric	01	Kurt	01		
Ezequiel	= 01	Lucas	= 01	TOTAL =	38
Felipe	04	Marcelo	01		

Nomes luteranos femininos de 1987

Ana	02	Evelyn	= 01	Leniessa	= 01
Beatriz	01	Fabiana	01	Manuela	= 01
Bettina	01	Fernanda	= 02	Mara	01
Bruna	= 01	Gabriela	= 01	Maria	01
Carlucia	= 01	Gabrielle	= 01	Marry	= 01
Cecília	= 01	Gilliani	= 01	Michelle	= 01
Christine	01	Heleny	= 01	Miliane	= 01
Cristina	01	Hiamine	= 01	Monique	= 01
Denise	01	Julia	01	Nastassia	= 01
Desirée	= 01	Juliane	01	Paula	01
Erica	01	Lais	= 01	Rafaela	02
				TOTAL	36

10.3.2. Nomes Menonitas

1ª fase: 1930 - 1938

Nomes masculinos

Abraham	1	Geraldo	1	Manfred	1
Abram	3	Gerhard	7	Nicolai	1
Artur	4	Hans	11	Pedro	1
Bernhard	1	Hansi	1	Peter	8
Cornelius	1	Harry	2	Robert	1
Daniel	1	Heinrich	11	Rolf	1
David	6	Heinz	2	Rudolf	2
Dietrich	4	Helmut	3	Sieghard	1
Eduard	1	Henrick	1	Waldemar	1
Ernest	1	Henry	1	Walter	1
Ernst	1	Hermann	2	Werner	3
Erwin	2	Isaak	2	Wilhelm	1
Ewald	2	Jacob	7	Willy	2
Francisco	1	Jakob	1	Victor	6
Franz	4	João	2	Viktor	1
Friedrich	1	Johann	10		
Georg	1	Kornelius	2	Total	132

Nomes femininos

Alice	03	Fany	01	Luiese	01
Agata	01	Frieda	03	Lydia	01
Ana	01	Gerda	02	Margareta	01
Anna	05	Gertrud	02	Margarete	01
Anneliese	01	Gertrude	01	Margaretha	02
Annelise	01	Helena	05	Maria	10
Annemarie	01	Heleni	01	Marichen	02
Anni	03	Helga	02	Martha	01
Berti	01	Hilda	01	Nelli	01
Charlotte	01	Hulda	01	Nelly	01
Dorotea	01	Irma	01	Olga	02
Edith	04	Käte	01	Sara	01
Elfriede	02	Katharina	02	Susana	01
Elisabeth	01	Käti	01	Susi	02
Elli	01	Lena	01	Thereza	01
Elsa	01	Leni	01	Tina	02
Elvira	02	Liesel	01	Ursula	01
Erica	01	Liesa	02	Vera	01
Erika	01	Liese	02	Waltraud	01
Erna	05	Liliana	01	Total	102

2a fase: 1939 - 1951

Nomes masculinos

Albert	1	Fernando	1	Jorge	2
Alfred	1	Friedrich	1	Johann	1
Alfredo	2	Fredi	1	Kurt	3
Armin	1	Georg	1	Leo	1
Arnold	1	George	1	Leonhard	1
Arnoldo	1	Geraldo	6	Manfred	3
Ari	2	Gerhard	1	Manfredo	2
Aristides	1	Germano	1	Mario	1
Artur	2	Guilherme	2	Miguel	1
Arthur	3	Günther	2	Nicolau	2
Bernardo	1	Hans	2	Orestes	1
Bruno	1	Hary	1	Paulo	1
Carlos	3	Harry	5	Pedro	4
Cornélio	1	Heinz	7	Peter	2
Cornelio	1	Heintz	1	Reinaldo	1
David	3	Heins	1	Roberto	2
Egon	5	Henrique	15	Rodolfo	8
Ekkhard	1	Haroldo	1	Rolf	1
Elmer	1	Herman	1	Rudi	4
Erich	5	Hermann	1	Siegfried	1
Erico	2	Hugo	4	Valter	1
Ernest	1	Heinrich	5	Victor	2
Ernesto	7	Helmut	4	Valdemar	1
Ernst	4	Hellmuth	1	Waldemar	4
Ervin	1	Helmud	1	Walter	6
Ervino	1	Helmuth	1	Wilfried	2
Eurico	1	Herbert	3	Willy	3
Ewald	3	Horst	2	Vitor	1
Francisco	4	Jacob	2	Verner	1
Franz	4	Jakob	1	Werner	2
Ferdinand	1	João	18		
				Total	225

2a fase: 1939 - 1951

Nomes femininos

Aganeta	01	Ewerly	01	Louisa	01
Alice	01	Frieda	01	Luisa	03
Alma	01	Gerda	02	Luiza	03
Alvine	01	Gertrud	02	Madalena	01
Ana	05	Gertrudes	04	Margaratha	01
Anelise	02	Gisela	03	Margareta	01
Anelore	01	Greta	01	Margarida	04
Anita	01	Gudrum	01	Maria	10
Anna	05	Gudrun	01	Mariane	01
Anne	03	Guisela	01	Marianne	01
Anneliese	02	Helena	08	Mariechen	01
Annemarie	01	Helga	12	Marie	01
Anni	01	Hilda	05	Marilene	01
Bertolina	01	Hildegard	09	Marlene	04
Brunhilde	02	Holda	01	Marli	01
Catarina	06	Hulda	02	Marlv	01
Dolores	01	Inge	01	Matilde	02
Dora	02	Ingrid	05	Neta	01
Dorotea	03	Ingriet	01	Olga	05
Dorothea	01	Irene	09	Regina	01
Edite	05	Irmengard	01	Renata	02
Edith	04	Irmgart	01	Renate	02
Eleonore	01	Isolde	02	Rosemarie	01
Elfride	01	Karin	03	Rosvita	01
Elfrieda	01	Käte	01	Salome	01
Elfriede	02	Katarina	01	Sara	01
Eliesabeth	02	Kathi	01	Sieglinde	01
Elisabete	02	Käti	01	Susi	01
Elisabeth	02	Krimhilde	01	Tania	01
Elli	03	Lene	01	Tina	01
Elsa	03	Leni	02	Traudi	01
Else	01	Leonore	01	Truda	01
Elza	02	Lidia	02	Ureula	03
Elvira	02	Liese	04	Valentina	01
Emmi	01	Liliane	01	Vera	02
Erica	04	Lilli	01	Viola	01
Erlene	01	Lili	01	Walli	01
Erna	03	Lizete	01	Waltraud	01
Eugènia	01	Lori	02	Total	247

3ª fase: 1952 - 1963

Nomes masculinos

Abrão	1	Ewald	1	Norberto	1
Adolf	2	Ferdinand	2	Oscar	2
Adolfo	2	Francisco	2	Paul	2
Alfred	1	Franz	1	Paulo	1
Alfredo	5	Friedbert	1	Pedro	8
Alvin	1	Frietbert	1	Peter	3
Alwin	1	Georg	2	Raul	1
Ari	1	George	2	Reinaldo	1
Aróldo	1	Geraldo	4	Renato	1
Armin	2	Gerhard	6	Robert	3
Arno	1	Germano	1	Roberto	11
Arnold	2	Guenter	1	Rodolfo	6
Audalio	1	Günther	1	Ronald	2
Baldur	1	Guilherme	1	Rudi	3
Bernardo	1	Gunter	1	Rudolf	5
Bernhard	1	Hans	11	Rudolfo	1
Berthold	1	Hardi	2	Rudy	1
Bruno	2	Hari	1	Siegfried	1
Carlos	5	Harold	4	Siegfried	1
Claudio	1	Haroldo	3	Siegward	1
Claus	2	Harry	3	Teodor	1
Cornelio	1	Hartmut	2	Theodor	1
Davi	2	Hartmuto	1	Theodoro	1
David	2	Hary	1	Toni	1
Deodoro	1	Heinz	7	Udo	3
Dieter	4	Helmut	5	Valdemar	3
Diethelm	1	Helmuth	3	Valdir	1
Dietmar	1	Henrique	14	Victor	4
Dietrich	3	Herbert	3	Vitor	1
Ditmar	2	Herman	1	Voldemar	1
Edgard	1	Herrmann	1	Waldemar	9
Eduard	1	Horst	1	Waldemiro	1
Eduardo	1	Hugo	2	Waldomiro	1
Egon	9	Jacob	1	Walter	5
Erhard	1	João	8	Werner	13
Erich	1	Johann	2	Willfried	3
Ernesto	3	Karl	1	Willy	1
Ernst	2	Klaus	1	Woldemar	1
Ervino	1	Manfred	3	Woldi	1
Erwin	1	Marcos	2	Wolfgang	1
Erwino	1	Marwin	1	Wollfred	1
Ettkar	1	Nicolau	1		
Evaldo	2	Norbert	1	Total	299

3a fase: 1952 - 1963

Nomes femininos

Adelheid	04	Erna	02	Luiza	02
Alice	01	Gertrud	01	Lydia	02
Ana	04	Giesela	01	Marga	01
Aneliese	01	Gisela	01	Margarida	01
Anélise	01	Gladys	01	Margit	01
Anita	02	Grete	01	Maria	09
Anna	01	Hane	01	Marilene	04
Annelore	01	Hannelore	02	Marlene	11
Anni	01	Hedi	01	Marli	02
Antonina	01	Hedwig	01	Marly	02
Astrid	01	Heidi	01	Mathilda	01
Beatriz	01	Heidrun	01	Mirian	01
Betty	01	Heidy	01	Monica	04
Blondine	01	Heldigart	01	Mônica	01
Brigite	01	Helga	03	Monika	01
Brunhilde	01	Henriette	01	Olga	01
Carin	03	Hermengarda	01	Regina	05
Carmen	01	Hilda	02	Renate	04
Catarina	03	Hildegard	04	Roceli	01
Christine	01	Hulda	01	Rosana	01
Clara	01	Huldi	02	Rosane	01
Cristina	01	Ilse	01	Roseli	02
Donate	01	Inge	03	Rosely	01
Dora	02	Ingelore	01	Rosemari	01
Dori	01	Ingrid	05	Rosemarie	02
Doris	01	Ingrit	01	Rosemary	01
Dorli	01	Irene	04	Rosilene	01
Dorotea	02	Irmengard	01	Rosvieta	01
Edeltraud	01	Ivone	01	Rosvita	01
Edite	02	Johanna	01	Rosvitha	01
Edith	03	Judite	01	Ruth	08
Edithe	01	Karim	01	Silvia	01
Eleonora	01	Karin	06	Sônia	01
Elfi	01	Katharina	01	Susana	01
Elfrid	01	Katja	01	Susanna	01
Elfrieda	01	Lena	02	Susy	01
Elfriede	06	Liese	01	Suzana	02
Eliane	01	Lieselotte	01	Ursula	12
Elisabete	03	Liliana	01	Vera	01
Elisabeth	05	Liliane	02	Veroni	01
Ella	01	Lili	02	Veronica	01
Ellen	01	Linda	01	Vivian	01
Ely	01	Lize	02	Walli	01
Elza	01	Lizelote	01	Wahltraut	01
Elvira	02	Lore	01	Waltraud	03
Erica	07	Loreanne	01	Wrenely	01
Erika	01	Luisa	01	Ziglinde	01
				Total	260

4a fase: 1964 - 1969

Nomes masculinos

Albert	1	Fred	1	Mario	1
Alberto	5	Fredd	1	Martin	1
Adolf	1	Friedrich	1	Martim	1
Adolfo	1	Geraldo	3	Mathias	1
Alexandre	1	Gerd	1	Maurício	1
Alfredo	4	Gerhard	4	Melvin	1
Andre	1	Germano	1	Newton	1
André	1	Guido	2	Norbert	4
Armin	2	Gustavo	2	Norberto	2
Arnaldo	1	Hans	2	Norman	1
Arno	3	Harlei	1	Paul	2
Arnold	1	Harold	2	Paulo	1
Arnoldo	1	Haroldo	1	Reinhard	2
Arthur	1	Harri	1	Renato	1
Bernando	1	Hartmuth	1	Ricardo	1
Bruno	1	Hegfried	1	Robert	1
Carl	1	Heinz	2	Roberto	4
Carlos	6	Henrique	6	Róbi	1
Cláudio	1	Herbert	1	Ronald	8
Claus	1	Hildon	1	Ronaldo	2
Daniel	2	Horst	1	Stanley	1
Dieter	2	Hugo	2	Teodoro	1
Edison	1	Ingo	2	Tony	1
Eduard	1	Ingomar	1	Udo	5
Edvino	1	Jacob	1	Uwe	2
Edward	1	João	2	Waldir	1
Ehrenfried	1	Jorge	1	Werner	2
Ernesto	2	José	1	Wernner	1
Errico	1	Julio	1	Wesley	1
Evaldo	2	Konrad	1	Willfried	1
Ewald	1	Ludovico	1	Willi	1
Ewaldo	1	Luis	1	Vili	1
Fernando	1	Luis	1	Vitor	2
Francisco	1	Manfred	1	Ziegfried	1
Franz	1	Marcos	6	Total	170

4a fase: 1964 - 1969

Nomes femininos

Adelgunde	01	Engrit	01	Luise	01
Adelheid	02	Esther	02	Marelu	01
Adelheide	01	Evelyn	01	Margareth	01
Anelise	01	Gertrudes	01	Margit	01
Anete	01	Haidi	01	Maria	01
Angela	03	Haidy	01	Marilene	02
Anna	01	Hannelore	02	Marilis	01
Anne	01	Heidegrid	01	Marinez	01
Beatriz	01	Heidemari	01	Marly	02
Betina	01	Heidemarie	01	Marlyn	01
Betty	02	Heidrun	01	Miriam	02
Brigitte	01	Helen	01	Monica	03
Brigitte	01	Helga	01	Mônica	01
Carmen	02	Hilde	01	Myrta	01
Carola	01	Hildegard	01	Noemi	01
Catarina	01	Ingrid	02	Olinda	01
Cirlene	01	Ingue	01	Regina	11
Claudia	01	Irene	02	Renate	01
Conny	01	Irmgard	01	Rosane	01
Corina	01	Ivone	02	Rose	01
Cornelia	01	Jackeline	01	Roseli	01
Cristina	02	Jaqueline	01	Rosemari	01
Cristine	01	Jeanne	01	Rosemary	02
Damaris	01	Johanna	01	Rosi	02
Daniela	01	Karin	03	Simone	03
Darlene	01	Lieselotte	01	Sonia	01
Debora	01	Lilian	01	Tania	01
Dorothea	01	Liliane	03	Ursula	01
Dorris	01	Lise	01	Vera	02
Eliane	01	Lisete	01	Veronica	01
Elisabete	02	Lotti	01	Verônica	01
Elisabeth	03	Loreane	01	Waltraut	01
Ellen	01	Lori	01	Total	136

5a fase: 1970 - 1979

Nomes masculinos

Alberto	2	Friedbert	1	Mathias	2
Adolf	2	Georg	1	Matias	2
Aldo	1	George	1	Mauricio	2
Alex	1	Geraldo	1	Mauricio	3
Alexander	2	Gerhard	2	Mauro	1
Anderson	2	Gilberto	1	Norberto	1
Andre	1	Günther	1	Oliver	1
André	1	Guilherme	1	Otto	1
Andreas	3	Gunar	1	Patrik	2
Armin	1	Gustavo	2	Paul	3
Arnaldo	1	Haiko	1	Paulo	7
Arno	2	Haroldo	2	Peter	1
Arnold	2	Heiko	1	Rafael	4
Aurélio	1	Heins	2	Rainer	1
Carl	2	Helmut	1	Ralf	4
Carlos	9	Henrique	9	Rangel	1
Cesar	1	Herbert	2	Reinaldo	2
Charles	1	Hermann	1	Renato	2
Christopher	1	Horst	1	Ricardo	10
Christiano	1	Hugo	1	Richard	1
Claudio	8	Ivo	2	Robert	1
Claus	1	Jacó	1	Roberto	7
Conrad	1	Jakson	1	Rodrigo	2
Cristian	1	James	1	Rogério	2
Cristiano	1	Jeferson	1	Roland	1
Dany	1	Jefferson	2	Ronald	7
Daniel	5	Jimmy	1	Ronaldo	1
Denis	4	João	5	Ronny	1
Dennis	1	Johnny	1	Rony	2
Dieter	3	Jürgen	2	Rubens	3
Durvalino	1	Karl	1	Rudi	1
Edgard	1	Karlo	1	Sergio	1
Edson	1	Klaus	3	Stefan	2
Eduardo	3	Leonardo	3	Theodor	1
Edward	1	Lucio	1	Udo	2
Egon	1	Luis	4	Uwe	1
Emerson	2	Luiz	1	Waldemar	1
Erich	1	Maciel	1	Walter	4
Erlon	1	Maico	1	Welinton	1
Ernesto	2	Maik	1	Werner	1
Evaldo	1	Manfred	2	Willi	1
Fernando	4	Marcelo	8	William	1
Frank	1	Marcio	8	Wilmar	2
Freddy	1	Marcos	7	Valter	2
Frederik	1	Martin	3	Vili	1
Fridbert	1	Marwin	2		
				Total	283

5ª fase: 1970 - 1979

Nomes femininos

Adreane	01	Elisabeth	03	Mara	01
Adriana	01	Elizabete	01	Marcia	05
Adriane	05	Elizabeth	01	Margit	01
Alvine	01	Elke	03	Maria	01
Ana	03	Ellen	01	Marilu	01
Andrea	01	Elsa	01	Marilú	01
Andréa	01	Esther	01	Marina	02
Angela	04	Evelin	01	Marion	02
Angelica	01	Evelyn	01	Marisa	01
Anne	02	Gilmara	01	Mariza	01
Astrid	01	Gracielle	01	Marta	01
Beate	01	Gracy	01	Martina	01
Beatriz	04	Hanelore	01	Michaela	01
Betina	01	Heidemari	01	Miriam	01
Brunhilde	01	Heidrun	01	Mirta	01
Carin	01	Helene	01	Monica	04
Carina	03	Henriette	01	Noemi	01
Carla	02	Hildigard	01	Paula	01
Carmen	03	Irene	02	Patricia	07
Caroline	01	Ivone	01	Perci	01
Cintia	02	Jaqueline	03	Priscila	01
Claudia	03	Jeane	01	Priscilla	01
Claudiane	01	Julia	01	Regina	08
Clarice	01	Juliane	01	Rosane	01
Conny	01	Karin	05	Roseli	01
Cristiane	06	Karine	01	Ruth	01
Cristiani	01	Karoline	01	Sandra	03
Cristina	07	Kathia	01	Scheila	01
Cristine	04	Katia	01	Silvia	01
Damaris	01	Katya	01	Simone	10
Daniele	03	Keli	01	Solange	02
Danielle	01	Lais	01	Sonia	01
Darlyn	01	Leticia	01	Soraya	01
Debora	01	Lidia	01	Suzana	01
Débora	01	Lilian	03	Tania	02
Denise	01	Liliane	01	Undine	01
Dora	01	Lizete	01	Vanessa	01
Dorotéia	02	Lucia	02	Veronika	01
Elen	01	Luciana	01	Vonda	01
Eliane	03	Luciane	06	Wahltraut	01
Elizabete	03	Luize	01	Total	218

6a fase: 1980 - 1990

Nomes masculinos

Alberto	1	Ewald	1	Marcos	6
Adrian	1	Fabiano	2	Mario	1
Alex	1	Fabio	1	Mark	1
Alexander	1	Felipe	5	Martin	2
Alexandre	3	Fernando	4	Marwin	1
Alfredo	1	Francisco	1	Mathias	2
Allan	1	Frank	2	Mauricio	1
Alois	1	Gard	1	Mauricio	3
Alvaro	1	Gerson	1	Michael	3
Anderson	3	Gilberto	1	Paulo	4
Andre	2	Guenter	1	Pedro	2
André	7	Guilherme	2	Peter	1
Andreas	5	Gustavo	2	Philippe	1
Arno	1	Harold	1	Rafael	11
Artur	1	Harry	1	Reinaldo	3
Bernard	1	Heinz	1	Renan	1
Braian	1	Henrique	8	Rene	1
Carl	2	Henry	1	Renato	2
Carlos	5	Hermann	1	Ricardo	9
Cassio	1	Hildor	1	Richard	2
Charles	1	Hugo	2	Robert	2
Christoph	1	Jakson	1	Roberto	4
Christopher	1	Jeferson	1	Rodney	2
Christian	3	Jefferson	1	Rodolfo	1
Ciro	1	Jeffrei	1	Rodrigo	5
Claudio	1	João	6	Rogério	1
Cristofer	1	Johann	1	Rogério	2
Cristian	2	Jonas	1	Rolf	1
Cristiano	1	Jonatan	1	Ronald	1
Daniel	7	Jonatas	1	Rubens	1
Davi	2	Jorny	1	Samuel	1
David	2	Jürgen	1	Sérgio	1
Denis	2	Konrad	1	Stefan	1
Djonny	1	Leandro	2	Symon	1
Diego	2	Leonardo	1	Thiago	2
Dieter	1	Lorivaldo	1	Thomas	4
Edgar	1	Lucas	4	Tiago	3
Eduard	1	Luciano	1	Tobias	2
Eduardo	5	Luis	1	Vitor	2
Ellington	1	Luiz	2	Waldemar	1
Eneás	1	Maicon	1	Welton	1
Erlei	1	Maik	1	Willi	1
Ernesto	1	Manuel	1	William	2
Ervin	1	Marcelo	4	Yoshiaki	1
Eugen	1	Márcio	1	Total	259

6a fase: 1980 - 1990

Nomes femininos

Adriane	01	Fernanda	03	Marlin	01
Alessandra	01	Flávia	01	Martha	01
Aline	02	Franciele	02	Martina	01
Alyne	01	Francielle	02	Melanie	01
Ana	02	Gabriele	04	Melissa	01
Andressa	02	Gisela	01	Michele	01
Angela	01	Hariet	01	Michelle	03
Angelita	01	Heidi	02	Milene	01
Annegret	01	Heidrun	01	Miriam	03
Annele	01	Heike	01	Mirian	01
Annelise	01	Helen	02	Monica	01
Aparecida	01	Ilse	01	Monique	01
Astrid	01	Ingrid	01	Natália	01
Bárbara	01	Janice	01	Nathalia	01
Beatriz	01	Jaqueline	02	Olivia	01
Bianca	04	Jenifer	01	Pâmela	01
Carina	01	Jennifer	03	Paula	02
Carla	02	Joana	01	Patricia	04
Caroline	06	Josiane	01	Priscila	01
Christel	01	Juanita	01	Priscilla	01
Christina	02	Juliana	02	Rafaela	01
Claudia	02	Juliane	01	Rafaelle	01
Corina	01	Karin	02	Raquel	02
Cristel	01	Karina	04	Rebeca	02
Cristhiane	01	Karine	01	Regiane	01
Cristiane	02	Karoline	03	Regina	01
Cristina	06	Karoll	01	Renata	01
Cristine	03	Kelly	03	Roberta	01
Dallila	01	Kerstin	01	Rosane	01
Damaris	02	Ketlin	01	Rose	01
Daniele	03	Lais	01	Ruth	04
Danielle	01	Larissa	01	Sandra	01
Danusa	01	Laryssa	01	Silviane	01
Dayana	01	Leila	01	Simone	02
Dayane	02	Leticia	02	Stéfani	01
Dayse	01	Lilian	04	Stefanie	01
Debby	01	Liliane	01	Suelen	01
Debora	01	Louise	01	Suelene	01
Deisy	01	Luana	01	Susan	01
Denise	02	Luciane	03	Susana	01
Elaine	01	Luisa	01	Susanne	01
Elisabeth	01	Luise	01	Tais	01
Eliza	01	Manoele	01	Talita	01
Elke	01	Manuela	01	Tania	01
Eloisa	01	Manuele	01	Tatiane	01
Esther	02	Mara	01	Vanessa	06
Evelin	01	Marcela	03	Verena	01
Evelyn	02	Margareth	01	Verona	01
Évelyn	01	Margot	01	Virginia	01
Fabiane	05	Maria	01	Vivian	05
Fania	01	Marina	01	Total	237